



**A ARQUITETURA DO MOSTEIRO DE SÃO
BENTO DE RICHARD BERNDL (1910-22):
RESSONÂNCIAS DA ARTE E ARQUITETURA
RELIGIOSA MEDIEVAL EM SÃO PAULO**

Dissertação de Mestrado

CRISTIANO GIANANTE

São Carlos-SP
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
IAU-USP Instituto de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do IAU-USP

**A ARQUITETURA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO
DE RICHARD BERNDL (1910-22):
RESSONÂNCIAS DA ARTE E ARQUITETURA
RELIGIOSA MEDIEVAL EM SÃO PAULO**

Aluno: CRISTIANO GIANSANTE

Orientador: Prof. Dr. PAULO YASSUHIDE FUJIOKA

São Carlos - SP

2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO — IAU-USP
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU - IAU USP)

**A ARQUITETURA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE
RICHARD BERNDL (1910-22):
RESSONÂNCIAS DA ARTE E ARQUITETURA
RELIGIOSA MEDIEVAL EM SÃO PAULO**

TRABALHO DE DISSERTAÇÃO Apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Versão corrigida

Área de concentração: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo

Linha de pesquisa: Arquitetura, Cidade e Paisagem no Brasil e na América Latina

Orientador: Prof. Dr. Paulo Yassuhide Fujioka

São Carlos - SP
2023

AUTORIZO A REPRODUCAO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR
QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRONICO, PARA FINS DE
ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e
Urbanismocom os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Giansante, Cristiano
GG434a A ARQUITETURA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE RICHARDBERNDL
(1910-22): RESSONÂNCIAS DA ARTE E ARQUITETURA
RELIGIOSA MEDIEVAL EM SÃO PAULO / Cristiano
Giansante; orientador Paulo Yassuhide Fujioka. --
São Carlos, 2023.
211 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo, Teoria e História da
Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de
Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo,
2023.

1. Mosteiro de São Bento. 2. Neogótico. 3.
Neorromânico. 4. Arquitetura sacra. 5. Revivalismo.
I. Fujioka, Paulo Yassuhide, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a
AACR2: Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidato: Cristiano Giansante


Título da dissertação: "A arquitetura do Mosteiro de São Bento de Richard Berndt (1910-22): ressonâncias da arte e arquitetura religiosa medieval em São Paulo".

Data da defesa: 17/01/2024

Orientador: Prof. Dr. Paulo Yassuhide Fujioka

Comissão Julgadora

Resultado:



 ProL Dr. Paulo Yassuhide Fujioka

Não votante

(TAT SP)



 (IAU/USP)

APROVADO



 Prot. Dr. Andrea de Oliveira Tourinho

APROVADO

(ICET)



 ProL. Lf. Marcos Tognon

APROVADO

(UNICAMP)

Coordenador e Presidente da Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: Prof. Dr. João Marcos de Almeida Lopes.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus;

Agradeço meus pais Celso e Marinete, demais familiares, amigos e colegas pelo apoio prestado nesses anos;

Aos servidores técnicos e docentes do IAU-USP pela colaboração pontual em questões pertinentes à bibliografia, pesquisa e outras situações relacionadas à pandemia;

Ao Mosteiro de São Bento de São Paulo, à comunidade monástica e ao Restaurador João Rossi, pelo apoio prestado nas visitas técnicas, entrevistas e arquivos fornecidos;

Ao Arquivo Histórico Municipal de São Paulo e seus servidores;

À CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação / Governo Federal, pela bolsa de estudos em nível de Mestrado, que permitiu dedicação exclusiva à pesquisa para esta dissertação;

E por fim, e não menos importante, ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Yassuhide Fujioka, pela paciência, dedicação e colaboração para com a pesquisa nesses anos.

RESUMO

GIANSANTE, Cristiano. **A arquitetura do Mosteiro de São Bento de Richard Berndl (1910-22). Ressonância da arte e arquitetura medieval religiosa em São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2023.

A arquitetura religiosa do século XX é um campo relativamente pouco abordado na historiografia arquitetônica recente, particularmente no Brasil. Evidentemente há uma bibliografia ampla, aprofundada e consagrada acerca das igrejas do período colonial, com ênfase no Barroco Mineiro; além das missões jesuíticas do Sul, das igrejas barrocas e neoclássicas do Rio, Bahia, Belém e interior de São Paulo. Entretanto, em relação à arquitetura de igrejas na cidade de São Paulo, a bibliografia é muito rarefeita, e mais escassa ainda no que tange ao Ecletismo / Neogótico. Neste sentido, este projeto de pesquisa propõe um estudo da arquitetura e da história da construção e trajetória ao longo do tempo do conjunto da Basílica Abacial de Nossa Senhora da Assunção, do Colégio de São Bento e da Faculdade de São Bento, construídos entre 1910 e 1922, com projeto arquitetônico do arquiteto alemão Richard Berndl (1875-1955). A partir do estudo da revivificação da arte e arquitetura medieval no século XIX, surgido por influência do Romantismo – e tal como manifesto na produção arquitetônica do Neorromânico, Neogótico e Arts & Crafts na Inglaterra, Alemanha, Áustria, Portugal – propõe-se fazer o levantamento analítico da documentação gráfica (desenhos técnicos, diagramas, mapas), fotográfica do projeto e construção do complexo projetado por Berndl para o mosteiro beneditino paulistano iniciado em 1598. Para isso, foi empregada a leitura de alguns elementos notáveis do edifício, como a fachada monumental e do claustro austero. Espera-se que esta pesquisa sobre a arquitetura do Mosteiro de São Bento contribua para lançar luzes sobre o domínio pouco estudado da arquitetura da revivificação medieval em São Paulo no início do século XX, analisando-se um caso de estudo extremamente expressivo em que se mesclam elementos do Neogótico e Neorromânico, e parte da produção arquitetônica alemã do período.

Palavras-chave: Neogótico, Neorromânico, Revivalismo, Mosteiro de São Bento

ABSTRACT

GIANSANTE, Cristiano. **The architecture of the Monastery of St. Benedict by Richard Berndt (1910-22). Resonance of religious medieval art and architecture in São Paulo.** 2023. Dissertation (Master's in Architecture and Urbanism) - Institute of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo, São Carlos, March 2020.

The religious architecture of the 20th century is a field relatively little addressed in recent architectural historiography, particularly in Brazil. Evidently, there is a wide, in-depth and consecrated bibliography about churches from the colonial period, with emphasis on the Baroque Mineiro; in addition to the Jesuit missions of the South, the baroque and neoclassical churches of Rio, Bahia, Belém and the interior of São Paulo. However, in relation to the architecture of churches in the city of São Paulo, the bibliography is very rare, and even scarcer regarding Eclecticism / Neo-Gothic. In this sense, this research project proposes a study of the architecture and history of the construction and trajectory over time of the set of the Abbey Basilica of Our Lady of the Assumption, Saint Benedict School and Saint Benedict College, built between 1910 and 1922, with architectural design by the German architect Richard Berndt (1875-1955). From the study of the revival of medieval art and architecture in the 19th century, which emerged under the influence of Romanticism – and as manifested in the architectural production of the Neo-Romanesque, Neo-Gothic and Arts & Crafts in England, Germany, Austria, Portugal – it is proposed to carry out an analytical survey of graphic documentation (technical drawings, diagrams, maps), photographic of the project and construction of the complex designed by Berndt for the São Paulo Benedictine monastery started in 1598. For this, we used the reading of some notable elements of the building, such as the monumental facade and the austere cloister. It is hoped that this research on the architecture of the monastery of Saint Benedict, contributes to shed light on the understudied domain of medieval revival architecture in São Paulo at the beginning of the 20th century, analyzing an extremely expressive case study in which Neo-Gothic and Neo-Romanesque elements are mixed, and part of the production German architecture of the period.

Keywords: Neo-Gothic, Neo-Romanesque, Revival, Saint Benedict Monastery

Lista de Figuras

Figura 0 (capa) - Mosteiro de São Bento de São Paulo.....	01
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	
Figura 1 - Gravura de Umm-al-Surab, Siria, produzido por H.C. Butler – 1919 e utilizado no artigo de Walter Horn.....	33
Disponível em < https://journals.openedition.org/syria/3139 > Acesso em 30/03/2024	
Figura 2: Planta da Abadia de São Galo – Suíça.....	36
CONANT, Kenneth John. <i>Carolingian and Romanesque architecture: 800 to 1200</i> . Harmondsworth: Penguin, 1966. 2.ed. Colecao The Pelican History of Art n. Z13.	
Figura 3: Mosteiro de Lorsch do Abade Richbold, 784-804. Alemanha.....	37
HORN, Walter. On the origins of the medieval cloister. <i>Gesta</i> , Nova York, Intematío Center of Medieval Art, v. XII, p. 44	
Figura 4: Mosteiro de Montecassino a partir de um modelo de estudo de 1075. Itália.....	37
CONANT, John Kennet. <i>Carolingian and Romanesque Architecture em 800 to 1200</i> . Yale University Press – New Haven and London. 1993. pág 263.	
Figura 5: Planta do Mosteiro de São Galo com indicação das dependências.....	50
NORBERG-SCHULZ. pág. 77	
Figura 6: Modelo da Abadia de São Galo desenvolvido por Walter Horn e Ernest Born, 1965.....	51
HORN, Walter. On the origins of the medieval cloister. <i>Gesta</i> , Nova York, Intematío Center of Medieval Art, v. XII, p.47	
Figura 7: Planta da Abadia de Cluny II (Borgonha, França)	55
CONANT, John Kennet. <i>Carolingian and Romanesque Architecture em 800 to 1200</i> . Yale University Press – New Haven and London. 1993. pág 147	
Figura 8: Planta da Abadia de Cluny III, com destaque para a ampliação do claustro (cloister), (Borgonha, França)	58
CONANT, John Kennet. <i>Carolingian and Romanesque Architecture em 800 to 1200</i> . Yale University Press – New Haven and London. 1993. pág 295	
Figura 9: Planta e elevação da Abadia de Cluny III (Borgonha, França), a partir de uma gravura de 1754.....	57
Disponível em: < https://www.khanacademy.org/humanities/medieval-world/romanesque-art/romanesque-art-in-france/a/cluny-abbey > Acesso em 03/07/2023	

Figura 10: Modelo gráfico da Abadia de Cluny III (Borgonha, França).....57

CONANT, John Kennet. Carolíngian and Romanesque Architecture em 800 to 1200. Yale University Press – New Haven and London. 1993. pág.199.

Figura 11: Planta da Abadia de Fontenay, fundado por São Bernardo de Clairvaux em 1118 e modelo de planta cisterciense. França, 1139-47.....60

CONANT, John Kennet. Carolíngian and Romanesque Architecture em 800 to 1200. Yale University Press – New Haven and London. 1993. pág 224

Figura 12: Entrada do edifício principal da Politécnica de Karlsruhe (1833–35) – Heinrich Hübsch.....73

Disponível em: < <https://www.zum.de/Faecher/G/BW/Landeskunde/rhein/staedte/karlsruhe/stadt/bauwerke/polytechnikum.htm> > Acesso em 18/19/2023.

Figura 13: Igreja de São Ciríaco, Bertheim – Bulach (1835-1837) - Heinrich Hübsch.....74

Disponível em: < <https://www.kath-karlsruhe.de/gemeinden-2/karlsruhe-st-nikolaus/kirchen/detail/ort/id/25794-kirche-st-cyriakus-bulach/?cb-id=12033555> > Acesso em 18/09/2023

Figura 14: Complexo termal de Trinkhalle, Baden-Baden (1839–1842) - Heinrich Hübsch.....74

Disponível em < https://en.wikipedia.org/wiki/Heinrich_H%C3%BCbsch > Acesso em 18/09/2023

Figura 15: Real Gabinete Português de Leitura - Rio de Janeiro.....78

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Real_Gabinete_Portugu%C3%AAs_de_Leitura>. Acesso em 03/07/2023

Figura 16: Catedral da Sé - São Paulo.....79

Disponível em <<https://www.spbairros.com.br/catedral-da-se/>> Acesso em 03/07/2023

Figura 17: Mausoléu Andrassy, atual Eslováquia.....84

Disponível em < <https://www.snm.sk/en/museums/betliar-museum/betliar-museum/visit/expositions?clanok=the-count-dionyz-and-frantiska-andrassy-mausoleum#menu> > Acesso em 12/08/2023

Figura 18: Mozarteum, Salzburgo.....85

Disponível em <<https://archive.org/details/diechristlicheku08geseuoft/page/276/mode/1up>>. Acesso em 15/08/2023

Figura 19: Planta da cidade de São Paulo oitocentista.....89

Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo (prefácio de Sérgio Buarque de Holanda) São Paulo, O mosteiro, 1977.

Figura 20: Vista parcial da cidade de São Paulo, Tirada da Residência do Governador, 1817.....91

Iconografia paulistana no século XIX. Autor: Pedro Corrêa do Lago. Livro. 1998

Figura 21: Viaduto de Santa Ifigênia.....91

Disponível em: <<https://arquivo.arq.br/projetos/mosteiro-de-sao-bento>> Website Arquivo Arq. Acesso em 30/09/2023

Figura 22: Mapa de São Paulo em 1930 com enfoque ao “Viaducto Sta. Ephigenia” ao centro. Escala: 1/2000.....92

Disponível em < https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx> Acesso em 31/03/2024

Figura 23: Mapa de São Paulo em 1954. Destaque para o Mosteiro (canto inferior direito) e Igreja Santa Ifigênia (topo), indicados com uma cruz. Escala: 1/2000.....93

Disponível em < https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx> Acesso em 31/03/2024

Figura 24: Ortofoto da região central de São Paulo de 2020. Escala: 1/2000.....93

Disponível em < https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx> Acesso em 31/03/2024

Figura 25: Ortofoto da região central de São Paulo com curvas de nível.(2020) Escala: 1/2000.....93

Disponível em < https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx> Acesso em 31/03/2024

Figura 26: Ortofoto da região central de São Paulo com o uso predominate do solo. (2020) Escala: 1/2000.....94

Disponível em < https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx> Acesso em 31/03/2024

Figura 27: Mapa do centro histórico de São Paulo.....94

Disponível em <https://pt.map-of-sao-paulo.com/img/1200/centro-hist%C3%B3rico-de-s%C3%A3o-paulo-mapa.jpg> Acesso em 01/04/2024

Figura 28: Vista aérea do Viaduto Santa Ifigênia (ao centro) oriundo do site Google Earth.....95

Disponível em < <https://earth.google.com/web/@-23.54322426,46.6350128,740.28330061a,786.18722973d,35y,19.92195847h,51.75t,0r/data=OgMKATA>> Acesso em 31/03/2024

Figura 29: Antiga planta do Mosteiro de São Bento de São Paulo.....98

REIS, Nestor Goulart. Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial / Nestor Goulart Reis; colaboradores Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, Paulo Júlio Valentim Bruma. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Fapesp, 2000. p. 192

Figura 30: Reprodução da pintura: São Paulo – Largo, Mosteiro e Igreja de São Bento (A partir do original de José Wash Rodrigues)98

Disponível em: <<http://acervo.mp.usp.br/IconografiaV2.aspx#>> Acervo digital do Museu Paulista. Acesso em 19/07/2022

Figura 31: Mosteiro de São Bento de São Paulo.....103

Disponível em: <<https://arquivo.arq.br/projetos/mosteiro-de-sao-bento>> Foto de Guilherme Gaensly / Instituto Moreira Salles. Acesso em 15/05/2023.

Figura 32: Capela de São Mauro, Baden-Württemberg, Alemanha, 1868-1870.....106

Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:St.-Maurus-Kapelle_\(Beuron\)](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:St.-Maurus-Kapelle_(Beuron))> Acesso em 09 dez. /2020

Figura 33: Detalhe da fachada principal da Capela de São Mauro, Baden-Württemberg, Alemanha, 1868-1870.....106

Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:St.-Maurus-Kapelle_\(Beuron\)](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:St.-Maurus-Kapelle_(Beuron))> Acesso em 09 dez. 2020.

Figura 34: Interior da Basílica de Nossa Senhora da Assunção. São Paulo.....107

Disponível em: < <https://ondevimparar.com.br/mosteiro-de-sao-bento/>> Acesso em 08 dez. 2020.

Figura 35: A Crucificação de Jesus Cristo – Dom Adalberto Gresnicht.....107

Disponível em: < MOSTEIRO DE SÃO PAULO. Fotografia colorida. Acervo do Mosteiro de São Paulo, São Paulo. Disponível em: < https://www.facebook.com/mosteirosp/photos_albums>. Acesso em: 29 nov. 2020.>

Figura 36: Capela da Basílica de Nossa Senhora da Assunção.....108

Disponível em: < https://www.facebook.com/mosteirosp/photos_albums >. Acesso em 16/02/2024.

Figura 37: Detalhe de pintura da capela.....108

GIANSANTE, C. fotografia de fachada, colorido, 08 set 2022. Acervo do autor.

Figura 38: Desenho para o novo mosteiro, desenho monocromático, sem data – Richard Berndl.....	109
Disponível em < ">https://archive.org/details/diechristlicheku08geseuft/page/n310/mode/1up.> Acesso em 19/09/2023	
Figura 39: Viaduto Santa Ifigênia e Mosteiro de São Bento, sem data.....	110
Disponível em < https://arquivo.arq.br/projetos/mosteiro-de-sao-bento > Acesso em 19/09/2023	
Figura 40: Desenho para a novo mosteiro, desenho monocromático, sem data – Richard Berndl.....	110
Disponível em < ">https://archive.org/details/diechristlicheku08geseuft/page/n310/mode/1up.> Acesso em 19/09/2023	
Figura 41: Desenho para a nova Basílica, desenho monocromático, sem data – Richard Berndl.....	111
Disponível em < ">https://archive.org/details/diechristlicheku08geseuft/page/n310/mode/1up. > Acesso em 19/09/2023	
Figura 42: Primeira versão da Basílica Abacial.....	114
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 43: Fachada lateral da primeira versão da Basílica Abacial.....	115
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 44: Fachada lateral da segunda versão da Basílica Abacial.....	115
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 45: Segunda versão da Basílica Abacial.....	116
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 46: Terceira versão da Basílica Abacial.....	117
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 47: Basílica Abacial do Mosteiro de São Bento de São Paulo.....	118
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	
Figura 48: Detalhe do pórtico da Basílica Abacial.....	119
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	
Figura 49: Detalhe da Basílica Abacial.....	120
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	
Figura 50: Fachada lateral oeste.....	121
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	

Figura 51: Detalhe em alto relevo.....	121
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	
Figura 52: Vista geral do Mosteiro de São Bento.....	122
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 53: Fachada principal do Mosteiro de São Bento.....	122
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.	
Figura 54: Detalhe da fachada principal do Mosteiro de São Bento.....	123
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 55: Vista lateral do Mosteiro de São Bento com destaque para a Faculdade.....	123
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	
Figura 56: Vista frontal do Mosteiro de São de Bento com destaque para a Faculdade.....	124
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	
Figura 57: Detalhe do pináculo do Mosteiro de São Bento.....	124
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	
Figura 58: Fachada principal do Mosteiro de São Bento.....	125
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	
Figura 59: Planta Basílica.....	127
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 60: Planta Basílica.....	127
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 61: Detalhe da planta do Mosteiro de São Bento.....	127
Acervo digital do Mosteiro de São Bento de São Paulo	
Figura 62: Planta térreo.....	128
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 63: Planta primeiro piso.....	128
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 64: Planta segundo piso.....	128
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 65: Planta térrea do Mosteiro de São Bento.....	129
Acervo digital do Mosteiro de São Bento de São Paulo.	
Figura 66: Planta térrea do Mosteiro de São Bento com destaque para os acessos (setas em vermelho) e percursos internos do térreo (setas em roxo).....	130
Acervo digital do Mosteiro de São Bento de São Paulo.	

Figura 67: Corte Ginásio de São Bento.....	131
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 68: Detalhe da assinatura.....	131
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 69: Planta, corte e fachada do Antigo Mosteiro.....	132
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 70: Planta e corte para o novo Ginásio.....	133
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 71: Planta e corte para o novo Ginásio.....	133
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 72: Corte do Antigo Mosteiro.....	134
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 73: Planta do Antigo Mosteiro.....	134
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 74: Planta do primeiro andar para o novo ginásio.....	135
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 75: Detalhe da assinatura do arquiteto.....	135
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 76: Planta para a construção de uma ala no quintal interno.....	136
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 77: Planta para a construção de uma ala no quintal interno.....	136
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo	
Figura 78: Foto do computador.....	137
Acervo digital do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto de celular.	
Figura 79: Foto do computador dos arquivos de 1909.....	137
Acervo digital do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto de celular.	
Figura 80: Foto do computador.....	137
Acervo digital do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto de celular.	
Figura 81: Foto do computador dos arquivos de 1913.....	137
Acervo digital do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto de celular.	
Figura 82: Representação da proporção áurea.....	139
Disponível em < https://engenharia360.com/proporcao-aurea-e-as-formas-da-arquitetura/ > Acesso em 07/03/2024	
Figura 83: Leitura de fachada.....	140
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.	
Figura 84: Leitura de fachada.....	140
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.	

Figura 85: Leitura de fachada.....	140
Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.	
Figura 86: Leitura da planta utilizando a proporção áurea.....	141
Acervo digital do Mosteiro de São Bento de São Paulo.	
Figura 87: Leitura da planta utilizando a proporção áurea	141
Acervo digital do Mosteiro de São Bento de São Paulo.	
Figura 88: Antessala que une o corredor principal com a Basílica e claustro.....	144
GIANSANTE, C. fotografia de interior, colorido, 08 set 2022. Acervo do autor.	
Figura 89: Corredor interno.....	145
GIANSANTE, C. fotografia de interior, colorido, 08 set 2022. Acervo do autor.	
Figura 90: Portão da clausura.....	145
GIANSANTE, C. fotografia de interior, colorido, 08 set 2022. Acervo do autor.	
Figura 91: Claustro.....	146
GIANSANTE, C. fotografia de interior, colorido, 08 set 2022. Acervo do autor.	
Figura 92: Claustro - Postal da década de 1920.....	146
Acervo iconográfico do Mosteiro de São Bento de São Paulo.	
Figura 93: Claustro - Postal da década de 1920.....	147
Acervo iconográfico do Mosteiro de São Bento de São Paulo.	
Figura 94: Jardim interno do claustro.....	148
ROSSI, João., fotografia de interior, colorido, sem data. Acervo do autor.	
Figura 95: Jardim interno.....	148
ROSSI, João., fotografia de interior, colorido, sem data. Acervo do autor.	
Figura 96: Oratório.....	149
ROSSI, João., fotografia de interior, colorido, sem data. Acervo do autor.	
Figura 97: Cemitério.....	149
ROSSI, João., fotografia de interior, colorido, sem data. Acervo do autor.	
Figura 98: Vista interna da Basílica Abacial.....	151
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 99: Altar da Basílica Abacial.....	152
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 100: Cátedra do Abade.....	153
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 101: Cátedras dos monges.....	153
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 102: Detalhe do Altar-mor.....	154
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	

Figura 103: Órgão do Mosteiro de São Bento.....	155
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 104 e 105: Detalhe das esculturas em baixo relevo em madeira representando monges beneditinos trabalhando e orando de acordo com o princípio beneditino do Ora et labora.....	155
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 106: Batistério.....	156
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 107: Detalhe de ornamentação.....	156
GIANSANTE, C., fotografia, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 108: Basílica Abacial.....	157
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 109: Detalhe do conjunto escultórico adicionado posteriormente na colunata da Basílica.....	158
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 110: Detalhe da nave lateral.....	158
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 111: Capela do Santíssimo Sacramento.....	159
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 112: Capela de Nossa Senhora das Dores.....	160
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 113: Capela ao lado da entrada principal.....	161
GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.	
Figura 114: Abadia de Santa Maria das monjas beneditinas – São Paulo.....	163
LUNA, OSB. Joaquim G. de Luna. Os monges beneditinos no Brasil. Esboço histórico, Edições “Lumen Christi”, Rio de Janeiro, 1947, pág. 86.	
Figura 115 (à direita): Viaduto Santa Ifigenia com vista da torre da igreja.....	164
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	
Figura 116 (à esquerda): Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (Santa Ifigênia).....	164
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	
Figura 117: Viaduto Santa Ifigenia com vista para o Mosteiro.....	164
GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.	
Figura 118: Viaduto Santa Ifigênia com vista para o Mosteiro de São Bento.....	165
Disponível em: Acervo digital do Museu Paulista da USP < http://acervo.mp.usp.br/Storage/EspacoDomestico/MPACERVO_ICONO//1-08396-0004-0010-01_880x0.jpg >. Acesso em 13/03/2024	

Sumário

Introdução	21
Capítulo 1 - A história	24
1.1 - A Regra de São Bento	24
1.2 - Arquitetura Monástica Beneditina	29
1.3 - Ordens e Mosteiros	43
1.4 - Congregação Beneditina no Brasil	61
Capítulo 2 - Teóricos e arquitetos.....	67
2.1 - Os teóricos e a Arquitetura Neogótica	67
2.2 - Revivalismo medieval em São Paulo	76
2.3 - Richard Berndl: vida e obra	80
Capítulo 3 - O mosteiro	87
3.1 - A colina e o vale	87
3.2 - Dom Miguel Kruse e o novo projeto para o mosteiro	92
3.3 - Arquivos e Leituras	109
Considerações finais	165
Bibliografia.....	168
Anexos	176

Introdução

A obra do arquiteto Richard Berndl é muito pouco abordada na Alemanha e no Brasil, embora tenha sido um profissional respeitado e destacado na primeira metade do século XX. Seu projeto para o conjunto da Basílica Abacial de Nossa Senhora da Assunção, da Faculdade e Colégio São Bento possui notáveis qualidades de projeto e construção; e constitui uma consistente obra de arquitetura de estilo Neorromânico com nuances do Neogótico no Brasil. Justamente por conta destas características, este conjunto foi escolhido pelo pesquisador e orientador para este projeto de pesquisa para o Mestrado.

No título deste projeto de pesquisa, optou-se pelo termo “arte e arquitetura religiosa medieval” na medida em que não existe um estilo específico no qual o conjunto do mosteiro possa ser definido. De fato, dentro da linha do Ecletismo Beaux-Arts da transição entre os séculos XIX e XX, o conjunto monacal tem características espaciais e ornamentais que aludem ao Românico, bem como o Gótico em menor escala.

Nesse sentido há poucos estudos sobre a arquitetura religiosa brasileira e em especial caso, sobre o Mosteiro de São Bento. Uma lacuna historiográfica que se faz necessária a compreensão de sua influência na arquitetura religiosa. Autores clássicos do início do século XX observaram as profundas mudanças na sociedade paulistana e dentro da própria Ordem de São Bento e fizeram registros sobre o projeto e construção. Mais recentemente, um número limitado de pesquisas de mestrado e doutorado se dedicou à aspectos específicos do conjunto monacal. Até onde foi averiguado, não há pesquisa acerca do projeto arquitetônico e de seus arquivos históricos. Assim, nesse contexto, a pesquisa assume um caráter pioneiro.

Por isso, o projeto de pesquisa propõe um estudo da arquitetura e da história da construção e trajetória ao longo do tempo do conjunto do mosteiro beneditino de Berndl, identificando os elementos dos estilos Neorromânico e Neogótico (“ressonâncias”).

Por meio da análise e leituras de arquivos históricos, fotografias e outras representações iconográficas do passado, o estudo procurou desvendar o plano de construção do Mosteiro de São Bento em seus detalhes singulares

estabelecendo uma comparação entre a suntuosidade das fachadas e a simplicidade do claustro.

É importante ressaltar que parte desta pesquisa foi conduzida em um cenário global de pandemia de COVID-19, o que impactou à acessibilidade a fontes primárias e visitas técnicas. Além disso, é relevante mencionar a dificuldade de localizar tais materiais, uma vez que muitos deles se perderam nos meandros da história.

Esta pesquisa não possui conclusão. Alcançar uma conclusão definitiva sobre um objeto de estudo tão complexo, o qual continua a oferecer espaço para novas pesquisas, é uma tarefa desafiadora. Nesse sentido, esta pesquisa procura lançar luz sobre um número limitado de arquivos históricos e iconográficos, conduzindo um estudo sobre o projeto do complexo monástico que engloba o Mosteiro de São Bento, o Colégio São Bento e a Faculdade São Bento

Para isso, a pesquisa seguiu três caminhos:

Primeiro, foi investigado o passado, desde as origens do monaquismo cristão até a Regra de São Bento e a própria Ordem de São Bento. Depois, fez-se compreender a formação do claustro – espaço associado diretamente ao monaquismo. Essa nova *pólis*, induz o monge a uma vida regrada a oração e trabalho (*Ora et labora*), na busca da santidade.

Adicionalmente, buscou-se analisar as transformações no claustro de três mosteiros historicamente relevantes: São Galo, Cluny e Cister. Essa abordagem se justifica pela necessidade de compreender as modificações no projeto que se tornarão relevantes em análises posteriores. A frugalidade do claustro de Cister, se contrapondo ao esplendor de Cluny, seria um ponto de interrogação em relação a simplicidade do claustro do Mosteiro de São Bento de São Paulo se comparado com sua fachada elegante e suntuosa. Tal conjectura serviu como ponto da partida para a análise da pesquisa. Entretanto, após breve diálogo com monge residente, tal suposição foi negada. A vida em equilíbrio, tão cara à vida monástica, seria o cerne para a austeridade do claustro.

Finalizando o capítulo 1, apuramos a origem da Congregação Beneditina do Brasil, cuja formação de novos mosteiros em terras brasileiras se fez através das mais diversas adversidades, com a possibilidade de sua extinção.

Em sequência, no 2º capítulo, analisamos as origens da Arquitetura Neogótica com os teóricos – artistas, arquitetos e pensadores, o qual reviveram a arquitetura do medievo para se buscar uma linguagem adequada para os novos tempos. O revivalismo medieval se fez presente em diversos países, analisados aqui o caso da Alemanha e do Brasil.

O entendimento sobre a arquitetura germânica se fez necessário para compreender a vida e obra do Arquiteto e Professor Richard Berndl, responsável pelo projeto arquitetônico do Mosteiro de São Bento. Arquiteto multifacetado, Berndl transitou em diversos estilos, do Historicismo à Secession.

Por fim, no 3º capítulo, foi realizado um estudo histórico sobre a cidade de São Paulo, especialmente na localidade do Largo de São Bento e Viaduto Santa Ifigenia, o qual buscamos compreender a relação do Mosteiro com a rua. Além disso, investigamos mais a fundo a história da construção e as razões que levaram o Abade Dom Miguel Kruse a construir uma nova edificação, maior e mais complexa do que o antigo conjunto colonial. Essa transformação não ocorreu de maneira isolada, mas sim como parte de um período de mudanças significativas no cenário urbano e na construção em São Paulo, marcado pela transição da cidade de taipa para a cidade de pedra e tijolo.

Outro caminho para a compreensão sobre a obra de Berndl, se fez através da leitura de plantas e demais arquivos presentes no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Este apresentou um rico conteúdo sobre as versões anteriores a aquela que fora construída, acrescentando conhecimento sobre o processo de desenvolvimento do projeto arquitetônico.

Ademais, leituras iconográficas de fotografias atuais e antigas, serviram como base para outras leituras de espaços importantes dentro do conjunto monacal, como a Basílica de Nossa Senhora de Assunção, o claustro e seus detalhes.

Capítulo 1 - A história

1.1 – A Regra de São Bento

Os padres do deserto e a origem do monaquismo ocidental

O monaquismo cristão, criado a partir dos preceitos de padres eremitas, como Santo Antão e São Jerônimo, iniciou-se com a prática advinda dos ensinamentos bíblicos: *Respondeu Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!*¹. Segundo Candolo², o cristão deveria estar disposto de vida em martírio e suplícios, no qual lutaria por Deus, em sua fidelidade. O martírio seria a verdadeira imitação da vida de Cristo, portanto, um ideal a ser perseguido.

Após a adoção do Cristianismo como religião oficial do Império Romano, o martírio deixou de ser recorrente aos cristãos. Portanto, havia a necessidade de buscar outros meios para atingir a santidade, a fuga do mundo, o desapego aos bens materiais e aos demais vícios da sociedade. Daí o alvorecer da ideia de monaquismo (de *monachus*³, aquele que vive só). Para Dias⁴, o monge é, essencialmente, um homem de Deus, separado do mundo, um intermediário do divino em favor dos homens. O local ideal para esta vida desapegada seria o deserto:

O deserto constitui-se, efetiva ou simbolicamente, no locus ideal do solitário. O eremita deverá a este lugar sua própria terminologia etimológica, eremus. Desse modo, será aquele que, acima e antes de tudo, viverá no deserto. Mas o deserto, mais do que um lugar físico e geográfico, poderá se constituir em um lugar mental, psíquico (...), na maioria das vezes reclusória, do eremita (...). (AMARAL: 2006, pág.220)

Neste sentido, a fuga para o deserto (*Fuga mundi*) se faria na busca por uma vida mais austera, abdicando-se das comodidades da vida social para seguir de perto o convite feito por Jesus: *“Quem quiser ser meu discípulo, tome*

¹ Mateus, 19.21

² CANDOLO, op.cit, p. 44

³ DIAS OSB, op.cit, p.105

⁴ Ibid.

a sua cruz todos os dias e siga-me”⁵. Nos desertos do Egito, Capadócia, Palestina e Síria, muitos homens passaram a buscar a contemplação na vida eremítica e tornaram-se santos e são considerados os Pais do Monaquismo⁶.

Desse modo, por exemplo, quando as fontes dos anacoretas⁷ nos apresentavam o deserto, entre outros lugares e circunstâncias envoltos no maravilhoso, pudemos perceber que este não apenas significaria e remeteria a um lugar geográfico e físico, como já anotamos, mas a um lugar sobretudo mental que, no entanto, de algum modo efetivamente vivenciado, nos denunciaria não obstante o entendimento e a apreensão da realidade daqueles, e mesmo neste caso a mais profunda, a da psique, a partir de suas concepções, experiências e condutas mais imediatas e intrínsecas, onde é claro, cobraría a espiritualidade e a moral cristã, emergente e preeminente neste ambiente, um papel de primeira e maior importância. (AMARAL: 2006, pág. 29)

Na sequência ao movimento anacoreta, o cenobitismo, consolidou-se como um caminho para a vida em santidade. Para Amaral⁸, ambos fazem parte do hoje denominada “vida monástica” ou “monacato”, embora para o século VII estes termos remetam quase necessariamente a seu gênero cenobítico, dada a primazia da vida monástica em relação à eremítica. Em ambos os casos, havia a busca por uma vivência mística através do recolhimento, e no caso do mosteiro, com a funcionalidade nos aspectos práticos-utilitários do dia a dia, relativos de um conjunto arquitetônico religioso⁹.

Segundo Oliveira, essa vida em comunidade sobressaiu-se devido a uma postura de grande espiritualidade, aliada a uma autossuficiência, com a produção de alimentos e trabalhos manuais dentro das dependências do mosteiro ou em seus arredores.

Partindo do Oriente, o monaquismo avançou no Ocidente e uma série de monges tiveram substancial participação para a criação na criação das novas

⁵ Lucas. 9,23

⁶ DIAS OSB, DIAS OSB, Geraldo José Amadeu Coelho. QUANDO OS MONGES ERAM UMA CIVILIZAÇÃO... beneditinos: espírito, alma e corpo. Editora Edições Afrontamento. Portugal, 2011. pág.106

⁷ Anacoretas: do grego antigo ἀναχωρητής, *anachōrētēs*, "aquele que abdicou do mundo": eram monges ou eremitas cristãos que viviam em solidão e retiro.

⁸ AMARAL, op.cit, pág. 34

⁹ Segundo São Bento de Núrsia, eram indispensáveis água, horta, moinho e oficinas, meios necessários para manter congregados imersos no mundo da clausura, na busca do caminho da santificação. OLIVERIA, pág. 74, 2014

ordens. Para Dias¹⁰, monges como S. Pacômio (†348), S. Basílio Magno (†379), S. Jerônimo (†429) e João Cassiano (†435) foram os precursores de uma árvore genealógica monacal que perpassa gerações, a qual inclui religiosos importantes de ponto de vista para a produção teológica, como Santo Agostinho (†430).

Para estes santos, o monge (*Monachus*) é, essencialmente, um homem de Deus, separado do mundo, mas um mediano do divino em favor dos homens e, por isso, S. Bento, com a sua “Regra dos Monges” tornou-se o Patriarca do Monaquismo Ocidental. (DIAS OSB, 2011, pág. 105)

Alguns desses monges se esforçaram em estudar e reproduzir as práticas da vida monástica, introduzindo-as no contexto da Europa Ocidental. A partir do século V, esse movimento monástico se expandiu por toda a Europa.

A Regra de São Bento

São Bento de Núrsia (480-547), no século VI, estabeleceu as diretrizes para a vida monástica, mantidos até hoje. O sistema normativo possui 73 capítulos e um prólogo e tem como finalidade concomitar atividades laborais com as de oração, resultando no tradicional lema beneditino: *Ora et labora*. Mais do que uma norma regulamentar a Regra aborda aspectos intrínsecos da vida cotidiana dos monges, mantendo-os disciplinados e focados nas atividades monacais. São Bento¹¹ em sua regra diz: é preciso preparar nossos corações e nossos corpos para militar na santa obediência dos preceitos. Souza¹², acrescenta que a mesma estabelece diretrizes para a distribuição de cargos dentro da comunidade, assim como os recursos e penalidades para infrações, a fim de manter a coesão de seus membros.

Por isso, a norma foi tão importante para a coesão e congregação das diversas comunidades monásticas. Os séculos VIII a XII representaram o auge do monaquismo, durante as quais a Ordem de São Bento estabeleceu sua identidade distintiva e moldou sua representação e imagem que perduram até os dias de hoje.

¹⁰ DIAS OSB, op.cit, pág. 105

¹¹ SÃO BENTO, op.cit. pág. 5.

¹² SOUZA, op.cit. pág.34

A Regra se inicia com um prefácio exortativo, fundamentado no *Admonitio ad filium spiritualem*¹³, aonde São Bento apresenta os princípios da vida religiosa, como a obediência e a perseverança em permanecer fiel ao mosteiro até a morte. No primeiro capítulo, divide os monges em quatro tipos: Cenobitas, aqueles que vivem no mosteiro sob a regra com um abade; Anacoretas ou Eremitas, os quais vivem em solidão; Sarabaitas, que vivem em grupos menores ou sozinhos, sem regra e abade e por fim, os Giróvagos, que vagam entre os mosteiros, autônomos com sua própria vontade.

Os capítulos 2 a 7 seguintes, enumeram uma série de qualidades que os irmãos e o Abade devem possuir para preservar um local de oração, trabalho, mérito e estabilidade. Além disso, os capítulos definem que os mais habilidosos devem se valer de suas habilidades em prol da comunidade. A obediência deve ser imediata às ordens do superior, sem hesitação. O monge sempre deverá ser reservado e silencioso. E por fim, há uma divisão em 12 graus de humildade de uma linha escalonada de etapas que eleva o monge aos céus.

Os capítulos 8–19 regulam o Ofício Divino, com suas horas canônicas, orações, e salmos em dias comuns e dias santos, além dos finais de semana. Em sequência, há algumas regras específicas que serão citadas de acordo com a temática da pesquisa. No capítulo 22, as normas que regem o dormitório. Cada monge possui uma cama para si, a qual se veste cotidianamente com o hábito para estar devidamente preparados para o Ofício Divino.

Nos capítulos 31 e 32, há diretrizes para que monges administrem os bens do mosteiro, para que haja um bom controle sobre o uso desses bens. Nos dois capítulos seguintes, explicita que ninguém deve possuir bens sem a anuência do abade e se possuir, todos devem ter o direito a ter o mesmo, além de toda a comunidade ter o necessário para a vida. Já com o capítulo 48, estipula cinco horas mínimas para o trabalho manual, dentro das habilidades de cada monge. Há uma estipulação das horas de acordo com as estações do ano.

O capítulo 53 aborda a hospitalidade, recomendando-se que os visitantes devem ser tratados com a devida cortesia pelo abade ou substituto, tendo um monge responsável na sua proteção. Pobres e peregrinos devem ter cuidados solícitos em suas necessidades. Estipula-se que a comunidade

¹³ *Admoestação para um filho espiritual*: pode ser entendido como um "manual de edificação espiritual"

monástica não seja associada aos hóspedes, por exemplo, com cozinhas independentes, para que não haja interferências nas atividades cotidianas dos irmãos.

O capítulo 66 estabelece a presença de um porteiro do mosteiro, este sendo um ancião sábio e com maturidade para não devanear nas conversas. Sua cela deve ser próxima à porta para que os convidados já logo consigam seu atendimento. Caso necessário, um irmão mais jovem deverá auxiliar o porteiro. Por fim, há uma citação direta de como o mosteiro deve ser construído:

Seja, porém, o mosteiro, se possível, construído de tal modo que todas as coisas necessárias, isto é, água, moinho, horta e os diversos ofícios, se exerçam dentro do mosteiro, para que não haja necessidade de os monges vaguearem fora, porque, de nenhum modo convém às suas almas. (ENOUT, OSB. Tradução da Regra de São Bento, pág. 40, sem data)

A Regra estipula que qualquer contato com o mundo exterior deverá ser evitado ao máximo, exceto por permissão especial.

Os capítulos 71 e 72, estabelecem diretrizes para que os monges busquem a obediência em todos os sentidos, não apenas com o abade, mas com os irmãos, especialmente aos irmãos mais velhos, com toda a caridade e solicitude. O bom zelo se deve com o irmão, para que este se separe dos vícios e ambos busquem tolerância com suas fraquezas, tanto do corpo como caráter. Que amem o Abade com sincera e humildade caridade¹⁴.

Por fim, o capítulo 73 – o último, se faz como um epílogo, declarando que a Regra não é perfeita, mas que é um meio na busca da santidade através da oração, obediência e piedade, sendo um guia para aqueles que a iniciam.

Escrevemos esta Regra para demonstrar que os que a observamos nos mosteiros, temos alguma honestidade de costumes ou algum início de vida monástica. Além disso, para aquele que se apressa para a perfeição da vida monástica, há as doutrinas dos Santos Padres, cuja observância conduz o homem ao cume da perfeição. Que página, com efeito, ou que palavra de autoridade divina no Antigo e no Novo Testamento não é uma norma retíssima da vida humana? (ENOUT, OSB. Tradução da Regra de São Bento, pág. 40, sem data)

¹⁴ ENAUT, OSB. Tradução da Regra de São Bento, pág. 42, sem data.

1.2 - Arquitetura Monástica Beneditina

Origens da Arquitetura Monástica Beneditina

A elaboração da Regra e a formação das ordens monásticas e religiosas tornaram-se parte fundamental na história social, política e espiritual do Ocidente na Idade Média. Seus abades e monges atuaram como fomentadores da cultura e da ordem social medieval, num período onde Estado e poder estavam fragmentados com o fim do Império Romano. Ordem, do latim *ordo ou ordinis*, indica uma organização baseada em um ou mais critérios lógicos que serve de guia para os elementos correspondentes. Georges Duby¹⁵ acrescenta que: a palavra *ordo* não designa somente ordens, mas exprime também um exercício de autoridade, que as distingue e coordena. Em cada ordem, há diferentes, primordialmente há diferentes tarefas e diversos ofícios, todos hierarquizados.

Num momento em que a Europa Ocidental vivenciava diversas invasões bárbaras e estes povos se assentavam no antigo Império Romano em ruínas, a Igreja, tornou-se a única instituição romana sobrevivente André Araújo¹⁶, com o trabalho de intermediar negociações com os povos “bárbaros”, intercedeu em favor dos pobres, em detrimento as elites, e lutando a favor de seus interesses, patrimônio e relíquias santas, inclusive com o uso de poderio militar

Na Alta Idade Média, houve uma diminuição das cidades com o terror das invasões bárbaras e esse processo de fuga ajudou com o processo de desenvolvimento dessa relação ambígua e complexa entre os poderes públicos e os poderes eclesiásticos.

Na Alta Idade Média, houve uma fuga das cidades com o terror das invasões bárbaras, fuga crucial para o desenvolvimento dessa relação ambígua e complexa entre os novos e fragmentados detentores de poder e os poderes eclesiásticos.

¹⁵ DUBY, Georges. As três ordens ou o Imaginário do Feudalismo. 2ª edição. Editora Estampa, 1994. p.83

¹⁶ ARRUDA, Valdir. Tradição e renovação: a arquitetura dos mosteiros beneditinos contemporâneos no Brasil. Dissertação de Mestrado. São Paulo - SP: FAUUSP, 2007, p. 39.

Entre as novas formas de sociabilidade que surgiram na Idade Média, a criação de comunidades monásticas – centradas na estabilidade, trabalho e oração – terá papel de destaque na sociedade feudal dos séculos subsequentes.

Se havia uma Igreja Secular, afoita para se manter perto dos fiéis em suas necessidades espirituais, por outro lado a Igreja Regular propunha, com suas regras e costumes próprios, uma vida ordenada e afastada das cidades e do sofrimento mundano. Era basicamente uma Igreja surgida dentro da Igreja¹⁷.

Essa diferença entre Igrejas seria analisada por Duby¹⁸, que explicita que o ofício dos monges não era trabalhar para aperfeiçoar as estruturas da sociedade carnal, já que isto pode os ocupa-los demasiadamente e afetá-los em seus votos de isolamento e estabilidade. Para o autor, a única mudança que conta é à conversão. Esta passagem, uma ruptura com a vida mundana; e a única missão que sentem dever assumir, para com os outros homens, é ajudá-los a franquear a porta, para se reunirem aos bons, durante a vida ou na morte¹⁹. Dito isso, destaca-se a diferença entre a Catedral e o Mosteiro, sendo que este não pode ser tido como instrumento das relações da sociedade. Há outra sociedade dentro de seus muros e suas regras.

O reino monástico não é deste mundo. Há que renascer para entrar nele, atraído, não pela retórica de uma arenga, não pela dialéctica de uma demonstração racional, mas pelo impulso do coração e pela percepção premonitória das trombetas do Juízo Final. Visto desta terra afastada, liberta, o universo surge irremediavelmente desordenado. Os monges rezam, dia e noite, para que os seus pecados lhes sejam perdoados. Se são tentados a descer ao mundo, no propósito de o restituir à ordem, a regra convence-os que isso é empresa vã; e de resto, proíbe-lhes que o façam. O mosteiro não tem, pois, vocação para executar esses projectos de reforma que são as ideologias sociais. (DUBY, 1978, pág. 195)

É neste ambiente de instabilidade social que os monges buscaram isolamento, além da necessidade de se abster das politizações internas da Igreja. A *fuga mundi*, ou fuga do mundo, se fez como necessidade econômica, social e espiritual, expondo a complexidade do medievo. A necessidade do

¹⁷ ARAÚJO, André de, Dos livros e da leitura no Claustro: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para estudo da Biblioteca-Livraria do Mosteiro de São Bento de São Paulo (Sécs. XVI-XVIII). Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2008, p. 41.

¹⁸ DUBY. Georges. O Tempo das Catedrais: a arte e a sociedade 980-1420. Trad. José Saramago. Lisboa: Estampa, 1978. Título original em francês: Le Temps des Cathédrales. L'art et la Societé, 980-1420, p.95

¹⁹Ibid., op.cit. pág. 195

isolamento através do claustro – com votos de silêncio, penitência, peregrinação no deserto e nas florestas, se faz na forma de tentar organizar a vida comunitária e eclesial²⁰.

No “Ora et labora”, lema beneditino que unifica todos os preceitos desenvolvidos por São Bento de Núrsia (480 - 543), o espaço construído se faz essencial para o desenvolvimento da vida monástica, e sua Regra referencia todos os ambientes necessários para a vida dos monges e noviços, bem como os espaços necessários para convidados e hóspedes.

Tal como o cenáculo apostólico, o mosteiro é o local de congregação da comunidade beneditina, mas além disso, é o local da beneficência e hospitalidade, a qual os peregrinos e miseráveis podem ser acolhidos. Evidentemente, apenas alguns monges poderão ter acesso ao mundo exterior – é importante protegê-los dos malefícios das tentações da vida mundana. Os muros marcam a opção da renúncia e o claustro se torna uma simbólica representação da ruptura da nova vida escolhida²¹.

Na Regra estão prescritas todas as coisas necessárias para a vida em clausura: a água, o moinho, a padaria, e as oficinas para as várias atividades manuais. Destaca-se também a portaria, muros e entrada principal. Entretanto, segundo Arruda²², não há indicações acerca da forma, tamanho, estilo ou ornamentação dos edifícios; tampouco das relações existentes entre eles e suas conexões. Do mesmo modo, não há qualquer menção ao claustro.

Portanto, de maneira concisa, especifica-se o mosteiro como o local de habitação de uma comunidade de monges ou freiras, em muitos casos construído fora dos limites urbanos. O mosteiro cristão ocidental, ou monastério, palavra derivada do latim tardio *Monasterium*, trazem consigo a vida cenobítica, e podem ter outras denominações, como abadia, priorado, convento cartuxo, convento de frades e preceptorias. No caso das freiras pode-se chamar de convento.

²⁰ ARAÚJO, op.cit, p. 42.

²¹ ARRUDA, op.cit, p. 6

²² Ibid., p. 34.

O claustro

Dentre a ampla gama de ambientes constituintes de um mosteiro beneditino, como por exemplo a biblioteca e outros locais para os estudos litúrgicos e demais atividades laborais, é significativo analisar a formação do claustro como espaço construído – comumente associado ao complexo monástico, e em algumas línguas e dialetos, sinônimo do próprio monaquismo²³. Segundo o *The Penguin Dictionary of Architecture and Landscape Architecture*²⁴, o claustro representa:

Um espaço fechado em um mosteiro, em forma de quadrilátero ou pátio aberto, cercado por passagens cobertas, abobadadas ou ambulatórios, com uma arcada aberta ou colunata nos lados internos e paredes lisas nos outros. Em um mosteiro, o claustro conecta a igreja com os edifícios domésticos, geralmente ao sul da nave e a oeste do transepto. Aparece pela primeira vez no famoso plano para São Galo, em 980 d.C., na Suíça. Vários exemplos românicos e medievais posteriores são notáveis tanto arquitetonicamente quanto por sua ornamentação esculpida, por exemplo São Trophime, Arles, França. O espaço aberto central é geralmente organizado como jardim com passeios, muitas vezes com um poço ou fonte central, e também pode servir como cemitério. Em alguns aspectos, um claustro é comparável ao vihara em um mosteiro budista indiano. (FLEMING, et al., 1999, p. 119, tradução nossa)

Do latim clássico *claustrorum* e no neutro, *claustrum*, significa local fechado e diferentemente do que se acredita, não é oriundo do *atrium* das residências romanas e a qual convergia as diversas dependências da casa. Aliás, existem várias teorias possíveis sobre a origem do claustro – além do já citado átrio romano, menciona-se o peristilo da casa grega, os adros porticados das basílicas paleocristãs, e os pátios-porticados presentes nas laterais de algumas igrejas da Síria (figura 1). Provavelmente, ambos os casos citados podem ser vistos como influências para esta concepção arquitetônica.

²³ Ibid., op.cit, p. 35

²⁴ Cloister. An enclosed space in a monastic, in form a quadrangle or open court, surrounded by roofed or vaulted passages or ambulatories, with an open arcade or colonnade on the interior sides and plain walls on the others. In a monastery the cloister connects the church with the domestic buildings, usually south of the nave and west of the transept. It first appears in the famous ad 820 plan for St Gall, Switzerland. Several Romanesque and later medieval examples are notable both architecturally and for their sculptured ornamentation, e.g. St Trophime, Arles, France. The central open space is usually arranged as garden with walks, often with a central well or fountain, and may also serve as a burial ground. In some respects a cloister is comparable to the vihara in an Indian Buddhist monastery. R. Rey, *L'Art des cloîtres romans*, Toulouse 1955; Braunfels 1973

Essa análise seria construída através dos estudos de Walter Horn²⁵, apresentando em artigo, onde o autor forma uma linha do tempo, usando como exemplos uma série de edificações antigas, dos anacoretas até a formação da ordem beneditina até Mosteiro de São Galo (Sankt Gallen, Suíça). Em sua análise, ele traça a evolução destas formas sob o ponto de vista do grau de união dos religiosos. No começo, cada monge buscava a salvação individualmente e cuidava de suas necessidades físicas individuais. São Pacômio (292-346), no Egito, foi o primeiro a ordenar uma comunidade cenobítica e na medida que o número de seguidores aumentava, havia a construção de igrejas, moradias e outros espaços para as atividades cotidianas. Mas não havia a delimitação através de um claustro, mas sim de muros, não por receio do banditismo, mas para que esta comunidade ficasse focada em seu propósito, fora do barulhento mundo exterior. Estabeleceu-se então uma moral corporativa e na supervisão da castidade monástica²⁶. Essas comunidades atingiam contingentes populacionais na casa dos 2.500 habitantes, não sendo necessário ainda o surgimento do claustro²⁷.

Evidências claras de layout associado a um claustro, antes do período carolíngio, são alguns mosteiros sírios isolados do século V como o convento de São Sergios e São Bacchos em *Umm-is-Surab* e o convento de *Id-Dê*, ambos no sul da Síria (figura 1). Horn²⁸ destaca que ambos os casos são excepcionais, com esquemas distintos de implantação com pátios abertos e assimétricos, as vezes em forma de L, mas nunca tão ligados entre si que formassem um recinto em forma de U, em torno de um pátio central. Além disso, nem *Id-Der* nem *Umm-is-Surab* têm a divisão tripartida da faixa claustral de dormitório, refeitório e porão que caracteriza a era carolíngia, formam uma faixa contínua, dividida internamente, de unidades menores e mais diversificadas.

²⁵ HORN, Walter. On the Origins of the Medieval Cloister. Source: *Gesta*, 1973, Vol. 12, No. 1/2 (1973), p. 13 – 52.

²⁶ HORN, op.cit, p. 15 - 16

²⁷ Cada mosteiro consistia em várias casas separadas que acomodavam os primeiros dezenove a vinte cinco monges por casa, depois trinta a quarenta, segregados de acordo com comerciantes em uma, sapateiros em outra, carpinteiros em outra, e assim por diante. Cada casa ou dobra tinha seu próprio superior ou subprior e sua própria sala de reuniões. Várias dobras compunham uma tribo (com um superior sobre a tribo) e o mosteiro era o agregado dessas tribos. HORN, op.cit, pág. 16, tradução nossa:

²⁸ *Ibid.*, op.cit, p. 21. Tradução nossa

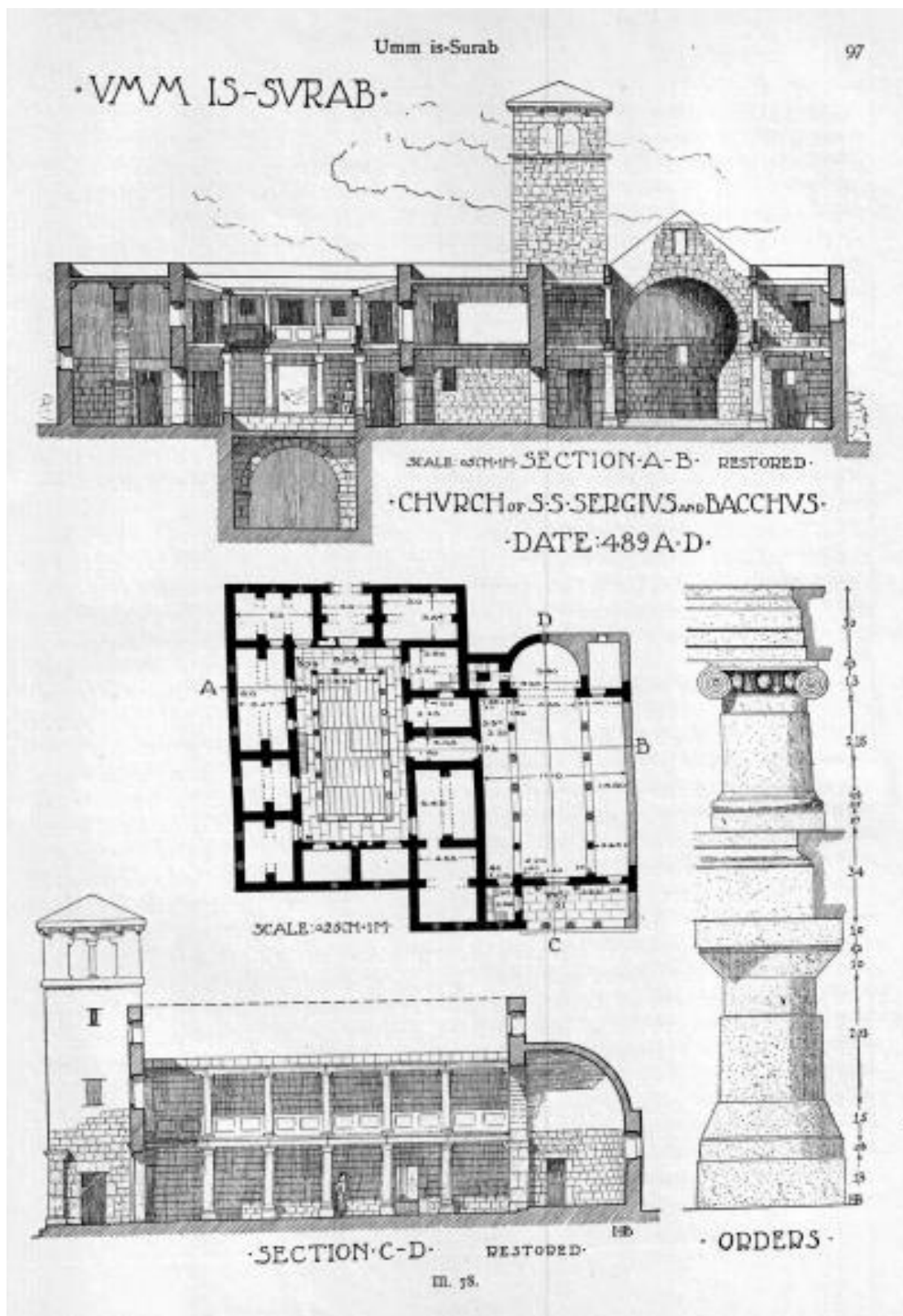


Figura 1: Gravura de Umm-al-Surab, Síria, produzido por H.C. Butler – 1919 e utilizado no artigo de Walter Horn.

Fonte: Disponível em <<https://journals.openedition.org/syria/3139>> Acesso em 30/03/2024

Horn continua sua análise com os mosteiros celtas da Irlanda, com solução física parecida com a dos egípcios. Porém nos casos irlandeses as celas estavam dispostas em ordem circular, em contraponto à planta quadrada adotada nos oratórios e igrejas. Além das Ilhas Britânicas e no continente europeu do período merovíngio e franco, não encontramos a solução do claustro.

Há pouco material acerca dos mosteiros criados por São Bento de Núrsia (480 - 543), em Lazio e Campania, na Itália. Dentre os 14 criados em vida, o mais importante deles, seu próprio mosteiro em Montecassino, foi atacado pelos lombardos entre 577 e 581. A comunidade que lá vivia fugiu para Roma, e com a ascensão de Gregório Magno, papa de origem beneditina, foi restabelecida no monastério de Santo André no Monte Célio. De lá, Santo Agostinho da Cantuária (604) partiu em 590 com quarenta de seus companheiros, para levar a missão beneditina à Inglaterra, e de sua base em Canterbury, condado de Kent, no século VII, a vida beneditina difundiu-se gradualmente na Gália e no século VIII, na Alemanha. As ilhas Frísias foram evangelizadas por Wilfrid, bispo de York, em 678, e mais tarde por Willibrord, que em 696 estabeleceu a Sé de Utrecht como base²⁹.

A essência do monaquismo, segundo Horn³⁰, se faz através dessa ascendência corporativa beneditina sobre a forma semi-eremítica da missão irlandesa com o surgimento de um tipo de feudalismo agrário oriundo dos Alpes, ao longo do século VII e VIII, em especial ligado aos povos germânicos, a qual resultou no claustro monacal.

Como o capítulo 66 da Regra³¹ deixa bem claro, o mosteiro autossuficiente tornou-se, estruturalmente, uma grande propriedade do tipo senhorial. Portanto, a integralidade monástica teria que ser inabalável, exigindo a criação de um recinto interior a qual isolasse os religiosos dos leigos. Como entidade senhorial, o mosteiro carolíngio distinguia-se pouco de uma unidade territorial do tipo feudal, exceto pelas funções eclesiásticas. O claustro retangular

²⁹ HORN, op.cit, pág. 37. Tradução nossa

³⁰ Ibid., pág. 40

³¹ No capítulo 66 da Regra se há a menção: (...) seja, porém, o mosteiro, se possível, construído de tal modo que todas as coisas necessárias, isto é, água, moinho, horta e os diversos ofícios, se exerçam dentro do mosteiro, para que não haja necessidade de os monges vaguearem fora, porque, de nenhum modo convém às suas almas. (...). ENAUT, OSB. Tradução da Regra de São Bento, pág. 42, sem data.

fechado foi a respostas a este problema. Estabeleceu um mosteiro dentro do mosteiro.

Na leitura da planta de São Galo, Horn explicita essa separação entre instalações ocupadas por trabalhadores e empregados, visitantes e as dos próprios monges. Apesar de ser reconhecida como um dos primeiros exemplares de projeto beneditino para as novas construções monásticas, não se pode dizer que esta planta seria paradigmática. No artigo de Horn³², este apresenta o mosteiro carolíngio de Lorsch (imagem 3), como um dos primeiros exemplares a qual adere o claustro como solução de partido arquitetônico. Foi erguido por ordem do abade Gundeland na Alemanha, entre 765 e 774. Este “Altenmünster”, de acordo com as descobertas das escavações conduzidas por Friedrich Behn, não foi originalmente construído com essa finalidade, mas sim que houve uma adaptação para uso monástico de uma *villa* que havia sido inicialmente concebida na tradição da *villa* rústica romana (com atrium e peristilo), associada a um nobre franco.

Com a reconstrução em local vizinho e liderado pelo abade Richbold entre 784 e 804, o novo claustro foi anexado ao flanco sul da igreja e os edifícios de alvenaria foram colocados perifericamente, em torno de dois dos três lados restantes e segundo Horn³³, com a medidas adotadas para o Claustro dos Monges pelo autor da Planta de São Galo.

Características clássicas e medievais se misturam na sofisticada e intrincada planta de São Galo (figura 2). O conceito de pátio aberto com pórticos ao redor é de origem mediterrânea, portanto, sua ordem e simetria que o distinguia pode ser considerada clássica e pouco se assemelhava aos dormitórios dispersos presentes dos mosteiros do norte. Entretanto, mesmo com essas influências, não se pode afirmar que o *claustrum* medieval existia na Antiguidade, já que Horn³⁴ afirma que os grandes átrios das basílicas romanas possuíam função diferente do claustro monacal (e eram espaços cobertos).

³² HORN, op.cit, pág. 42

³³ HORN, op.cit, pág. 45

³⁴ Ibid.

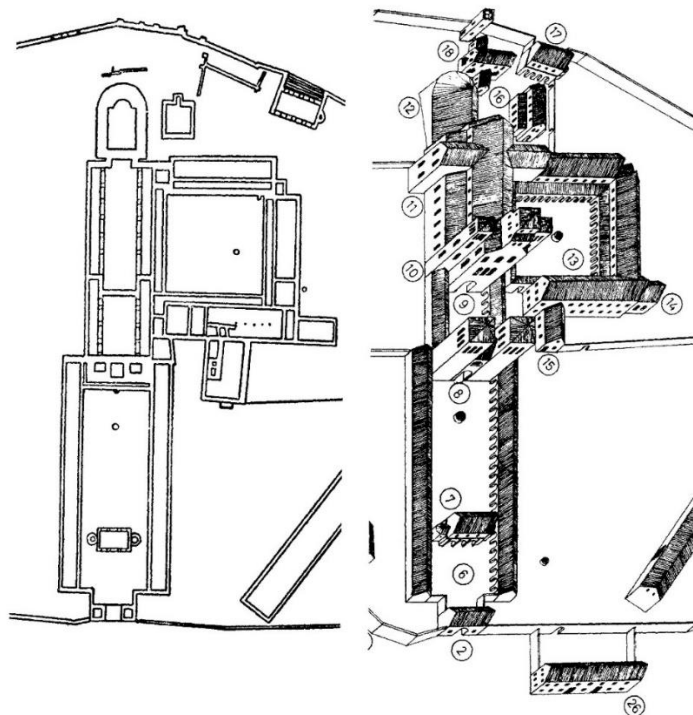


Figura 3: Mosteiro de Lorsch do Abade Richbold, 784-804. Alemanha.

Fonte: HORN, Walter. *On the origins of the medieval cloister*. Gesta, Nova York, Internatio Center of Medieval Art, v. XII, p. 44

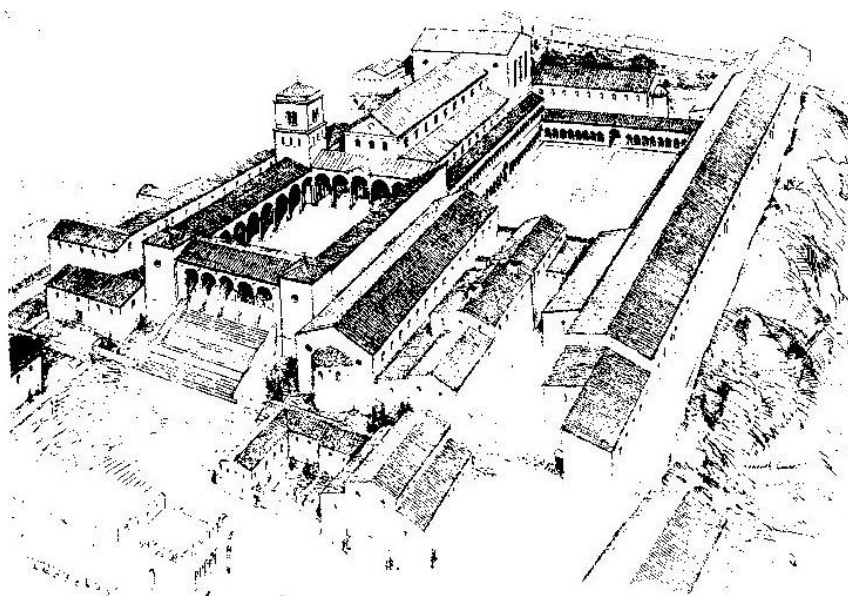


Figura 4: Mosteiro de Montecassino a partir de um modelo de estudo de 1075. Itália.

Fonte: CONANT, John Kennet. *Carolingian and Romanesque Architecture em 800 to 1200*. Yale University Press – New Haven and London. 1993. pág 263.

Civitas Dei

O programa arquitetônico se adaptou e alterou-se de acordo com novos conceitos teológicos. Entretanto, as mudanças concentravam-se nos detalhes, nas ornamentações ou na falta destas. Mesmo assim o conceito básico foi preservado e a unidade do conjunto permanecia: a constituição de blocos dispostos formando-se assim o claustro³⁵. Nesses blocos se localizava o refeitório, a cozinha, as celas, e sala capitular, a capela e a residência abacial.

De modo pioneiro, os beneditinos criaram um programa arquitetônico, ao qual, sucessivamente, todas as demais ordens religiosas se reportaram, inclusive o próprio clero secular. *Trata-se da combinação de elementos onde nenhum, a princípio, era novo em si mesmo: a igreja era uma basílica, o claustro relacionava-se ao peristilo, o desenho em quadras representava a implantação da cidade gálio-romana; mas seu conjunto, o mosteiro, formava um todo perfeitamente coerente e funcional.* (ARRUDA, 2007, pág. 40)

Nesse âmbito, tanto o convento quanto o mosteiro se associam a uma ideia de *Civitas Dei*, uma concepção de mundo que proporcionava ao clérigo uma vivência mística, reclusa e, ao mesmo tempo, autossuficiente, configurando um modo de viver funcional em aspectos cotidianos prático-utilitários.³⁶

Para Lewis Mumford³⁷, essa nova visão celestial se fazia possível dada a todas as dificuldades que os povos romanizados sofreram com as invasões barbaras – agora a doença física era convertida em saúde espiritual e pressão da fome no ato voluntário de jejum. Havia salvação para o pecado e não era mais necessário ser preso aos bens mundanos. Os antigos templos e basílicas romanas³⁸, projetados para conter muitas pessoas, foram rapidamente convertidos em templos cristãos. Os demais edifícios esquecidos, funcionalmente inúteis dentro da nova ideologia cristã.

³⁵ ARRUDA, op.cit, p. 45

³⁶ OLIVEIRA, Marcelo Almeida. Os conventos e/ou mosteiros na paisagem colonial brasileira: contribuição ao entendimento de seus espaços abertos ou suas cercas. *Revista de História de Arte e Cultura*. 2014. p. 74

³⁷ MUMFORD, Lewis. *A cidade na história – Suas origens, transformações e perspectivas*. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2004. p. 267

³⁸ Mumford exemplifica com o caso do templo de Antônio e Faustina, em Roma, na qual tornara-se a Igreja de São Lourenço, e o Senado, na Igreja de Santo Adriano, e, por volta do século XIV A.D, quase metade das mil ou mais igrejas de Roma, ainda indicava sua origem pagã. *Ibid.*, pág. 258

Mumford³⁹, discorre acerca da influência do monaquismo na formação de uma nova forma urbana, como uma nova espécie de polis, constituída de uma fraternidade de pessoas que buscavam uma vida mais serena. Por mais que houvesse a tentação de voltar aos luxos de Roma Antiga, a vida eremítica possibilitava uma forma de viver voltada para a salvação da alma. A permanência numa habitação eremítica resultou na ideia de uma cidadela – a cidadela da alma, com a Abadia sendo seu palácio.

Se foi no palácio real que instrumentos seculares de civilização urbana tomaram forma pela primeira vez, foi no mosteiro que as finalidades ideais da cidade medieval foram postas em ordem, conservadas em vida e afinal renovadas. Também foi ali que o valor prático da restrição, da ordem, da regularidade, da honestidade e da disciplina anterior foi estabelecida, antes que tais qualidades fossem passadas à cidade medieval e ao capitalismo pós-medieval, sob a forma de invenções e práticas de negócios: o relógio, o livro de contabilidade, o dia ordenado. (MUMFORD, 2004, pág. 270)

Apesar de configurada dentro de um programa de necessidades religioso, monacal, na escolha do sítio adequado para ocupação do mosteiro e cidadela, as regras práticas de Vitruvius (no tratado *De Architectura*, século I d.C.) para a construção de cidadelas fortificadas autossuficientes eram adotadas para implantação destes mosteiros. Para Vitruvius, a implantação dos templos se fazia necessária em lugares favorecidos pela natureza, especialmente com a presença generosa de fontes de água, para o trabalho agropastoril.

Segundo Marcelo Oliveira⁴⁰, o que se viu nas comunidades monásticas menores ou maiores, foi uma constante no que se refere as muralhas e cercas. Maiores ou menores, estas variavam de acordo com a quantidade de congregados ou da variedade de atividades econômicas. Estes possuíam uma importância simbólica atribuída, a qual delimitavam os respectivos conjuntos monacais ao mundo externo. Eles representaram a distinção entre as dimensões do sagrado e do profano. Os espaços abertos internos eram destacados nas áreas verdes, com tais lugares sendo considerados como manifestação da essência divina. Essas áreas abertas, com pátios, hortas, jardins, eram tidos como místicos, baseados no labor, oração e penitência, rememorando o período dos anacoretas e eremitas em sua vida frugal no deserto.

³⁹ Ibid., op.cit, p. 270

⁴⁰ OLIVEIRA, op.cit. p. 75

Tanto em Portugal quanto no Brasil, houve a necessidade de ampliar as atividades econômicas ligadas ao mosteiro e suas respectivas posses para além dos limites religiosos.

Por mais que a sociedade laica sofresse as adversidades e confusões, o mosteiro se firmava na estabilidade e serenidade religiosa. Esse florescimento da sociedade cristã é exemplificado por Mumford⁴¹, que traz como exemplo Bernardo de Clairvaux, no século XII, com a afirmação que o claustro era uma fortaleza do paraíso, criando até um termo para tal: *paradisus claustralis*. Já com Joaquim de Flóris, no século XII, antevia-se um período final de desenvolvimento humano, o período do Espírito Santo em que toda a espécie humana estaria unida, como irmãos e irmãs monásticas, no Mosteiro Universal.

Este laço de proximidade entre a cidade clássica e a cidade medieval não se faz pelos antigos edifícios remanescentes, mas pelo mosteiro. É neste espaço que se preservaram os conhecimentos filosóficos, matemáticos, do Direito Romano, da medicina greco-romana e da literatura clássica, com os conteúdos dos papiros e pergaminhos em decomposição transcritos em livros; com os fundamentos e práticas greco-romanas da agricultura e saúde sendo estudados e aperfeiçoados. Estes detalhes foram apresentados por Mumford, a qual acrescenta:

Os verdadeiros discípulos de Platão surgiram quase mil anos depois: os monges beneditinos. Mas, quando São Benedito criou a sua utopia monástica, teve a prudência de intervir todos os preceitos de Platão, substituindo a guerra pela paz e pela não-resistência, e moderando a austera sabedoria e santificação diária de um mosteiro como a discipula do trabalho cotidiano, e unindo, dessa forma, em cada um, segundo sua capacidade, todas as funções da vida que tão cuidadosamente Platão havia apartado. Além disso, o sistema beneditino ganhou força não no isolamento, mas por constituir uma cadeia de comunidades semelhantes, que trocavam seus produtos em toda a Europa. (MUMFORD, 2004, pág. 201)

É importante dar o devido destaque para a cultura monástica construída dentro do espaço do conjunto monacal. O cruzamento entre livros, leitores e leituras se fizeram nas bibliotecas (as únicas que existiam depois do fim do Império Romano), que segundo André Araújo⁴², foram a mola propulsora na

⁴¹ MUMFORD, op.cit, p. 271

⁴² ARAÚJO, André de, Dos livros e da leitura no Claustro: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para estudo da Biblioteca-Livraria do Mosteiro de São

definição do uso, da organização, da circulação e do acesso ao livro e, de certo modo, à informação na Idade Média. Essa cultura de caráter e acesso religioso dominou o Ocidente. e os mosteiros, de certa forma, sucederam as instituições imperiais como as fomentadoras da difusão do conhecimento – tradição que persiste na atualidade pelos colégios e faculdades ligadas a Ordem de São Bento.

Neste contexto, é notável a compreensão de continuidade de uma memória tangível da tradição monacal – através da preservação da arquitetura monástica, onde o espaço específico do claustro mantém os rituais e a liturgia próprios do viver monástico.

O espaço, termo derivado do latim *spatium*, diz respeito a medida de distância, ao intervalo de limites e de um lugar vazio que pode ser ocupado. E segundo Tuan⁴³, “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”.

A memória atua diretamente na forma de transformar o espaço num lugar, uma vez que esta se compõe de um conjunto de funções psíquicas das quais o ser humano faz uso para resgatar informações do passado.⁴⁴ Contudo, essa memória não fica restrita apenas ao plano mental, mas nos objetos, nas ambientações, nas experiências cotidianas e sagradas da vivência espiritual.

É neste espaço-lugar, com sua significância resultante da vivência dessa espacialidade, da arquitetura, dos caminhos a serem percorridos e da própria noção do estar, num ambiente aberto e florido, trazem consigo às memórias daqueles que ali habitaram⁴⁵. Jacques Le Goff⁴⁶ diz que a memória coletiva é constituída por documentos e monumentos. No caso do monumento, tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (legado da memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que, só numa parcela mínima, são testemunhos escritos.

Bento de São Paulo (Sécs. XVI-XVIII). Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2008. pág. 107

⁴³ TUAN, Yi-Fu, Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência / Yi-Fu Tuan; tradução de Livia de Oliveira, - São Paulo: DIFEL., 1983, pág. 83

⁴⁴ HERNANDEZ, Maria Hermínia Olivera, SANTOS, Emyle dos, SANTOS Victor Hugo Carvalho. ARQUITETURA E ARTE RELACIONADAS AOS CONCEITOS DE ESPAÇO E MEMÓRIA NO CLAUSTRO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA. Artigo publicado no 26° Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas – Memórias e InventAÇÕES, Campinas, 2017. p. 4349

⁴⁵ HERNANDEZ, op.cit., p. 4348

⁴⁶ LE GOFF, Jacques, História e Memória: tradução Bernardo Leitão... {et al} – Campinas, SP Editora da UNICAMP. 1990, pág., 505.

É na “cidade celestial”, na vida em clausura⁴⁷, que os monges reforçam sua vida em estabilidade e fé com força e dedicação. Nisso, Hernández⁴⁸ afirma que o espaço apropriado do Claustro materializa uma memória monástica, por meio dos elementos arquitetônicos que envolvem a distribuição espacial, o sentido do posicionamento de cada ala, com seus percursos, elementos decorativos e ambientais, que encorajam determinados comportamentos e ações, desempenhadas pelos monges beneditinos em sua rotina litúrgica, e que auxiliam na evocação e constituição de uma memória individual e coletiva.

1.3 – Ordens e Mosteiros

Como vimos antes, com as invasões germânicas e o fim do Império Romano do Ocidente, a sociedade cristã – fragmentada e indefesa diante de sucessivas invasões e saques posteriores – buscou se adaptar às adversidades e às circunstâncias com uma nova forma urbana – a cidade amuralhada. Esta, baseada na segurança, durabilidade e continuidade, assumiu definitivamente suas características no século XI. Mumford⁴⁹ refere-se a esse movimento do prolongamento da muralha, do castelo e da abadia à aldeia vizinha, como o momento do começo físico de uma cidade medieval numa sociedade sem um poder estatal centralizado. A muralha possuía significado bélico e psicológico. Quando a ponte levadiça era erguida, e os portões fechados, havia um sentimento de proteção e desligamento do mundo, criando-se assim uma forte noção de unidade e coesão da população.

Entretanto, os plenos privilégios legais, de uma cidade independente, só seriam conquistados com difíceis acordos com o proprietário feudal da terra ou o bispo. Por mais que a cidade medieval, tanto física quanto politicamente, rememorasse a antiga ordem urbana romana, em outros aspectos era uma criação original. Mumford⁵⁰ conclui que esse movimento urbano, que nasceu da insegurança e desordem da Europa Românica, teve uma existência dividida em

⁴⁷ Georges Duby faz uma pertinente análise sobre o claustro: Toda a aventura humana se inscreve num quadrado, o quadrado que circunscreve o claustro monástico e revela, simbolicamente, a ossatura do mundo visível. In. DUBY, op.cit, pág.209

⁴⁸ HERNÁNDEZ, op.cit, pag. 4357

⁴⁹ MUMFORD, op.cit, pág. 275

⁵⁰ Ibid., op.cit, pág. 277

partes, marchava sob várias bandeiras, nasceu de diferentes circunstâncias e produziu resultados diversos.

Nos idos do medievo, segundo Duby⁵¹, a sociedade feudal já estava devidamente tripartida entre *Oratores*, *Bellatores*, *Laboratores*, cada um com suas atividades específicas. Três categorias, duas dominantes, bispos e príncipes: *oratores* e *bellatores*. Abaixo deles, os pobres. Os *oratores*, velando para que os poderosos fossem efetivamente controlados pelo monarca. Essa repartição também era refletida no mosteiro, fortaleza de pedra e refúgio da paz, a qual possuía a função pública por rezar e interceder pelos homens junto a Deus.

Dias⁵² analisa que esse processo de clericalização dos monges, que aspiravam ao sacerdócio como coroamento da vida consagrada, é resultado da multiplicação das missas privadas, pois os mosteiros tinham várias capelas ou igrejas e era preciso assistir os devotos e peregrinos sobretudo nos mosteiros com fama de relíquias venerandas. O mosteiro era um centro religioso, cultural, político, económico, hospitalar e sepulcral.

O próprio processo de fundação de um mosteiro, muitas vezes, era realizado fora das necessidades da comunidade monacal. A iniciativa vinha de generosas doações, por fé ou interesse de senhores feudais, que dessa forma, afirmavam seu poder senhorial, garantindo para si e seus herdeiros, certos privilégios como sepulturas, orações e impostos oriundos do microcosmo a qual era ligada a comunidade monástica⁵³. O próprio modelo de mosteiro muito se assemelhava ao sistema senhorial feudalista, com o abade portando-se como suserano e unindo à sua pessoa todos os dependentes.

Havia uma disputa de proteção, entre bispos e senhores feudais, resultante da expansão da posse de terras através das compras e legados pios⁵⁴. Muitos abades vieram de famílias senhoriais, e tinham ampla noção do princípio de autoridade, conselho e obediência. A própria vida monástica se assemelhava

⁵¹ DUBY, op.cit, pág. 105:

⁵² DIAS OSB, Geraldo José Amadeu Coelho. QUANDO OS MONGES ERAM UMA CIVILIZAÇÃO...beneditinos: espírito, alma e corpo. Editora Edições Afrontamento. Portugal, 2011. pág. 137

⁵³ Dias comenta das benesses associadas ao mosteiro, como colheita, aposentadoria ou pousadia, comedoria, cavalaria, casamentos e outros impostos. DIAS, op.cit, pág. 137.

⁵⁴ MUMFORD, op.cit, pág. 277

à instituição da vassalagem, e não é surpresa que essa sociedade floresceu tão plenamente no feudalismo.

Não havia compromisso por parte dos mosteiros com a vida pastoral cristã – com liturgia, eucaristia e demais ofícios divinos, entretanto, haviam igrejas monacais transformadas em paróquias e administradas pelo clero secular. Dias⁵⁵ acrescenta que a intromissão de leigos na administração dos mosteiros fora umas das principais causas da crise monástica na Baixa Idade Média:

A própria vida da Igreja com a estadia do Papa em Avinhão e, logo depois, com o Cisma de Avinhão favorecia a indisciplina dos monges. Com seus abades, os mosteiros aderiam ora à obediência do Papa de Roma ora à do de Avinhão, quase sempre ao sabor dos interesses políticos dos governantes da terra onde se situavam. A instituição dos abades comendatários, muitas vezes apenas leigos oportunistas, com 2/3 dos rendimentos do mosteiro ficando os monges apenas com 1/3 para sua sustentação, determinou sobretudo a indisciplina e o depauperamento dos monges e respectivos mosteiros, com casos verdadeiramente escandalosos, a ponto de, em alguns mosteiros nem haver regra monástica e nem ela ser conhecida dos monges. Acrescente-se ainda o reflexo negativo do aparecimento das ordens mendicantes sobre a instituição monástica. Desse modo, o monaquismo iria enfrentar durante séculos até ao concílio de Trento uma crise institucional que nem a tentativa de reforma do Papa Bento XII com a “Bula Beneditina” conseguiu superar. (DIAS, 2001, pág. 139)

As vastas riquezas amealhadas por mosteiros, como a de Cluny, minaram a vida monástica, tornando-se motivo de escândalo para mentes pensantes. A pompa das celebrações litúrgicas, com vestes e artefatos luxuosos, fora duramente criticada por aqueles que buscavam uma religiosidade pautada nos ensinamentos do Patriarca e resultou no surgimento de um *monaquismo novo*, uma maneira de reforçar os ensinamentos de austeridade e recolhimento.

A partir do século XI, junto à organização econômica do mundo feudal, aparece um novo sistema econômico – o Mercantilismo, oriundo do comércio, do desenvolvimento das cidades e da burguesia, e dos saques das Cruzadas, que iria influir diretamente na organização da cristandade e do monaquismo. Figuras como Francisco de Assis, no Norte da Itália, buscariam uma renovação evangélica através da penitência e pobreza a qual resultariam no surgimento das

⁵⁵ DIAS, op.cit, pág. 139

ordens medicantes, que diferentes dos beneditinos e sua sobrevivência pelo trabalho, enfatizavam a subsistência pela caridade⁵⁶.

O aparecimento das Ordens Mendicantes corresponderá a uma nova situação da sociedade, aberta às cidades, ao comércio e ao dinheiro, a exigir, portanto, uma nova atitude espiritual e, por consequência, uma resposta religiosa consentânea com o modo de viver urbano, que o monaquismo antigo já não podia dar. (DIAS, 2001, pág. 141)

Abades reformadores como São Bento de Aniane no início do século IX e depois com São Bernardo de Clairvaux no século XII, contestaram o desregramento de muitos mosteiros e buscaram a renovação dos ensinamentos de São Bento. Com isso, houve o surgimento e ramificação de novos movimentos monásticos, como os cistercienses no século XII.

Assim como os medicantes, essas novas ordens, variadas e autônomas, se fizeram acompanhadas com o desenvolvimento da nova cidade medieval e seu comércio. Não havia a necessidade da busca pelo retiro da vida agrária, até mesmo alguns mosteiros cederam terras para criação de novas cidades em seu entorno.

Segundo Araújo⁵⁷, a noção de Ordem⁵⁸ dentro da cultura monástica beneditina, implica num conjunto de monges: *ordo monachorum* ou *ordo monasticus*, no caso dos beneditinos, nunca significou uma ordem religiosa centralizada, no sentido moderno. A Ordem de São Bento sempre foi constituída de congregações autônomas entre si, sem um chefe superior acima de todos e possuem vínculo espiritual de lealdade a Regra de São Bento, que pode ser modificada por cada congregação⁵⁹. Por isso mesmo, quando surgiram certos

⁵⁶ SODRÉ, 2005, pág. 173

⁵⁷ ARAÚJO, André de, Dos livros e da leitura no Claustro: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para estudo da Biblioteca-Livraria do Mosteiro de São Bento de São Paulo (Sécs. XVI-XVIII). Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2008. pág. 53

⁵⁸ A ordenação é, pois, na sua origem, uma inscrição. Este acto legal, público, este rito – este é um dos sentidos que a Igreja medieval atribuiu à palavra *ordo* – confere ao indivíduo um estatuto, sem relação necessária com a fortuna ou o nascimento. A ordenação une, ao mesmo tempo que separa. A *ordo* acaba, pois, por designar um corpo privilegiado, isolado do resto, investido de responsabilidades específicas, manifestando a sua coesão, a sua superioridade, a sua dignidade pelo lugar que se atribuía nos desfiles religiosos, militares e cívicos. DUBY, op.cit, pág. 81.

⁵⁹ Podemos dizer que as *congregações* beneditinas funcionam como certas “ordens menores” dentro da Ordem Beneditina. Cada congregação é autônoma e se respeitam entre si; cada uma representando facetas diferentes do monaquismo beneditino e da Regra de São Bento. Portanto, o sentido específico de *Ordem* aqui empregado é ao que devemos nos prender quando pensarmos nos beneditinos, pois embora exista na realidade uma única Ordem Beneditina na perspectiva da lei canônica, ela abriga uma grande diversidade de famílias. ARAÚJO, op.cit, pág. 277

mosteiros, estes eram denominados como *ordo cluniacensis* e *ordo cisterciensis*. Uma prática distinta dos jesuítas e dominicanos, que possuem organização centralizada.

Segundo Duby⁶⁰, não é ofício dos monges trabalhar para aperfeiçoar as estruturas da sociedade carnal – pois arriscariam romper com os votos de isolamento e voltam para a turbulência que decidiram fugir. Sua missão é outra, é a conversão, a passagem, uma ruptura com os vícios através da oração, a fim que seus pecados sejam perdoados. Os mosteiros não tem vocação para exercer esses projetos de reformas das ideologias sociais.

Com isso, é investigar a evolução da planta beneditina com o decorrer dos séculos. Para a compreensão desta pesquisa, buscou-se analisar os projetos de três mosteiros beneditinos medievais: São Galo, Cluny e Cister. Há pesquisas recentes e mais completas relacionadas aos projetos desses três mosteiros, por isso, esta pesquisa optou por abordar de forma mais concisa estes elementos.

Mosteiro de São Galo

A primeira e mais antiga representação acerca de um claustro medieval é aquela incluída na planta do Mosteiro de São Galo (Sankt Gallen) (figura 2 e 5), cuja representação em planta do conjunto monástico com cerca de quarenta edificações, contidas em cinco pergaminhos costurados, em escala e com funções de uso definidas, além de outras dedicatórias.

Segundo Del Nigro⁶¹, trata-se de uma cópia de um esquema teórico desenhado em Aachen, no palácio do imperador Luís, o Piedoso, no ano 820 d.C. e representa um bom exemplo da renascença carolíngia. Horn⁶² afirma que a cópia seria oriunda do scriptorium do Mosteiro de Reichenau, de um esquema arquitetônico elaborado durante os dois sínodos de reforma realizados em Aachen em 816 e 817 d.C. e que o plano reflete o pensamento dos principais bispos e abades carolíngios sobre a questão de quais edifícios deveriam

⁶⁰ DUBY, op.cit, pág.195

⁶¹ DEL NIGRO, Paulo Sérgio Barbaro. O mosteiro de São Bento de Sorocaba e a arquitetura beneditina do litoral brasileiro e do planalto paulista dos séculos XVII, XVIII, XIX. Dissertação de mestrado, Unicamp, Campinas, 2000. Pág. 18.

⁶² HORN, op.cit, pág. 13

constituir um mosteiro carolíngio exemplar e de que maneira esses edifícios deveriam se relacionar uns com os outros.

O projeto de São Galo apresenta uma zona de transição entre o espaço mais fechado e seu exterior. Verifica-se a existência de duas grandes divisões: uma destinada ao viver de uma vida monástica de reclusão e isolamento, e outra destinada a estabelecer contato com o mundo exterior. Segundo Ximenez⁶³, nos mosteiros do período carolíngio a presença de hóspedes notáveis era constante.

O mosteiro em si seria a área do claustro – mais restrito e fechado. Em relação ao conjunto, o claustro compreende-se como um mosteiro dentro do próprio mosteiro, e nele se localizava os principais espaços de vivência da vida monástica – dormitórios, oratórios, refeitórios, etc. O claustro estava configurado num grande e único bloco central. Outro aspecto notável é a falta de ligação direta do claustro⁶⁴ com áreas produtivas e relacionados a peregrinos e pobres⁶⁵. Esses setores se faziam isolados e aparentemente não conectados entre si, a qual se compreende a diferenciação em nível de destaque daqueles ligados diretamente a clausura em contraposição aos outros que também possuem ligação à comunidade – hóspedes, criados e noviços.

No Plano de São Galo, o claustro se faz presente na área central, ladeado por quatro edificações: a sala de aquecimento e dormitório, a leste; o refeitório, ao sul; e o celeiro e parlatório, a oeste e a igreja ao norte, estendendo-se no eixo leste – oeste, alongando-se até a entrada⁶⁶.

A igreja foi construída com grandes dimensões, muito além do que o necessário para os monges que ali viveram. Seu grande porte pode ser explicado por ser local de procissões e orações de leigos, mesmo que não tivesse sido concebida para tal finalidade. Nos altares secundários ocorriam as leituras e orações das horas litúrgicas.

⁶³ Além disso, os superiores ocupavam uma posição administrativa de destaque, assistidos diretamente por cerca de vinte e quatro monges, divididos em seis grupos: administração geral, recepção de visitantes, serviços educacionais, serviços espirituais, serviços médicos e apoio material. XIMENEZ, Jose Marcelo Tonini. A planta da arquitetura monástica e a regra dos beneditinos: séculos VI a XII / Jose Marcelo Tonini Ximenez. - - São Paulo: s.n., 2004. 103 p.: il. pág. 25

⁶⁴ O claustro comunica com os terrenos que o rodeiam apenas por uma outra porta situada na empena sul da Adega. HORN, op.cit, pág. 13

⁶⁵ Ibid., pág. 33

⁶⁶ Ibid., pág. 30

Já a biblioteca era próxima da moradia do abade, cargo de maior destaque no mosteiro e sua proximidade demonstra esta distinção. Na Regra, São Bento estabelece um local para a preservação de livros⁶⁷. A leitura e o estudo são tão importantes quanto o trabalho e a sala das cópias, o *scriptorium*, que se fazia presente ao lado do altar principal e próxima da casa abacial.

Segundo Ximenes⁶⁸, a partir dos escritos de Christian Norberg-Schulz⁶⁹ e outros autores, a planta de São Galo (figura 3) apresenta a seguinte conformação, com 40 funções necessárias para a manutenção do mosteiro:

- 1 - Igreja;
- 1 a - *Scriptorium* (abaixo) / biblioteca (acima);
- 1b - Sacristia (abaixo) / rouparia de vestimentas litúrgicas (acima);
- 1c - Alojamento para monges visitantes;
- 1d - Alojamento do mestre da escola exterior;
- 1e - Alojamento do porteiro;
- 1f - Pórtico de acesso para a casa dos hóspedes distintos;
- 1g - Pórtico para a recepção de todos os visitantes;
- 1h - Acesso a hospedaria dos peregrinos e dos pobres e acesso dos servos e dos criadores (de animais);
- 1i - Alojamento do mestre da hospedaria dos peregrinos e dos pobres;
- 1j - Parlatório (*mandatum*) dos monges;
- 1k - Torre de São Miguel;
- 11 - Torre de São Gabriel;
- 2 - Anexo para preparação da hóstia e do óleo santo;
- 3 - Sala de aquecimento (abaixo) / dormitório dos monges (acima);
- 4 - Latrina dos monges;
- 5 - Casa de banho e lavanderia dos monges;
- 6 - Refeitório dos monges (abaixo) / vestiário (acima);
- 7 - Recinto para o armazenamento de cerveja e de vinho (abaixo) / celeiro (acima);

⁶⁷ Segundo São Bento: “Nesses dias de Quaresma, recebam todos respectivamente livros da biblioteca e leiam-nos pela ordem e por inteiro”. ENAUT, OSB. Tradução da Regra de São Bento, pág. 42, sem data.

⁶⁸ XIMENEZ, op.cit, p. 27

⁶⁹ NORBERG-SCHULZ, op.cit, pág. 77

- 8 - Cozinha dos monges;
- 9 - Cervejaria e padaria;
- 10 - Cervejaria, cozinha e padaria dos hospedes distintos;
- 11 - Casa para os hospedes distintos;
- 12 - Escola externa;
- 13 - Casa do abade;
- 14 - Casa de banho, cozinha e recinto para o armazenamento de cerveja e de vinho do abade;
- 15 - Casa para remoção de sangue (flebotomia);
- 16 - Casa dos médicos;
- 17 - Enfermaria e noviciado;
- 17a - Capela dos noviços;
- 17b - Capela dos doentes;
- 17c - Claustro dos noviços;
- 17d - Claustro dos doentes;
- 18 - Cozinha e recinto para o banho dos doentes;
- 19 - Cozinha e recinto para o banho dos noviços;
- 20 - Casa do jardineiro;
- 21 - Gansário;
- 22 - Casa do tratador de aves;
- 23 - Granja;
- 24 - Depósito de grãos;
- 25 - Casa dos artesãos;
- 26 - Anexo da casa dos artesãos;
- 27 - Moinho;
- 28 - Moedor;
- 29 - Caldeira;
- 30 - Recinto de armazenamento de grãos dos cervejeiros e tonelaria;
- 31 - Hospedaria dos peregrinos e dos pobres;
- 32 - Cervejaria, cozinha e padaria para os peregrinos e para os pobres;
- 33 - Curral dos bois castrados, estabulo (cavalos) e recinto para os seus tratadores;
- 34 - Casa dos vassalos e dos cavaleiros que viajam com o imperador (identificação incerta);

- 35 - Curral das ovelhas e recinto para os seus pastores;
- 36 - Curral das cabras e recinto para os seus pastores;
- 37 - Curral das vacas e recinto para os seus pastores;
- 38 - Servos dos campos distantes e servos viajando com o imperador (identificação incerta);
- 39 - Curral dos porcos e recinto para os seus criadores;
- 40 - Estabulo para éguas prenhas e recinto para os seus tratadores;
- W - Claustro;
- X - Jardim de vegetais dos monges;
- Y - Cemitério;
- Z - Jardim de ervas medicinais.

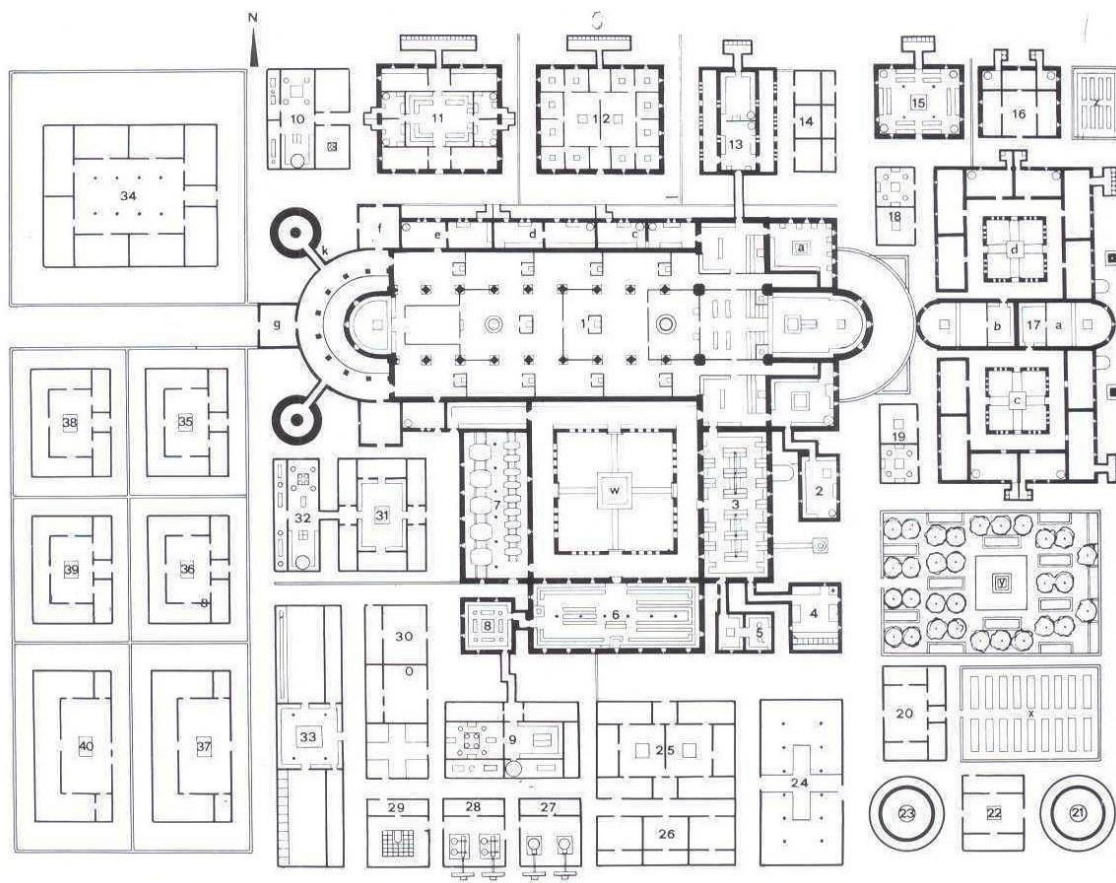


Figura 5: Planta do Mosteiro de São Galo com indicação das dependências.

Fonte: NORBERG-SCHULZ. pág. 77

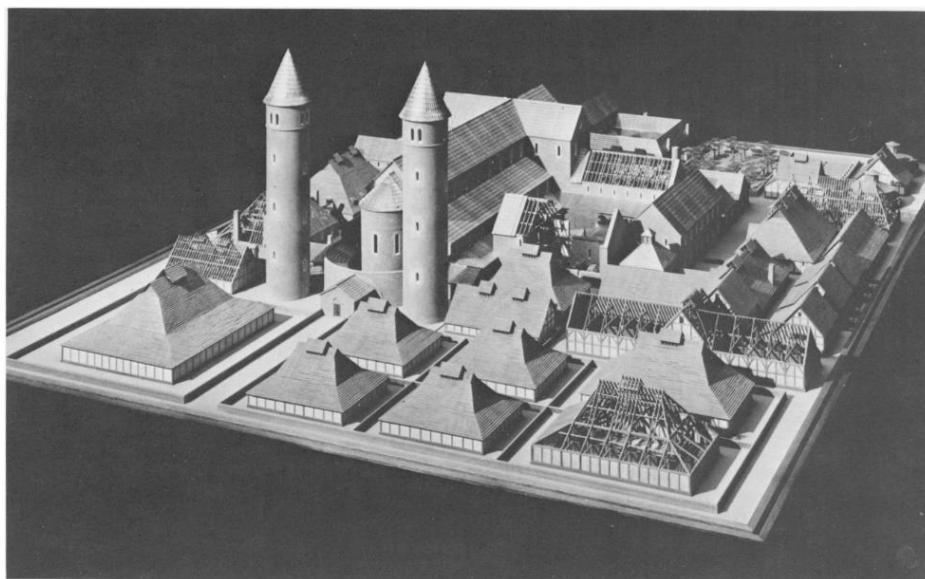


Figura 6: Modelo da Abadia de São Galo desenvolvido por Walter Horn e Ernest Born, 1965.

Fonte: HORN, Walter. *On the origins of the medieval cloister*. Gesta, Nova York, Intematio Center of Medieval Art, v. XII, p.47

Abadia de Cluny

Cerca de 100 anos após o planejamento de São Galo, outro momento importante na história da arquitetura do mosteiro beneditino ocorreu com a fundação da Abadia de Cluny. Após um início nada notável, tornou-se o mais importante centro monástico da Europa Ocidental em meados do século XI e no início do século XII tornou-se a maior igreja cristã do Ocidente, daí sua importância dentro da história do monarquismo e da Cristandade ocidental.

Se no Plano de São Galo, o claustro se consolidou como partido arquitetônico, foi em Cluny que se expandiu, tornando-se a expressão básica dos mosteiros, com seu ápice monumental, como a figura de um paraíso reconstruído.⁷⁰

Segundo Ximenez⁷¹, no local de fundação da abadia, existia uma vila e uma capela, além de outras edificações datadas entre os séculos VI e VIII. Posteriormente, foram realizadas ampliações, porém sem idealizações de um

⁷⁰ HERNANDEZ, op. cit. p. 4351.

⁷¹ Ximenez analisa a evolução de Cluny em 3 etapas: “Em relação aos períodos posteriores, trabalharemos com as plantas do conjunto elaboradas por Conant que estabelece uma periodização em três fases construtivas: Cluny I (915 a 927) relativa ao seu início; Cluny II (948 a 1045), relacionada a reconstrução da igreja abacial (948 a 981 e c.1000 a 1010) e a ampliação do conjunto monasterial (994 a 1045); Cluny III (1075 a 1130) iniciada com uma nova ampliação dos edifícios monásticos e finalizada com a consagração da nova igreja.” XIMENEZ, op.cit, p. 44

plano predeterminado, resultando em alterações contínuas, frutos das necessidades ascendentes, novos programas e novas possibilidades construtivas. Ambas as versões da abadia e entorno, estavam delimitadas por muros. Desse início, um momento de destaque se faz com a consagração da igreja abacial em 981 d.C., com a chegada de relíquias dos apóstolos Pedro e Paulo.⁷²

. Assim como São Galo, Cluny abrigava duas entradas para claustro – a primeira na recepção e a segunda para a área da clausura, além de porteiros diferentes, um para indicar e direcionar os visitantes ao claustro e outro para peregrinos e visitantes. Ximenez⁷³ expressa que, ao entrar no mosteiro, os visitantes não se deslocavam pelo átrio da igreja, como ocorria em São Galo, mas ficavam externos a ele e, ao que parece, de todo o conjunto. A solução de planta de Cluny II, com duas portarias, cria dois setores diferentes: um relacionado aos monges e outro relativo aos hóspedes. Havia uma preocupação com instabilidade com as visitas para com a vida monástica e estas portanto, eram bem restritas.

Nos tempos de Cluny II (figura 7), as abadias eram locais de apoio aos peregrinos, pois representavam um pouso seguro e às vezes eram locais de visita. A Abadia de Cluny era um dos pontos de partida de várias rotas de peregrinação a Santiago de Compostela. Para isso, se fez necessário o desenvolvimento de toda uma infraestrutura aos visitantes, com pátios e hospedarias, anexa ao conjunto monástico, preservando os monges. A produção agrícola e residências dos irmãos leigos também estavam implantada em áreas anexas, salientando a importância do trabalho manual.

O claustro situava-se no centro do mosteiro, rodeado pelas principais divisões da vida cotidiana: capela, dormitório, refeitório, cozinha e espigueiro. A igreja ocupava todo o lado norte do claustro, quase no eixo Leste-Oeste, e era o maior edifício do mosteiro. De forma retangular, com um átrio na frente e uma nave e dois salões laterais no lado oeste perto da entrada da Galileia. A nave transversal é precedida pelo Altar da Cruz, e há dois absides em cada braço do transepto. O coro está localizado na frente do transepto, antes da abside central, ladeado por corredores laterais que conduzem à capela. São

⁷² XIMENEZ, op.cit, p. 46

⁷³ Ibid., p. 50

Bento estipulou que as orações diárias deveriam ser comunais no oratório do mosteiro. A igreja Cluny II tinha esta finalidade, em consonância com o coro, mas destinava-se também a acolher os leigos. Por isso mesmo, havia a separação dos espaços internos para os monges e para os leigos – disposição espacial também presente em São Galo.⁷⁴

Este processo de expansão, através de novos claustros, pátios, edificações, resultariam em Cluny III (figura 8), e estes espaços indicariam a maior complexidade de suas funções e usos. A Igreja de Cluny III estava localizada ao norte do corredor no eixo leste-oeste. No lado oeste estava o vestíbulo que leva ao seu interior. Possuía uma planta basilical com nave central e quatro naves laterais. Além de um anfiteatro, cada um com quatro vértices no lado leste. Atrás do altar-mor encontrava-se um deambulatório com cinco capelas radiais. Todo o espaço antes do primeiro transepto era reservado para os leigos para que assistissem à missa, a qual podiam circular com liberdade e fazer peregrinações entre as diferentes capelas, desde que não houvesse ofícios sagrados dos monges. A igreja se tornou monumental pelo seu tamanho e escala, tornando-se o maior templo cristão do mundo a época.

Por consequência de sua imponência, não é à toa que o modelo de Cluny ajudou a difundir a arquitetura românica por toda a Europa, do século X ao XIII. Para Dias⁷⁵, sem a iniciativa dos monges cluniacenses, não se consegue explicar a beleza de tantas igrejas naquilo que se chama de “Caminho Medieval de São Tiago de Compostela”, bem como o arrojo e segurança de muitos mosteiros e o encanto místico de claustros (Moissac, Silos, entre outros), que ainda hoje causam admiração devido a suas esculturas e adornos e que influenciaram até mosteiros em Portugal.

Sabe-se como os monges cluniacenses foram patrocinados por reis e nobres na construção dos seus mosteiros. De facto, a nobreza do tempo via naquelas obras um meio de exercer a devoção pessoal, ganhar o perdão dos seus pecados (*pro remedio animae*) e mesmo garantir sepultura religiosa para os seus corpos e de seus familiares. A arte românica ficará na história como um *ex-libris* dos beneditinos cluniacenses. Com o ideal da fé cristã, “para que em tudo Deus seja glorificado”, como mandava S. Bento, os beneditinos cluniacenses fizeram com que a arte românica se tornasse por toda a Europa um autêntico laboratório de arquitectura, um mostruário de beleza, um catecismo de moralidade. (DIAS, 2011, pág. 128)

⁷⁴ XIMENEZ, op.cit, pág. 53

⁷⁵ DIAS, op.cit, pág. 128

Por fim, Dias⁷⁶ observa que, com os beneditinos de Cluny, teria início também aquilo que se convencionou chamar “arte gótica”, com a obra do Abade Suger de Saint Denis (1081-1151), mestre-construtor da abadia de Saint-Denis em Paris. A arquitetura da abadia de Saint Denis seria seguida depois pelos cistercienses.

Abade Suger, arquiteto, monge e estadista francês medieval, foi o primeiro a propor novos princípios arquitetônicos para a arquitetura religiosa na Idade Média, através do relato da construção da Abadia de Saint-Denis, então sob sua responsabilidade e, com isso, inaugurando a Arquitetura Gótica – onde construção e espaço devem representar a ideia neoplatônica de “Unidade” e da “Vivacidade Luminosa” do mundo. Ou seja, Deus, além de criador do mundo, é responsável por sua radiância. Isso resulta numa arquitetura que preza pela radiância luminosa através dos vitrais e grande vãos oriundos dos arcobotantes, abóbadas cruzadas e arcos ogivais.

⁷⁶ DIAS, op.cit, pág. 128

105. Cluny, the monastery as in 1050 (K.J.C.)

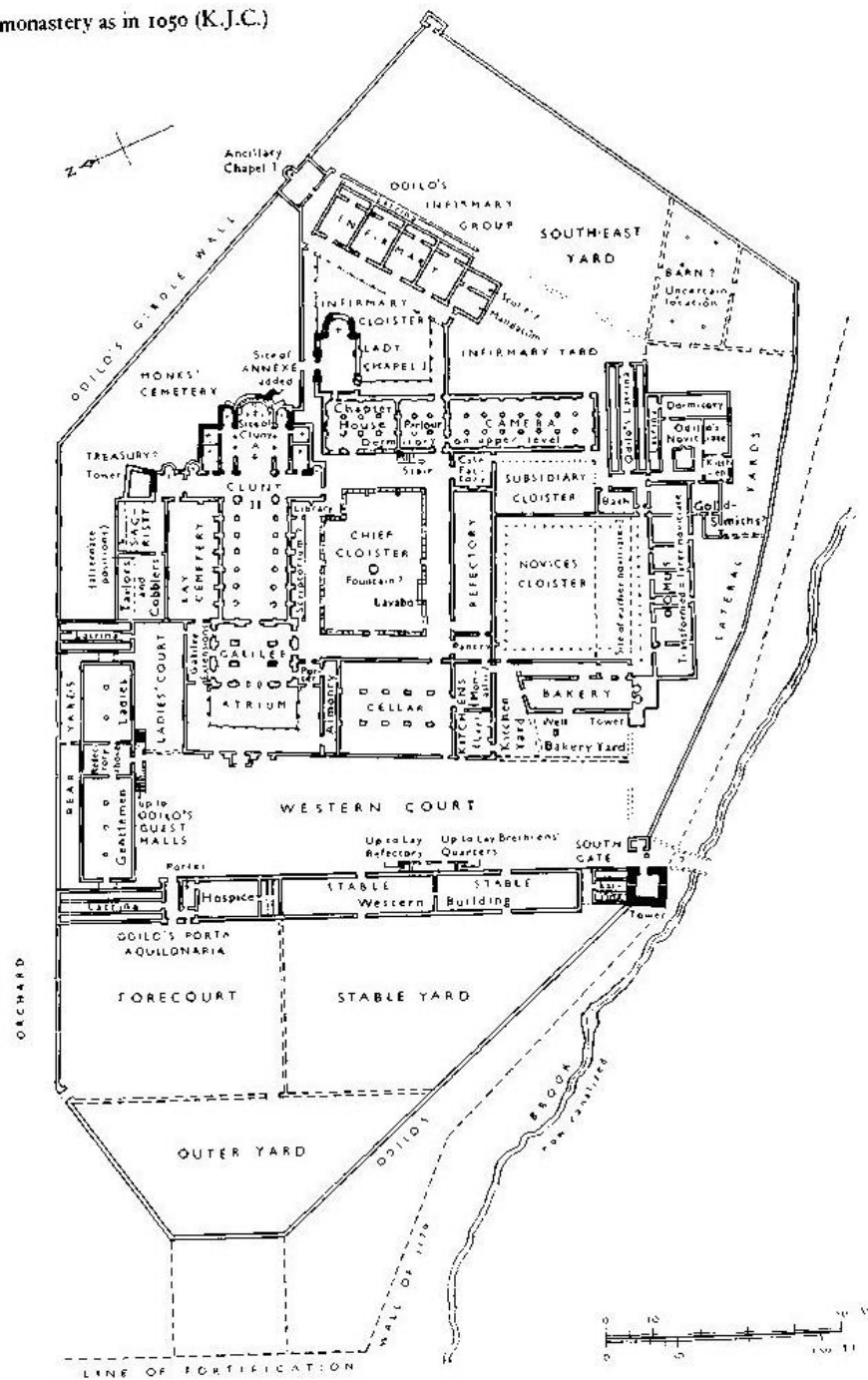


Figura 7: Planta da Abadia de Cluny II (Borgonha, França)

Fonte: CONANT, John Kennet. Carolingian and Romanesque Architecture em 800 to 1200. Yale University Press – New Haven and London. 1993. pág 147

142. Cluny, the monastery plan
in 1157 (K.J.C.)

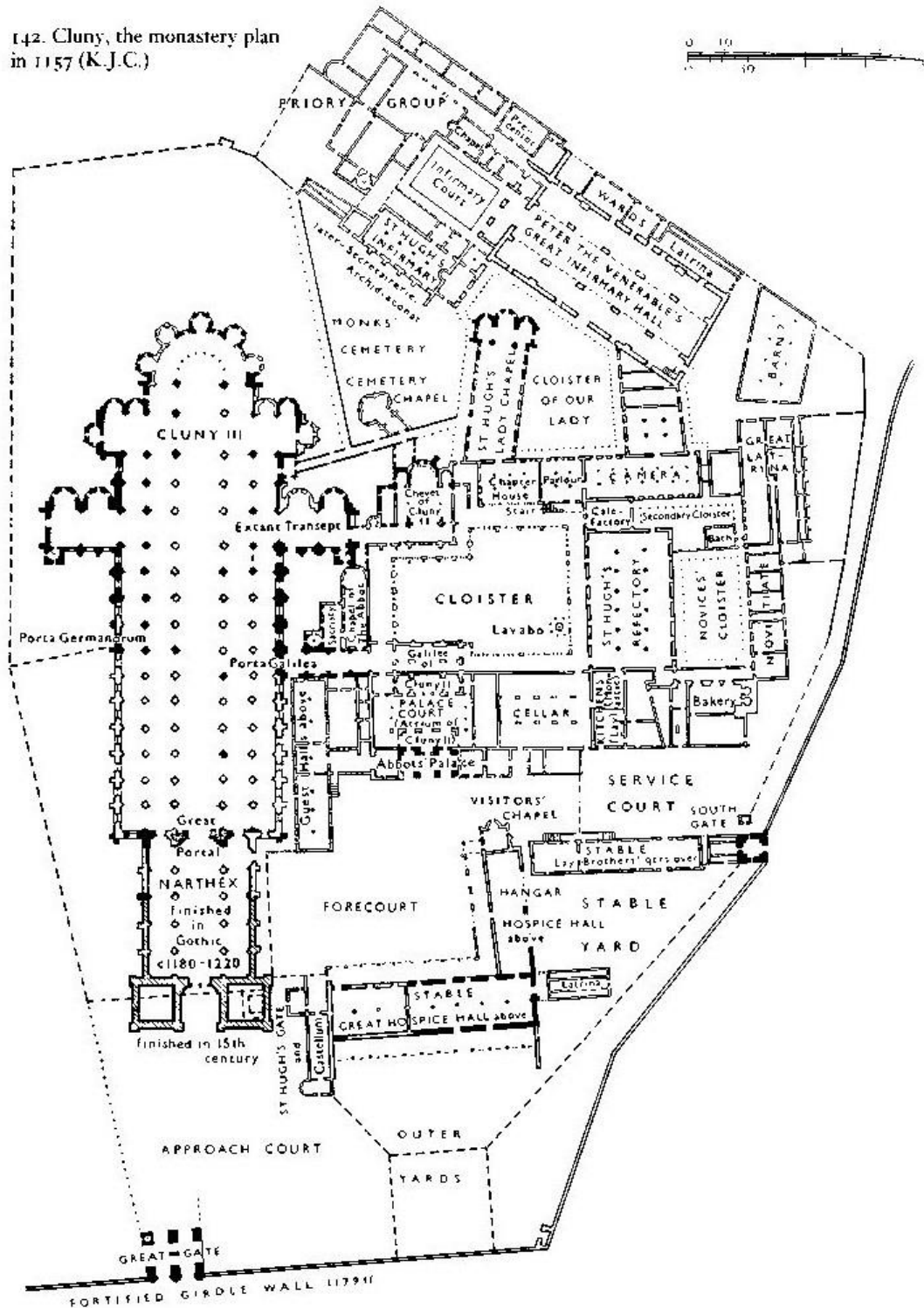


Figura 8: Planta da Abadia de Cluny III, com destaque para a ampliação do claustro (cloister),
(Borgonha, França)

Fonte: CONANT, John Kennet. Carolingian and Romanesque Architecture em 800 to 1200.
Yale University Press – New Haven and London. 1993. pág 295

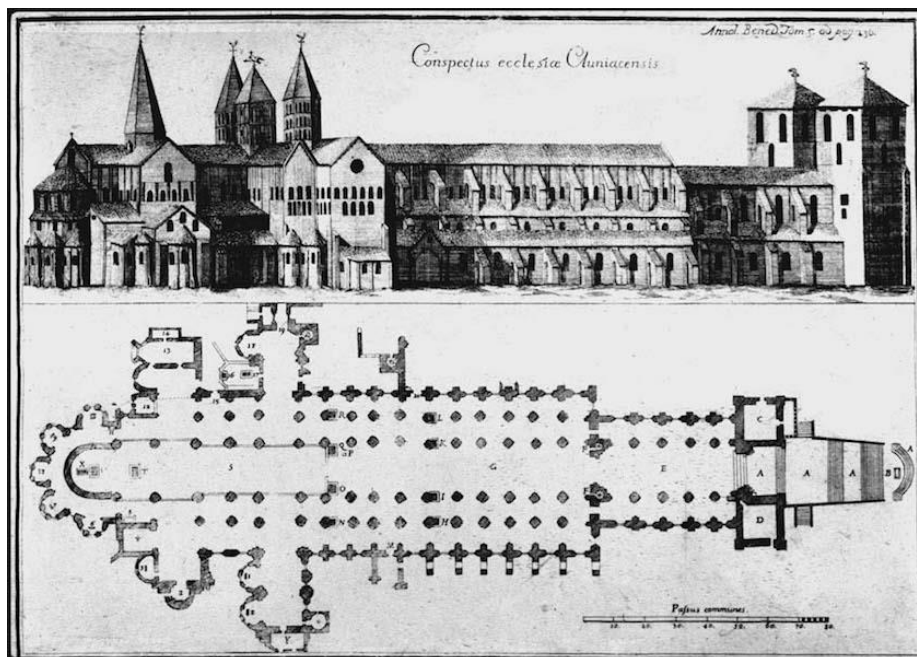


Figura 9: Planta e elevação da Abadia de Cluny III (Borgonha, França), a partir de uma gravura de 1754

Fonte: Disponível em: <<https://www.khanacademy.org/humanities/medieval-world/romanesque-art/romanesque-art-in-france/a/cluny-abbey>> Acesso em 03/07/2023

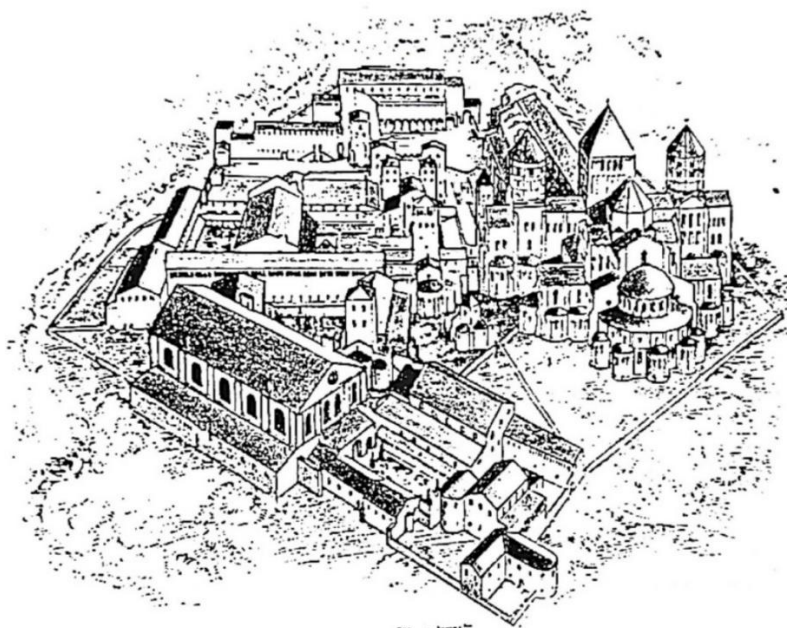


Figura 10: Modelo gráfico da Abadia de Cluny III (Borgonha, França),

Fonte: CONANT, John Kennet. Carolingian and Romanesque Architecture em 800 to 1200.

Yale University Press – New Haven and London. 1993. pág.199.

Abadias da Ordem de Cister

O período marcado entre o final do século XI e o início do XII, marcou o surgimento de diversos mosteiros – eremíticos e cenobíticos, com o objetivo, através da regulamentação de sua estrutura interna, de enfatizar certos aspectos da Regra⁷⁷. Simultaneamente à instauração de novas fundações, assistiu-se a uma crise do monaquismo alimentada pelas críticas ao então modelo clunicense dominante. Tais críticas questionavam sobretudo a falta de observância à disciplina monástica, criticando-se o excesso de riquezas e falta de rigor com a liturgia.

Ximenez⁷⁸ analisa o período com a formação de diversas ordens religiosas de âmbito comunitário, militar e monástica, como a Ordem de Cister (do latim, *Cistercium*; e em francês, *Citeaux*), fundada na comuna de Saint-Nicolas-lès-Citeaux em Borgonha no ano de 1098 por São Roberto, abade de Molesme e outros monges.

Ao se distanciarem da influência do poder secular na congregação de Cluny, esses monges almejavam praticar uma observância mais autêntica da Regra, enfatizando-se o compromisso com o desapego aos bens materiais, o silêncio, a solidão e a ausência de interferências externas.

Estêvão Harding (1059-1134), mais tarde Santo Estevão Harding, um dos fundadores da ordem cisterciense, tornou-se abade do mosteiro de Cister em 1108. Neste período os cistercienses consolidaram suas estruturas internas e iniciou-se uma primeira fase de expansão. Durante seu abaciado, provavelmente em 1114, adveio a primeira edição da Carta de Caridade, a qual codificou as primeiras cláusulas legislativas cistercienses.

Foi com São Bernardo de Clairvaux (1090-1153), que a Abadia de Cister teve seu vigor renovado e a comunidade ampliada para diversos mosteiros, estes com projetos simples em suas construções e ornamentações,

⁷⁷ As características primordiais do beneditismo primitivo estava na pobreza, solidão e trabalho manual.

⁷⁸ O autor cita: A Ordem de Fontevrault, criada em 1100 por Roberto de Arbrissel que se estabeleceu a partir da *Regra de São Bento* e mantinha mosteiros duplos, tanto femininos como masculinos; as ordens militares, como a Ordem Hospitalar de São Joao de Jerusalém, estabelecida em 1100 e mais conhecida como Hospitalários, assim como a Ordem dos Cavaleiros do Templo ou simplesmente Templários, instituída em 1118; a Ordem Premostratense, fundada em 1121 por São Norberto (1082/1134) em Premontré que seguia a denominada *Regra de Santo Agostinho*, tendo seus integrantes uma função antes canônica do que monástica. XIMENEZ, op.cit, p. 64

algo que deve ser compreendido como a busca por uma vida mais comedida, se comparado a opulência da abadia de Cluny⁷⁹.

Diversas alterações ocorreram com mosteiros. A primeira versão (Cister I) foi estabelecida em um vale. A segunda (Cister II) próxima a um curso d'água, e a qual está presente atualmente, apresentava igreja de planta retangular e nave única. Por volta de 1113, novas construções foram inseridas incluindo um claustro de forma irregular. Entre 1130 e 1150 a abadia foi ampliada com a construção de uma nova igreja (Cister III) de planta cruciforme e outras edificações para a cotidiano monacal. Houve alterações entre a versão II e III, como a disposição de novos edifícios, como refeitórios e dormitórios, além de novos acessos.

Com o mosteiro, houve uma padronização do partido nas plantas, a qual toda a vida monástica se fazia presente em torno do claustro⁸⁰. A igreja de planta cruciforme, se fazia presente na parte norte do claustro, anexado ao seu eixo oeste. O isolamento era necessário, com o mosteiro sendo construído longe das cidades, aldeias e grandes propriedades rurais. As residências dos leigos que serviam a ordem eram em local afastado.

Um aspecto a ser notado é a falta da residência do abade nas primeiras versões de Cister, a qual pode ser entendido como tentativa de manter o abade sem distinções especiais, em contraponto ao que foi visto em São Galo e Cluny. Outro aspecto visível na planta cisterciense, é na presença de recinto para convertidos, dentro do núcleo do mosteiro, próximo à clausura. Mesmo sem a possibilidade de se tornarem monges, tinham acesso a diversos ambientes e colaboravam nos trabalhos manuais.⁸¹

Segundo as palavras de Georges Duby⁸², no claustro cisterciense, a meditação concentra-se em redor dos mistérios do laço que une a alma e o corpo, em redor da encarnação. O que há de carnal na condição humana já não é renegado como em Cluny. Cister assume esta condição. Tal como aceita a sociedade humana tal como é, com as suas diferenças, as suas divisões, as

⁷⁹ XIMENEZ, op.cit, p. 66

⁸⁰ Ibid, p. 72

⁸¹ XIMENEZ, p. 78

⁸² DUBY. Op.cit., p. 242

suas classes. Isso se reflete no labor manual de todos os extratos sociais, onde não há distinção de classe no mosteiro.

Com isso, a análise final dos três conjuntos monásticos – São Galo, Cluny e Cister, se faz necessária para compreender melhor as semelhanças e diferenças⁸³. No caso da localização dos ambientes, em especial a dos trabalhadores leigos e conversos, Cister optou pelo isolamento. Também em Cister optou-se pela ausência de residência exclusiva do abade. Diferentes interpretações acerca das relações do mosteiro com o mundo exterior podem ser denotadas, sendo os cistercienses ainda mais reclusos. Em sua planta, nota-se a centralidade do claustro na vida monástica. Em conjuntos monacais de maior porte, como no caso de Cluny, percebe-se a setorização de espaços, além da presença de um novo elemento programático – a sala capitular (sala das grandes reuniões).

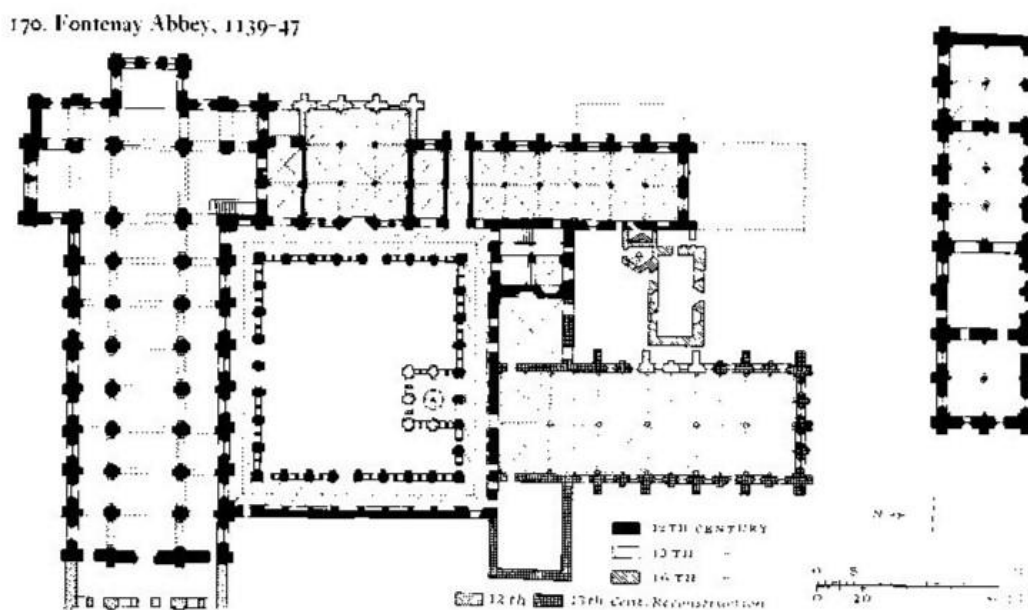


Figura 11: Planta da Abadia de Fontenay, fundado por São Bernardo de Clairvaux em 1118 e modelo de planta cisterciense. França, 1139-47

Fonte: CONANT, John Kennet. *Carolingian and Romanesque Architecture em 800 to 1200*. Yale University Press – New Haven and London. 1993. pág 224

⁸³ XIMENEZ, op.cit, p 84

1.4 - Congregação Beneditina no Brasil

O movimento monástico veio a Portugal fora no século XI, exatamente em 1086 em Vilela. No ano seguinte, se fez presente no mosteiro de São Romão do Neiva, em Viana do Castelo, onde a Regra do Patriarca era seguida.

Com o governo do Conde Dom Henrique⁸⁴ e sua esposa, Dona Teresa, os beneditinos conseguiram de vários privilégios e benefícios - como as cartas de couto, a qual consistia como verdadeiras dádivas reais, que garantiam isenções para todos que ali habitavam dentro do alfoz⁸⁵ ou regiões delimitadas, e estas eram imunes a justiça régia ou senhorial, dando poder ao abade para se portar como juiz de segunda instancia ou apelação. Para Dias⁸⁶, as primeiras cartas do couto foram passadas aos mosteiros de Santo Tirso (23/09/1097 ou 1098), Tibães (25-26/03/1110), Pombeiro (01/08/1112), entre outros. Tais cartas justificam a permanência dos beneditinos em Entre Douro e Minho, onde ali permaneceram, com seus votos de estabilidade, e não acompanharam o rei nos caminhos de conquista do sul, sendo sucedidos pelos cistercienses na construção de novos mosteiros.

Sucessivas crises da Cristandade, dos séculos XIV e XV, como a do papado de Avinhão (1309-1378) e o Grande Cisma do Ocidente (1373-1418), associados a prática das comendas monásticas, onde dois terços dos rendimentos eram recolhidos e resultaram no enfraquecimento da ordem beneditina. Mesmo com reformas, diversos mosteiros e sua igrejas foram transformados em paróquias.

Foi após o Concílio de Trento (1545-1563), e posteriormente, uma reforma beneditina em Portugal, que a proposta de fundar mosteiros no Brasil foi assumida. Dias⁸⁷ complementa que essa foi maneira de motivar os monges a alargar a influência da ordem para novas atividades na igreja e no mundo.

⁸⁴ Henrique de Borgonha, conde de Portucale (1066 - 1112), foi pai de Dom Henrique de Borgonha, futuro rei de Portugal.

⁸⁵ Termo designado a um concelho, vila ou povoado, habitado pela população da classe baixa

⁸⁶ DIAS, op.cit, p. 159-160.

⁸⁷ Ibid. p. 235

Na verdade, a fundação beneditina foi decidida pelo Capítulo Geral a 7/X/1581. A ida efectiva de nove monges realizou-se em fins de 1581, princípios de 1582 e, assim, por meio dos monges portugueses, começou a gesta do estabelecimento dos beneditinos no Novo Mundo. O Capítulo Geral de 1584 já incorporava o mosteiro do Salvador Baía de Todos os Santos na Congregação de Portugal. Por sua vez, o Capítulo Geral de 1587 determinava que se fizesse a repartição pelas casas da quantia de 60.000 réis para os padres que vão para o Brasil. (DIAS, 2011, pág. 236)

Para Luna⁸⁸, a missão beneditina chefiada por Fr. Antônio Ventura de Luterão, contou com o objetivo de estabelecer mosteiros em “terras de Santa Cruz”, em cumprimento à decisão do terceiro Capítulo Geral da Congregação, para atender aos pedidos dos habitantes da Bahia. Antes disso, alguns monges beneditinos já se faziam presente em missões particulares para a pregação evangélica.

No Capítulo de 1589, foi estabelecido a construção de novos mosteiros em locais de grande povoação e os monges, passados dois triênios, poderiam retornar à Portugal. No Capítulo de 1590, se estabeleceu a necessidade da escolha de abades, sendo que à época, apenas o abade do mosteiro da Bahia, tinha sido eleito canonicamente.

Essa postura seria evidente nos mosteiros beneditinos construídos no Brasil entre os séculos XVI e XVIII. Suas abadias foram edificadas longe das cidades, em colinas e penhascos, a qual obtinham controle do território. Formava-se assim, um conjunto vertical formando em blocos interligados, com a igreja marcando a horizontalidade com suas torres e cúpula.

Segundo Arruda⁸⁹, simultaneamente ao processo de construção dos mosteiros coloniais brasileiros, que seguiam o padrão medieval amaneirado, já estavam sendo edificadas, na Europa, as abadias barrocas beneditinas – em especial na Áustria, Baviera, Suíça, França e região do Reno. Futuramente, as abadias em estilo barroco também seriam construídas, de forma isolada, na Itália, Espanha e Portugal.

⁸⁸ LUNA O.S.B. Dom Joaquim G. de. Os monges beneditinos no Brasil. Esboço histórico. Edições “Lumen Christi”. Rio de Janeiro, 1947.pág. 17

⁸⁹ ARRUDA, op.cit, pág. 45

A Província Beneditina do Brasil

Foi a partir do ano de 1600 que se buscou aumentar a presença de religiosos em terras brasileiras e quantificá-los, para maior controle. A busca pela vocação missionária encontrava entraves, devido as dificuldades da viagem pelo mar, a possibilidade de ataques piratas, além do clima hostil. Segundo Dias⁹⁰, na falta de encontrar voluntários, o “voto de passar o mar”, foi uma estratégia jurídica para impor a vinda de monges.

Nesse período, havia seis mosteiros da Província do Brasil: três abadias (Bahia, Olinda e Rio de Janeiro) e três priorados (Ilhéus, Paraíba e Nossa Senhora da Graça). No caso de São Paulo, havia a presença de uma cela-capela.

A vida de um mosteiro colonial, nos séculos XVII-XVIII, estava caracterizada por dificuldades internas relacionadas com seus gastos e rendimentos. A administração de fazendas, escravos, lavouras e demais negócios, ocupavam demasiado tempo e cuidado – além dos empenhos com as festas religiosas, e outras atividades urbanas passivas ou ativas, e suas relações com outros setores da sociedade. Luna⁹¹ complementa que os mosteiros do sul foram felizes com as provações, já que não foram ocupados pela Invasão Holandesa. Um exemplo se fez no aumento da quantidade de mosteiros na Capitania de São Vicente. Consolidada a fundação de São Paulo, o mosteiro foi elevado a condição de abadia (1635), além da construção em outras localidades: Santos (1650), Sorocaba (1660) e Jundiaí (1668) – todos elevados, posteriormente, a categorias de mosteiros autônomos.

O modelo barroco da metrópole portuguesa, tanto na arquitetura quanto na decoração, se fez presente na construção dos mosteiros beneditinos brasileiros:

⁹⁰ DIAS, op.cit, p. 159-160.

⁹¹ LUNA, op.cit, p. 45

Na verdade, diz-se que Fr. Gregório de Magalhães, Provincial (1647-50) e depois Abade Geral (1662-65), mesmo sem ser arquitecto, ao contrário do que pretende Silva-Nigra, pode ter aplicado em mosteiros do Brasil os modelos e traços de construção monástica usados em Portugal por mestre arquitecto Baltasar Álvares. Está aí a base do estilo colonial dos mosteiros mais antigos! Que era monge com preocupações intelectuais para a formação dos jovens di-lo a abertura na Baía em 1647 do Colégio das Artes, isto é, estudos filosóficos. Por outro lado, é certo que mosteiros como Baía e Olinda foram gravemente danificados pela invasão holandesa de 1624-1654 e, por essa razão, tiveram de ser reconstruídos. Como quer que seja, os monges no Brasil também souberam arvorar-se em artistas e construtores do sagrado. (DIAS, 2011, pág. 239)

Com a independência em 1822, o Brasil contava com 13 casas ou mosteiros. A Independência tornou urgente uma separação entre as ordens da Metrópole e da ex-colônia, levando à criação da Congregação Beneditina do Brasil em 1827, pelo Papa Leão XII com a Bula “*Inter Gravissimas Curas*”. As abadias que compunham a congregação eram: São Sebastião da Bahia, São Bento de Olinda, Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro e Nossa Senhora da Assunção de São Paulo (tradicionalmente todos são chamados Mosteiros de São Bento).⁹²

Com 31 monges espalhados nestas abadias, a necessidade de trazer noviços era evidente. Com isso, a Resolução da Assembleia Provincial da Bahia de 1835 concedeu aos Franciscanos, Carmelitas Descalços e ao Abade Geral dos Beneditinos licença para aceitarem 30 noviços cada, que deveriam ser brasileiros.⁹³ Entretanto, segundo Yang⁹⁴, o fechamento dos noviciados (1855), e a proibição da entrada de monges estrangeiros (1875), não permitiram a renovação do quadro monástico que, com o tempo, e a morte natural dos monges, tornou o futuro da Ordem Beneditina incerto, e a sobrevivência, uma necessidade.

Apenas com a Proclamação da República, em 1889, é que a conjuntura se tornou mais favorável para a Ordem Beneditina. A separação entre Igreja e Estado e sua liberdade associativa procedeu a um requerimento a Roma, por intermédio de D. Domingos da Transfiguração Machado, Abade da Bahia, na chegada de um grupo de monges da Congregação de Beuron. Estes liderados

⁹² Disponível em <<https://www.mosteirodavirgem.com.br/congregacao-beneditina-do-brasil/>>. Acesso em 01/03/2023

⁹³ DIAS, op.cit, p. 242

⁹⁴ YANG, Klency Kakazu de Brito. A pintura beuronense na Basílica do Mosteiro Beneditino de São Paulo: 1914-1922 / Klency Kakazu de BritoYang. Guarulhos, 2016. 229 f. pág.71

por Dom Geraldo Van Caloen, tiveram papel importante no alento da Congregação Beneditina, em especial na Abadia de São Paulo. Dias⁹⁵ complementa que a chegada destes monges, em 1895, fez com que os mosteiros beneditinos brasileiros, vinculada a uma arte e cultura portuguesa, começassem a seguir os usos e costumes da Congregação Alemã de Beuron.

Por fim, estando a congregação já bem reestruturada com os novos noviços, no Capítulo Geral de 1907, na Bahia, houve o requerimento a Santa Sé, para a presença de abades perpétuos, conforme tradição da Ordem, para Olinda e São Paulo e abades coadjutores. Para o de São Paulo, o escolhido seria Dom Miguel Kruse, responsável pelas obras do novo mosteiro.⁹⁶

⁹⁵ DIAS, op.cit, p. 243

⁹⁶ LUNA, op.cit, p. 47-48

Capítulo 2 - Teóricos e arquitetos

2.1 - Os teóricos e a Arquitetura Neogótica

Iniciada na segunda metade da Idade Média, na França, o Estilo Gótico seria amplamente difundida pela Europa, com reverberações ao longo dos séculos até ser revisitada pela Inglaterra no século XVIII. Pensadores e artistas defenderam, em discursos, artigos e livros, práticas artísticas, arquitetônicas, literárias, religiosas e filosóficas de revivificação medieval como alternativa à vulgarização dos estilos trazido pelo Ecletismo e como estratégia de defesa contra a exploração e a indignidade do trabalho operário fruto da Revolução Industrial e Capitalista.

Assim, em lugar de escape, poderíamos falar na produção de representações: de uma época cuja desaparecimento se lamenta e se pretende evitar (concretamente, através das campanhas de preservação e de restauração de monumentos) e que se inventa, se deseja e se pretende imitar (como é o caso das construções neogóticas). Na qualidade de representações, elas dependem dos sujeitos que as produzem. A catedral, tanto a restaurada como a construída, por exemplo, era ao mesmo tempo tida como ponta de lança de renovação da fé católica e ponta de lança de renovação da fé protestante; símbolo nacional francês e símbolo nacional inglês; exemplo de democracia, para defensores da República, e fruto do poder monárquico, para os adeptos da Restauração; idealização romântica e prefiguração moderna etc. Ou seja, o neogótico é uma tela de projeção de representações complementares e contraditórias. (PEREIRA.,2011, p.4)

O Neogótico logo se espalhou pela Europa e chegou às Américas. As antigas e consagradas construções medievais foram estudadas, desde as técnicas e materiais construtivos até os detalhes de ornamentação. Entretanto, nos novos exemplos deste neogótico, havia a liberdade para se explorar os novos materiais e técnicas oriundas da Revolução Industrial. Entretanto, Augustus W.N. Pugin (1812-1852), John Ruskin (1819-1900) e William Morris (1834-1896), viam no medievalismo, um momento apropriado para se repensar a prática artesanal das corporações de ofício, onde o domínio da técnica do mestre-artesão permitia uma liberdade criativa e um ofício digno e

valorizado, formado no árduo aprendizado das guildas, consagrado pelo talento e pela experiência ao longo do tempo.

O pensamento de le-Duc assim como de Pugin não se fixava apenas na construção e restauração de prédios, mas na evolução, na correção e adaptação das construções arquitetônicas. Desde o início, o Neogótico contou com uma grande carga teórica de profissionais preocupados primordialmente em estudar o sistema estrutural das construções góticas. (DIAS, P.P.G.D. 2008, 103)

Tanto Pugin como Eugène Emmanuel Viollet le-Duc (1814-1879), viam o Gótico, em princípio, como a estrutura da construção, com sua ornamentação teria papel secundário. Patetta⁹⁷ discorre acerca do interesse dos arquitetos em destrinchar os projetos góticos em diferentes níveis, se iniciando com as estruturas e finalizando com as ornamentações, analisando-os separadamente. A atenção aos elementos construtivos, aos materiais e às técnicas levou, em pouco tempo, à descoberta da arquitetura "menor", antecipando um interesse nitidamente moderno. Além do tradicional tijolo e pedra, com o corte mais facilitado devido ao uso de máquinas, as estruturas metálicas se destacam com sua presença - como nos balcões de serralheria de ferro gusa. Isso se contrapõe ao neoclássico limitado ao esqueleto dos edifícios, com dimensionamento padronizado de vigas, colunas e materiais tradicionais. Para Lemos⁹⁸, na cultura neogótica a forma arquitetônica podia ser essencialmente uma forma estrutural.

Pugin, a partir de 1831, publicou diversos volumes sobre o Gótico e projetou a Casa do Parlamento em Londres.

Ruskin, com *Seven Lamps of Architecture* (1849), impregna a arquitetura a novo sentido moral à arquitetura, a qual a ética religiosa se torna paralela com a moral humana. Segundo Krufft⁹⁹, Ruskin defende nada menos que a legibilidade do sistema construtivo, a equidade do material e o emprego do ornamento orgânico feitos a mão.

⁹⁷ PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo. In: *Arquitetura brasileira*, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, pág. 15

⁹⁸ LEMOS, Carlos. *Ecletismo em São Paulo*. In: *Arquitetura brasileira*, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987. pág. 19

⁹⁹ KRUFFT, Hanno-Walter. *História da Teoria da Arquitetura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, pág. 685.

Já Viollet-le-Duc, na França, seria o responsável por criar uma série de normativas acerca do restauro de construções góticas¹⁰⁰, incluindo a Catedral de Notre Dame.

A metade do século XIX seria marcado por diversas transformações urbanas, como na Paris pensada pelo plano do Barão Georges Eugène Haussmann (1809-1891), que reestruturou toda a cidade tornando-a mais arejada e fluída.

Entretanto, Le-Duc enxergava a arquitetura gótica mais de acordo com as características climáticas e culturais francesas. Mesmo não sendo religioso, compreendia a importância das igrejas construídas no estilo, como um local de encontro e de grande beleza arquitetônica:

Se, na França, o gótico era visto como um símbolo da identidade nacional francesa e um exemplo de sua superioridade, na Inglaterra a posição era semelhante. Ignoravam-se – ou buscava-se ignorar – as origens francesas historicamente comprovadas deste estilo, bem como sua relação com a Igreja católica. (PEREIRA, 2011, p.9)

Tanto Pugin como le-Duc viam o gótico, em princípio como a estrutura da construção, com sua decoração como secundária. Cabe além disso citar, segundo Patetta¹⁰¹, o interesse entusiasmado da clientela burguesa a uma série de benefícios através nas instalações técnicas nos serviços sanitários da casa, na sua distribuição, além da rápida evolução de tipologias, como os surgimentos de hotéis, balneários, grandes lojas, bancos, teatros, a qual soube se aproveitar das influências dos grandes pavilhões de exposições universais.

O pensamento de le-Duc assim como de Pugin não se fixava apenas na construção e restauração de prédios, mas na evolução, na correção e adaptação das construções arquitetônicas. Desde o início, o Neogótico contou com uma grande carga teórica de profissionais preocupados primordialmente em estudar o sistema estrutural das construções góticas. (DIAS, P. D. G. 2008, 103)

¹⁰⁰ BENÉVOLO, Leonardo. Nascimento e desenvolvimento da cidade industrial. In: História da Arquitetura Moderna. São Paulo: Perspectiva, 1976.

¹⁰¹ PATETTA, op.cit, p. 92

Historicismo e arquitetura neogótica alemã

Nas primeiras décadas do século XIX houve um debate acalorado sobre os rumos da arquitetura e do planejamento urbano nas nações de língua alemã, no bojo de uma ampla busca por uma identidade mitológica nacional, da filosofia às artes, e que também permearia o âmbito da arquitetura que dali seria produzida.

Um exemplo seria a visão da arquitetura segundo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), para Kruff¹⁰², Hegel estabelece o desenvolvimento da arquitetura mediante uma divisão em três períodos artísticos em um processo *dialético*: o primeiro período é considerado por ele como simbólico e caracteriza o predomínio da matéria sobre a ideia; o segundo *clássico*, apresenta o equilíbrio entre a matéria e a ideia; e o terceiro, *romântico*, constitui o predomínio da ideia sobre a matéria.

Para Hegel, a arquitetura romântica é em grande parte idêntica ao Gótico. Além disso, a caracterização de Hegel faz da arquitetura gótica, que não coloca em primeiro plano o aspecto construtivo, com Pugin e Ruskin na Inglaterra e Viollet-le-Duc na França, mas que sublima a supressão da materialidade, marcou as concepções do gótico na Alemanha, avançando até o século XX.

Outra visão germânica acerca da necessidade de se buscar um estilo nacional, seria de Heinrich Hübsch¹⁰³ (9 de fevereiro de 1795 – 3 de abril de 1863). Seu livro em tom provocativo, *In welchem Style sollen wir bauen?* (Em que estilo devemos construir?) teria reverberação nos projetos e no ensino dos principais arquitetos da Baviera, Prússia e Áustria, além em estados menores como Hamburgo e Baden, sua terra natal. Nele, o arquiteto se distanciou do estilo neoclássico de Friedrich Weinbrenner, seu antigo mestre. Além disso, de acordo com Patetta¹⁰⁴, Hübsch discorre acerca da incapacidade que os sistemas construtivos e estilísticos antigos têm em relação a construção de grandes ambientes modernos e como as abóbodas romanas são demasiadamente caras.

¹⁰² KRUFF, op.cit. p. 632-633

¹⁰³ Heinrich Hübsch (9 de fevereiro de 1795 – 3 de abril de 1863) foi um arquiteto alemão. Depois de estudar em Heidelberg (1813–15) e na escola de arquitetura de Friedrich Weinbrenner em Karlsruhe (1815–17), ele viajou extensivamente pela Grécia e Itália (1817–24). Em 1831 foi nomeado Oberbaurat (inspetor de edifícios) em Karlsruhe. Ele projetou muitas igrejas e outros edifícios públicos, principalmente no Grão-Ducado de Baden, e também é conhecido por seus escritos.

¹⁰⁴ PATETTA, op.cit. p 238

O Renascimento é também essencialmente um período ‘formalista’, falso e estetizante, para Hübsch.

Outro ponto que merece ser destacado, é sua resposta de Hübsch em relação a crítica ao movimento gótico, presente desde o final do século XVIII e início do XIX. O movimento gótico se tornou significativo na Alemanha a partir de 1840, quando as publicações apresentaram maiores detalhes arquitetônicos “esquemáticos”, facilitando a reprodução. Patetta¹⁰⁵ sintetiza que, para Hübsch, a arquitetura gótica (em oposição à grega e romana) era representada como liberta de dogmatismo, trazendo o triunfo da fantasia e da religiosidade e, portanto, deveria ser utilizada para projetar novas igrejas que unam o sentimento místico do Cristianismo com as tradições culturais do povo alemão. Outro ponto a ser citado, num enfoque construtivo, se faz na flexibilidade dos materiais aparentes e na flexibilidade, em contraponto a Antiguidade Clássica e Renascimento.¹⁰⁶

Para Hübsch, os romanos não conseguiram encontrar uma linguagem de formas derivada das possibilidades técnicas de arcos e abóbadas. Esta tarefa foi deixada para o mundo pós-clássico e tornou-se ainda mais desafiadora na Alemanha medieval, onde os arquitetos trabalharam com pequenas pedras extraídas disponíveis na Alemanha, em vez de mármore monolítico. Estes ataques materialistas também foram lançados contra o establishment neoclássico por combatentes dos revivalistas góticos que se reuniram em torno do projeto de conclusão da Catedral de Colónia. (BERGDOLL, xxxx, pág. 186, tradução nossa¹⁰⁷)

Bergdoll¹⁰⁸ discorre que Hübsch busca a mediação. Em vez de substituir um modelo aperfeiçoado por outro, propôs que a Idade Média ainda possuía potencial inexplorado para uma adaptação flexível às necessidades modernas, como grandes espaços, telhados amplos e aberturas com generosas dimensões.

Hübsch é responsável pela criação do novo estilo arquitetônico Rundbogenstil, ou estilo do arco pleno, em tradução livre, se inspira nos

¹⁰⁵ Ibid, op.cit, p. 229

¹⁰⁶ Ibid.,op.cit, p. 235

¹⁰⁷ For Hübsch the Romans had failed to find a language of forms derived from the technical possibilities of arches and vaults. This task was left to the post-Classical world and made all the more challenging in medieval Germany where architects worked with the small quarried stones available in Germany rather than monolithic marble. These materialist attacks were also launched against the Neoclassical establishment by fighters for the Gothic Revivalists rallying around the project to complete Cologne Cathedral.

¹⁰⁸ BERGDOLL, Barry, European architecture 1750-1890/ Barry Bergdoll. (Oxford history of art), 2000. p. 186

primeiros modelos de cristãos (tipo basílica) e traz consigo uma série de adoções estéticas, desenvolvendo fachadas simples e ordenadas, aliada a uma percepção direcionada ao industrialismo e nacionalismo germânico cada vez mais crescente após a unificação alemã de 1871.

O Rundbogenstil é visto como um dos primeiros exemplos do historicismo do século XIX, com elementos da arquitetura bizantina, românica e renascentista. Também visto como um ramo alemão da arquitetura neorromânica.

Essa fluidez estética foi assim explicada por Kruft.

Com suas ponderações sobre o estilo do arco redondo, Hübsch percorre metodicamente o mesmo caminho proposto pelos advogados do estilo grego ou, mais tarde e sem dúvida com consequências maiores, por Viollet-le-Duc para o neogótico. Todos eles argumentaram de modo funcional-constructivo. Sem dúvida se daí que as “demonstrações de estilo” racionais são apenas motivos dissimulados para predileções por estilos históricos. Em suas construções de igrejas, Hübsch tornou-se um defensor do neorromanismo, e sua Neue Trinkhalle em Baden-Baden (1839-1842) possui algo “do tamanho adornado e da sobriedade” desejados. (KRUFT, 2016, p. 642)

Em 1845, o escritor G. Palm, manifestou-se de forma semelhante à de Hübsch. No texto *Von welchen Principien sol die Wahl des Baustyls, insbesondere des Kirchenbaustyls geleitet werden?* [De que Princípios Pode Ser Derivada a Escolha do Estilo Arquitetônico, particularmente do Estilo da Construção de Igrejas?]¹⁰⁹. Segundo Kruft, traz o pensamento de que o ecletismo exige um nexos entre a escolha de um estilo e o caráter de um edifício. O estilo greco-romano, o gótico e o “moderno” podem ser usados, sendo que o último exemplo deve ser aplicado em reconstruções politécnicas e estações de trem, ao passo que, para a construção de igrejas é recomendado enfaticamente o estilo gótico.

O Rundbogenstil foi amplamente utilizado em estações ferroviárias, como as de Karlsruhe, Leipzig, Munique, Tübingen e Völklingen. Estas últimas ainda existem, enquanto que as outras foram demolidas e substituídas por estações maiores. Em Munique, há vários edifícios atribuídos ao estilo do arco redondo, por arquitetos como Leo von Klenze (1784-1864), autor da velha

¹⁰⁹ KRUFT, op.cit. p. 642

Politécnica e Friedrich von Gärtner (1791-1847). Em Hanover e Munique foram criadas escolas de arquitetura que estimularam a arquitetura do arco redondo e na Prússia, seria chamada Escola Schinkel de arquitetura do arco redondo de Berlim.

Algumas sinagogas também foram projetadas dentro do estilo. A Sinagoga de Kassel projetada por Hübsch em parceria com Albrecht Rosengarten, por exemplo. Nos EUA, em 1863 se construiu a Sinagoga Gates of Heaven, em Madison, Wisconsin, com projeto de August Kutzbock, imigrante de Bremen. Já na Inglaterra, se destaca o edifício atual Museu de História Natural, em Londres, projetado por Alfred Waterhouse (1830-1905)

Hübsch também projetou numerosos edifícios em Baden, onde atuou durante mais de três décadas como arquiteto estatal. Nos edifícios da Politécnica de Baden (figura 12), os projetos se faziam num permanente processo de experimentação técnica e histórica.

O arco segmentado tornou-se uma verdadeira assinatura da arquitetura de Hübsch - mais famosa na nova sala de bombas do spa em Baden-Baden - favorecida não apenas por sua ampla extensão, mas porque Hübsch considerou que derivava logicamente da história de formas, síntese ideal do lintel grego e do arco ogival medieval. No projeto de igrejas, começando com St Cyriacus, em Bulach, ele explorou uma série de novos tipos de abóbadas, explorou o uso de preenchimento misto de terracota e construção de diafragma em alvenaria, e até contemplou o desenvolvimento de novos tipos de abóbadas a partir de modelos de arcos catenários, expressando sua convicção de que os desenvolvimentos mais recentes na matemática poderiam ser incorporados no desenvolvimento futuro da arquitetura na sua trajetória histórica. (BERGDOLL, 2000, pág. 187, tradução nossa¹¹⁰)

Por fim, Patetta¹¹¹ conclui que as duas tendências do Neogótico ou Neorromânico e do Rundbogenstil, entrelaçaram-se na primeira metade do século XIX.

¹¹⁰ The segmental arch became a veritable signature of Hübsch's architecture—most famously in the new pump room for the spa at Baden-Baden —favoured not only for its broad span but because Hübsch considered that it derived logically from the history of forms, an ideal synthesis of the Greek lintel and the medieval pointed arch. In church design, beginning with St Cyriacus, Bulach, he explored a range of new vault types, explored the use of a mixed terracotta infill and masonry diaphragm construction, and even contemplated developing new vaulting types from models of catenary arches, expressing his conviction that the most recent developments in mathematics could be incorporated into the further development of architecture on its historic trajectory.

¹¹¹ PATETTA, op.cit. p. 237



Figura 12: Entrada do edifício principal da Politécnica de Karlsruhe (1833–35) – Heinrich Hübsch

Fonte: Disponível em: <
<https://www.zum.de/Faecher/G/BW/Landeskunde/rhein/staedte/karlsruhe/stadt/bauwerke/polytechnikum.htm> > Acesso em 18/19/2023.



Figura 13: Igreja de São Ciríaco, Bertheim – Bulach (1835-1837) - Heinrich Hübsch
Fonte: Disponível em: < <https://www.kath-karlsruhe.de/gemeinden-2/karlsruhe-st-nikolaus/kirchen/detail/ort/id/25794-kirche-st-cyriakus-bulach/?cb-id=12033555>> Acesso em 18/09/2023



Figura 14: Complexo termal de Trinkhalle, Baden-Baden (1839–1842) - Heinrich Hübsch
Fonte: Disponível em < https://en.wikipedia.org/wiki/Heinrich_H%C3%BCbsch > Acesso em 18/09/2023

2.2 – Revivalismo medieval em São Paulo

Em Portugal, o Neogótico chegou quase ao mesmo tempo que a Inglaterra. Projetos como o Palacete de Monserrate I (1858-1865) e o Palácio da Pena (1842-1854), em Sintra já foram pensados de acordo com o estilo Neogótico. Segundo Dias¹¹², o Neomanuelino surge como resistência ao neogótico estrangeiro e na busca por um estilo nacional. Já no Brasil, o Neogótico conviveu de maneira conjunta com o Ecletismo, além de outras correntes artísticas agregadas ao seu tempo.

Aos poucos o Neogótico foi se fazendo presente na arquitetura brasileira, com destacado exemplo do Real Gabinete Português de Leitura (1880-1887), do arquiteto português Raphael da Silva Castro, com seu traço neomanuelino a evocar a epopeia camoniana, com fachada inspirada no Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa. Outro destacado edifício foi a Ilha Fiscal (1881-1889), de autoria de Adolpho José Del Vecchio, então Engenheiro-Diretor de Obras do Ministério da Fazenda -, onde se destacavam as agulhas e as ameias medievais a adornar a silhueta da edificação.

O Brasil também passou por grandes transformações urbanas na virada do século XIX para o século XX, inspirado nos modelos residenciais do Ecletismo, atendendo as classes burguesas de São Paulo e Rio. O Ecletismo esteve bastante presente, ao ser adotado como estilo de grandes equipamentos públicos no Império e República – como por exemplo, após a reforma urbanística de Pereira Passos no Rio de Janeiro. Em outras cidades, muitos edifícios públicos também foram construídos dentro do Ecletismo, como por exemplo, na recém-fundada Belo Horizonte em 1897.

. A chegada de novas linguagens importadas foi adotada pelas elites, junto com as novas técnicas e sistemas construtivos, fizeram com que as antigas igrejas de taipa de pilão fossem progressivamente substituídas por outras igrejas maiores e mais notáveis em escala e monumentalidade.

Em São Paulo, com a prosperidade do ciclo do café, antigas construções coloniais de uma cidade provinciana, basicamente de taipa de pilão, foram substituídas por grandiosos edifícios com as novidades estilísticas construídas

¹¹² DIAS, P. D. G. O SÉCULO XIX E O NEOGÓTICO NA ARQUITETURA BRASILEIRA: UM ESTUDO DE CARACTERIZAÇÃO. Revista Ohun, ano 4, n. 4, p.100-115, dez 2008

em tijolo, ferro fundido e aço. Para Benedito Lima de Toledo¹¹³, o crescimento de São Paulo se deu com sacrifício do seu passado, ao invés de construir “ao lado”, construiu-se “em cima”.

Não estranha que as igrejas da época colonial tenham desaparecido quase todas em São Paulo, algumas por completo, outras substituídas por modernas edificações. Ao contrário de Salvador, das cidades mineiras ou mesmo do Rio de Janeiro, eram rudes construções de taipa. As que eram ricas o suficiente, representativas o suficiente, ou tiveram suficiente sorte para permanecer, foram todas, ou quase todas, reconstruídas nas últimas décadas do século XIX ou nas primeiras do século XX. A igreja de Santa Ifigênia foi reconstruída entre 1906 e 1926, por sinal que obedecendo a projeto do mesmo arquiteto — o alemão Madein — que, do outro lado do viaduto, projetara a reconstrução da igreja e do mosteiro de São Bento. (ROBERTO POMPEU DE TOLEDO, 2012, pág. 428)

Um exemplo desta grande alteração urbana seria com a demolição da velha Sé e Igreja de São Pedro dos Clérigos. Em 1900, o largo da Sé era ainda acanhado como nos tempos coloniais¹¹⁴, com as duas igrejas próximas perpendicularmente. A partir de 1911, seriam demolidas não só as duas igrejas, como também os dois quarteirões que, atrás do largo da Sé, se interpunham entre ele e o largo de São Gonçalo, mais tarde praça João Mendes. A proposta era abrir uma nova e ampla praça da Sé, a qual posteriormente seria construída a atual Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Assunção e São Paulo, projetado por Maximilian Emil Hehl (1861-1916). Com início de sua construção em 6 de julho de 1913, por ordem de Dom Duarte Leopoldo e Silva (1867-1938), então Arcebispo de São Paulo, foi pensada para ser o marco arquitetônico de uma cidade que se expandia rapidamente. Com estilo neogótico, estava dotada de uma cúpula inspirada na Renascença Florentina, no cruzeiro do transepto.

A antiga Igreja de Nossa Senhora da Consolação e São João Batista foi substituída por uma nova versão projetada por Hehl e construída entre 1909 e 1959, no local da primitiva igreja de 1799 e já modificada ao longo do século XIX.

Johann Lorenz Madein (1857 - 1918), arquiteto austríaco, foi convidado por Dom Miguel Kruse, a vir trabalhar em um projeto de preservação das características arquitetônicas em uma expansão do Mosteiro de São Bento. Após estabelecer-se no país, seria responsável pelo projeto de uma nova igreja,

¹¹³ TOLEDO, 1983, pág. 120

¹¹⁴ ROBERTO POMPEU DE TOLEDO, pág. 429

agora do outro lado do Viaduto de Santa Ifigênia. Esta nova igreja substituiu a antiga igreja colonial por um projeto revivalista. A Igreja de Nossa Senhora da Conceição¹¹⁵, teve sua construção iniciada 1904, inaugurada em 1910 e finalizada em 1913. Construída com aspecto Neorromânico, possui detalhes Neogóticos, inspirados em igrejas medievais do norte da Europa.

Patetta¹¹⁶, com isso, analisa o Neogótico dentro de toda um amalgama do Eclétismo, sendo a somatória das criações individuais, cada qual com sua explicação. Depois do neogótico, vieram outros “neos” formando a grande corrente historicista.

Esse período marcado entre a segunda metade do século XIX até a 1ª Guerra Mundial, teríamos uma série de repertórios classicizantes, historicistas, ou então do receituário dos movimentos ligados à renovação artística, como o Art Nouveau, o Floreal, o Sezession, etc.¹¹⁷ O neogótico, portanto, se insere nesse movimento chamado Eclétismo Historicista.

O emprego do neogótico em importantes construções seculares é incomum, pois, como veremos, a grande maioria dos casos neogóticos no Brasil consiste em edifícios religiosos – igrejas e capelas ou, em menor número, associações beneficentes e hospitais. De fato, na virada do século XIX, o neogótico era geralmente considerado no Brasil, como em outros lugares, como o estilo mais adequado para a arquitetura religiosa – associação baseada, como se sabe, no paralelismo simbólico entre a verticalidade do gótico formas e o anseio de elevação ao Céu inerente à devoção humana. Desta forma, a religiosidade cristã materializou-se na pedra, criando espaços etéreos com o controle meticuloso da luz, que simbolizava a graça divina. (PINHEIRO, 2016, pág. 106)

Com isso, houve o interesse em seguir as regras fundamentadas dos estilos resultando em composições livres dentro de um conjunto mais amplo em significados, ocasionalmente levando a expressões personalizadas. Porém, não havia uma linguagem propriamente dita, convergente a um dialeto local. Segundo Patetta¹¹⁸, houve diferentes maneiras de organizar os elementos de composição, todos derivados das regras gramaticais estabelecidas nos manuais e tratados trazidos pelos imigrantes. Entretanto, logo passou a ser objeto de

¹¹⁵ <https://arquisp.org.br/regiao/paroquias/paroquia-nossa-senhora-da-conceicao-santa-figenia/matriz-paroquial-nossa-senhora-da-conceicao-santa-figenia>

¹¹⁶ PATETTA, op.cit, pág. 68

¹¹⁷ Ibid, op.cit, pág. 74

¹¹⁸ Ibid, op.cit, pág. 92

improvisações e exercício de imaginação sem a presença de compromissos formais.

A questão fundamental, que permanece sem resposta em relação a esse processo revivalismo medieval em São Paulo é entender quais fatores motivaram a concepção de certo número de igrejas no centro de São Paulo, em estilo Neogótico e Neorromânico.

Pode-se especular que, levando em conta que o Brasil recebeu uma considerável parcela de imigrantes de origem germânica entre os séculos XIX e XX, além das relações de proximidade que alguns religiosos tiveram com arquitetos e construtores (no caso de Kruse e Madein), existe a possibilidade, no campo especulativo, de algum interesse do Império Alemão em influenciar política e economicamente o Brasil, através da cultura e da construção civil.



Figura 15: Real Gabinete Português de Leitura - Rio de Janeiro

Fonte: Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Real_Gabinete_Portugu%C3%AAs_de_Leitura>. Acesso em 03/07/2023



Figura 16: Catedral da Sé - São Paulo

Fonte: Disponível em <<https://www.spbairros.com.br/catedral-da-se/>> Acesso em 03/07/2023

2.3 - Richard Berndl: vida e obra

Nascido em Munique em 8 de fevereiro de 1875, Richard Berndl¹¹⁹ seguiu em sua vida com as atividades de arquiteto, artista, artesão e professor universitário. Filho do mestre carpinteiro de Munique Michael Berndl e de Maria Adler, estudou arquitetura e design em Berlim e na Politécnica de Munique, aonde estudou com Friedrich von Thiersch. Trabalhou com diversos estilos, principalmente do Art Nouveau e Historicismo.

Berndl se casou com Anna Genovefa Wind, de Augsburg, em 1903. No mesmo ano, projeta o Mausoléu para Dionýz Andrassy em Krászno-Hôrka Varalja, atual Hungria. O prestígio desse projeto levou a sua indicação para o cargo de professor na Escola Real de Artes Aplicadas de Munique, como

¹¹⁹ No livro *General Artist Lexicon. Vidas e Obras dos Artistas Visuais Mais Famosos*, o descreve da seguinte forma: Richard Berndl, mestre construtor, nascido em 8 de fevereiro de 1875 em Munique, aluno da politécnica de lá; tornou-se professor no Kunstgewerbesche foi construtor por 4 anos. Dele: Hotel Union (Munique), Mausoléu Andrassy (Hungria), Mozarteum (Salsburgo), Abadia de São Bento (São Paulo, Brasil); etc. (tradução nossa). Em: *Berndl, Richard*. In: Hans Wolfgang Singer (Hrsg.): *Allgemeines Künstler-Lexicon. Leben und Werke der berühmtesten bildenden Künstler*. Vorbereitet von Hermann Alexander Müller. Band 6: Zweiter Nachtrag mit Berichtigungen. Literarische Anstalt, Rütten & Loening, Frankfurt a. M. 1922, S. 22

sucessor de Leonhard Romeis. Além da atuação como professor, Berndl trabalhou como arquiteto autônomo, designer de interiores e funcionário municipal na área de construção civil e planejamento urbano entre 1903 e 1937.

Como projetista, construiu vários edifícios, vilas e monumentos na Alemanha e Áustria em o Art Nouveau. Como designer, fez decorações de igrejas, nas cidades de Memmingen, Aichach e Starnberg. Por volta de 1907, desenhou a fachada do Union Hotel (Casino Católico) de Munique e em 1910, o projeto para a construção da nova Abadia de São Bento em São Paulo. No mesmo ano, ganha o concurso para o Mozarteum¹²⁰ em Salzburgo, edifício construído em Art Nouveau, finalizado em 1914. Em 1917, recebe do Rei da Baviera a Ordem do Mérito de São Miguel.

Com o fim do Império Alemão, permaneceu professor na Escola Estadual de Artes Aplicadas de Munique (antiga Escola Real de Artes Aplicadas). Na mesma cidade, nos anos 1920, trabalhou como construtor municipal no Departamento de Planejamento Urbano sob a coordenação de Hans Grässel. Nos idos de 1926, se tornou responsável pelo estabelecimento do assentamento GEWOFAG em Neuramersdorf. Com o desabamento da torre de Neuhauser Winthirkirche, em 1931, Berndl ofereceu um projeto de reconstrução gratuitamente. Até 1935, serviu como Conselheiro Privado do Município.¹²¹

Após a II Guerra Mundial, seguiu lecionando na Academia de Artes Aplicadas de Munique, que retornou no pós-guerra com ênfase na engenharia estrutural e design de interiores. Em novembro de 1946, a academia foi dissolvida e incorporada ao departamento de artes aplicadas da Universidade de Belas Artes. Com sua aposentadoria no ano seguinte, a cátedra seguiu com Harald Roth (1910-1991) até 1953 e depois Sep Ruf (1908-1982) até 1972. Até 1953 foi membro honorário e professor emérito da Academia.

Durante sua carreira, Berndl esteve vinculado a associações de trabalho e clubes. Em 1905 fez parte da Associação Acadêmica de Arquitetos de Munique, em 1907, da Sociedade Alemã de Arte Cristã, da Associação de artistas, artesãos, arquitetos e industriais do Deutscher Werkbund em 1912, além da Associação de Arquitetos Alemães (BDA).

¹²⁰ Universität Mozarteum Salzburg ou em português: Universidade Mozarteum de Salzburgo, Áustria, para o estudo de música, pedagogia de música, dança e educação em artes visuais

¹²¹ Disponível em <<https://peoplepill.com/people/richard-berndl>> Acesso em 01/08/2023

Seu estúdio se fazia presente na escola municipal de comércio de Luisenstraße (Luisentrasse) em Munique, onde teve a colaboração de artistas como o pintor Karl Friedrich Roth, o cenógrafo Emil Preetorius, o gravador de medalhas Maximilian Dasio e Heinrich Waderé (responsável pelas figuras na fachada do Mosteiro em São Paulo), entre outros artistas e engenheiros civis. Dentre os diversos alunos, incluíam Josef Aicher, Karl Blocherer, Hans Junghanns, Karl Joseph Kuolt.

Richard Berndl viveu com sua família em Munich-Neuhausen na casa em Orffstraße 15 até 1955. Seu túmulo está no cemitério Neuhauser Winthirkirche. Sua propriedade é mantida no Museu de Arquitetura da Universidade Técnica de Munique. Em Salzburgo, a Richard-Berndl-Strasse foi nomeada em sua homenagem, no distrito de Gneis, em 28 de fevereiro de 1973.¹²²

Obras

Como parte de suas diversas atividades criativas, Berndl projetou não apenas edifícios e interiores, mas também altares, estátuas, órgãos (1907), pianos de cauda (1908), grelhas de fogão e ventilação, lustres (1920) e outros móveis para casas, salas de concerto e igrejas.

- 1903: Mausoléu do Conde Dionýz Andrássy em Krásnohorské Podhradie na (então parte da Hungria) Eslováquia
- 1905-1907: Igreja Paroquial da Assunção de Santa Maria em Aichach, com o interior em Art Nouveau
- 1905: Várias residências em Art Nouveau em Munich-Neuhausen
- 1906: Casa de campo do pintor G. em Wolfratshausen
- 1906/1907: Hotel Union (Casino Católico) em Munique
- 1909-1911: Villa Huber em Kempten (Allgäu)
- 1910: Projeto de concurso para um monumento nacional de Bismarck no Elisenhöhe, perto de Bingerbrück
- 1910-1914: Mozarteum em Salzburgo
- 1910–1914: Mosteiro de São Bento em São Paulo

¹²² Disponível em <<https://www.archinform.net/arch/62746.htm>> Acesso em 01/08/2023

- 1917: Projeto para o cemitério cristão e israelita em Brasov, Transilvânia (pertencente à Romênia após 1918)
- 1919: Jagdschloss (pavilhão de caça) em Kammersgrün (Lužec u Nejdku, República Tcheca) junto com seu aluno H. Scherrer
- 1924 a 1925: Edifícios residenciais e de escritórios em Salzburgo, Faberstraße 20-24 / Auerspergstraße 27-29
- 1925: Igreja em Frankenholz
- 1925-1926: Stieglkeller em Salzburg (provavelmente com o arquiteto de Munique Franz Zell)
- 1928: Haus Stengel em Munique-Harlaching
- 1928-1929: Igreja de São Vicente em Munique- Neuhausen, Birkerstrasse
- 1928–1930: Linha aérea durante a construção do assentamento Neuramersdorf da cooperativa habitacional GEWOFAG, com a Igreja de São Pio
- 1928-1929: Kurhaus Elisabethhof em Bad Gastein
- 1928-1929: Kurhaus Bellevue (Alpenhof Bellevue) em Bad Gastein
- 1928-1929: Projeto da Villa Franzmair (Lindenhof) em Bad Gastein
- 1929: Altar-mor na igreja paroquial da Assunção de Santa Maria em Aschau am Inn
- 1933: Igreja Winthir em Neuhausen-Nymphenburg
- Heimathaus em Pfaffenhausem (antiga prefeitura), com sala de Richard Berndl (com muitos dos desenhos e esboços de Berndl)

Artes e Ofícios

- Decoração de livros / decoração de fotos para a publicação: Akademischer Architektenverein München (ed.): *Festgabe para comemorar o 25º aniversário. Dedicado à Universidade Técnica Real de Munique. Prefácio de Friedrich von Thiersch*. 1ª parte: *O último quarto de século da arquitetura de Munique*. (editado por Hans Willich, com decorações pictóricas de Paul Pfann e Richard Berndl) Munique 1904.

Mausoléu do Conde Dionýz Andrásy

Construído em Krasno-Horica Varalja, no condado de Gömör, então parte da Hungria e atualmente na Eslováquia, se fez para a memória do Conde Dionýz Andrásy (1835-1913), industrial e último representante masculino do ramo Andrásy de Mônaco e sua esposa Františka Hablawetzová (1838-1902).¹²³

Diferentemente do que se tem afirmado, seu estio deriva do Munich Jugendstil¹²⁴, versão germânica do Art Nouveau e não da Secession, ramo vienense. Além de Berndl, projeto contou com a participação do escultor Max Frick, da pintora Karol Throll e o ourives e metalúrgico Adolf Mayerhofer, todos de Munique.

Talvez seja a obra mais célebre de Berndl e ainda hoje atração turística na cidade, e é considerada uma das maiores obras do Art Nouveau na Europa Oriental.

E o edifício traz em si toda a monumentalidade e simplicidade dos antigos edifícios romanos e bizantinos com a rotunda, além da inspiração em grandes obras do mundo antigo, com o simbolismo da era grega-romana e sua escrita em latim.

A planta é um octógono irregular e entre dois pilares encontra-se uma abside semicircular a qual se encontra o altar. A cúpula possui oito janelas de vidro em cor dourada, em mosaicos, com figuras de anjos simbolizando o cristianismo. E estas se repousam sobre oito colunas ricamente adornadas com folhas de lótus e coroas de louros. Acima, há a presença de uma lanterna com oito janelas e uma cruz de arenito no topo.

Exteriormente, as paredes são simples e austeras, dando destaque para as esculturas e outros detalhes. Acima do portal, se faz presente o brasão da família Andrásy, com anjos e águias.

O edifício do mausoléu está localizado no centro de um pátio em um parque de seis hectares. No caminho, se faz presente diversas esculturas, com

¹²³ Disponível em < <https://archiv.station.zoznam.sk/station/clanok.asp?cid=1152806363149> >. Acesso em 15/08/2023

¹²⁴ Originado em Munique em 1892, através da revista *Die Jugend*. Seu objetivo era quebrar o padrão histórico e estilístico mais forma da Academia, a qual buscava resgatar valores mais clássicos e rejeitava as novidades. Seus percussores foram Peter Behrens, Henry van de Velde entre outros,

destaque para a estátua de um cachorro – um bassê, representando a mascote da família.



Figura 17: Mausoléu Andrásy, atual Eslováquia 1913

Fonte: Disponível em < <https://www.snm.sk/en/museums/betliar-museum/betliar-museum/visit/expositions?clanok=the-count-dionyz-and-frantiska-andrassy-mausoleum#menu> >

Acesso em 12/08/2023

Mozarteum

A Universität Mozarteum Salzburg, comumente conhecida como *Mozarteum*, é uma universidade de Salzburgo para música, pedagogia de música, dança e educação em artes visuais. As instituições predecessoras, que existem desde 1841, também são chamadas de *Mozarteum*.

O projeto de Berndl consiste numa grande sala de espetáculo (imagem x), com a presença de um órgão de tubos e uma ala adjacente para a escola. Sua fachada e mobiliário possuem referências ao barroco de Salzburgo,

A grande dificuldade em si se fez na construção, já que se localiza entre um bosque com altas árvores e uma vila preservada dos tempos do renascimento alemão.¹²⁵ Em meio a essa passagem pitoresca, o arquiteto usa a situação do terreno para conceber um lance duplo de escadas.

¹²⁵ Berndl, Richard. In: Hans Wolfgang Singer (Ed.): General Artist Lexicon. Vida e obra dos mais famosos artistas plásticos. Preparado por Hermann Alexander Müller. fita 6: Segundo adendo com correções. Instituto Literário, Rütten & Loening, Frankfurt a. M. 1922, p. 22» Disponível em <https://archive.org/details/diechristlicheku08geseuoft/page/276/mode/1up>. Acesso em 15/08/2023

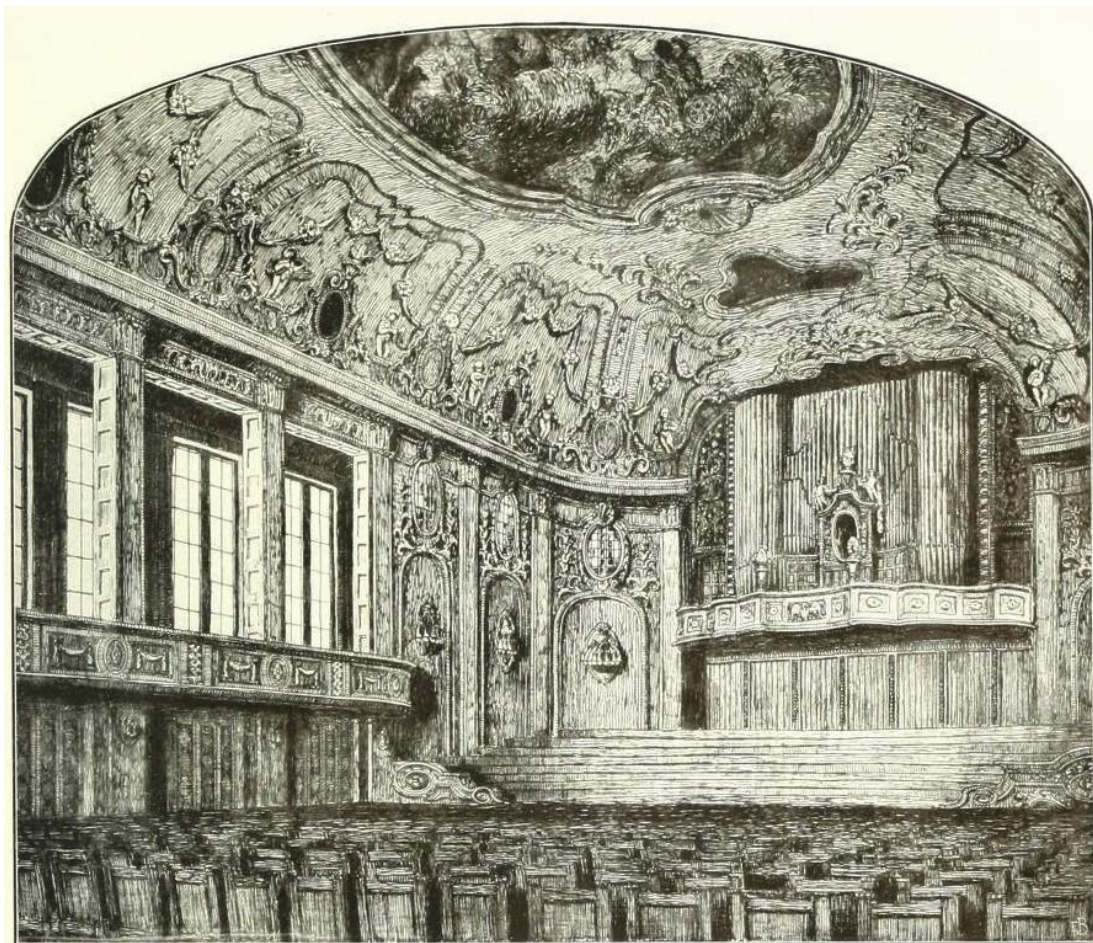


Figura 18: Mozarteum, Salzburgo.

Fonte: Disponível em

<<https://archive.org/details/diechristlicheku08geseuoft/page/276/mode/1up>>. Acesso em
15/08/2023

Capítulo 3 - O mosteiro

3.1 – A colina e o vale

A colina histórica

Na trajetória histórica da cidade de São Paulo, é importante delimitar a área definida como “colina histórica” ou “triângulo histórico” (figura 19), local de início de povoamento e atual centro original da capital paulista. Esta colina histórica demarcava a vista do alto das antigas rotas indígenas que ligavam o litoral ao interior do território, ou seja, propiciava visão estratégica dos vales circundantes, como os dos Rios Tamanduateí, Anhangabaú e Tietê.

O triângulo histórico, compreendido do Convento do Carmo até o Mosteiro de São Bento e rua Direita, era delimitado pela distância de cerca de 50 hectares. Nessa região, as igrejas tinham grande destaque¹²⁶.

O percurso da procissão passava pelas ruas de maior movimento, de uso misto (residencial e comercial), onde estavam os principais sobrados da cidade, em meio a um mar de casas térreas que rodeavam o entorno das mesmas (...). Os sobrados eram ocupados pelas pessoas de maior prestígio social e econômico da cidade, no caso de São Paulo mercadores e negociantes. As casas localizadas nessas ruas tinham um valor superior às demais e eram alugadas por quantias bastante elevadas. (CAPONERO, 2014, pág.220).

Nos fins do século XVIII, já havia uma *skyline*¹²⁷ (figura 20) característica, marcada pela presença na paisagem de inúmeras igrejas, com seus campanários, e estas foram construídas ou ampliadas no decorrer das décadas, com ornamentos cada vez mais elaborados, na medida em que a cidade se desenvolvia no final do século XIX, com uma industrialização primordial derivada do ciclo do café, e que refletia estes novos tempos de prosperidade.¹²⁸

No decorrer das décadas de 1880 e 1930, esse perímetro passou por mudanças significativas, sendo o ponto nodal de uma metrópole em expansão. Essa estrutura urbana e malha viária sofreu alterações de forma paulatina devido à instalação das redes de água e eletricidade, com uma sensível diminuição dos

¹²⁶ CAPONERO, 2014, pág. 105

¹²⁷ Ibid., pág. 101

¹²⁸ Ibid., pág. 102

espaços de estar e de lazer. Segundo Roberto Pompeu de Toledo¹²⁹, o Triângulo é o lugar de todos os encontros e de todas as modas, das lojas, dos cafés, das brigas, do barulho e da pressa.

Para Benedito Lima de Toledo¹³⁰, as duas primeiras décadas do século XX constituíram etapa significativa na definição da configuração do centro urbano. Os novos bairros residenciais estimularam a ocupação do centro pelo comércio. Com a presença de novos grupos sociais como a de imigrantes e negros libertos após a abolição, habitando outros bairros mais afastados do centro original, fez com que muitas procissões e demais festas religiosas, antes comumente realizadas nas ruas e largos do triângulo central, fossem transferidas para o interior das naves das igrejas, em anexos – ou para as novas periferias de uma cidade em ampla expansão.

O vale

Mesmo os acidentes geográficos, antes balizadores da estrutura urbana, e distintos na paisagem da cidade primordial de taipa, aos poucos foram sendo apropriados por intervenções urbanas. A superação do Vale do Anhangabaú, um obstáculo natural que separava o centro de São Paulo de outros bairros, teve seu início com a construção do primeiro Viaduto do Chá, em 1892. Na virada do século XX¹³¹, o ribeirão Anhangabaú corria solto, a circundar o centro histórico e fluindo para o Rio Tamanduateí. Havia casas dispersas e chácaras, como a do barão de Itapetininga. Em 1906, a situação mudaria com a canalização do ribeirão Anhangabaú. Logo afluentes como os riachos Saracura e Itororó foram canalizados e enterrado, abrindo espaço para novas avenidas. O que antes era um misto de plantações e terrenos baldios, se tornou um parque, e o centro “velho” se uniu ao centro “novo”.

Em 1906, o então prefeito Antônio Prado promoveu a construção de um novo viaduto por meio de uma concorrência pública para ligar os largos de São Bento e de Santa Ifigênia. A proposta vencedora seria de Giulio Micheli. com estrutura metálica importada da Bélgica – produzida pela siderúrgica Societé

¹²⁹ TOLEDO, 2003, pág. 424

¹³⁰ Ibid., 2003, pág. 120

¹³¹ Ibid., 2003, pág. 426

Anonyme Acières d'Angleur.¹³² Devido a problemas com desapropriações, a obra só seria iniciada em 1910.

O projeto original do Viaduto Santa Ifigênia (figura 21) contemplava a construção de uma ligação de 225 metro de extensão, composta por uma estrutura metálica de aço laminado com 225 metros de comprimento, o qual inclui um tabuleiro superior, com calçadas, duas linhas de bonde, além de guarda-corpos de ferro fundido com desenho Art Nouveau.

A montagem foi realizada pela Lidger-wood Manufacturing Company Limited, sob a supervisão dos engenheiros Mario Tibiriçá, Giuseppe Chiappori e Giulio Micheli. As peças pré-fabricadas de aço vieram numeradas da Bélgica.

Concluído em 1913, o Viaduto Santa Ifigênia causou admiração por sua monumentalidade e leveza, permitindo novos percursos de bonde e facilitando o salto da cidade para o outro lado do vale. Esteve ameaçado de demolição nos anos 1970, quando a saturação do Centro Velho e Novo da cidade parecia exigir alternativas de trânsito mais radicais. Após reformas, dentro do programa de implantação do calçadão do centro proposto pela EMURB-Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo, o viaduto recebeu calçadão de piso desenhado e foi bloqueado para veículos – desde então é permitida apenas a circulação de pedestres. Nos anos 1990 foi novamente restaurado. Marco histórico arquitetônico e urbanístico da cidade, recebeu tombamento estadual (também como parte do processo de tobo do bairro de Santa Ifigênia) pelo CONDEPHAAT Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo em 1986 (Processo 24.507/1986); e tombamento municipal pelo CONPRESP Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo, também como parte da área a ser tombada do bairro de Santa Ifigênia (Resolução no. 37/1992).

No mapa de 1930 (figura 22), consolida-se o Viaduto como rota de transição da cidade, com as duas igrejas servindo como ponto nodal de suas respectivas regiões. Destaca-se que neste mapa, há o traçado prévio daquilo que é a atual Avenida Prestes Maia, já presente no mapa de 1954. (figura 23).

¹³² ROBERTO POMPEU DE TOLEDO, 2003, pág. 428

Em sequência, temos três ortofotografias de 2020 (figuras 24, 25 e 26) que apresentam a atual conformação urbana, com a avenida ainda mais requisitada pelo tráfego de veículos e o viaduto sendo uma notável via para pedestres e ciclistas.

Na figura 25, destacam-se as curvas de nível, revelando a alta declividade do vale, e na figura 26, o uso predominante do solo, com a presença de Comércio de Serviço Vertical (vermelho) e Residencial Vertical Médio Padrão (azul).

Na figura 27, o Triângulo Histórico é apresentado sobre a atual conformação urbana, com indicação dos edifícios históricos em azul escuro. O Mosteiro de São Bento está no topo do mapa.



Figura 19: Planta da cidade de São Paulo oitocentista

Fonte: Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo (prefácio de Sérgio Buarque de Holanda) São Paulo, O mosteiro, 1977.



Figura 20: Vista parcial da cidade de São Paulo, Tirada da Residência do Governador, 1817
Fonte: Iconografia paulistana no século XIX. Autor: Pedro Corrêa do Lago. Livro. 1998



Figura 21: Viaduto Santa Ifigênia

Fonte: Disponível em: <<https://arquivo.arq.br/projetos/mosteiro-de-sao-bento>> Website Arquivo Arq. Acesso em 30/09/2023



Figura 22: Mapa de São Paulo em 1930 com enfoque ao “Viaducto Sta. Ephigenia” ao centro.

Escala: 1/2000

Fonte: Disponível em < https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx >

Acesso em 31/03/2024



Figura 23: Mapa de São Paulo em 1954. Destaque para o Mosteiro (canto inferior direito) e Igreja Santa Ifigênia (topo), indicados com uma cruz. Escala: 1/2000

Fonte: Disponível em < https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx >

Acesso em 31/03/2024

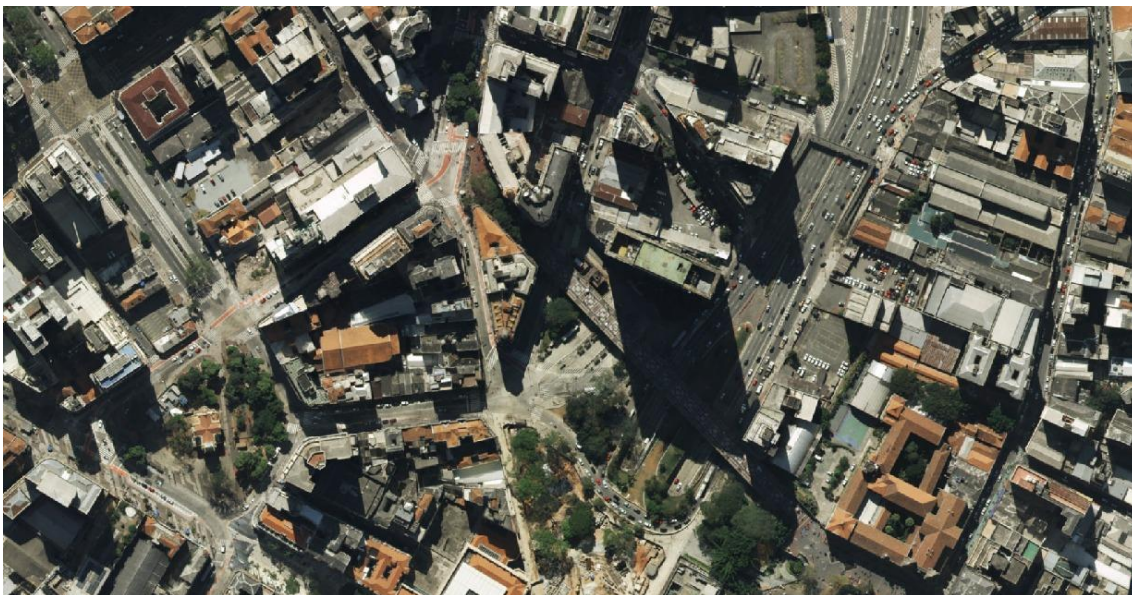


Figura 24: Ortofoto da região central de São Paulo de 2020. Escala: 1/2000

Fonte: Disponível em < https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx>

Acesso em 31/03/2024



Figura 25: Ortofoto da região central de São Paulo com curvas de nível (2020). Escala: 1/2000

Fonte: Disponível em < https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx>

Acesso em 31/03/2024

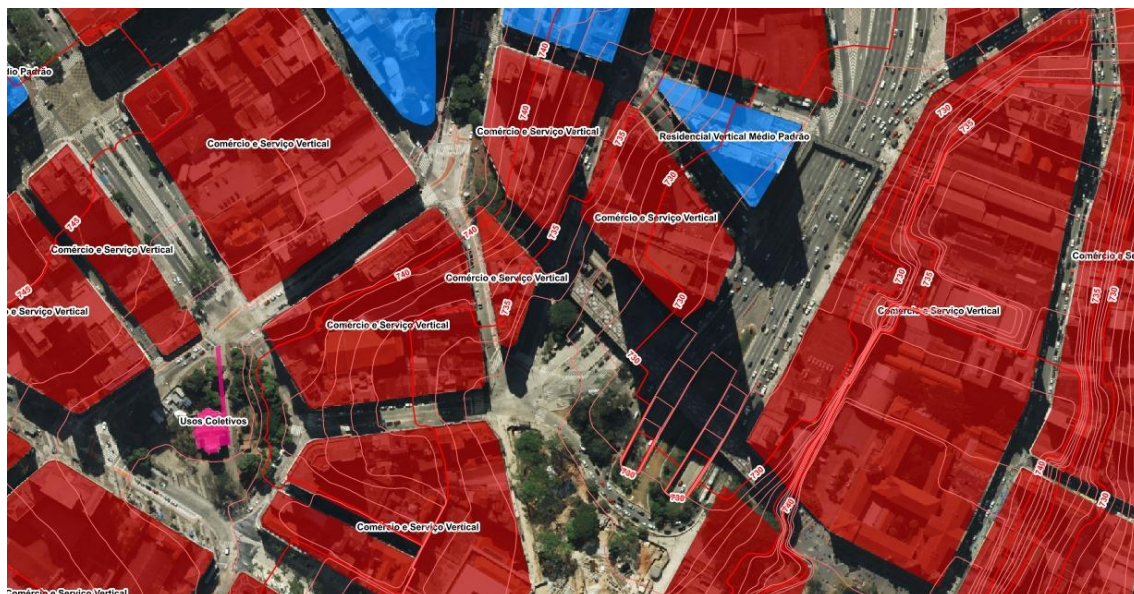


Figura 26: Ortofoto da região central de São Paulo com o uso predominante do solo (2020).

Escala: 1/2000

Fonte: Disponível em < https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx>

Acesso em 31/03/2024

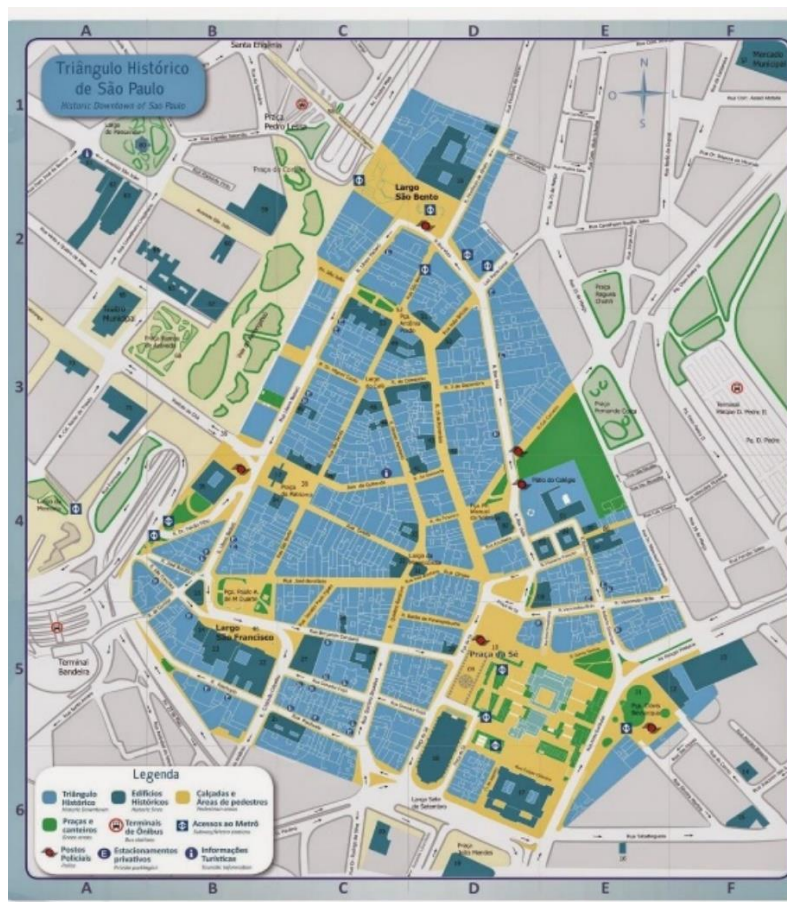


Figura 27: Mapa do centro histórico de São Paulo

Fonte: Disponível em <https://pt.map-of-sao-paulo.com/img/1200/centro-hist%C3%B3rico-de-s%C3%A3o-paulo-mapa.jpg> Acesso em 01/04/2024



Figura 28: Vista aérea do Viaduto Santa Ifigênia (ao centro) oriundo do site Google Earth.

Fonte: Disponível em < [https://earth.google.com/web/@-](https://earth.google.com/web/@-23.54322426,46.6350128,740.28330061a,786.18722973d,35y,19.92195847h,51.75t,0r/data=OgMKATA)

23.54322426,46.6350128,740.28330061a,786.18722973d,35y,19.92195847h,51.75t,0r/data=OgMKATA> Acesso em 31/03/2024

3.2 - Dom Miguel Kruse e o novo projeto para o mosteiro

Antecedentes

O Mosteiro de São Bento foi erigido no vértice da colina de conformação triangular do antigo assentamento de São Paulo. Próximo dali, havia o Caminho de Guaré ou Guarepe, a que atualmente se denomina rua Florêncio de Abreu, e era visto como um local de agradável localização.

Com duas cartas de sesmarias concedidas pelo capitão-mor Jorge Correia, em 4 de julho de 1598, o Frade Mauro Teixeira, monge beneditino natural da vila de São Vicente¹³³, deu princípio a fundação do Mosteiro:

No tempo em que esta cidade era Villa de S. Paulo, muito no seu princípio, também logrou felicidade, que não foy pequena, de a ella vir, e chegar o Rdo. Pe. Fr. Mauro Teixeira, Monge muito religioso, e abstinente, de louvável vida, e singulares costumes; deu cópia da sua vinda aos senhores Senadores, e a nobre Camara daquele tempo, expondo-lhe o intento, que o movia a subir a Serra de Cubatão e a vontade, e disposição de seu Prellado, que era de D. Abbade do Mosteiro da Bahia, que juntamente era provincial nesse tempo. (TAUNAY, 1927, pág. 21)

¹³³ DEL NEGRO, Paulo Sergio Barbaro. O mosteiro de São Bento de Sorocaba e a arquitetura beneditina do litoral brasileiro e do planalto paulista nos séculos XVII, XVIII e XIX. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000. pág. 73

O local escolhido para a construção da ermida seria “*na parte mais aprazível de toda a Cidade por ficar fora dela, porque correndo-lhe por baixo do Mosteyro de sua parte, que é a da nascente, o rio Tamandatihy que por esta parte o cerca, formando essa formosa enseada a terra, a feyra de tal sorte com o Rio Inhangabau, que pela parte doponto corre deyzando em cima no pavimento da terra, o lugar para quem vem no Mosteyro o possa entrar de maneira que parece está de fora da mesma Cidade*”.¹³⁴

Em 1637 o mosteiro já tinha sido alçado ao status de abadia. Nessa época, chegaram novos membros da Ordem como Frei Gregório, Frei Bernardo de Azevedo, Frei Pedro dos Santos, Frei Máximo Pereira e Frei João Pimentel.¹³⁵ O mesmo período foi marcado pela Aclamação de Amador Bueno como Rei de São Paulo, em 1641, num episódio representativo sobre as disputas políticas do Brasil Colônia em São Paulo.¹³⁶

O mosteiro receberia generosas doações de benfeitores, como o Fernão Dias Pais Leme em 1650. O “caçador de esmeraldas” impunha duas condições: ser o protetor da igreja e ter no altar-mor uma sepultura para si e seus descendentes legítimos. O sertanista seria lembrado por Dom Miguel Kruse. Segundo Sérgio Buarque de Holanda¹³⁷, com a construção da nova igreja em 1910, foram encontrados “*no lugar correspondente ao de seu tumulo em fêmur de pessoa de proporções agigantadas, duas ou três vertebrae, parte do parietal e do occipital com um chumaço de cabelos ruivos encanecidos e muito finos*”. Na cova ao lado, ossos que seriam de Maria Garcia Betim, esposa de Fernão Dias. Após o termino das obras em 1922, Dom Miguel Kruse manteve a sepultura em posição privilegiada no altar da nova igreja e por sua ordem, frei Adalberto Grenight, (idem), moldasse efígie em bronze, que seria exposta na fachada lateral esquerda da Basílica beneditina.¹³⁸

¹³⁴ ARROYO, Leonardo. Igrejas de São Paulo. Introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1966. pág. 74, citado por Anônimo, 1766.

¹³⁵ Ibid, op.cit, pág. 76

¹³⁶ No Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento, explica-se melhor sobre a disputa entre facções espanholas e portuguesas e seu conflito após a Aclamação do Dom João IV como Rei de Portugal e o fim da União Ibérica. Como os beneditinos se mantiveram neutros dentro dessas disputas, explica-se o motivo de Amador Bueno buscar refúgio em seu monastério.

¹³⁷ HOLANDA, op.cit. p. XXVII

¹³⁸ ARROYO, op.cit, p. 79

Desde 1650 constituíra-se Fernão Dias em protetor e benfeitor solícito da Ordem. Foi então que se prontificou ele a mandar fabricar-lhe mosteiro e igreja nova no lugar da antiga, tão apertada que mal que nela mal cabiam vinte pessoas, segundo notícias da época. À sua custa foram feitos os três altares, continuando o do centro devotado à Senhora de Monte Serrate, agora com retábulo de madeira pintada. Mandou ainda assentar um púlpito, acrescentando-lhe todos os paramentos indispensáveis, assim para o ouro da igreja como para ornato dos altares. Também determinou a construção de dormitório contíguo, de taipa de pilão, e nele se alojaram os religiosos, transferidos do recolhimento primitivo. (HOLANDA, 1977, pág. XXVI)

Após expansão financiada por Fernão Dias, destaca-se a alteração do patrono da igreja, a qual passou de Nossa Senhora de Montserrat para Nossa Senhora da Assunção, a pedido do Governador da Capitania de São Vicente, D. Francisco de Souza. A nomeação da padroeira permanece até hoje.

No século XVIII, o mosteiro contava, além da capela e dormitórios, com refeitório, oficinas, cozinha, adega e salas destinadas a sacristia e aos paramentos, além dos claustros. Com o tempo, o conjunto foi sendo modificado de acordo com as demandas de expansão da comunidade monástica, do financiamento oriundo de benfeitores e da necessidade de reforço nas estruturas das construções.

O estudo da velha iconografia paulistana, velha num sentido restritivo, pois não vai além de um século, revela muitos aspectos interessantes dos templos paulistas. Geralmente grandes edificações traíndo estilo colonial de fachada. A de São Bento, por exemplo, de 1808. Uma igreja de aspecto colonial, com uma torre de canto (canto hoje formado por Largo de São Bento e na rua Florencio de Abreu), uma porta estreita de portão trabalhado em pesada madeira encimado de três janelas apenas, janelas com rótulas. Do lado direito, em direção ao atual Viaduto Santa Ifigenia, estendia-se o corpo do convento, formado de uma única porta. As celas abriram nove janelas para o largo tranquilo na sua parte terra de taipa de pilão. Na parte superior do convento abriram-se dez janelas enfeitadas de balcão (ARROYO, 1966, pág. 88)

O mapa da figura 22, datada de 1787 e sem autoria, mostra esquematicamente a área do mosteiro com igreja e três pavilhões, o vale do Anhangabaú ao lado. Além disso, indica a atual rua Florencio de Abreu, antes denominada Rua da Alegria (1782-1786). Segundo Arruda¹³⁹, essa fachada poderia ser a correspondente ao período que antecedeu as obras de sua

¹³⁹ ARRUDA, op.cit, p. 61

reconstrução, ocorrida entre 1797 e 1800 – projetado pelo Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria em 1774 e edificado anos depois. (figura 23)

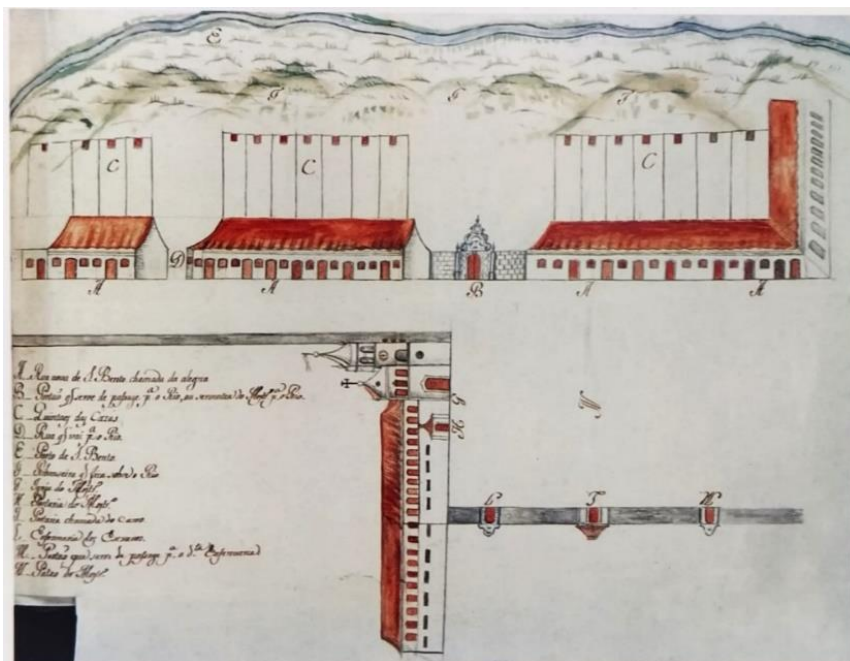


Figura 29: Antiga planta do Mosteiro de São Bento de São Paulo

Fonte: REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial* / Nestor Goulart

Reis; colaboradores Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, Paulo Júlio Valentim Bruma. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa oficial do Estado: Fapesp, 2000. p. 192



Figura 30: Reprodução da pintura: São Paulo – Largo, Mosteiro e Igreja de São Bento
(A partir do original de José Wasth Rodrigues)

Fonte: Disponível em: <<http://acervo.mp.usp.br/iconografiaV2.aspx#>> Acervo digital do Museu Paulista. Acesso em 19/07/2022

Nova cidade, novo mosteiro

A situação do mosteiro entraria em esfacelamento com a extinção dos noviciados no Brasil, por decisão do governo imperial, a qual impossibilitou a admissão de novos monges. O declínio do conjunto monástico fez com que se propusesse a transferência do mosteiro ao Estado. Segundo Luna¹⁴⁰, com os decretos governamentais e aumento das restrições no recebimento de novos noviços, a comunidade foi diminuindo até sobrar, no fim do século XIX, o velho abade, Frade Pedro da Ascensão Moreira, morto em 15 de julho de 1900.

A situação só seria revertida com o advento da Proclamação da República em 1889 que, com a laicização do Estado, permitiu que a Ordem Beneditina acolhesse novos noviços. Paralelamente a essa mudança de ordem política, monges da Congregação de Beuron (Baden-Wutemberg, Alemanha) chegaram ao Mosteiro da Bahia em fins de 1889. Estes monges implantaram em 1903 uma série de mudanças visando a recuperação da ordem no Brasil, em sintonia com estratégia de renovação da congregação beneditina alemã.¹⁴¹

Em julho de 1900, Dom Miguel Kruse assumiu e atuou fortemente na revitalização do mosteiro, reintroduzindo o ordenamento regular na vida cotidiana monacal. Seu espírito empreendedor manifestou-se logo de início na fundação de uma escola secundária, o Ginásio de São Bento, atual Colégio São Bento em 1903. Em seguida fundou a Faculdade de São Bento, iniciada em 1908, com o primeiro curso de filosofia do Brasil e precursora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ao mesmo tempo, São Paulo se distanciava de sua origem colonial de vila construída em barro, dentro da Capitania de São Vicente. Com o advento do ciclo do café, a cidade se expandia rapidamente como centro comercial e industrial e, conseqüentemente, passava por rápidas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais. As iniciativas e realizações do abade refletiram o crescimento da cidade e as novas demandas e necessidades da população. A renovação do mosteiro nasce no bojo das transformações radicais sofridas pela cidade e sua paisagem urbana. Para Yang¹⁴², a construção da hoje Basílica de Nossa Senhora da Assunção foi o resultado deste esforço que uniu

¹⁴⁰ LUNA, op.cit. p.137

¹⁴¹ ARRUDA, op.cit, p. 63

¹⁴² YANG, op.cit, p. 13

um momento de progresso da cidade de São Paulo, com a riqueza do ciclo do café, e uma nova visão urbanística para a cidade que crescia muito rápido.

Arruda¹⁴³ traz essa perspectiva de renovação da cidade com o mosteiro, cuja renovação se fez em larga escala e com muito dinamismo, tanto pelo antigo mosteiro em estado precário, com materiais de baixa qualidade, quanto pelo magnífico desenvolvimento. Em nenhum outro mosteiro beneditino brasileiro se viu um processo de reedificação tão intensa e rápida.

Entretanto, para Yang¹⁴⁴, mesmo com o espírito progressista do Abade Kruse em restaurar o Mosteiro, houve críticas e manifestações adversas sobre a presença de religiosos alemães e belgas em Mosteiros brasileiros. Mesmo que os monges beuronenses adotassem a nacionalidade brasileira, com nomes abasileirados, havia um discurso hostil com a demanda de trazer o Mosteiro e suas propriedades para o Estado. Dom Miguel, contudo, resistiu às pressões, conservou as posses em nome da Ordem de São Bento, e implementou seus projetos para o novo mosteiro.

De acordo com Arroyo¹⁴⁵, a comissão central das obras foi constituída de Dom Miguel Kruse. João Lourenço Madein, Dom Amaro e de Dom João, sendo este último o celeiro, ou seja, o tesoureiro. A pedra fundamental do templo foi lançada no dia 13 de novembro de 1910, às 14 horas, no Dia de Todos os Santos da Ordem de São Bento. A cerimônia seria presidida pelo cônego Sebastião Leme.

A mando de Dom Miguel Kruse, o projeto foi elaborado em Munique (Alemanha) pelo professor e arquiteto Richard Berndl em 1911. A construção da abadia seria célere e em dois anos já seria finalizada. Em 1913 receberia a benção e teria sua primeira missa. Em sequência, o antigo conjunto seria demolido para dar lugar ao atual. No total, a construção da igreja, abadia e colégio duraria 11 anos.

Para a decoração da Basílica Abacial, Dom Miguel convidou Dom Adalberto Gresnicht¹⁴⁶, monge de Maredsous (Bélgica) e membro da Escola de

¹⁴³ ARRUDA, op.cit, p. 63

¹⁴⁴ YANG, op.cit, p. 94

¹⁴⁵ ARROYO, op.cit, p. 89

¹⁴⁶ No livro *Bens Culturais Arquetônicos no município e na região metropolitana de São Paulo* se há a seguinte descrição: A igreja recebeu apurada decoração de D. Adalberto Gresnicht, escultor além de pintor, vindo do Mosteiro de Maredsous (Bélgica) e formado em sua arte na Congregação de Beuron, onde se desenvolvia, desde o último quartel do século XIX, uma escola

Artes de Beuron¹⁴⁷. Auxiliado por irmãos conversos como o Irmão Clement Frischauf¹⁴⁸, executou as obras de pintura do templo em dez anos, além de outros trabalhos em peças de madeira, bronze e vitrais. No início, a vinda de Dom Adalberto seria apenas para estudos imagéticos com a arte beuronense, entretanto, com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi autorizado a permanecer e finalizar as obras artísticas. Em 1922, o templo seria consagrado à categoria de basílica.

A sagração da Basílica Abacial de São Bento ocorreu nos dias 6 e 7 de agosto de 1922, um sábado e um domingo, com as celebrações presididas por Dom Aidan Gasquet, enviado do Papa Pio XI. A purificação e consagração foram finalizadas com a elevação da igreja à Basílica Menor.

A igreja teve grande destaque enquanto edificação, dentro do complexo monástico. Se no passado os campanários românicos e góticos em torres tinham como objetivo se tornar uma referência urbana, de marcar o tempo e a vida cotidiana com os sinos, na Basílica de São Bento, essa marca urbanística seria resgatada, com as torres de sendo um marco da verticalização urbana e o horizonte de uma cidade de São Paulo em expansão, porém ainda sem a *skyline* marcante dos arranha-céus, que marcaria a paisagem paulistana a partir da década de 1930.

“A igreja, construída em parte de granito vermelho e azul do paiz, parte em tijolos, e de estylo gothico das basílicas romanas mesclada com certa dose de byzantino e algo do estylo das basílicas romanas. Esta nota sobresa e principalmente no tecto chato interrompido por molduras de diferentes formas e tamanhos”. (ARROYO apud Anuário do Ginásio de São Bento, 1966, p. 89)

Com o Mosteiro de São Bento, segundo Arruda¹⁴⁹, o novo projeto em estilo neorromânico e neogótico, refletiria as grandes mudanças, de ordem temporal e espiritual. O revivalismo gótico na concepção do projeto arquitetônico

de pintura de tendência neonazarena. Essa escola estava sujeita a influências de estilos exóticos – primitivos e requintados – em que se mesclavam, à inspiração do Quatrocento, aspectos de pinturas ainda mais arcaicas.

¹⁴⁷ YANG, op.cit, pág. 37-56.

¹⁴⁸ ARROYO, op.cit, p. 89. Arroyo descreve: Em menos de doze anos o templo foi terminado e pintado. Com decorações do monge Adalberto Gresnicht e do irmão Clemence Firschauf. D. Adalberto é considerado como um homem notável, dotado de vários predicados. Depois do seu trabalho em São Bento, foi chamado para decorar a igreja de Santo Anselmo de Nova York. Em seguida foi para china, construir igrejas. Em Roma escolpiu o tumulo de Pio XI. Monge bem dotado, escultor, pintor, arquiteto e cantor.

¹⁴⁹ ARRUDA, op.cit, p. 64

e artístico tinha como discurso remeter à Idade Média, período marcado pelo poder e vigor da Igreja Católica. No inventário Bens Culturais arquitetônicos no município e na região metropolitana de São Paulo¹⁵⁰, de 1984, se faz a seguinte análise:

O projeto do mosteiro deve ser compreendido, todo ele, dentro da tradição eclética germânica. O antiquado Roundbogenstil – que aliava reminiscências românicas, bizantinas e de arquitetura quatrocentista italiana (três diferentes estilos arquitetônicos, identificados pelo uso do arco pleno) – fora rejuvenescida pelo arquiteto por meio de pormenores neogóticos. Esse ecletismo, aparentemente confuso, resultou num dos projetos mais refinados que São Paulo possui. (1984, pág. 105)

Compreende-se também uma ruptura do modelo colonial de tradição luso-brasileira em contraste com o “modernismo colonial” (o estilo Neocolonial, em evidência na época e valorizado pelas elites paulistas). O período seria marcado pela crescente europeização das elites da sociedade, que evidentemente reverberou na produção local de arquitetura. A própria construção em pedra seria destoante à tradição da taipa, além de propor uma identidade própria que representasse a tradição e solidez da Ordem de São Bento.

O emprego do neogótico em importantes construções seculares é incomum, pois, como veremos, a grande maioria dos casos neogóticos no Brasil consiste em edifícios religiosos – igrejas e capelas ou, em menor número, associações beneficentes e hospitais. De fato, na virada do século XIX, o neogótico era geralmente considerado no Brasil, como em outros lugares, como o estilo mais adequado para a arquitetura religiosa – associação baseada, como se sabe, no paralelismo simbólico entre a verticalidade do gótico formas e o anseio de elevação ao Céu inerente à devoção humana. Desta forma, a religiosidade cristã materializou-se na pedra, criando espaços etéreos com o controle meticuloso da luz, que simbolizava a graça divina. (PINHEIRO, 2016, pág. 106)

Para Yang¹⁵¹, o espírito empreendedor de Dom Miguel Kruse trouxe um projeto de visão ímpar, favorecendo a interação da Ordem com a sociedade. em trazer a arte beuronense à cidade e ampliar a presença do canto gregoriano para os fiéis. Este modelo revivalista seria empregado futuramente em duas novas construções religiosas do centro de São Paulo. A Catedral Metropolitana Nossa

¹⁵⁰ Bens Culturais Arquitetônicos no município e na região metropolitana de São Paulo. São Paulo, (SNM) Secretaria dos Negócios Metropolitanos, (SEMPPLA) Secretaria Municipal de Planejamento, (EMPLASA) Empresa Metropolitana de Planejamento, 1984. p. 185

¹⁵¹ YANG, op.cit, p. 98

Senhora da Assunção e São Paulo (neogótica, construída 1913-67, segunda reconstrução da igreja da Sé desde 1616) e a Paróquia Matriz Nossa Senhora da Conceição (Basílica Santíssimo Sacramento de Santa Ifigênia, 1909-59, reconstrução da igreja original de 1799), ambos projetados pelo arquiteto de origem alemã Maximilian Emil Hehl (1861-1916).



Figura 31: Mosteiro de São Bento de São Paulo.

Fonte: Disponível em: <<https://arquivo.arq.br/projetos/mosteiro-de-sao-bento>> Foto de Guilherme Gaensly / Instituto Moreira Salles. Acesso em 15/05/2023.

Teoria estética de Lenz e a Escola Arte de Beuron

A Escola de Beuron surgiu com o Peter (Desiderius) Lenz e Gabriel Wüger, artistas pertencentes a Congregação Beneditina de Beuron. Dentro da determinação do “Ora et labora”, desenvolveram uma arte com fim litúrgico e pedagógico-religioso, e por meio do modelo pedagógico de ensino-aprendizagem, ensinou uma série de aprendizes. Seu auge se fez no período entre 1894 e 1900, onde a relação mestre-aluno foi mais presente, unindo uma série de estudiosos e artistas da arte sacra, que aplicaram os métodos em diversas igrejas ao redor do mundo.

As décadas finais do século XIX foram marcadas nas terras germânicas pelo processo de unificação alemã, e nas artes, pelo período romântico, com temas relacionados ao resgate de mitos e valores de uma saga da história nacional, com seus personagens e paisagens históricas e mitológicas. Temas religiosos passaram a ser menos usuais do que na Idade Média, Renascença e Barroco; porém a temática religiosa ressurgiu com um grupo denominado de Nazarenos, a qual buscava reviver a arte cristã das épocas antigas. Havia também outro grupo importante, que focava na arte cristã pintada em murais.

Lenz e Wüger pertenceram ao movimento dos nazarenos e as recentes descobertas arqueológicas do Antigo Egito e sua arte, na época, foram fundamentais para a formação de uma nova sensibilidade artística. Após um período de reflexão e isolamento, Lenz desenvolveu sua teoria estética em um ensaio. Este estudo, para Yang¹⁵² foi fundamental para que Lenz desenvolvesse sua teoria de que houve um dia um dogma-base para a arte religiosa, que seguia a Lei da Proporcionalidade e a Harmonia das Magnitudes - este dogma era conhecido e seguido pelos antigos egípcios.

(...) Este dogma “matemático” era conhecido pelos egípcios que o aplicavam na sua produção artístico religiosa, porém, após anos de fazeres artísticos, esta lei caiu no esquecimento. Lenz acreditava que sua tarefa de vida era redescobrir estes princípios e métodos; ele pretendia descobrir a metodologia desta lei como quem descobre a gramática de uma língua esquecida. (YANG, 2016, p.53)

Para Lenz, Deus se manifestava de maneira simples, porém difícil de se descobrir, segundo Yang¹⁵³, Lenz identificava nas artes da Antiguidade a possibilidade de chegar a essa manifestação divina e no “Pecado Original”. Este último fazia parte da consciência destes povos e a arte era necessária para resgatar sua falta de Deus. Sua magia não era encontrada em livros, mas na arte, e nela havia a preservação da beleza pura. Assim, a teoria lenziana tinha como enfoque a reprodução das artes romana, egípcia e grega, entre outras, assim como as artes medievais.

¹⁵² Yang, op.cit, pág. 37

¹⁵³ Ibid. op.cit. pág. 56

Lenz procurava uma linguagem matemática que acessasse o Sagrado. Havia a busca do artista pela melhor forma de representar Deus e se aproximar da Criação Divina. Também existia a busca do religioso em louvar a Divindade pela sua arte e trabalho. A arquitetura era como uma ferramenta que permitiria a construção do templo - sendo o templo ideal como local sagrado da Presença, não apenas o local das orações dos fiéis, mas de Presença do Divino. (YANG, 2016, p.57)

Já pertencendo a Beuron, Lenz aplicou seu programa imagético servindo como modelo em diversos mosteiros beneditinos. O trabalho se pautava na produção coletiva, mas dentro dos moldes vinculados à Regra Beneditina.

Um dos primeiros trabalhos de Lenz foi a a Capela de São Mauro, próxima do Mosteiro de Beuron. Concluída em 1871 pelos monges Desiderius Lenz, Gabriel Wüger e Lukas Steiner, foi construído em estilo neoclássico, similar exteriormente a um templo grego. No interior, destacam-se as pinturas murais, repletas de simbolismos, cuja iconografia estilizada de Lenz, caracterizada por formas bidimensionais, geometricamente construídas. Na fachada principal, há esculturas de freiras em posição de flanco, entregando oferendas a Cristo.

Um dos principais aprendizes de Lenz foi o holandês Dom Adelberto Gresnicht. Admitido muito jovem ao mosteiro de Maredsous, sua carreira fora marcada por diversas viagens a países onde seu trabalho como pintor fora bem aceito e em 1914 partiu para São Paulo a convite de Dom Miguel Kruse para fazer o estudo decorativo da Basílica. Entretanto, com o início da I Guerra Mundial, permaneceu e concluiu os trabalhos de pintura, junto aos irmãos Clement Frischauf e Lucas Reich.

Na arte sacra do Mosteiro em São Paulo, produzida dentro do estilo da Escola de Arte de Beuron, percebem-se semelhanças com os anjos da Capela de São Mauro. No entanto, a pintura de Gresnicht possui profundidade de campo e é um trabalho mais sutil, cuja paleta evoca um efeito de luz e sombra sem eliminar a característica do desenho, além do emprego das cores em degradê e contraste cromático. Buscava a leveza e se afastava levemente da estaticidade oriunda da arte do mestre. Segundo Yang¹⁵⁴ não havia a preocupação em retratar a natureza e imitá-la, mas realçar o traço. Havia o desejo em se buscar o sublime.

¹⁵⁴ Yang, op.cit, pág. 298

Alguns elementos são comuns as obras de Lenz e Gresnicht, como a presença da folha de papiro (figura 33 e 35) e uso constante das cores quentes, como o vermelho e dourado.



Figura 32: Capela de São Mauro, Baden-Württemberg, Alemanha, 1868-1870.
Fonte: Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:St.-Maurus-Kapelle_\(Beuron\)](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:St.-Maurus-Kapelle_(Beuron))> Acesso em 09 dez. /2020



Figura 33: Detalhe da fachada principal da Capela de São Mauro, Baden-Württemberg, Alemanha, 1868-1870.

Fonte: Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:St.-Maurus-Kapelle_\(Beuron\)](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:St.-Maurus-Kapelle_(Beuron))> Acesso em 09 dez. 2020.

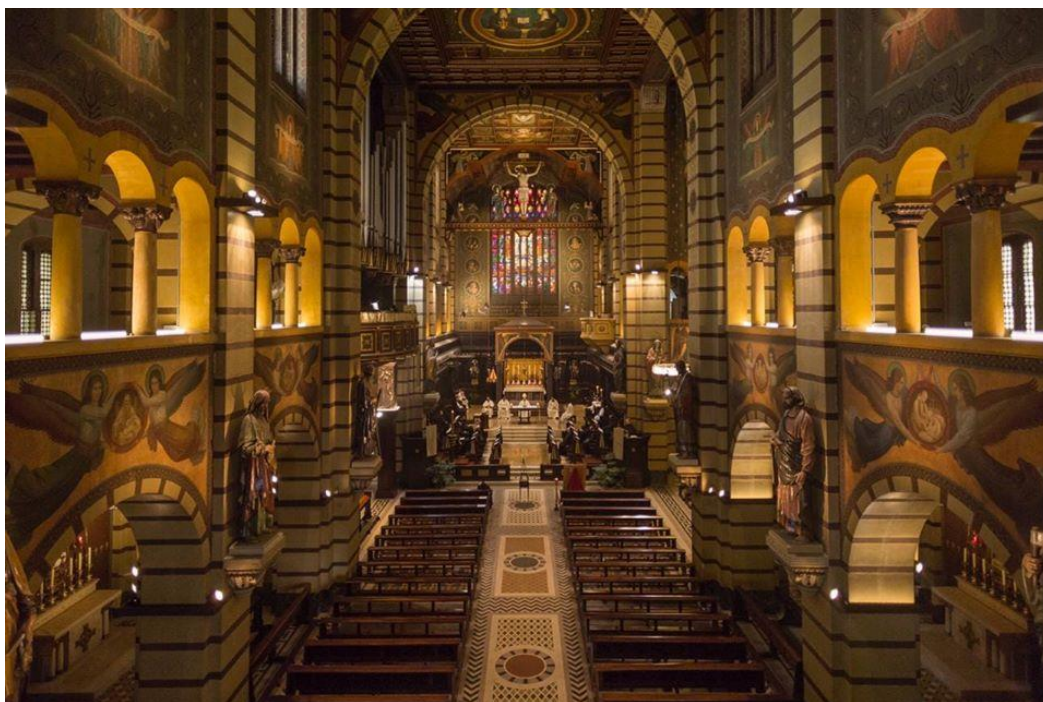


Figura 34: Interior da Basílica de Nossa Senhora da Assunção. São Paulo.

Fonte: Disponível em: < <https://ondevimparar.com.br/mosteiro-de-sao-bento/> Acesso em 08 dez. 2020.



Figura 35: A Crucificação de Jesus Cristo – Dom Adalberto Gresnicht.

Fonte: Disponível em: < MOSTEIRO DE SÃO PAULO. Fotografia colorida. Acervo do Mosteiro de São Paulo, São Paulo. Disponível em: < https://www.facebook.com/mosteiosp/photos_albums>. Acesso em: 29 nov. 2020.>

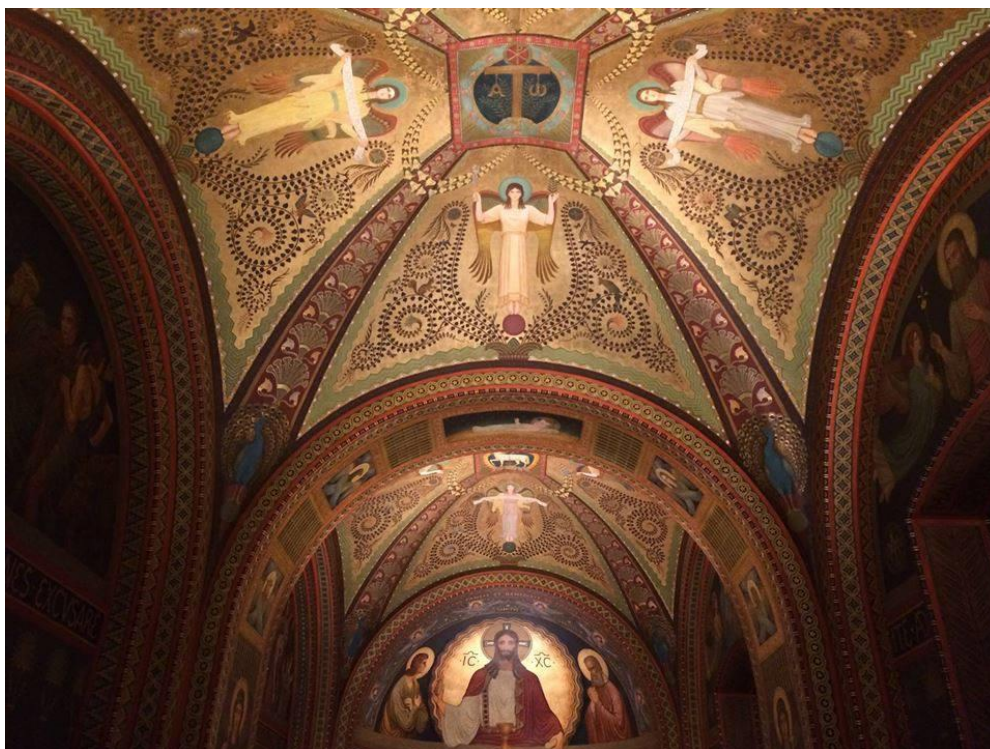


Figura 36: Capela da Basílica de Nossa Senhora da Assunção.

Fonte: Disponível em: < https://www.facebook.com/mosteirosp/photos_albums >. Acesso em 16/02/2024.



Figura 37: Detalhe de pintura da capela.

Fonte: GIANANTE, C. fotografia de fachada, colorido, 08 set 2022. Acervo do autor.

3.3 – Arquivos e Leituras

Nas pesquisas realizadas no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, este pesquisador encontrou uma série de plantas, cortes e elevações, algumas revelando a presença de algumas versões anteriores do projeto que serão analisadas posteriormente. Nas publicações em periódicos da época, nota-se a presença preliminar de um volume central abobadado na fachada lateral¹⁵⁵, elemento que não foi levado adiante no projeto e obra. Há questionamentos sobre a finalidade da abóbada, por parte do arquiteto, decerto atribuindo maior destaque ao conjunto educacional (figura 38). Nas imagens posteriores, verifica-se que a proposta de abóbada foi descontinuada (figura 39)

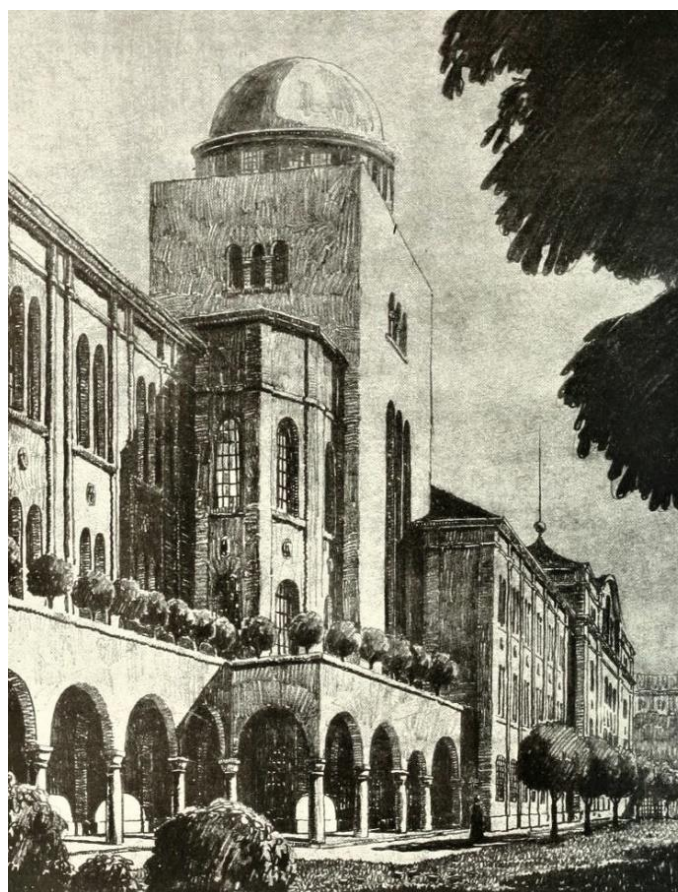


Figura 38: Desenho para o novo mosteiro, desenho monocromático, sem data – Richard Berndl

Fonte: Disponível em

<<https://archive.org/details/diechristlicheku08geseuoft/page/n310/mode/1up.>> Acesso em

19/09/2023

¹⁵⁵ Repara-se a influência da Secessão Vienense, no caso da obra de Joseph Maria Olbrich e seu edifício de exposição. A própria obra de Berndl já apresenta esses traços, como o Mausoléu de Andrassy, de 1913.

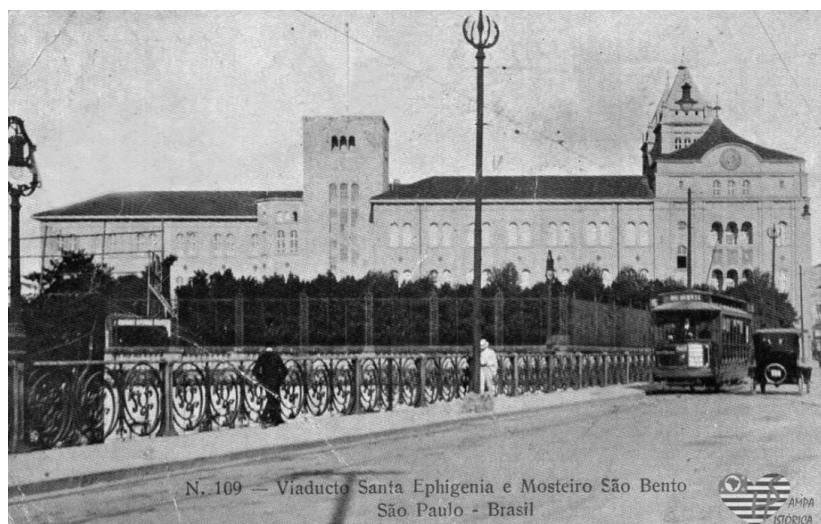


Figura 39: Viaduto Santa Ifigênia e Mosteiro de São Bento, sem data.

Fonte: Disponível em < <https://arquivo.arq.br/projetos/mosteiro-de-sao-bento> > Acesso em 19/09/2023

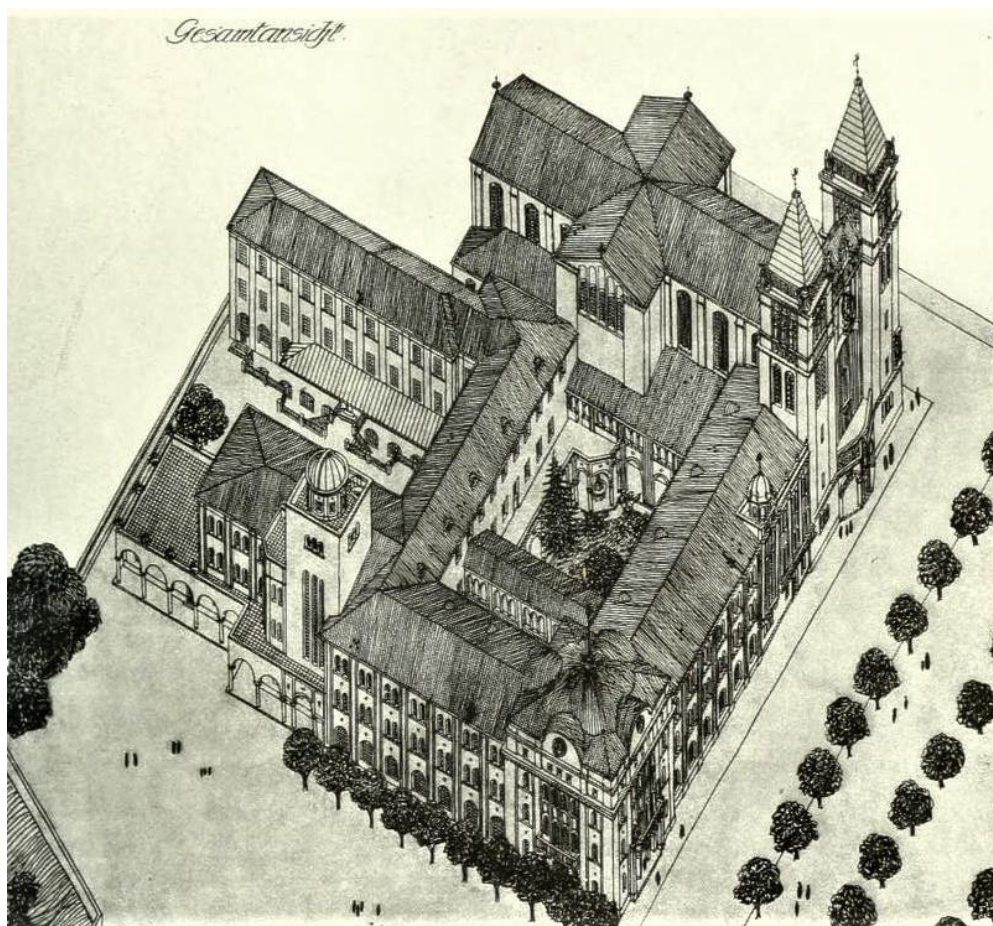


Figura 40: Desenho para a novo mosteiro, desenho monocromático, sem data – Richard Berndl

Fonte: Disponível em < <https://archive.org/details/diechristlicheku08geseuoft/page/n310/mode/1up.>> Acesso em 19/09/2023

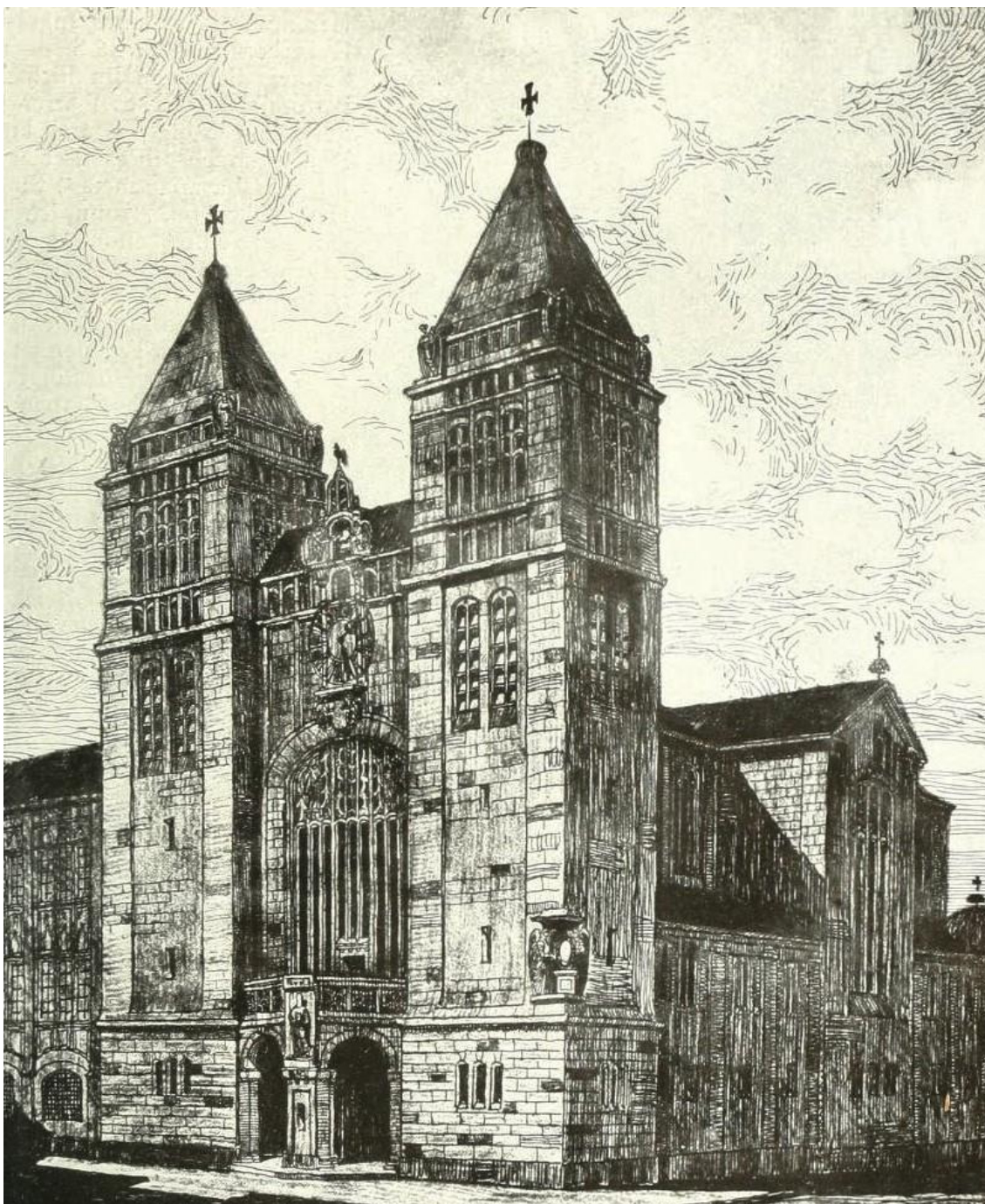


Figura 41: Desenho para a nova Basílica, desenho monocromático, sem data – Richard Berndl

Fonte: Disponível em

<https://archive.org/details/diechristlicheku08geseuft/page/n310/mode/1up>. Acesso em 19/09/2023

Fachadas

A fachada faz a apresentação do edifício. É um dos elementos de maior destaque dentro do conjunto, pois apresenta a Ordem de São Bento à cidade de São Paulo e reflete os preceitos de sua fé. Segundo Yang¹⁵⁶, a construção visual da Basílica como um modelo político de discurso imagético era muito presente nas escolhas feitas por Dom Miguel, que procurava acompanhar o processo que estava implementando de revitalização da ordem e sua importância para a cidade. Este local é a casa de Deus na Terra; isso significa que sua casa traz os adjetivos relacionados a edificação: sólida, austera e imponente.

O espaço arquitetônico revela e instrui. De que maneira ela instrui? Na Idade Média, a grande catedral instrui em vários níveis. Há o apelo direto dos sentidos, ao sentimento e ao subconsciente. A centralidade da construção e a presença dominante são imediatamente registradas. Eis o volume – o peso da pedra e da autoridade – e, no entanto, as torres se elevam. Estas interpretações não são autoconscientes e retrospectivas; são respostas do corpo. (TUAN, 1983, pág. 127)

A primeira certificação se faz através das torres. No Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, constam três desenhos de fachada explicitando as mudanças. Primeiro, temos a igreja com uma torre centralizada e proporcionalmente maior que a base da igreja (figura 42), numa relação 2:3, além de um pináculo com formato acentuado. No Arquivo Municipal consta a data de 21 de setembro de 1909. Em sequência temos a fachada lateral (figura 43) explicitando a torre e a presença da cúpula e uma rosácea na parede lateral. Esses elementos seriam suprimidos posteriormente (figura 44 e 45), com o acréscimo de duas torres de menor proporção, com a substituição dos pináculos nas torres por um elemento escultórico centralizado.

A terceira fachada proposta (figura 46), de 1910, já apresenta a versão atual que fora construída. As alterações se fizeram nas torres, com a presença do pináculo. O desenho da fachada se faz mais detalhado, tanto nas cornijas, janelas e vitrais. Destaque para o brasão da Abadia de São Bento de São Paulo na lateral direita. Sua presença se faz pelo fato de haver o cruzamento do Largo de São Bento com a Rua Florêncio de Abreu. (figura 49).

¹⁵⁶ YANG, op.cit. p. 67

A fachada principal possui alguns elementos de destaque (figura 47). Primeiramente os dois anjos que se posicionam entre os sinos. Abaixo, o relógio se faz presente entre anjos sineiros e os anjos em louvor, a qual seguram uma placa com inscrição “A.D. 1912”. Abaixo do grande vitral, há escultura em relevo do Patriarca São Bento, produzida em bronze pelo escultor Heinrich Wanderé (1865-1950) ¹⁵⁷. Possui 3,10m de altura, apresentando São Bento como um homem maduro e barbado, segurando o báculo de pastor e saudando os fiéis.

O pórtico do nártex de entrada avança para frente em direção à rua, evidenciando a escultura e configurando uma área intermediária entre a rua e a nave principal, no intento de criar um ambiente de recepção sombreada ao fiel, separando-o do mundano na chegada ao lugar santo.

Comparando as três fachadas, pode-se imaginar a intenção de Dom Miguel Kruse em que a nova Abadia dispusesse um aspecto mais sólido e imponente, referenciando-se mais o românico do que o gótico. Se na primeira fachada o destaque está na verticalidade da torre, na segunda, as torres são mais discretas. Torres que teriam maior destaque na terceira versão, além do acréscimo de diversos ornamentos plenos de simbolismo.

Na fachada lateral esquerda, a da Rua Florêncio de Abreu, (figura 50 e 51) se encontra três placas de bronze, modeladas por Gresnicht, e escolhidas por Dom Miguel Kruse, e que representam o Papa Leão XIII, por dar alento a Ordem; Frei Domingos da Transfiguração Machado, Abade Geral da Congregação Beneditina nos fins do século XIX e Fernão Dias, benfeitor dos beneditinos. Ao lado, possui outro conjunto escultórico em pedra, com: Amador Bueno, que se refugiou no mosteiro, para não ser rei de São Paulo; Anchieta, o catequizador e frei Mauro Teixeira, o fundador da primeira ermida.¹⁵⁸

Nas figuras 53 e 54, estão as pranchas com mais detalhes arquitetônicos e ornamentais do conjunto beneditino como um todo, na versão que foi de fato construída.

Dois elementos de destaque se fazem presentes na entrada principal do Mosteiro. Na lateral esquerda se há a entrada principal da Faculdade e Colégio de São Bento (figura 55) e entre ele e a Basílica, uma entrada para o conjunto

¹⁵⁷ YANG, op.cit, p. 98

¹⁵⁸ ARROYO, op.cit, p. 90

monacal e a caixa de escada adjunta, a qual proporciona uma ênfase à verticalidade através do pináculo em estilo gótico. (figura 58)



Figura 42: Primeira versão da Basílica Abacial

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo



Figura 43: Fachada lateral da primeira versão da Basílica Abacial
 Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo



Figura 44: Fachada lateral da segunda versão da Basílica Abacial
 Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo



Figura 45: Segunda versão da Basílica Abacial

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo



Figura 46: Terceira versão da Basílica Abacial

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo



Figura 47: Basílica Abacial do Mosteiro de São Bento de São Paulo

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.



Figura 48: Detalhe do pórtico da Basílica Abacial

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.



Figura 49: Detalhe da Basílica Abacial

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.



Figura 50: Fachada lateral oeste

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.



Figura 51: Detalhe em alto relevo

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.



Figura 52: Vista geral do Mosteiro de São Bento

Fonte: GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.



Figura 53: Fachada principal do Mosteiro de São Bento

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.



Figura 54: Detalhe da fachada principal do Mosteiro de São Bento
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.



Figura 55: Vista lateral do Mosteiro de São Bento com destaque para a Faculdade
Fonte: GIANANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.



Figura 56: Vista frontal do Mosteiro de São Bento com destaque para a Faculdade.
Fonte: GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.



Figura 57: Detalhe do pináculo do Mosteiro de São Bento
Fonte: GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.



Figura 58: Fachada principal do Mosteiro de São Bento

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.

Plantas

Na análise das plantas presentes no Arquivo Municipal, constatam-se as seguintes alterações:

- A nave principal manteve a mesma configuração, com pequenas alterações no altar, com capela e deambulatório a qual se acessa o claustro.
- Na entrada, nota-se as alterações em relação aos pilares e ao nártex. Na planta atual, nota-se uma combinação das soluções presentes (figura 61). Posteriormente, há plantas (figuras 62, 63 e 64) indicando os três pisos com seus quartos, salões e dormitórios.
- Na planta atual (figura 65), se há maiores detalhes da complexidade do conjunto monástico¹⁵⁹, como as salas de visitas, salas de aula, diretoria, secretaria, auditório, tesouraria, xerox, entre outros ambientes da Faculdade e Colégio de São Bento e salas ligadas a vida religiosa, como sacristia, sala capitular, igreja e capelas. Além disso, há um semi-claustro e dois refeitórios.
- Na figura 66, destaca-se as principais entradas para o conjunto monástico. A entrada número 1 acessa a Faculdade e Colégio de São Bento. Número 2, para o Mosteiro e o número 3, acesso para Basílica de Nossa Senhora de Assunção.
- Observa-se diversos corredores principais que levam a grandes espaços e ambientes do Mosteiro. O corredor A perpassa próximo as principais entradas do mosteiro. O percurso B, se inicia pela Basílica, transita pelo claustro, anfiteatro e finaliza no corredor das salas de aula. Assim acontece também no percurso E, que se inicia na entrada da Faculdade e Colégio e termina nas salas de aula.

Nas imagens posteriores, temos o corte transversal (figura 67) do Colégio São Bento, assinado pelo arquiteto L. Grünh, assinado em 30 de novembro de 1912. (figura 68)

¹⁵⁹ Apenas a planta térrea foi disponibilizada pelo Mosteiro de São Bento de São Paulo. As demais foram indeferidas pois apresentam detalhes mais privativos à comunidade beneditina.

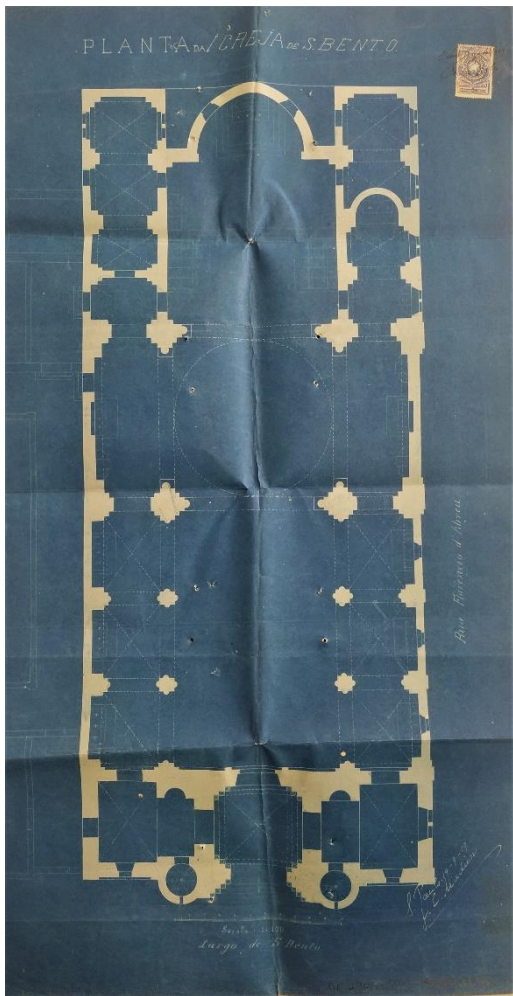


Figura 59: Planta Basílica

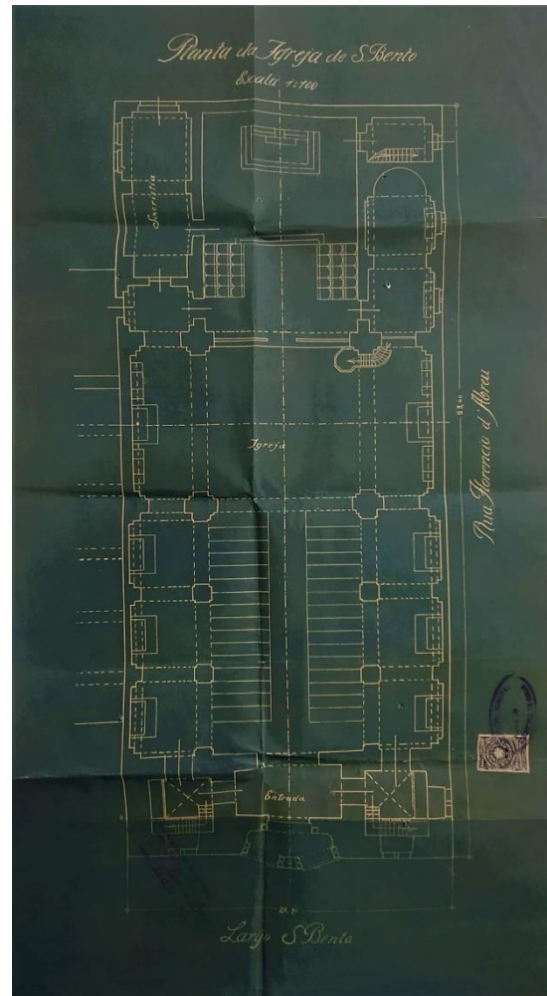


Figura 60: Planta Basílica

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

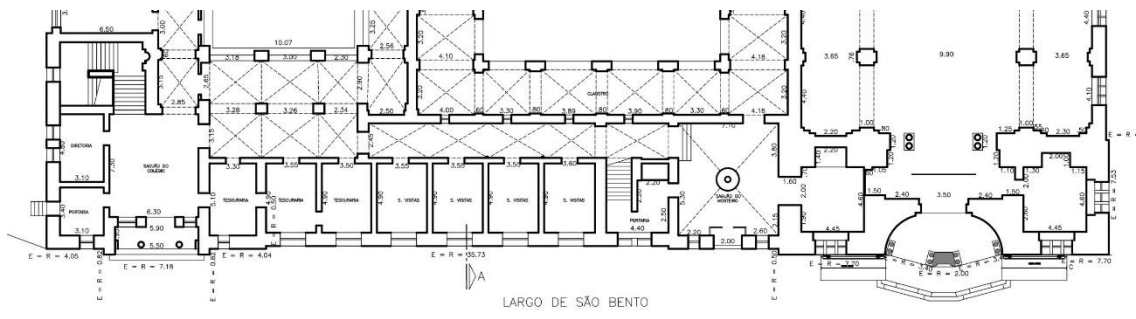


Figura 61: Detalhe da planta do Mosteiro de São Bento

Fonte: Acervo digital do Mosteiro de São Bento de São Paulo

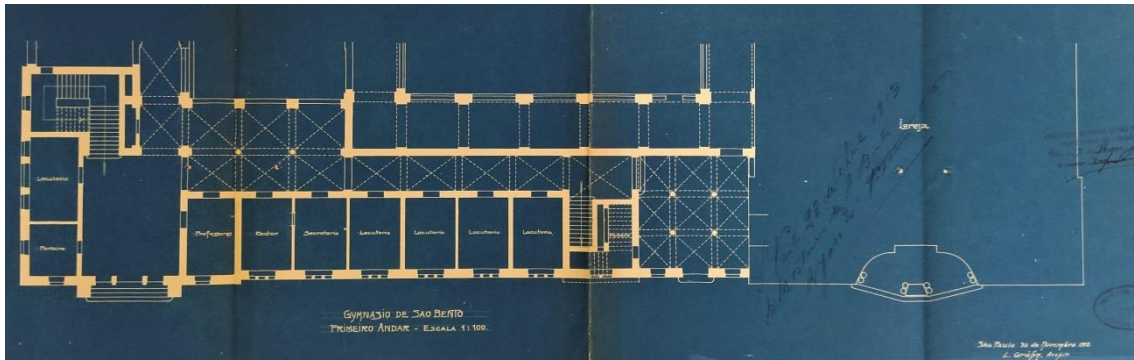


Figura 62: Planta térreo

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

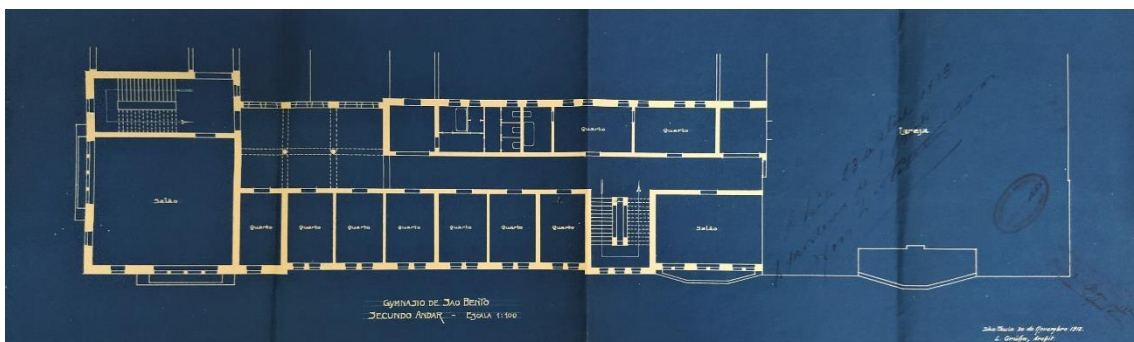


Figura 63: Planta primeiro piso

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

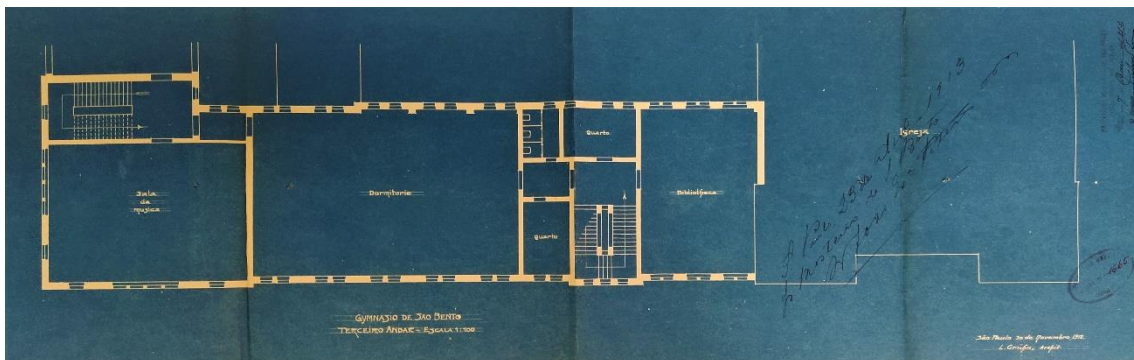


Figura 64: Planta segundo piso

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

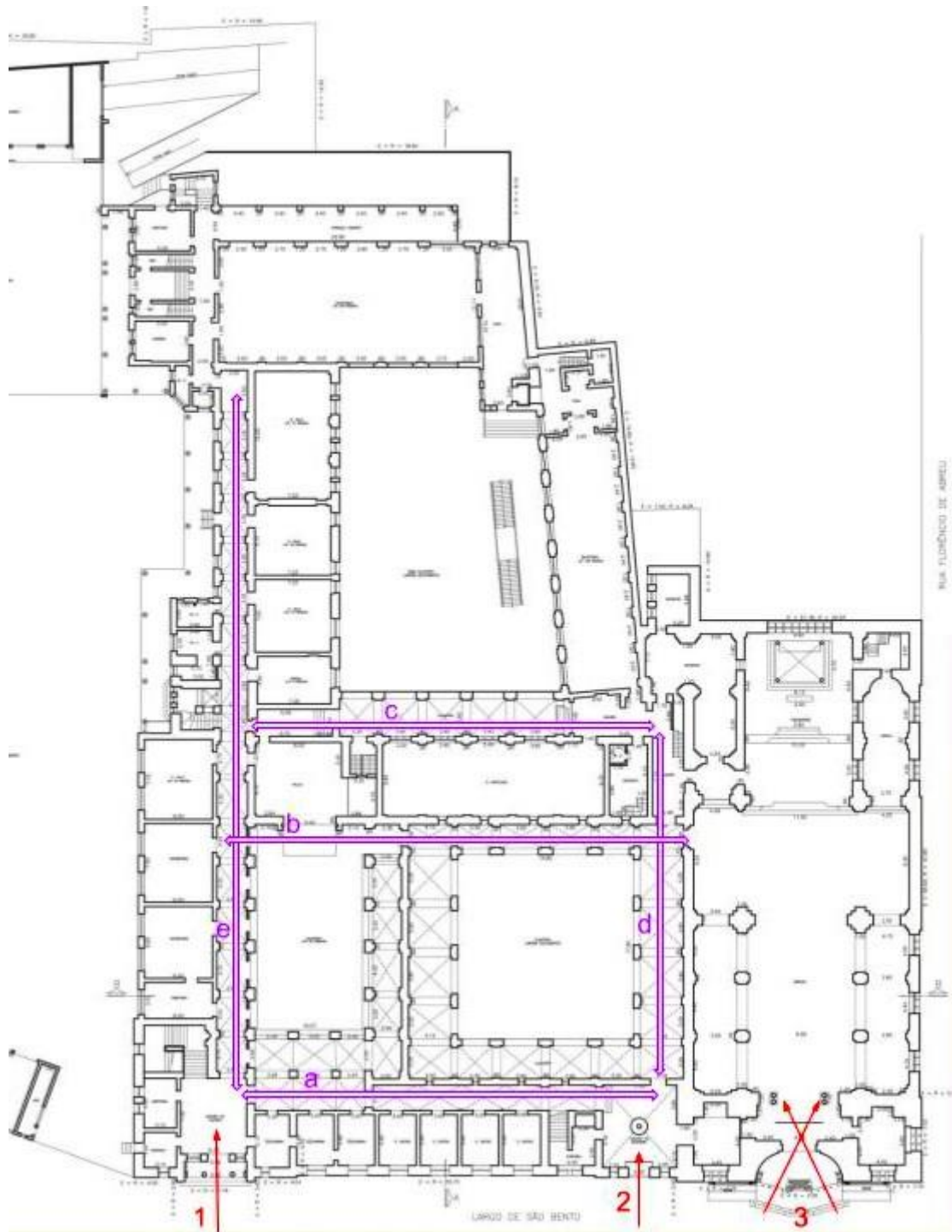


Figura 66: Planta térrea do Mosteiro de São Bento com destaque para os acessos (setas em vermelho) e percursos internos do térreo (setas em roxo)

Fonte: Acervo digital do Mosteiro de São Bento de São Paulo

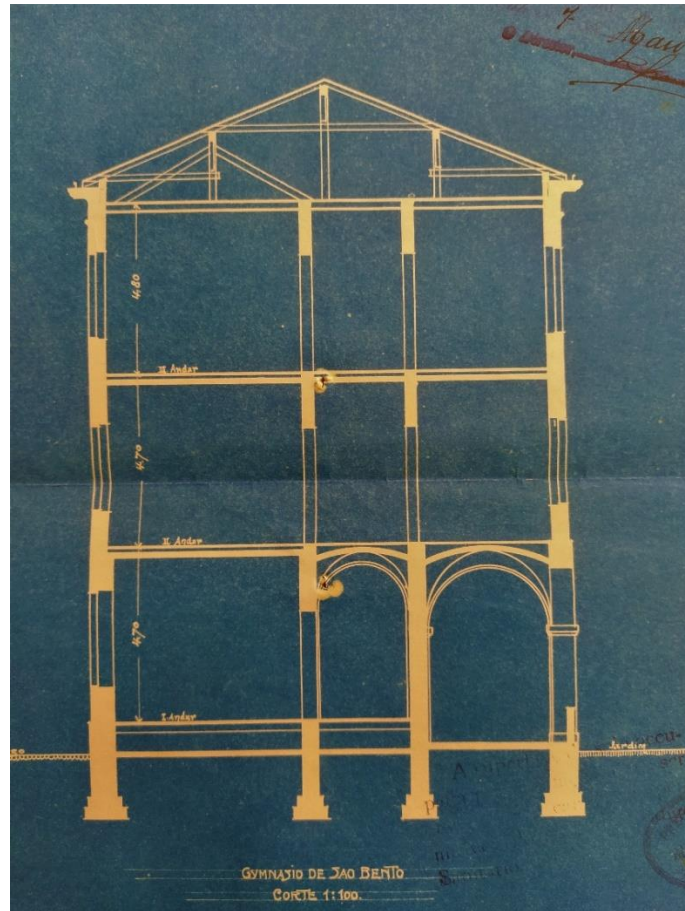


Figura 67: Corte Ginásio de São Bento

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

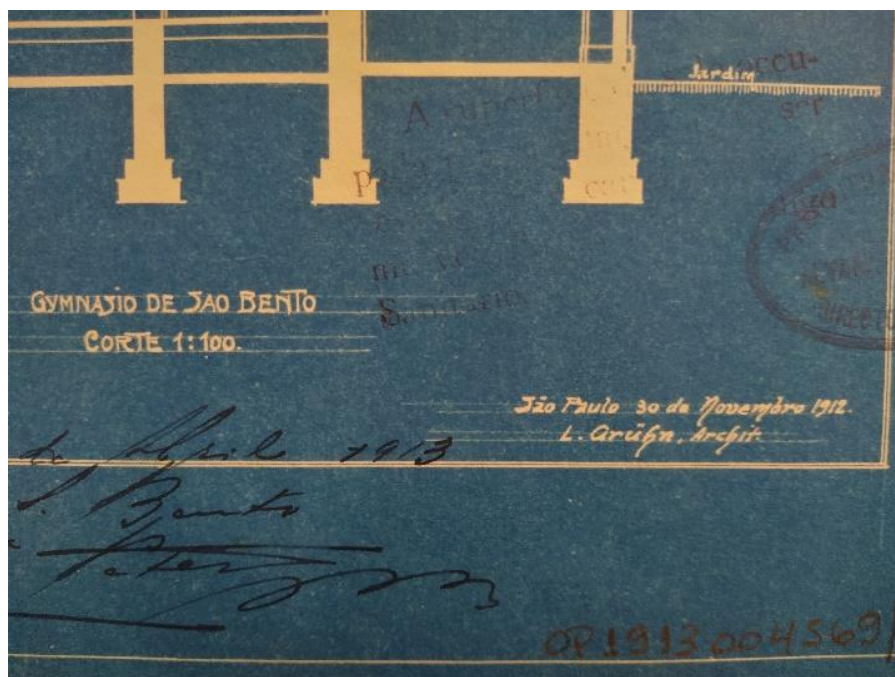


Figura 68: Detalhe da assinatura

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

Outras plantas

Na pesquisa no Arquivo Municipal, foram descobertos outra série de plantas e cortes de período anterior ao projeto idealizado por Dom Miguel Kruse. Nota-se que se trata de uma edificação de menores proporções, com três pisos e suas fachadas indicam o estilo colonial. (Figura 69)

Há duas plantas com corte transversal (figura 70 e 71), indicando projeto para a construção do novo Ginásio, com salas de aula e auditório. O destaque se faz na assinatura do arquiteto João Lourenço Madein (figura 75), nome aportuguesado de Johann Lorenz Madein (1857-1918), arquiteto austríaco radicado no Brasil a convite de Dom Miguel Kruse e responsável pelo projeto da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (Santa Ifigênia).¹⁶⁰

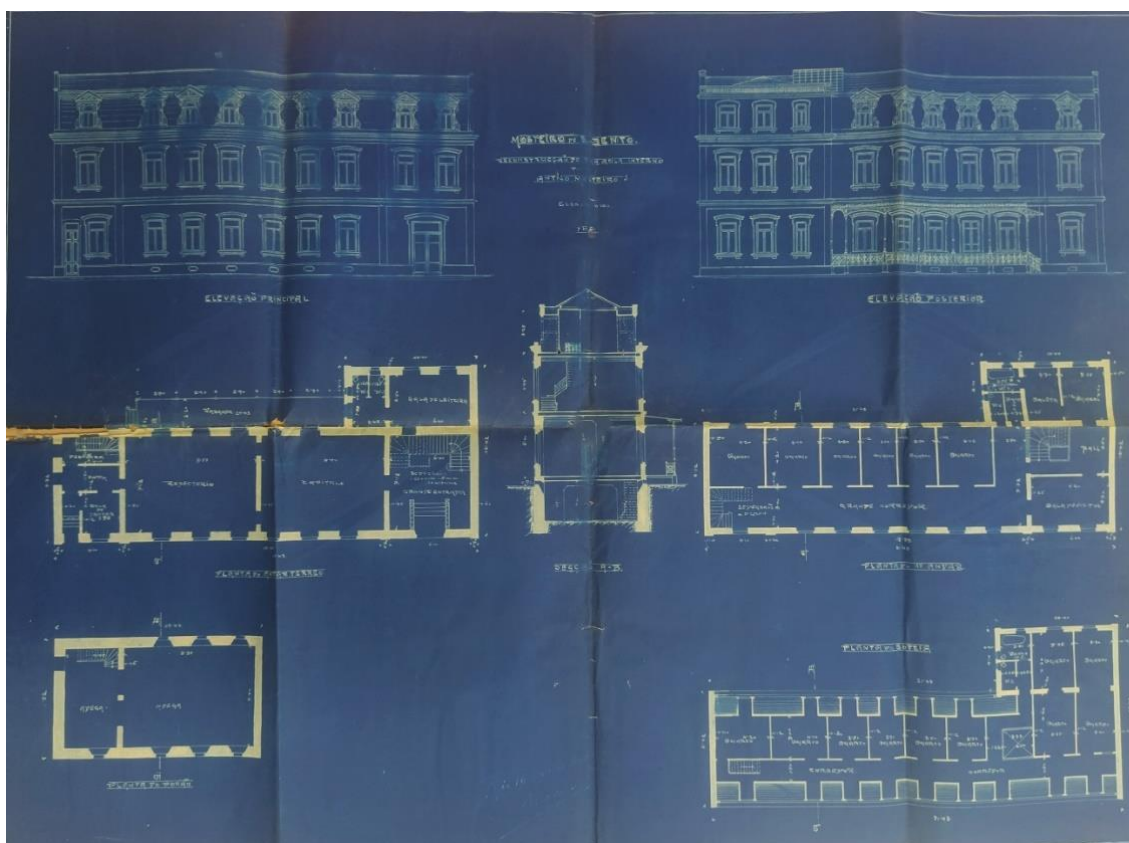


Figura 69: Planta, corte e fachada do Antigo Mosteiro

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

¹⁶⁰ Disponível em < <https://arqisp.org.br/regiao/paroquias/paroquia-nossa-senhora-da-conceicao-santa-ifigenia/matriz-paroquial-nossa-senhora-da-conceicao-santa-ifigenia> > Acesso em 30/03/2024

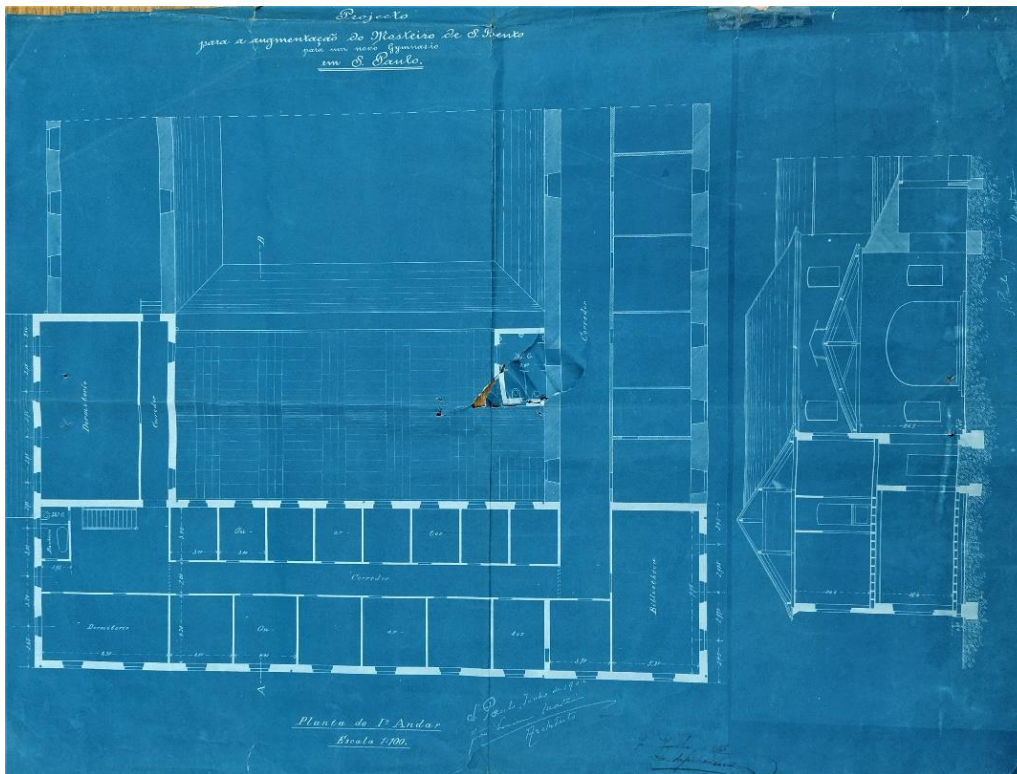


Figura 70: Planta e corte para o novo Ginásio

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

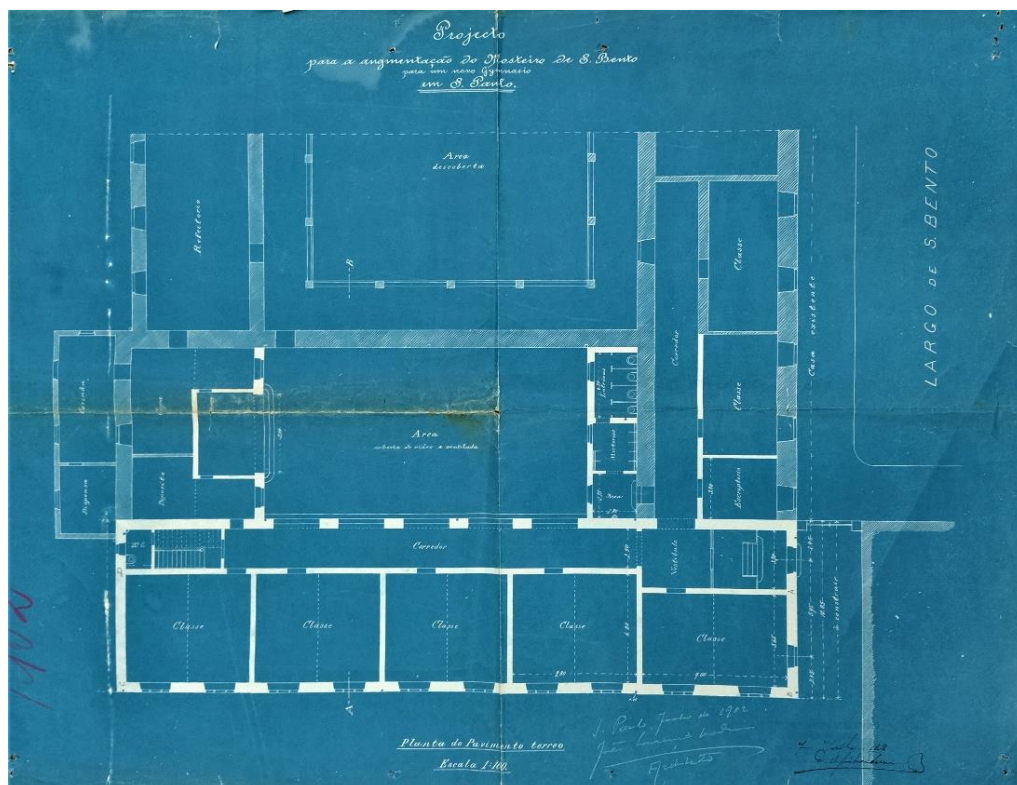


Figura 71: Planta e corte para o novo Ginásio

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

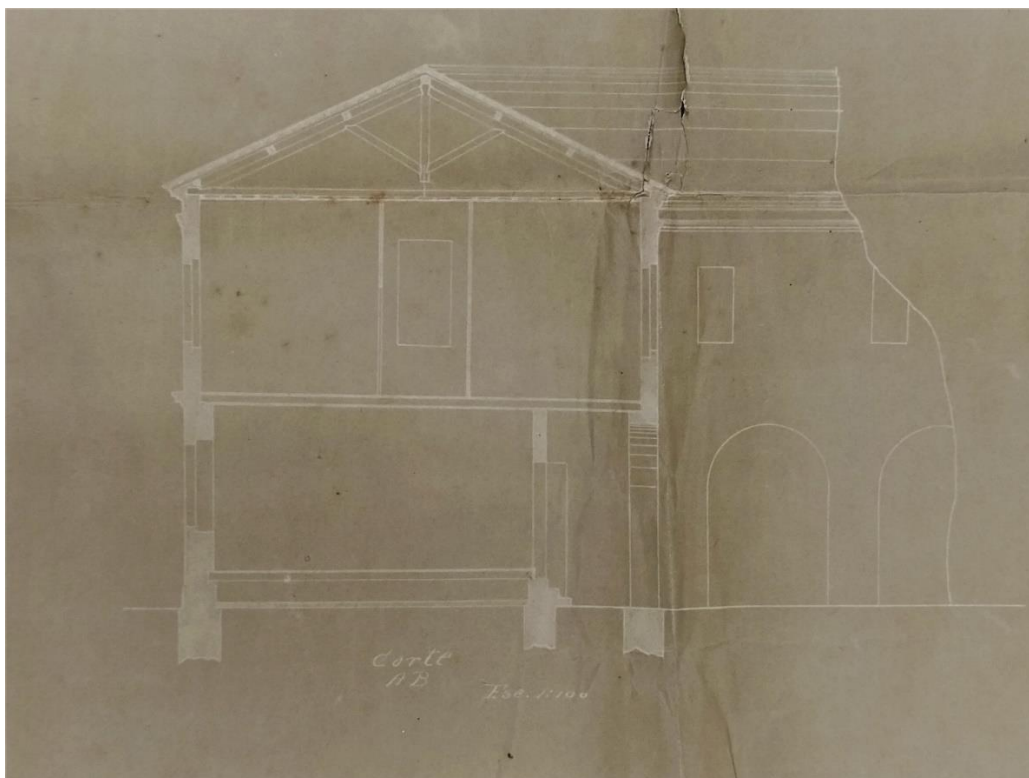


Figura 72: Corte do Antigo Mosteiro

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

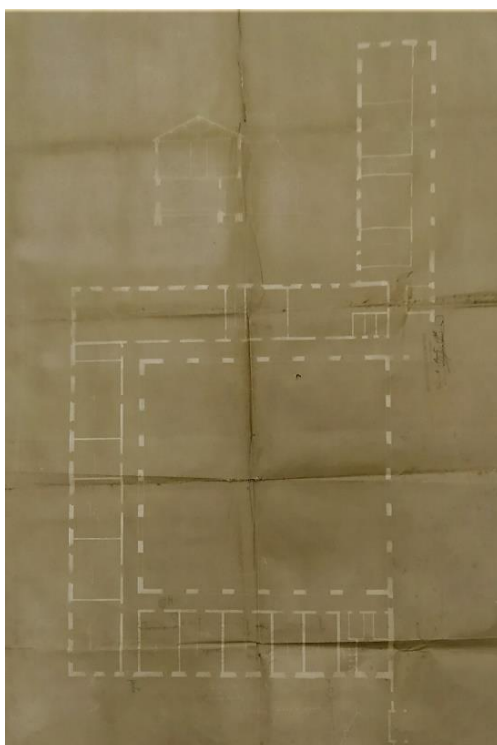


Figura 73: Planta do Antigo Mosteiro

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

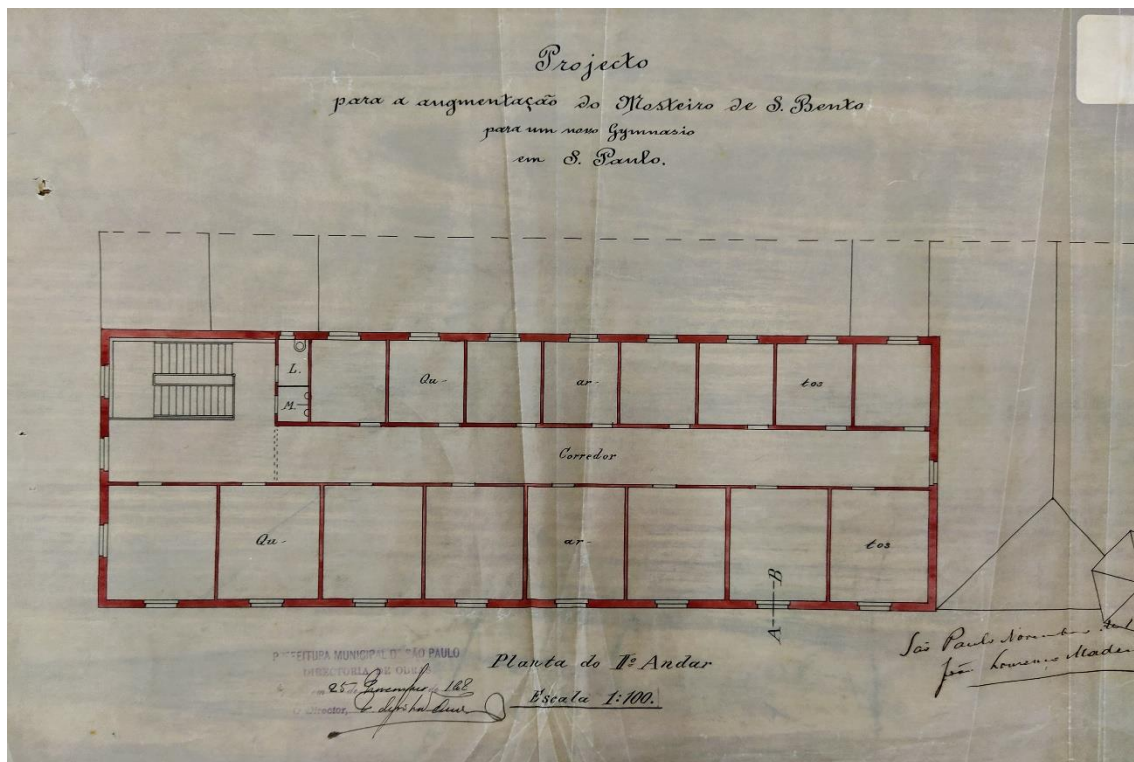


Figura 74: Planta do primeiro andar para o novo ginásio
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

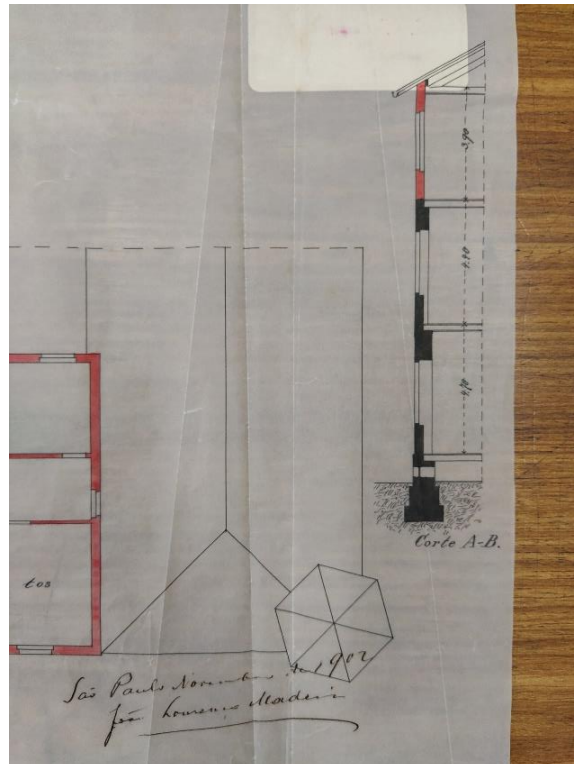


Figura 75: Detalhe da assinatura do arquiteto
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

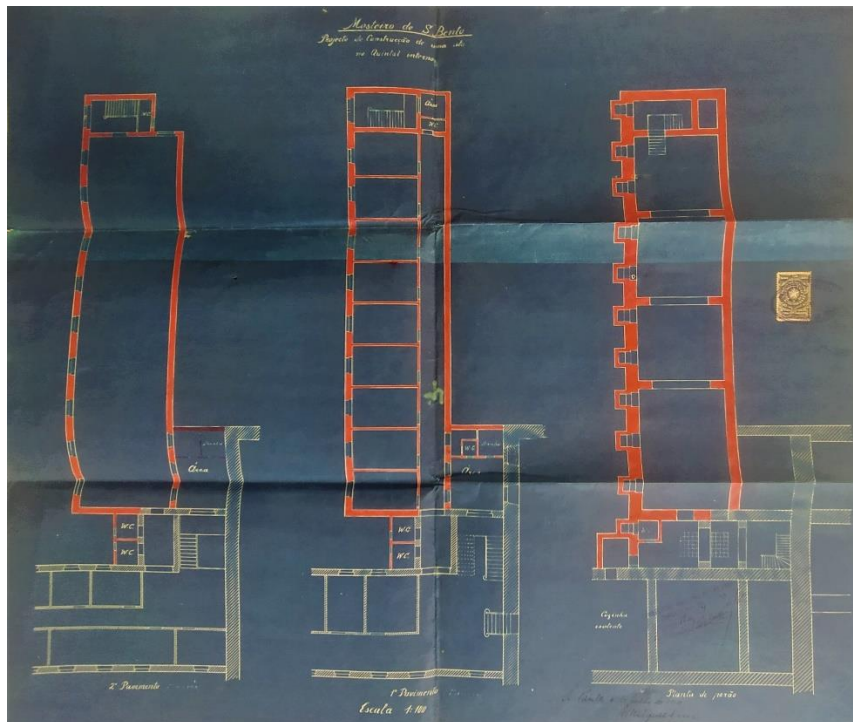


Figura 76: Planta para a construção de uma ala no quintal interno
 Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

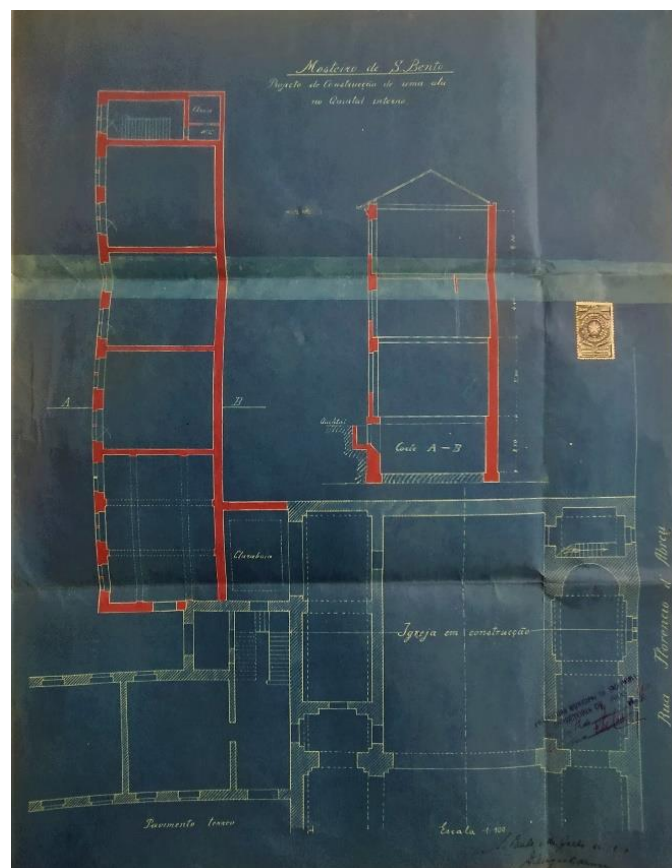


Figura 77: Planta para a construção de uma ala no quintal interno
 Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

Foto de documentos do Arquivo Municipal

Assim explicitado anteriormente, foram encontradas várias caixas com os arquivos do Mosteiro de São Bento no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Além de outros arquivos dispersos, tanto no acervo quanto na mapoteca. Abaixo, temos as fotos do sistema de dados do Arquivo Histórico Municipal, o qual indica a presença de arquivos do ano de 1909 e 1913.

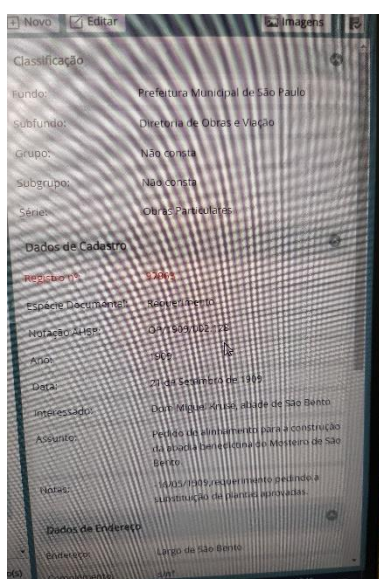


Figura 78: Foto do computador

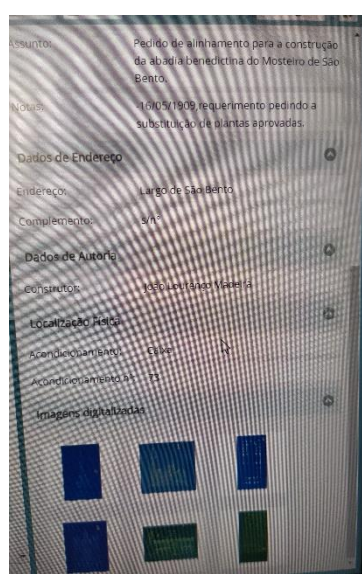


Figura 79: Foto do computador dos arquivos de 1909

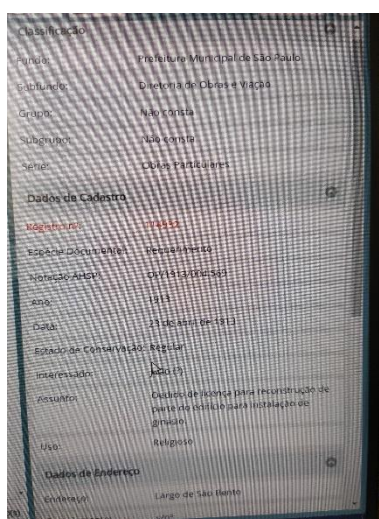


Figura 80: Foto do computador

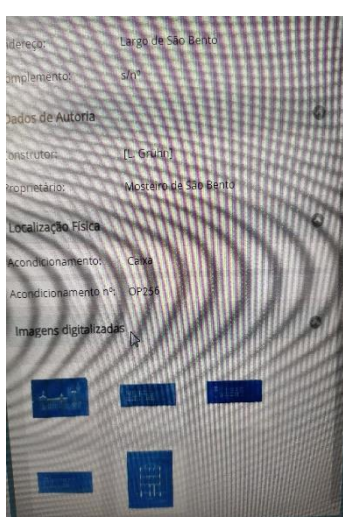


Figura 81: Foto do computador dos arquivos de 1913

Fonte: Acervo digital do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Foto de celular.

Leituras do mosteiro: a proporção áurea

A Proporção Áurea, ou chamada Seção Áurea (do latim *secto aurea*), pode ser definida como a razão entre duas seções de uma reta, ou as duas dimensões de uma figura plana, em que a menor das duas está para a maior assim com a maior está para a soma de ambas. Segundo Ching¹⁶¹, a Seção Áurea tem algumas propriedades geométricas e algébricas notáveis, que estão presentes na Natureza, das estrelas às estruturas de muitos organismos vivos e minerais, o que explica sua aplicação na arquitetura. Qualquer progressão geométrica baseada na Proporção Áurea é, ao mesmo tempo, aditiva e geométrica.

Desde a Antiguidade a Proporção Áurea é citada por pensadores como Euclides (na obra “Os Elementos”), Platão e Fídias. Estes a descreveram como uma espiral perfeita extremamente agradável aos olhos.

Essa proporção pode ter algumas versões algébricas, uma delas se faz através da Sequência de Fibonacci, uma das séries numéricas mais célebres da história, a qual foi introduzida por Leonardo de Pisa em 1202 no “Liber Abaci”, conhecido como o “Livro do Cálculo”. Essa série numérica (1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233...) foi desenvolvida para resolver um problema hipotética de reprodução de coelhos. No cerne de sua descoberta está o fator crucial de que cada número na sequência é a soma dos dois números anteriores. Muitas vezes referida como o “código secreto da natureza”, é observada em vários contextos no mundo natural.

Outro método prático para encontrar o “número dourado” se faz quando se divide uma reta em duas partes não iguais e pegamos o segmento mais longo e o dividimos pelo segmento menor. O resultado dessa divisão - representada pela letra grega ϕ - corresponderia a um número infinito arredondado para 1,6180. Esta seria a Proporção Áurea.

A proporção dada pelo número dourado foi estudada desde a Antiguidade e aplicada em construções e obras artísticas, pois acreditava-se que ela seja naturalmente agradável ao olho humano. Por isso, é possível encontrar sua presença em diversas obras, como no Partenon da Acrópole de Atenas, projeto de Ictino e Calícrates (447-438 a.C.), onde a largura e altura da fachada

¹⁶¹ CHING, op.cit, pág. 286

seguem a proporção áurea, e nas Pirâmides do Egito, onde cada bloco é 1,618 vezes maior que o bloco do nível intermediário acima, e em algumas delas, as câmaras internas têm comprimento 1,618 vezes maior que a largura.

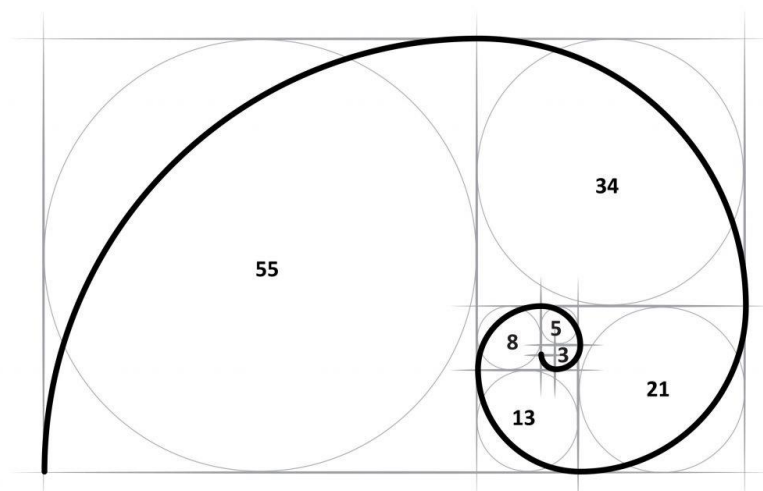


Figura 82: Representação da proporção áurea

Fonte: Disponível em < <https://engenharia360.com/proporcao-aurea-e-as-formas-da-arquitetura/> > Acesso em 07/03/2024

No caso do Mosteiro de São Bento de São Paulo, usou-se o modelo da Proporção Áurea nas análises projetuais na busca por uma compreensão da complexidade dos espaços e da fachada a qual se traduz numa sensação de ordenamento e austeridade.

No caso do Mosteiro de São Bento em São Paulo, primeiramente as fachadas foram analisadas em busca da presença da proporção áurea, sendo divididas em três blocos (figura 83), representando a Faculdade (verde), Mosteiro (laranja) e Basílica (vermelho). No caso da Basílica (figura 84), linhas horizontais reforçam os segmentos da fachada e estas coincidem com a forma da proporção áurea em retângulo. Isso é perceptível na figura 78.

Nas plantas, percebe-se a presença do retângulo da proporção áurea, indicando a relação entre a nave da Basílica e o claustro e auditório da Faculdade, além de relações entre o auditório e claustro e da configuração da planta da nave principal (figura 86 e 87).

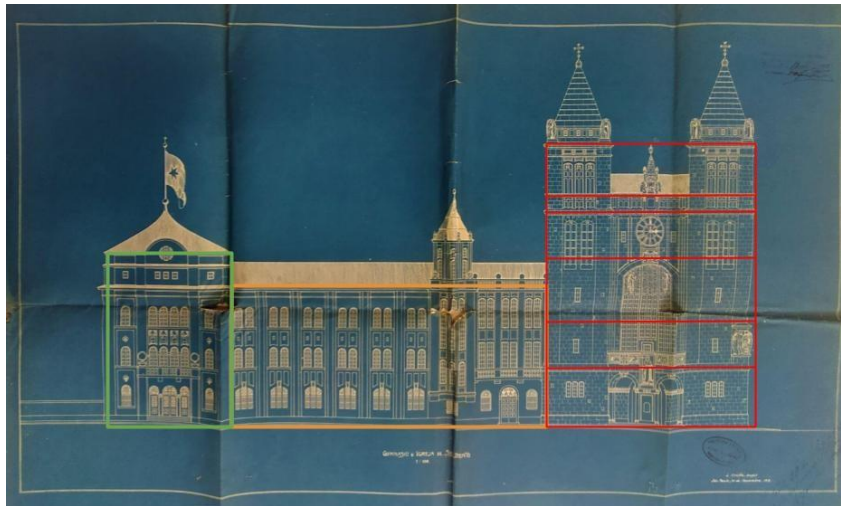


Figura 83: Leitura de fachada

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

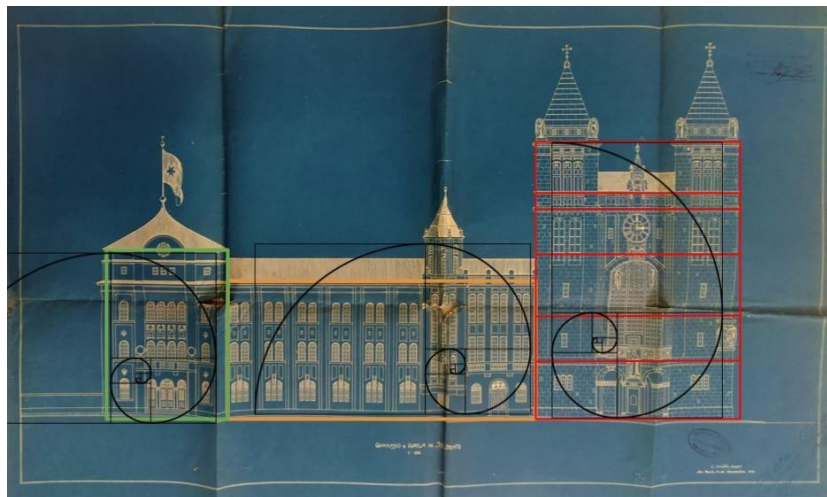


Figura 84: Leitura de fachada

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

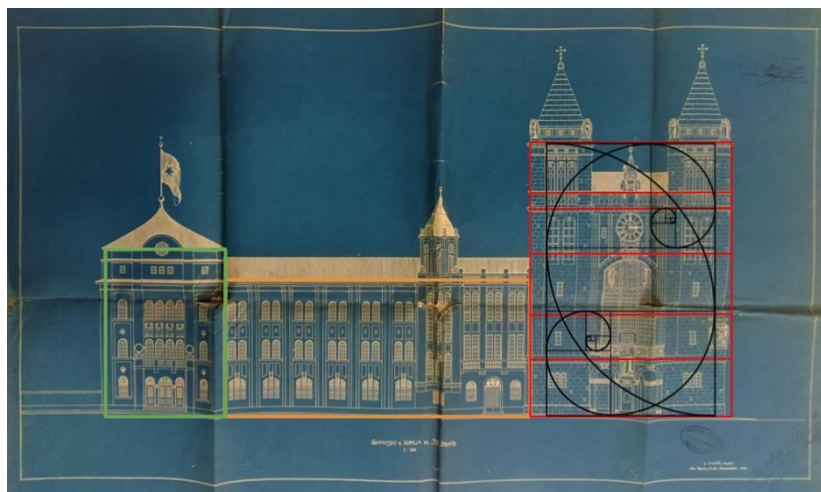


Figura 85: Leitura de fachada

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

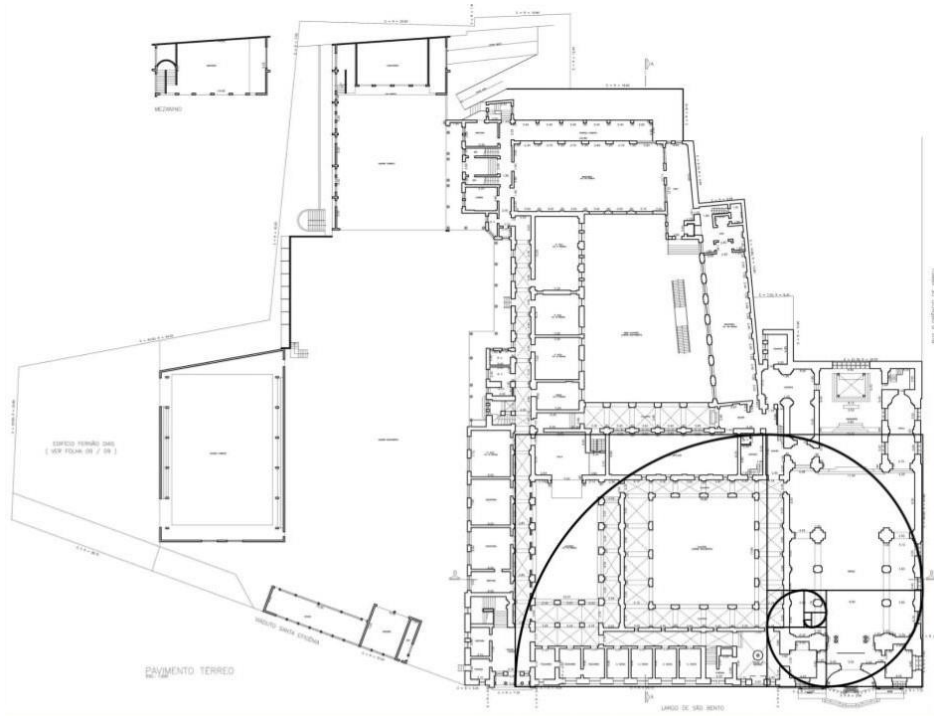


Figura 86: Leitura da planta utilizando a proporção áurea
 Fonte: Acervo digital do Mosteiro de São Bento de São Paulo

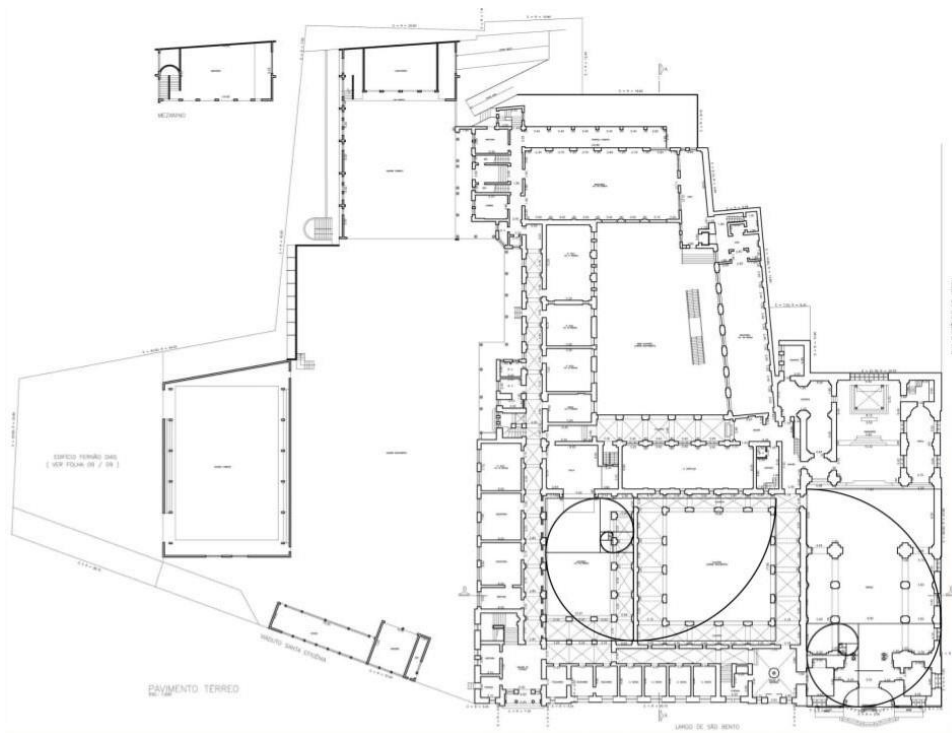


Figura 87: Leitura da planta utilizando a proporção áurea
 Fonte: Acervo digital do Mosteiro de São Bento de São Paulo

O claustro

Retornando a análise de John Fleming, em seu *The Penguin Dictionary of Architecture and Landscape Architecture*¹⁶², o claustro é um espaço aberto delimitado e configurando num quadrilátero ou pátio, cercado por passagens cobertas, abobadadas ou ambulatorios, com uma arcada aberta ou colunata nos lados internos e paredes lisas em outros. Num mosteiro, o claustro conecta a igreja com os edifícios domésticos, geralmente ao sul da nave e a oeste do transepto. A definição de Fleming se encaixa no caso do claustro do Mosteiro de São Bento de São Paulo. Com aproximadamente 300 metros quadrados, possui acesso através da Basílica através do transepto oeste, pelo saguão do Mosteiro e o auditório da faculdade. Torna-se respiro necessário para a densa estrutura de pedra que constitui o Mosteiro.

O Mosteiro foi construído para se tornar o monumento de uma cidade em plena expansão, a vias de se tornar uma metrópole, reforçar a Igreja Católica como instituição milenar, “sólida como pedra”, mesmo com as diversas mudanças sociais e políticas da virada do século XX e a ascensão da república laica no Brasil. Mesmo assim, manteve-se o ambiente do claustro medieval, um espaço de intimidade, sossego e quietude, propício para homens que buscam uma espiritualidade através da santidade – mediante oração, trabalho, obediência e piedade.

Yu Fu Tuan traz a análise:

O espaço arquitetônico continua a articular a ordem social, embora talvez com menos estardalhaço e rigidez do que no passado. O ambiente moderno construído ainda manteve uma função educativa: seus sinais e cartazes informam e dissuadem. A arquitetura continua a exercer um impacto direto sobre os sentidos e os sentimentos. O corpo responde, como sempre tem feito, aos aspectos básicos do plano do interior e exterior, verticalidade e horizontalidade, massa, volume, especiosidade interior e luz (TUAN, 1983, pág. 129)

O claustro cria um espaço de silêncio reconfortante e apropriado à reflexão. A visão geral do claustro, com a fonte d'água e o jardim¹⁶³ rodeada por

¹⁶² FLEMING, op.cit, pág. 119

¹⁶³ Alusão ao Jardim do Éden e a água, símbolo da vida e da conversão através do batismo. Entretanto, segundo Duby, a presença da água neste ambiente remete: “A fonte de abluções onde, diariamente, ritualmente, a comunidade se lava do suor e da poeira servis, no regresso do trabalho, oferece também a imagem permanente de um batismo. da difusão da graça. enfim, de Cristo.” In DUBY, 1997, pág. 102

espessas colunas de pedra e concreto, com portões e demais impeditivos para aqueles fora da comunidade monástica, assume um caráter de fronteira entre o dentro e fora. O isolamento proporciona um *locus* de independência com regras próprias, que se mantém distante da realidade da vida urbana paulistana, com seus ruídos e mundanidades, resultando num oásis oculto.

As dimensões espaciais do vertical e do horizontal¹⁶⁴, da massa e do volume constituem experiências perceptíveis para aqueles que lá vivem, com a proporção da altura da edificação e a dimensão ao espaço aberto criando em enquadramento que emoldura o céu. Com os diversos corredores circundantes que ligam os diversos ambientes, o olhar se surpreende com a vastidão da luz e o fascínio da natureza presentes no claustro.

Mas o claustro localiza-se tandem na intersecção ortogonal dos eixos do universo. Construído sobre o cruzamento dos quatro pontos cardeais, transforma-se num imenso quadrante onde se encenam todos os ritmos do cosmos. Deste modo, presta-se à conjugação de dois tempos. um linear, projetado sobre o vector da história da salvação e na qual se inscreve o progresso pessoal de cada um, outro, circular, percurso das horas, das estações. dos ritos litúrgicos. que rege o movimento das esferas celestes, a que se deve ajustar o ciclo das atividades comunitárias. (DUBY, 1997, pág. 102)

O tempo fica paralisado, na permanência do espaço preservado pelas décadas seguintes, cuja materialidade sólida e frugal garante a busca por equilíbrio por parte da comunidade monástica. Por mais que se buscasse compreender e relacionar essa austeridade¹⁶⁵, numa perspectiva próxima a estética cisterciense, tal referência não foi considerada, sendo que o mesmo demonstrou que a austeridade apresentada no projeto arquitetônico e decorativo do claustro se fez mais pela necessidade da comunidade beneditina em buscar o equilíbrio na vida, aspecto comumente citado na Regra do Patriarca¹⁶⁶.

¹⁶⁴ TUAN, op.cit. pág. 122

¹⁶⁵ Questionamento apresentado no Exame de Qualificação, entretanto, após conversas informais com monges beneditinos residentes no Mosteiro, tal indagação foi desconsiderado.

¹⁶⁶ ENOUT, OSB. Tradução da Regra de São Bento, pág. 39, sem data: Não seja turbulento nem inquieto, não seja excessivo nem obstinado, nem ciumento, nem muito desconfiado, pois, nunca terá descanso; seja prudente e refletido nas suas ordens, e quer seja de Deus, quer do século o trabalho que ordenar, faça-o com discernimento e equilíbrio, lembrando-se da discricção do santo Jacó, quando diz: "Se fizer meus rebanhos trabalhar andando demais, morrerão todos num só dia".

Essa austeridade já pode ser vista na antessala do mosteiro (figura 88), composta por uma expressiva parede branca, além do teto, com a os detalhes da colunata e piso, além do mobiliário e arte sacra em madeira.

O claustro é um lugar carregado de memória e simbologia. A simplicidade do cemitério (figura 97), escondido no corredor, traz consigo a memória daqueles que viveram uma vida modesta. Trata-se de um ambiente confortável e bucólico, onde o tempo cessou e aqueles que lá viveram por décadas, descansam em sua última morada, numa atmosfera espacial que se situa entre o visível e o invisível, plenamente experimentado apenas pelo viver monástico.



Figura 88: Antessala que une o corredor principal com a Basílica e claustro

Fonte: GIANANTE, C. fotografia de interior, colorido, 08 set 2022. Acervo do autor.



Figura 89: Corredor interno

Fonte: GIANANTE, C. fotografia de interior, colorido, 08 set 2022. Acervo do autor.



Figura 90: Portão da clausura

Fonte: GIANANTE, C. fotografia de interior, colorido, 08 set 2022. Acervo do autor.



Figura 91: Claustro

Fonte: GIANANTE, C. fotografia de interior, colorido, 08 set 2022. Acervo do autor.



Mosteiro de S. Bento — Claustro

Figura 92: Claustro - Postal da década de 1920

Fonte: Acervo iconográfico do Mosteiro de São Bento de São Paulo.



Mosteiro de S. Bento — Claustro

Figura 93: Claustro – Postal da década de 1920

Fonte: Acervo iconográfico do Mosteiro de São Bento de São Paulo.



Figura 94: Jardim interno do claustro

Fonte: ROSSI, João., fotografia de interior, colorido, sem data. Acervo do autor.



Figura 95: Jardim interno

Fonte: ROSSI, João., fotografia de interior, colorido, sem data. Acervo do autor.



Figura 96: Oratório

Fonte: ROSSI, João., fotografia de interior, colorido, sem data. Acervo do autor.



Figura 97: Cemitério

Fonte: ROSSI, João., fotografia de interior, colorido, sem data. Acervo do autor.

A Basílica

Assim dito anteriormente, após o término da construção da Basílica Abacial de Nossa Senhora da Assunção, a arte sacra decorativa ficou a encargo de Dom Adelberto Gresnicht e do Irmão Clement Frischauf. Sua ornamentação reforça a horizontalidade com linhas marrons separando faixas de cor amarela, reforçando a rigidez dos pilares e arcadas (figura 98). A pigmentação amarelada, aliada a uma baixa luminosidade, e ao extenso mobiliário de madeira, configura uma ambiência calorosa e aconchegante. Estas linhas horizontais quebram a verticalidade construtiva que, junto ao uso de caixotões em tons mais escuros, contribuem com a ilusão de um teto mais intimista, parecendo abaixar o pé direito da igreja.¹⁶⁷

Dom Adalberto usaria a arte beuronense com modelos lenzianos, além do desenvolvimento de modelos próprios, para a ornamentação completa da igreja. Em suas composições imagéticas, percebe-se a cor como ferramenta narrativa, com pinturas, baixos relevos e vitrais, com temas beneditinos. Destaque para o detalhamento dos mobiliários do retábulo, altar e assentos dos monges. (figura 100 e 101).

Nas imagens a seguir, destaca-se o altar-mor (figura 99) com o baldaquino ricamente decorado e o batistério (figura 102). Como não foi planejada originalmente, sua base fora acrescentada posteriormente e com possibilidade de remoção.

Já as duas capelas internas da Basílica, a do “Santíssimo Sacramento” (figura 104) e a de “Nossa Senhora das Dores” foram desenvolvidas separadamente por Dom Adelberto e Frei Clement, a qual possuíam, dentro do modelo beuronense, pequenos elementos distintos, verdadeiras assinaturas artísticas.

Em 1954, houve a substituição do antigo órgão da Basílica, da fabricante Gebruder Spaeth para o vigente fabricado pela Casa Walcker, da Alemanha. Presente à esquerda do altar-mor, é sustentado por duas colunas ricamente decoradas em madeira, com esculturas talhadas a qual remente ao “Ora et Labora” – um monge se dedica a oração e outro, ao trabalho laboral. Sua posição

¹⁶⁷ YANG, op.cit, pág. 104

privilegiada está evidenciada pelas colunas que ladeiam a porta de entrada para o claustro – e a vida em clausura.



Figura 98: Vista interna da Basílica Abacial

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.

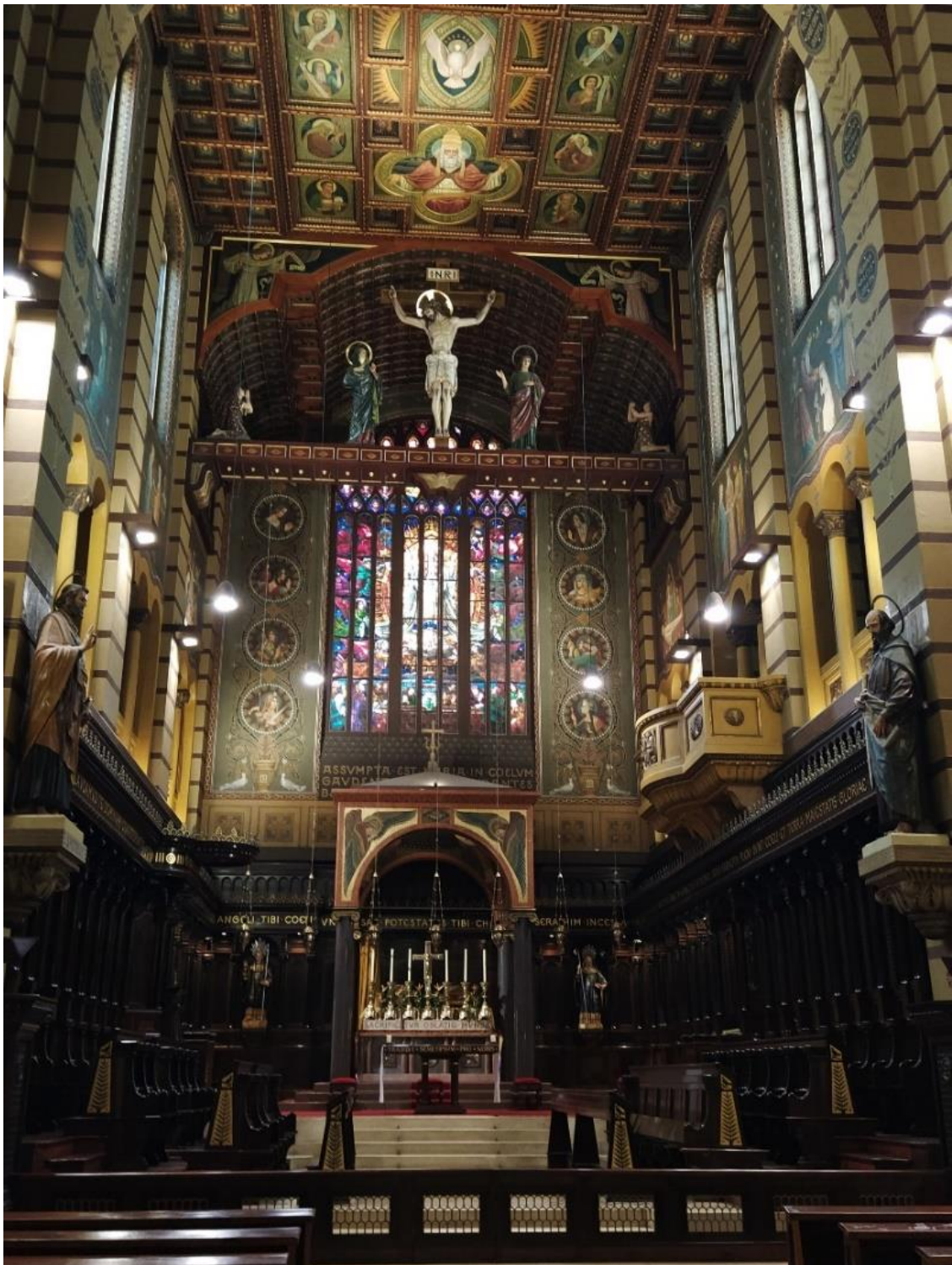


Figura 99: Altar da Basílica Abacial

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.



Figura 100: Cátedra do Abade

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.



Figura 101: Cátedras dos monges

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.



Figura 102: Detalhe do Altar-mor

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.

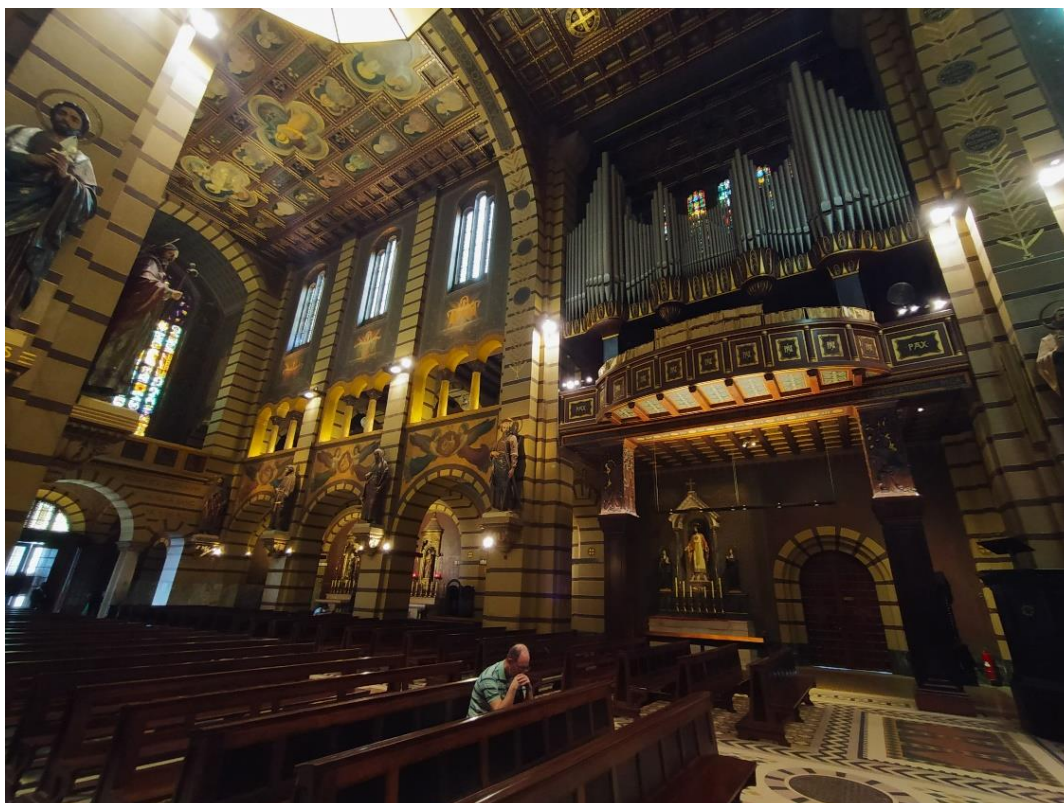


Figura 103: Órgão do Mosteiro de São Bento

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.



Figura 104 e 105: Detalhe das esculturas em baixo relevo em madeira representando monges beneditinos trabalhando e orando de acordo com o princípio beneditino do Ora et labora

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.



Figura 106: Batistério

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.



Figura 107: Detalhe de ornamentação

Fonte: GIANANTE, C., fotografia, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.



Figura 108: Basílica Abacial

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.



Figura 109: Detalhe do conjunto escultórico adicionado posteriormente na colunata da Basílica
Fonte: GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.



Figura 110: Detalhe da nave lateral
Fonte: GIANSANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.

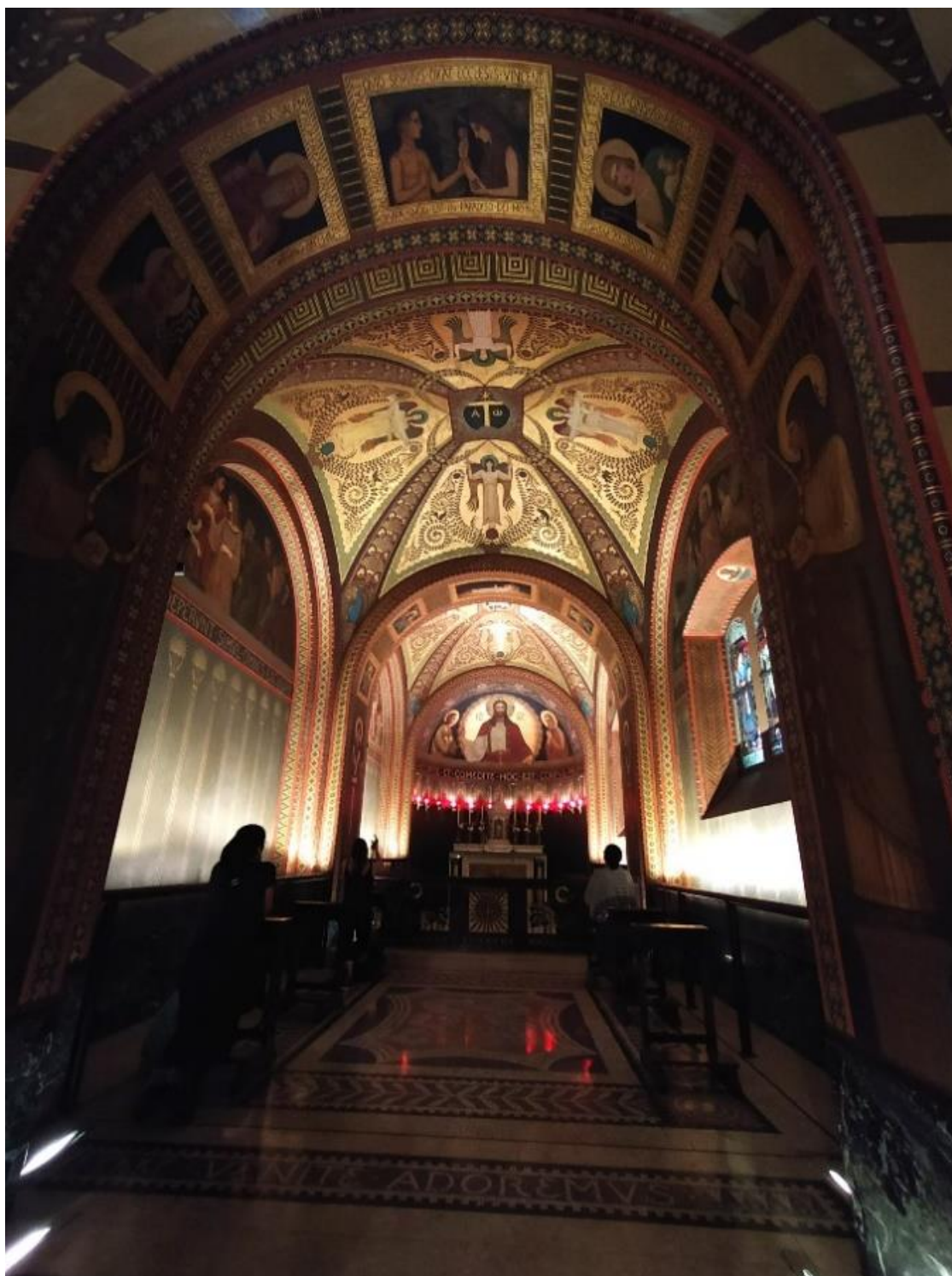


Figura 111: Capela do Santíssimo Sacramento

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.



Figura 112: Capela de Nossa Senhora das Dores

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.



Figura 113: Capela ao lado da entrada principal

Fonte: GIANANTE, C., fotografia de interior, colorido, 08 set. 2022. Acervo do autor.

Outras informações

O conjunto monástico é protegido pelo CONDEPHAAT Resolução SC 43/80 (imóvel integrante da área envoltória do sobrado da Rua Florêncio de Abreu 111); também pelo Conpresp/Resolução 37/92 (imóvel integrante da Área do Anhangabaú); e Conpresp Resolução 05/91 (imóvel integrante da área envoltória do sobrado da Rua Florêncio de Abreu 111).¹⁶⁸

Nos anos 1970, com as obras da construção da Estação do Metrô São Bento da Linha 1-Azul, o mosteiro sofreu com diversas rachaduras, no teto, parede e chãos, prejudicando os afrescos. Posteriormente, o próprio Metrô financiou o restauro, mas sem maior atenção. Nos anos 1990, o Arquiteto Affonso Risi Júnior, seria responsável pelos serviços de arquitetura de conservação e reforma do Mosteiro de São Bento, além de comandar os trabalhos de adequação do edifício para a visita do Papa Bento XVI em

¹⁶⁸ ARRUDA, op.cit, pág. 65

2007.¹⁶⁹ Em 2012, o processo de restauração geral do mosteiro foi iniciado pelo escritório MRizzo Restaurações¹⁷⁰, com trabalho na nave principal e capelas. Atualmente, o mosteiro continua o processo de restauro e preservação do mosteiro, com trabalhos de restauro da arte sacra monacal em curso com o restaurador e pesquisador acadêmico João Rossi.

Por fim, torna-se necessário apresentar outro legado de Dom Miguel Kruse – a instalação do ramo feminino da Congregação Beneditina no Brasil. Fundada por D. Ana Abiah da Silva Prado (1878-1944) e mais três outras monjas, instalaram-se provisoriamente no Sanatório de Santa Catarina após período de estudos na Inglaterra. Posteriormente, Madre Gertrudes Cecilia Prado, se tornou priora deste ramo feminino. Em 1911, mudaram-se para um novo mosteiro em São Paulo, residindo num primeiro bloco, onde estabeleceram a vida regular monástica. O projeto desse mosteiro é atribuído a Richard Berndt, construído na Rua São Carlos do Pinhal, próximo à Avenida Paulista.

Escolheu para a futura abadia um sítio em bairro aprazível e afastado do centro ruidoso da cidade, e cuidou da construção de um belo mosteiro de estilo romano-florentino, o qual estava quase em condições de receber as monjas, quando de regresso ao Brasil. (LUNA, 1947, pág.150)

Com o passar do tempo, a evolução da cidade afetou a vida monástica, com a densa urbanização da região e conflitos com a vizinhança, resultantes da verticalização da Avenida Paulista a partir da década de 1950 e sua transformação em novo centro financeiro e cultural de São Paulo nos anos 1960-70, além de parte do principal eixo médico-hospitalar da cidade. Na década de 1970, a abadia foi transferida para sua nova sede, no bairro do Mandaqui, na zona norte da cidade. O antigo complexo foi demolido.

¹⁶⁹ Texto de apresentação do Website Arquiteto Affonso Risi. Disponível em < <https://www.affonsorisi.com.br/home.php> > Acesso em 25/09/2023

¹⁷⁰ Informação oriunda de entrevista e apresentação do processo de restauração realizado no Mosteiro de São Bento. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=0gqdOg0pt-c&t=1211s&ab_channel=MarciaRizzo-AArteeaCienciadaRestaura%C3%A7%C3%A3o > Acesso em 25/08/2023



Figura 114: Abadia de Santa Maria das monjas beneditinas – São Paulo

Fonte: LUNA, OSB. Joaquim G. de Luna. Os monges beneditinos no Brasil. Esboço histórico, Edições “Lumen Christi”, Rio de Janeiro, 1947, pág. 86.

O mosteiro e a rua

A análise final deste estudo envolve a relação entre o Mosteiro de São Bento, o Viaduto Santa Ifigênia e a Igreja Matriz Paroquial Nossa Senhora da Conceição – Santa Ifigênia. Como mencionado anteriormente, em certos momentos, essas estruturas foram erguidas durante a mesma década, evidenciando o considerável investimento e desenvolvimento que a cidade de São Paulo experimentou.

Se no passado ambas as construções religiosas se destacavam na paisagem paulistana com suas torres, hoje elas se encontram envoltas por imponentes arranha-céus. No entanto, continuam a ser elementos icônicos no panorama histórico e paisagístico da cidade, além de possuir um profundo significado para a fé católica.

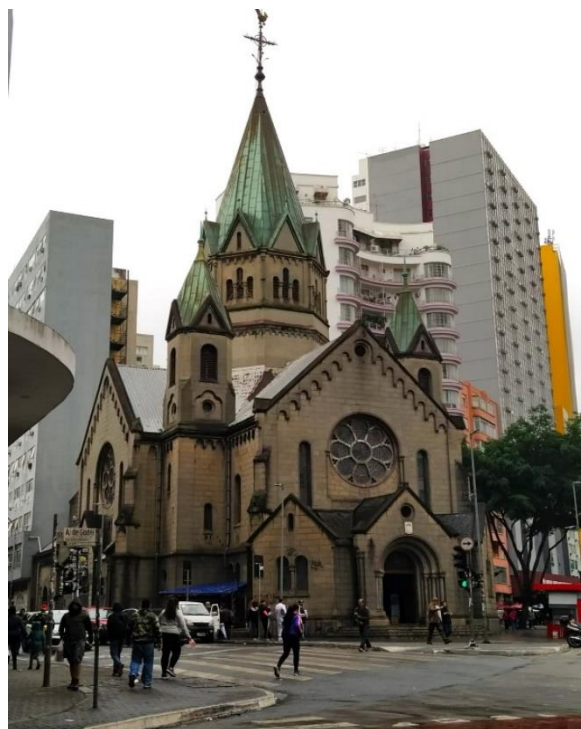


Figura 115 (à direita): Viaduto Santa Ifigenia com vista da torre da igreja

Figura 116 (à esquerda): Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (Santa Ifigênia)

Fonte: GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.



Figura 117: Viaduto Santa Ifigenia com vista para o Mosteiro

Fonte: GIANSANTE, C., fotografia de fachada, colorido, 26 ago. 2023. Acervo do autor.



Figura 118: Viaduto Santa Ifigênia com vista para o Mosteiro de São Bento.

Fonte: Disponível em: Acervo digital do Museu Paulista da USP <
http://acervo.mp.usp.br/Storage/EspacoDomestico/MPACERVO_ICONO//1-08396-0004-0010-01_880x0.jpg>. Acesso em 13/03/2024

Considerações finais

Como observado, São Bento estabeleceu, por meio de sua Regra, diretrizes práticas para cultivar uma relação com Deus e com a comunidade. Suas diretrizes maleáveis trouxeram facilidade para a adaptação da Regra, de acordo com as necessidades e a realidade de cada região, contribuindo para sua expansão.

Portanto, o legado de São Bento não foi sua imagem, já que ele mesmo não fundou nenhuma *Ordem*; seu lugar na História se deu pela difusão da Regra que, lentamente, ganhou prestígio, aceitação e diversas leituras, ainda que não houvesse pretensão central de servir à cultura intelectual dos seus monges, como na concepção de um plano de estudos, mas sim se voltar ao *ora et labora*. (ARAÚJO, André, pág. 185)

As comunidades monásticas criadas por São Bento logo floresceram. São Galo foi o primeiro mosteiro onde claustró protagoniza o partido

arquitetônico. O claustro, dentro de gama de espaços que se mantiveram com as eras, se tornaria elemento chave na concepção e entendimento sobre o mosteiro.

Mesmo com o programa arquitetônico se alterando de acordo com novos conceitos teológicos e práticos da vida moderna, o claustro permaneceu como um espaço simbólico da memória e do bucólico. A natureza, antes inóspita e selvagem, seria domada pelo claustro.

Está pesquisa se iniciou com o intuito de compreender o projeto e construção do Mosteiro de São Bento de São Paulo, sua história, trajetória, e as relações do mosteiro com a cidade enquanto espaço arquitetônico e marco urbanístico. Os resultados demonstram que ainda há muito potencial de pesquisa e análise acerca dos temas acima.

Nesta contribuição de pesquisa acerca do Mosteiro, podemos enumerar os aspectos inéditos levantados, como as plantas, cortes e fachadas explicitando a evolução projetual do complexo projetado por Richard Berndl e revelando a maneira notável como o conjunto edificado, com sua rica arte sacra de expressão inusitada e original, foi desenvolvido de acordo com os preceitos simbólicos estabelecidos pelo então Abade Dom Miguel Kruse.

A simbologia que a Ordem de São Bento construiu, por mais de mil anos, seria apresentada num Mosteiro de múltiplas facetas, com uma fachada monumental e um claustro acolhedor. Além disso, a presença da Arte de Beuron conferiu ao espaço arquitetônico da nave a simbologia de uma arte sacra constituída por múltiplas referências e influências.

Se as antigas Abadias de São Galo, Cluny e Cister, traziam consigo uma miríade de simbologias, a Abadia de São Paulo constituiu expressão dos ventos da mudança, em que a modesta urbanidade da taipa de pilão se tornaria uma metrópole industrial de concreto, ferro e tijolo, como se buscasse responder vivamente a um passado colonial que não voltaria mais.

Entretanto, a presença do claustro, com sua natureza domada e contida pelas arcadas, se faz presente em todos os mosteiros citados. Uma marca indelével da vida em clausura da comunidade monástica de trabalho e oração, na busca por uma vida santa.

Portanto, esta pesquisa tentou trazer à luz, na medida do possível, algumas leituras analíticas sobre o Mosteiro de São Bento em São Paulo.

História, urbanismo, arquitetura e arte se fundem no projeto e construção. Da elaboração histórica da Regra do Patriarca à formação e consolidação das Ordens monásticas, até a leitura comparativa das plantas e elevações, e a leitura corolária do projeto de acordo com simetrias e proporções, o Mosteiro nos revela suas inúmeras facetas.

Bibliografia

Livros e artigos

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **A Re-Semantização das Ruínas na Modernidade e sua Dignificação pela Arquitetura Contemporânea.** In: *ArquiMemória 3. Encontro Nacional de Arquitetos sobre Preservação do Patrimônio Edificado*, 2008, Salvador. *Anais do ArquiMemória 3. Encontro Nacional de Arquitetos sobre Preservação do Patrimônio Edificado.* Salvador: IAB-BA, 2008. v. 1.0

ARGAN, Giulio Carlo. **A arte moderna na Europa – De Hogarth a Picasso.** Editora Companhia das Letras. São Paulo,

ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo – Introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade.** Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1966.

BAKER, Geoffrey H. **New York: Van Nostrand Reinhold**, 1989.

BENÉVOLO, Leonardo. **Nascimento e desenvolvimento da cidade industrial.** In: **História da Arquitetura Moderna.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **História da arquitetura moderna.** Editora Perspectiva. São Paulo, 2001.

BENS CULTURAIS ARQUITETÔNICOS NO MUNICÍPIO E NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO. São Paulo, (SNM) Secretaria dos Negócios Metropolitanos, (SEMPLA) Secretaria Municipal de Planejamento, (EMPLASA) Empresa Metropolitana de Planejamento, 1984.

BENTO, Santo. **A Regra de São Bento.** Trad. Dom João Evangelista Enout. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003. Versão alemã de: Dom Basilius Steidle O.S.B. Título original em latim: **Regula monachorum.**

BENUTTI, Maria Antonia. **A GEOMETRIA DAS CATEDRAIS GÓTICAS E NEOGÓTICAS.** Simpósio Graphica Rio, 2011.

BERGDOLL, Barry, **European architecture 1750-1890/ Barry Bergdoll.** (Oxford history of art), 2000

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

BOITO, Camilo. **Os Restauradores.** Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2008 (1884).

BOWIE, Theodore. **The Medieval Sketchbook of Villard de Honnecourt.** Editora Dover Publications, Inc. Mineola, Nova Iorque, 2006.

CARBONARA, Giovanni. **Brandi e a restauração arquitetônica hoje,** *Desígnio*, 2006, n. 6, pp. 35-47

- CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural: conceitos, política, instrumentos**. São Paulo: Annablume Editora, 2009.
- CHING, Francis D.K. **Arquitetura - forma, espaço e ordem**. São Paulo - SP: Ed. Martins Fontes, 2008.
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.
- CLARA RIBEIRO DE ANDRADE SANTOS, ANA; YAMADA UBIDA, IESMIN; DIAS DA CLARK, Roger H. & PAUSE, Michael. **Arquitectura: temas de composición**. Barcelona: Gustavo Gill, 1997.
- COHEN, Jean-Louis. **O Futuro da Arquitetura desde 1889**. São Paulo-SP: Cosac&Naify, 2013.
- CONANT, John Kennet. **Carolingian and Romanesque Architecture em 800 to 1200**. Yale University Press – New Haven and London. 1993.
- CUNHA DE MORAES FERNANDES BORGES, FABRÍCIA. **TEORIA DA RESTAURAÇÃO: CESARE BRANDI - NORTEANDO AS INTERVENÇÕES EM FALSO HISTÓRICO E FALSO ARTÍSTICO**. Colloquium Socialis, v. 2, p. 734-740, 2018.
- CUNHA, Claudia dos Reis. **INTERVENÇÕES EM EDIFÍCIOS RELIGIOSOS DE VALOR HISTÓRICO-CULTURAL: CRITÉRIOS E METODOLOGIAS**. REVISTA CORDIS-REVISTA ELETRÔNICA DE HISTÓRIA SOCIAL DA CIDADE, v. 17, p. 22-45, 2016.
- DEBENEDETTI, E. SALMONI, A. In. **Arquitetura italiana em São Paulo**. - 2º ed. Debates, Vol.173. Perspectiva. 2007.
- DIAS, P. D. G. **O SÉCULO XIX E O NEOGÓTICO NA ARQUITETURA BRASILEIRA: UM ESTUDO DE CARACTERIZAÇÃO**. Revista Ohun, ano 4, n. 4, p.100-115, dez 2008
- DIAS OSB, Geraldo José Amadeu Coelho. **QUANDO OS MONGES ERAM UMA CIVILIZAÇÃO...beneditinos: espírito, alma e corpo**. Editora Edições Afrontamento. Portugal, 2011.
- DOCZY, Gyorgy. **O Poder dos Limites: harmonias e proporções na natureza, arte e arquitetura**. São Paulo - SP: Ed. Mercuryo, 1990.
- DUBY, Georges. **O Tempo das Catedrais: a arte e a sociedade 980-1420**. Trad. José Saramago. Lisboa: Estampa, 1978. Título original em francês: **Le Temps des Cathédrales. L'art et la Societé, 980-1420**.
- _____. **As três ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. 2º edição. Editora Estampa, 1994.
- _____. **São Bernardo e a arte cisterciense**. Lisboa, Edições ASA, 1997.
- DVORÁK, Max. **Catecismo da Preservação dos Monumentos**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2008 (1910).
- ECO, Humberto (Org.). **História da beleza**, Rio de Janeiro: Record, 2004.

FARMER, John. **Green Shift – Changing Attitudes in Architecture to the Natural World**. Oxford e Boston: The Architectural Press, 1996.

FITCH, James Marston. **Historical Preservation – Curatorial Management of the Built World**. Charlottesville, VA: University of Virginia Press, 1990.

FLEMING, John, HONOUR, Hugh, PEVSNER, Nikolaus. **The Penguin Dictionary of Architecture and Landscape Architecture**. Penguin Books, London, 1999.

FLETCHER, Banister. **A History of Architecture**. Londres: E.T. Batsford, 1950.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo-SP: Editora Martins Fontes, 2007 (1980).

FRAMPTON, Kenneth. **Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in the XIXth and XXth Century Architecture**. Cambridge, Mass. Londres: The MIT Press, 1995.

LE GOFF, Jacques, **História e Memória**: tradução Bernardo Leitão... {et al} – Campinas, SP Editora da UNICAMP. 1990, pág., 505.

_____. **História crítica da Arquitetura Moderna**. Editora Martins Fontes, 2010.

HELLER, E. **A psicologia das cores - Como as cores afetam a razão e a emoção**. 12a ed. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, Ltda, 2013.

HEREÑÚ, Pablo Emilio Robert. **Sentidos do Anhangabaú**. Dissertação de Mestrado. São Paulo-SP: FAUUSP, 2007.

Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo (prefácio de Sérgio Buarque de Holanda) São Paulo, O mosteiro, 1977.

HERNANDEZ, Maria Herminia Olivera, SANTOS, Emyle dos Santos Santos, SANTOS Victor Hugo Carvalho. **ARQUITETURA E ARTE RELACIONADAS AOS CONCEITOS DE ESPAÇO E MEMÓRIA NO CLAUSTRO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA**. Artigo publicado no 26º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas – Memórias e InventAÇÕES, Campinas, 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Introdução ao Livro Tombo. 1977. In: JOHNSON, Dom Martinho, OSB (org.). **Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo**. Mosteiro de São Bento de São Paulo: São Paulo. 1921.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos**. Revista CPC, 2005, v. 1. n. 1. (www.usp/cpc/v1)

_____. **Permanência e atualidade da Teoria de Cesare Brandi nas intervenções do Instituto Central de Restauração**, Roma. Pós.Revista do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP, São Paulo, v. 16, p. 132-134, 2005.

_____. **Notas sobre a Carta de Veneza. Anais do Museu Paulista (Impresso)**, v. 18, p. 193-227, 2010.

_____. **Cesare Brandi e a teoria da restauração.** Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, v. 21, p. 198-211, 2007.

_____. **Unidade conceitual e metodológica no restauro hoje.** In: **Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material**, 2008, Rio de Janeiro. Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007. p. 75-86.

_____. **Permanência e atualidade da Teoria de Cesare Brandi nas intervenções do Instituto Central de Restauração**, Roma. Pós.Revista do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP, São Paulo, v. 16, p. 132-134, 2005.

KRUFT, Hanno-Walter. **História da Teoria da Arquitetura.** São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo. 2012.

KRUSE, Dom Miguel. Carta à Dom Gerardo van Coloen. In: RESENDE, Ieda Maria. **Colégio de São Bento de São Paulo.** São Paulo: Mosteiro de São Bento de São Paulo, 2002.

KRUSE, Dom Miguel. Ordem de São Bento: Eterna insinuação... **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 23 ago.1910. Geral, p.7. Publicado anteriormente no Jornal do Brasil, São Paulo, 19 ago. 1910.

LAGO, Pedro Corrêa do. **Iconografia Paulista no século XIX / Pedro Corrêa do Lago;** |Prefácio José Mindlin São Paulo: Metalivros, 1998.

LE MOS, Carlos. **Ecletismo em São Paulo.** In: **Arquitetura brasileira**, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

_____. **O Neoclássico e o Ecletismo.** In: **A Arquitetura brasileira.** São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1979.

LOYN, H.R. (org.). **Dicionário da Idade Média.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

LUNA, OSB. Joaquim G. de Luna. **Os monges beneditinos no Brasil.** Esboço histórico, Edições "Lumen Christi", Rio de Janeiro, 1947.

MANSELL, George. **Anatomia da Arquitetura.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

MARK, Robert. Light, **Wind and Structure – The Mystery of the Master Builders.** Nova York: McGraw-Hill Book Company, 1990.

MENEGUELLO, Cristina. **Da ruína ao edifício - Neogótico, reinterpretação e preservação na Inglaterra vitoriana.** São Paulo: Annablume Editora, 2008.

MORAIS, Dom Celestino de Barros OSB. **Os monges beneditinos.** Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Disponível em < <https://www.mosteirodesaobentorio.org.br/>. >Acesso em 2022.

- MORRIS, A.E.J. **História de la Forma Urbana – desde sús origenes hasta la Revolución Industrial**. Editora Gustavo Gili, sem data.
- MUNFORD, Lewis. **A cidade na história – Suas origens, transformações e perspectivas**. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2004.
- OLIVEIRA, Marcelo Almeida. **Os conventos e/ou mosteiros na paisagem colonial brasileira: contribuição ao entendimento de seus espaços abertos ou suas cercas**. Revista de História de Arte e Cultura. 2014.
- PANOFSKY, Erwin. **Arquitetura gótica e escolástica**. Martins Fontes, São Paulo, 1991.
- PATETTA, Luciano. **Considerações sobre o ecletismo**. In: **Arquitetura brasileira**, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.
- _____. **L'architettura dell'eclettismo. Fonti, teorie, modelli 1750-1900**, Gabriele Mazzotta Editore. 2008.
- PENNICK, Nigel. **Geometria Sagrada: Simbolismo e Intenção nas estruturas religiosas**. São Paulo – SP: Ed. Pensamento / Cultrix, 1980.
- PEREIRA, Maria Cristina C. L.. **O revivalismo medieval e a invenção do neogótico: sobre anacronismo e obsessões**. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. Anais eletrônicos do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH. São Paulo: ANPUH, 2011.
- PEVSNER, Nikolaus. **Panorama da Arquitetura Ocidental**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- _____. **Os pioneiros de design moderno**. Editora Ulisseia, 1975.
- PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. **Neo-gothic architecture in Rio de Janeiro and in São Paulo, Brazil**. El neogótico en la Arquitectura Americana: história, restauración, reinterpretaciones y reflexiones. Tradução. Ariccia: Ermes Edizioni, 2016.
- PIRES, Mário Jorge. **Divertimento e Sociabilidade na Cidade de São Paulo em Meados do Século XIX**. Artigo, IHGSP, São Paulo, sem data.
- RUSKIN, John. **A Lâmpada da Memória**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2008 (1849).
- _____. **As Pedras de Veneza**. São Paulo-SP: Editora Martins Fontes, 1992 (1851).
- SANTOS, M. E. M.. **A Catedral Metropolitana de São Paulo por Maximilian Emil Hehl (1891-1916): História, arte e ecletismo na arquitetura sacra paulistana**. Revista Eletrônica Espaço Teológico, v. 8, p. 4-15, 2014.
- SÃO PAULO (Estado). **CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado. Processo 71602/2014**. Mosteiro de São Bento de São Paulo, Igreja de São Bento, Projeto de adaptação à pessoa com deficiência – UPPH.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas do Brasil – 1900-1990**. EDUSP. São Paulo, 2002.

SILUK, A.R.; DE CONTO, VANESSA; PISANI, A.P.G. ELISA RUPPENTHAL, JANIS. **Aspectos da restauração sob a abordagem de Carbonara**. CADERNOS DE ARQUITETURA E URBANISMO (PUCMG), v. 22, p. 105-123, 2015.

SIMSON, Otto von. **A Catedral Gótica: origens da arquitectura gótica e o conceito medieval de ordem**. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

SCHENEIDER, Alberto Luiz. **ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: A INVENÇÃO O BANDEIRANTE FERNÃO DIAS PAES E O MOSTEIRO DE SÃO BENTO (SÃO AULO)**. Artigo para o 30º Simpósio Nacional de História, ANPUH – Brasil. Recife, 2019

TAUNAY, Affonso de E. **História antiga da Abadia de S. Paulo: escripta à vista de avultada documentação inédita (1598-1772)**. São Paulo: Typographia Ideal, 1927. 227 p.

_____. **História da cidade de São Paulo**. Edições do Senado Federal, Vol.23. Brasília, 2004.

_____. **São Paulo velho, vol. 2**. Editora Melhoramentos. 1954

THE DESTRUCTION AND REBIRTH OF COVENTRY CATHEDRAL. The Historic England Blog Disponível em: <https://heritagecalling.com/2019/08/14/the-destruction-and-rebirth-of-coventry-cathedral>. Acesso em 07/07/2021

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. - 2. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da Solidão. Uma história de São Paulo das origens a 1900**. Editora Objetiva LTDA – Rio de Janeiro, 2003.

TUAN, Yi-Fu, Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência / Yi-Fu Tuan; tradução de Livia de Oliveira, - São Paulo: DIFEL., 1983

SCULLY, Jr. Vincent. **Architecture: The Natural and the Manmade**. Nova York: St. Martin's Press, 1991.

UNWIN, Simon. **A análise da arquitetura**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

UNWIN, Simon. **Vinte edifícios que todo arquiteto deve compreender**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2014.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène E. **Restauração**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2000 (1854-69).

YANG, K. K. B. **O pintor beuronense Dom Adelbert Gresnicht e a Teoria Lenziana no Mosteiro de São Paulo**. In: XIII Encontro de História da Arte, 2018, Campinas. XIII Encontro de História da Arte. Campinas, 2018.

Dissertações e teses

AMARAL, Ronaldo. **Hagiografia e Vida Monástica: O eremitismo como ideal monástico na Vita Sancti Fructuosi**. Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Assis para a obtenção do título de Doutor em História (História e Sociedade). Assis, 2006

ARAÚJO, André de, **Dos livros e da leitura no Claustro: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para estudo da Biblioteca-Livraria do Mosteiro de São Bento de São Paulo (Sécs. XVI-XVIII)**. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2008.

ARRUDA, Valdir. **Tradição e renovação: a arquitetura dos mosteiros beneditinos contemporâneos no Brasil**. Dissertação de Mestrado. São Paulo-SP: FAUUSP, 2007.

CANDOLO, Tereza. **Desejo de Deus: as lágrimas e a representação do ideal monástico primitivo em hagiografias medievais portuguesas**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

CAPONERO, Maria Cristina. **Festas paulistanas em perspectiva histórica de longa duração: produção e apropriação social do espaço urbano, permanências e rupturas (1711-1935)**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2014.

DEL NIGRO, Paulo Sérgio Barbaro. **O mosteiro de São Bento de Sorocaba e a arquitetura beneditina do litoral brasileiro e do planalto paulista dos séculos XVII, XVIII, XIX**. Dissertação de mestrado, Unicamp, Campinas, 2000.

MORGADO, Duarte Nuno Ferreira Madaleno. **Cister: espiritualidade, estética e teologia na arquitectura cisterciense**. Dissertação de mestrado. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2012.

NEVES, Tainah Moreira **ARQUITETURA E ESPIRITUALIDADE – SUGER (1081-1151) E A EDIFICAÇÃO DO GÓTICO**. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. **PARA ALÉM DO CLAUSTRO: UMA HISTÓRIA SOCIAL DA INSERÇÃO BENEDITINA NA AMÉRICA PORTUGUESA, C.1580 – C.1690**. Tese de doutorado apresentado. ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

PASSOS, Maria Jose Spiteri Tavolaro, **Imaginaria retabular colonial em São Paulo: estudos iconográficos**. Tese de doutorado - Universidade estadual paulista – Unesp, São Paulo, 2015. 494 p.

XIMENEZ, Jose Marcelo Tonini. **A planta da arquitetura monástica e a regra dos beneditinos: séculos VI a XII / Jose Marcelo Tonini Ximenez**. - - São Paulo: s.n., 2004. 103 p.: il.

YANG, K. K. B. **A pintura beuronense na Basílica do Mosteiro Beneditino de São Paulo:1914-1922**. Trabalho de Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016. Guarulhos, 2016. 229 f.

Vídeos

RESTAURAÇÃO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO - SP/Mrizzo Restaurações LTDA 2012, 1 vídeo (41:26). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0gqdOg0pt-c&t=2117s>. Acesso em 26/05/2021

Sites

ARQUIVO ARQ. **Mosteiro de São Bento de São Paulo**. Disponível em: < <https://arquivo.arq.br/projetos/mosteiro-de-sao-bento>> Acesso entre 2022 -2023

ART NOUVEAU WORLD. **Richard Berndl works**. Disponível em < <https://art.nouveau.world/richard-berndl>>. Acesso em 2022

MOSTEIRO DE SÃO PAULO. **Mosteiro de São Bento de São Paulo**. São Paulo, SP/Brasil. Disponível em: < <http://mosteiro.org.br/>>. Acesso entre 2020 - 2022

MOSTEIRO DE SOROCABA. **Mosteiro de São Bento de Sorocaba**. Sorocaba, SP/ Brasil. Disponível em: <<http://www.mosteirosoabentodesorocaba.com.br/>>. Acesso em 2021-2022

MOSTEIRO DO RIO DE JANEIRO. **Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ/Brasil. Disponível em < <https://www.mosteirodesaobentorio.org.br/>. >Acesso em 2021 - 2022.

MUSEU PAULISTA – ICONOGRAFIA. **Mosteiro de São Bento**. Disponível em <<http://acervo.mp.usp.br/iconografiaV2.aspx>>. Acesso em 2022

ORDEM DE SÃO BENTO. **Abbazia di Montecassino**. Disponível em < <http://www.abbaziamontecassino.org/>> Acesso em 2020-2022

Website Arquidiocese de São Paulo. **Matriz Paroquial Nossa Senhora da Conceição - Santa Ifigênia**. Disponível em < <https://arquisp.org.br/regiao/paroquias/paroquia-nossa-senhora-da-conceicao-santa-ifigenia/matriz-paroquial-nossa-senhora-da-conceicao-santa-ifigenia>> Acesso em 2023.

WIKIWAND. **Richard Berndl**. Disponível em < https://www.wikiwand.com/pt/Richard_Berndl >. Acesso em 2022

Anexos

Regra do glorioso Patriarca São Bento

Tradução e Notas de Dom João Evangelista Enout, OSB.

Prólogo

CAPÍTULO 1: Dos gêneros de monges

CAPÍTULO 2 - Como deve ser o Abade

CAPÍTULO 3 - Da convocação dos irmãos a conselho

CAPÍTULO 4 - Quais são os instrumentos das boas obras

CAPÍTULO 5 - Da obediência

CAPÍTULO 6 - Do silêncio

CAPÍTULO 7 - Da humildade

CAPÍTULO 8 - Dos Ofícios Divinos durante a noite

CAPÍTULO 9 - Quantos salmos devem ser ditos nas Horas noturnas

CAPÍTULO 10 - Como será celebrado no verão o louvor divino

CAPÍTULO 11 - Como serão celebradas as Vigílias aos domingos

CAPÍTULO 12 - Como será realizada a solenidade das matinas

CAPÍTULO 13 - Como serão realizadas as matinas em dia comum

CAPÍTULO 14 - Como serão celebradas as Vigílias nos natalícios dos Santos

CAPÍTULO 15 - Em quais épocas será dito o Aleluia

CAPÍTULO 16 - Como serão celebrados os ofícios durante o dia

CAPÍTULO 17 - Quantos salmos deverão ser cantados nessas mesmas horas

CAPÍTULO 18 - Em que ordem os mesmos salmos devem ser ditos

CAPÍTULO 19 - Da maneira de salmodiar

CAPÍTULO 20 - Da reverência na oração

CAPÍTULO 21 - Dos decanos do mosteiro

CAPÍTULO 22 - Como devem dormir os monges

CAPÍTULO 23 - Da excomunhão pelas faltas

CAPÍTULO 24 - Qual deve ser o modo de proceder-se à excomunhão

CAPÍTULO 25 - Das faltas mais graves

CAPÍTULO 26 - Dos que sem autorização se juntam aos excomungados

CAPÍTULO 27 - Como deve o Abade ser solícito para com os excomungados

CAPÍTULO 28 - Daqueles que muitas vezes corrigidos não quiserem emendar-se

CAPÍTULO 29 - Se devem ser novamente recebidos os irmãos que saem do mosteiro

CAPÍTULO 30 - De que maneira serão corrigidos os de menor idade

CAPÍTULO 31 - Como deve ser o Celeireiro do mosteiro

CAPÍTULO 32 - Das ferramentas e objetos do mosteiro

CAPÍTULO 33 - Se os monges devem possuir alguma coisa de próprio

CAPÍTULO 34 - Se todos devem receber igualmente o necessário

CAPÍTULO 35 - Dos semanários da cozinha

CAPÍTULO 36 - Dos irmãos enfermos

CAPÍTULO 37 - Dos velhos e das crianças

- CAPÍTULO 38 - Do leitor semanário
CAPÍTULO 39 - Da medida da comida
CAPÍTULO 40 - Da medida da bebida
CAPÍTULO 41 - A que horas convém fazer as refeições
CAPÍTULO 42 - Que ninguém fale depois das Completas
CAPÍTULO 43 - Dos que chegam tarde ao Ofício Divino ou à mesa
CAPÍTULO 44 - Como devem fazer satisfação os que tiverem sido excomungados
CAPÍTULO 45 - Dos que erram no oratório
CAPÍTULO 46 - Daqueles que cometem faltas em quaisquer outras coisas
CAPÍTULO 47 - Como deve ser dado o sinal para o Ofício Divino
CAPÍTULO 48 - Do trabalho manual cotidiano
CAPÍTULO 49 - Da observância da Quaresma
CAPÍTULO 50 - Dos irmãos que trabalham longe do oratório ou estão em viagem
CAPÍTULO 51 - Dos irmãos que partem para não muito longe
CAPÍTULO 52 - Do oratório do mosteiro
CAPÍTULO 53 - Da recepção dos hóspedes
CAPÍTULO 54 - Se o monge deve receber cartas ou qualquer outra coisa
CAPÍTULO 55 - Do vestuário e do calçado dos irmãos
CAPÍTULO 56 - Da mesa do Abade
CAPÍTULO 57 - Dos artistas do mosteiro
CAPÍTULO 58 - Da maneira de proceder à recepção dos irmãos
CAPÍTULO 59 - Dos filhos dos nobres ou dos pobres que são oferecidos
CAPÍTULO 60 - Dos sacerdotes que, porventura, quiserem habitar no mosteiro
CAPÍTULO 61 - Dos monges peregrinos como devem ser recebidos
CAPÍTULO 62 - Dos sacerdotes do mosteiro
CAPÍTULO 63 - Da ordem na comunidade
CAPÍTULO 64 - Da ordenação do Abade
CAPÍTULO 65 - Do Prior do mosteiro
CAPÍTULO 66 - Dos porteiros do mosteiro
CAPÍTULO 67 - Dos irmãos mandados em viagem
CAPÍTULO 68 - Se são ordenadas a um irmão coisas impossíveis
CAPÍTULO 69 - No mosteiro não presume um defender o outro
CAPÍTULO 70 - Não presume alguém bater em outrem a próprio arbítrio
CAPÍTULO 71 - Que sejam obedientes uns aos outros
CAPÍTULO 72 - Do bom zelo que os monges devem ter
CAPÍTULO 73 - De que nem toda a observância da justiça se acha estabelecida nesta Regra

PRÓLOGO DA REGRA

[1] Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai, [2] para que voltes, pelo labor da obediência, àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência. [3] A ti, pois, se dirige agora a minha palavra, quem quer que sejas que, renunciando às próprias vontades, empunhas as gloriosas e poderosíssimas armas da obediência para militar sob o Cristo Senhor, verdadeiro Rei.

[4] Antes de tudo, quando encetares algo de bom, pede-lhe com oração muito insistente que seja por ele plenamente realizado, [5] a fim de que nunca venha a entristecer-se, por causa das nossas más ações, aquele que já se dignou contar-nos no número de seus filhos; [6] assim, pois, devemos obedecer-lhe em todo tempo, usando de seus dons a nós concedidos para que não só não venha jamais, como pai irado, a deserdar seus filhos, [7] nem tenha também, qual Senhor temível, irritado com nossas más ações, de entregar-nos à pena eterna como péssimos servos que o não quiseram seguir para a glória.

[8] Levantemo-nos então finalmente, pois a Escritura nos desperta dizendo: "Já é hora de nos levantarmos do sono". [9] E, com os olhos abertos para a luz deífica, ouçamos, ouvidos atentos, o que nos adverte a voz divina que clama todos os dias: [10] "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não permitais que se endureçam vossos corações", [11] e de novo: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às igrejas". [12] E que diz? – "Vinde, meus filhos, ouvi-me, eu vos ensinarei o temor do Senhor. [13] Correi enquanto tiverdes a luz da vida, para que as trevas da morte não vos envolvam".

[14] E procurando o Senhor o seu operário na multidão do povo, ao qual clama estas coisas, diz ainda: [15] "Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?" [16] Se, ouvindo, responderes: "Eu", dir-te-á Deus: [17] "Se queres possuir a verdadeira e perpétua vida, guarda a tua língua de dizer o mal e que teus lábios não profiram a falsidade, afasta-te do mal e faze o bem, procura a paz e segue-a". [18] E quando tiveres feito isso, estarão meus olhos sobre ti e meus ouvidos junto às tuas preces, e antes que me invoques dir-te-ei: "Eis-me aqui". [19] Que há de mais doce para nós, caríssimos irmãos, do que esta voz do Senhor a convidar-nos? [20] Eis que pela sua piedade nos mostra o Senhor o caminho da vida.

[21] Cingidos, pois, os rins com a fé e a observância das boas ações, guiados pelo Evangelho, trilhem os seus caminhos para que mereçamos ver aquele que nos chamou para o seu reino. [22] Se queremos habitar na tenda real do acampamento desse reino, é preciso correr pelo caminho das boas obras, de outra forma nunca se há de chegar lá. [23] Mas, com o profeta, interroguemos o Senhor, dizendo-lhe: "Senhor, quem habitará na vossa tenda e descansará na vossa montanha santa?". [24] Depois dessa pergunta, irmãos, ouçamos o Senhor que responde e nos mostra o caminho dessa mesma tenda, [25] dizendo: "É aquele que caminha sem mancha e realiza a justiça; [26] aquele que fala a verdade no seu coração, que não traz o dolo em sua língua, [27] que não faz o mal ao próximo e não dá acolhida à injúria contra o seu próximo". [28] É aquele que quando o maligno diabo tenta persuadi-lo de alguma coisa, repelindo-o das vistas do seu coração, a ele e suas sugestões, redu-lo a nada, agarra os seus pensamentos ainda ao nascer e quebra-os de encontro ao Cristo. [29] São aqueles que, temendo o Senhor, não se tornam orgulhosos por causa de sua boa observância, mas, julgando que mesmo as coisas boas que têm em si não as puderam por si, mas foram feitas pelo Senhor, [30] glorificam Aquele que neles opera, dizendo com o profeta: "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao vosso nome dai Glória". [31] Como, aliás, o Apóstolo Paulo não atribuía a si próprio coisa alguma de sua pregação, quando dizia: "Pela graça de Deus sou o que sou" [32] e ainda: "Quem se glorifica, que se glorifique no Senhor".

[33] Eis porque no Evangelho diz o Senhor: "Àquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, compará-lo-ei ao homem sábio que edificou sua casa sobre a pedra, [34] cresceram os rios, sopraram os ventos e investiram contra a casa; e ela não ruiu porque estava fundada sobre pedra". [35] Em conclusão espera o Senhor todos os dias

que nos empenhemos em responder com atos às suas santas exortações. [36] Por essa razão, os dias desta vida nos são prolongados como tréguas para a emenda dos nossos vícios, [37] conforme diz o Apóstolo: "Então ignoras que a paciência de Deus te conduz à penitência?". [38] Pois diz o bom Senhor: "Não quero a morte do pecador, mas sim que se converta e viva".

[39] Como, pois, irmãos, interrogássemos o Senhor a respeito de quem mora em sua tenda, ouvimos em resposta, qual a condição para lá habitar: a nós compete cumprir com a obrigação do morador!

[40] Portanto, é preciso preparar nossos corações e nossos corpos para militar na santa obediência dos preceitos; [41] e em tudo aquilo que nossa natureza tiver menores possibilidades, roguemos ao Senhor que ordene a sua graça que nos preste auxílio. [42] E, se, fugindo das penas do inferno, queremos chegar à vida eterna, [43] enquanto é tempo, e ainda estamos neste corpo e é possível realizar todas essas coisas no decorrer desta vida de luz, [44] cumpre correr e agir, agora, de forma que nos aproveite para sempre.

[45] Devemos, pois, constituir uma escola de serviço do Senhor. [46] Nesta instituição esperamos nada estabelecer de áspero ou de pesado. [47] Mas se aparecer alguma coisa um pouco mais rigorosa, ditada por motivo de eqüidade, para emenda dos vícios ou conservação da caridade [48] não fujas logo, tomado de pavor, do caminho da salvação, que nunca se abre senão por estreito início. [49] Mas, com o progresso da vida monástica e da fé, dilata-se o coração e com inenarrável doçura de amor é percorrido o caminho dos mandamentos de Deus. [50] De modo que não nos separando jamais do seu magistério e perseverando no mosteiro, sob a sua doutrina, até a morte, participemos, pela paciência, dos sofrimentos do Cristo a fim de também merecermos ser co-herdeiros de seu reino. Amém.

[Termina o Prólogo]

COMEÇA O TEXTO DA REGRA

É chamada Regra porque dirige os Costumes dos que a ela obedecem

CAPÍTULO 1: Dos gêneros de monges

[1] É sabido que há quatro gêneros de monges. [2] O primeiro é o dos cenobitas, isto é, o monasterial, dos que militam sob uma Regra e um Abade.

[3] O segundo gênero é o dos anacoretas, isto é, dos eremitas, daqueles que, não por um fervor inicial da vida monástica, mas através de provação diuturna no mosteiro, [4] instruídos então na companhia de muitos aprenderam a lutar contra o demônio [5] e, bem adestrados nas fileiras fraternas, já estão seguros para a luta isolada do deserto, sem a consolação de outrem, e aptos para combater com as próprias mãos e braços, ajudando-os Deus, contra os vícios da carne e dos pensamentos.

[6] O terceiro gênero de monges, e detestável, é o dos sarabaítas, que, não tendo sido provados, como o ouro na fornalha, por nenhuma regra, mestra pela experiência, mas amolecidos como numa natureza de chumbo, [7] conservam-se por suas obras fiéis ao século, e são conhecidos por mentir a Deus pela tonsura. [8] São aqueles que se encerram dois ou três ou mesmo sozinhos, sem pastor, não nos apriscos do Senhor,

mas nos seus próprios; a satisfação dos desejos é para eles lei, [9] visto que tudo quanto julgam dever fazer ou preferem, chamam de santo, e o que não desejam reputam ilícito. [10] O quarto gênero de monges é o chamado dos giróvagos, que por toda a sua vida se hospedam nas diferentes províncias, por três ou quatro dias nas celas de outros monges, [11] sempre vagando e nunca estáveis, escravos das próprias vontades e das seduções da gula, e em tudo piores que os sarabaítas.

[12] Sobre o misérrimo modo de vida de todos esses é melhor calar que dizer algo.

[13] Deixando-os de parte, vamos dispor, com o auxílio do Senhor, sobre o poderosíssimo gênero dos cenobitas.

CAPÍTULO 2 - Como deve ser o Abade

[1] O Abade digno de presidir ao mosteiro, deve lembrar-se sempre daquilo que é chamado, e corresponder pelas ações ao nome de superior. [2] Com efeito, crê-se que, no mosteiro ele faz as vezes do Cristo, pois é chamado pelo mesmo cognome que Este, [3] no dizer do Apóstolo: "Recebestes o espírito de adoção de filhos, no qual clamamos: ABBA, Pai.[4] " Por isso o Abade nada deve ensinar, determinar ou ordenar, que seja contrário ao preceito do Senhor, [5] mas que a sua ordem e ensinamento, como o fermento da divina justiça se espalhe na mente dos discípulos; [6] lembre-se sempre o abade de que da sua doutrina e da obediência dos discípulos, de ambas essas coisas, será feita apreciação no tremendo juízo de Deus.

[7] E saiba o Abade que é atribuído à culpa do pastor tudo aquilo que o Pai de família puder encontrar de menos no progresso das ovelhas. [8] Em compensação, de outra maneira será, se a um rebanho irrequieto e desobediente tiver sido dispensada toda diligência do pastor e oferecido todo o empenho na cura de seus atos malsãos; [9] absolvido então o pastor no juízo do Senhor, diga ao mesmo com o Profeta: "Não escondi vossa justiça em meu coração, manifestei vossa verdade e a vossa salvação; eles, porém, com desdém desprezaram-me". [10] E então, finalmente, que prevaleça a própria morte como pena para as ovelhas que desobedeceram aos seus cuidados.

[11] Portanto, quando alguém recebe o nome de Abade, deve presidir a seus discípulos usando de uma dupla doutrina, [12] isto é, apresente as coisas boas e santas, mais pelas ações do que pelas palavras, de modo que aos discípulos capazes de entendê-las proponha os mandamentos do Senhor por meio de palavras, e aos duros de coração e aos mais simples mostre os preceitos divinos pelas próprias ações. [13] Assim, tudo quanto ensinar aos discípulos como sendo nocivo, indique pela sua maneira de agir que não se deve praticar, a fim de que, pregando aos outros, não se torne ele próprio réprobo, [14] e Deus não lhe diga um dia como a um pecador: "Por que narras as minhas leis e anuncias o meu testamento pela tua boca? tu que odiaste a disciplina e atiraste para trás de ti as minhas palavras", [15] e ainda: "Vias o argueiro no olho de teu irmão e não viste a trave no teu próprio".

[16] Que não seja feita por ele distinção de pessoas no mosteiro. [17] Que um não seja mais amado que outro, a não ser aquele que for reconhecido melhor nas boas ações ou na obediência. [18] Não anteponha o nascido livre ao originário de condição servil, a não ser que exista outra causa razoável para isso; [19] pois se parecer ao Abade que deve fazê-lo por questão de justiça, fá-lo-á seja qual for a condição social; caso contrário, mantenham todos seus próprios lugares, [20] porque, servo ou livre, somos todos um em Cristo e sob um só Senhor caminhamos submissos na mesma milícia de servidão: "Porque não há em Deus acepção de pessoas". [21] Somente num ponto

somos por ele distinguidos, isto é, se formos melhores do que os outros nas boas obras e humildes. [22] Seja, pois, igual a caridade dele para com todos; que uma só disciplina seja proposta a todos, conforme os merecimentos de cada um.

[23] Portanto, em sua doutrina deve sempre o Abade observar aquela fórmula do Apóstolo: "Repreende, exorta, admoesta", [24] isto é, temperando as ocasiões umas com as outras, os carinhos com os rigores, mostre a severidade de um mestre e o pio afeto de um pai, quer dizer: [25] aos indisciplinados e inquietos deve repreender mais duramente, mas aos obedientes, mansos e pacientes, deve exortar a que progredam ainda mais, e quanto aos negligentes e desdenhosos, advertimos que os repreenda e castigue. [26] Não dissimule as faltas dos culpados, mas logo que começarem a brotar ampute-as pela raiz, como lhe for possível, lembrando-se da desgraça de Heli, sacerdote de Silo. [27] Aos mais honestos e de ânimo compreensível, censure por palavras em primeira e segunda advertência; [28] porém aos improbos, duros e soberbos ou desobedientes reprima com varadas ou outro castigo corporal, desde o início da falta, sabendo que está escrito: "O estulto não se corrige com palavras". [29] E mais: "Bate no teu filho com a vara e livrarás a sua alma da morte".

[30] Deve sempre lembrar-se o Abade daquilo que é; lembrar-se de como é chamado, e saber que daquele a quem mais se confia mais se exige. [31] E saiba que coisa difícil e árdua recebeu: reger as almas e servir aos temperamentos de muitos; a este com carinho, àquele, porém, com repreensões, a outro com persuasões [32] segundo a maneira de ser ou a inteligência de cada um, de tal modo se conforme e se adapte a todos, que não somente não venha a sofrer perdas no rebanho que lhe foi confiado, mas também se alegre com o aumento da boa grei.

[33] Antes de tudo, que não trate com mais solicitude das coisas transitórias, terrenas e caducas, negligenciando ou tendo em pouco a salvação das almas que lhe foram confiadas, [34] mas pense sempre que recebeu almas a dirigir, das quais deverá também prestar contas. [35] E para que não venha, porventura, a alegar falta de recursos, lembrar-se-á do que está escrito: "Buscai primeiro reino de Deus e sua justiça, e todas as coisas vos serão dadas por acréscimo"; [36] e ainda: "Nada falta aos que O temem". [37] E saiba que quem recebeu almas a dirigir, deve preparar-se para prestar contas. [38] Saiba como certo que de todo o número de irmãos que tiver possuído sob seu cuidado, no dia do juízo, deverá prestar contas ao Senhor das almas de todos eles, e mais, sem dúvida também da sua própria alma. [39] E assim, temendo sempre a futura apreciação do pastor acerca das ovelhas que lhe foram confiadas enquanto cuida das contas alheias, torna-se solícito para com a suas próprias, [40] e enquanto com suas exortações subministra a emenda aos outros, consegue ele próprio emendar-se de seus vícios.

CAPÍTULO 3 - Da convocação dos irmãos a conselho

[1] Todas as vezes que deverem ser feitas coisas importantes no mosteiro, convoque o Abade toda a comunidade e diga ele próprio de que se trata. [2] Ouvindo o conselho dos irmãos, considere consigo mesmo e faça o que julgar mais útil. [3] Dissemos que todos fossem chamados a conselho porque muitas vezes o Senhor revela ao mais moço o que é melhor. [4] Dêem pois os irmãos o seu conselho com toda a submissão da humildade e não ousem defender arrogantemente o seu parecer, e [5] que a solução dependa antes do arbítrio do Abade, e todos lhe obedeçam no que ele tiver julgado ser

mais salutar; [6] mas, assim como convém aos discípulos obedecer ao mestre, também a este convém dispor todas as coisas com prudência e justiça.

[7] Em tudo, pois, sigam todos a Regra como mestra, nem dela se desvie alguém temerariamente. [8] Ninguém, no mosteiro, siga a vontade do próprio coração, [9] nem ouse discutir insolentemente com seu abade, nem mesmo discutir com ele fora do mosteiro. [10] E, se ousar fazê-lo, seja submetido à disciplina regular. [11] No entanto, que o próprio abade faça tudo com temor de Deus e observância da Regra, cômescio de que, sem dúvida alguma, de todos os seus juízos deverá dar contas a Deus, justíssimo juiz. [12] Se, porém, for preciso fazer alguma coisa de menor importância dentre os negócios do mosteiro, use o Abade somente do conselho dos mais velhos, [13] conforme o que está escrito: "Faze tudo com conselho e depois de feito não te arrependerás".

CAPÍTULO 4 - Quais são os instrumentos das boas obras

[1] Primeiramente, amar ao Senhor Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as forças.

[2] Depois, amar ao próximo como a si mesmo.

[3] Em seguida, não matar.

[4] Não cometer adultério.

[5] Não furtar.

[6] Não cobiçar.

[7] Não levantar falso testemunho.

[8] Honrar todos os homens.

[9] E não fazer a outrem o que não quer que lhe seja feito.

[10] Abnegar-se a si mesmo para seguir o Cristo.

[11] Castigar o corpo.

[12] Não abraçar as delícias.

[13] Amar o jejum.

[14] Reconfortar os pobres.

[15] Vestir os nus.

[16] Visitar os enfermos.

[17] Sepultar os mortos.

[18] Socorrer na tribulação.

[19] Consolar o que sofre.

[20] Fazer-se alheio às coisas do mundo.

[21] Nada antepor ao amor de Cristo.

[22] Não satisfazer a ira.

[23] Não reservar tempo para a cólera.

[24] Não conservar a falsidade no coração.

[25] Não conceder paz simulada.

[26] Não se afastar da caridade.

[27] Não jurar para não vir a perjurar.

[28] Proferir a verdade de coração e de boca.

[29] Não retribuir o mal com o mal.

[30] Não fazer injustiça, mas suportar pacientemente as que lhe são feitas.

[31] Amar os inimigos.

[32] Não retribuir com maldição aos que o amaldiçoam, mas antes abençoá-los.

- [33] Suportar perseguição pela justiça.
- [34] Não ser soberbo.
- [35] Não ser dado ao vinho.
- [36] Não ser guloso.
- [37] Não ser apegado ao sono.
- [38] Não ser preguiçoso.
- [39] Não ser murmurador.
- [40] Não ser detrator.
- [41] Colocar toda a esperança em Deus.
- [42] O que achar de bem em si, atribuí-lo a Deus e não a si mesmo.
- [43] Mas, quanto ao mal, saber que é sempre obra sua e a si mesmo atribuí-lo.
- [44] Temer o dia do juízo.
- [45] Ter pavor do inferno.
- [46] Desejar a vida eterna com toda a cobiça espiritual.
- [47] Ter diariamente diante dos olhos a morte a surpreendê-lo.
- [48] Vigiar a toda hora os atos de sua vida.
- [49] Saber como certo que Deus o vê em todo lugar.
- [50] Quebrar imediatamente de encontro ao Cristo os maus pensamentos que lhe advêm ao coração e revelá-los a um conselheiro espiritual.
- [51] Guardar sua boca da palavra má ou perversa.
- [52] Não gostar de falar muito.
- [53] Não falar palavras vãs ou que só sirvam para provocar riso.
- [54] Não gostar do riso excessivo ou ruidoso.
- [55] Ouvir de boa vontade as santas leituras.
- [56] Dar-se freqüentemente à oração.
- [57] Confessar todos os dias a Deus na oração, com lágrimas e gemidos, as faltas passadas
- e [58] daí por diante emendar-se delas.
- [59] Não satisfazer os desejos da carne.
- [60] Odiar a própria vontade.
- [61] Obedecer em tudo às ordens do Abade, mesmo que este, o que não aconteça, proceda de outra forma, lembrando-se do preceito do Senhor: "Fazei o que dizem, mas não o que fazem".
- [62] Não querer ser tido como santo antes que o seja, mas primeiramente sê-lo para que como tal o tenham com mais fundamento.
- [63] Pôr em prática diariamente os preceitos de Deus.
- [64] Amar a castidade.
- [65] Não odiar a ninguém.
- [66] Não ter ciúmes.
- [67] Não exercer a inveja.
- [68] Não amar a rixa.
- [69] Fugir da vanglória.
- [70] Venerar os mais velhos.
- [71] Amar os mais moços.
- [72] Orar, no amor de Cristo, pelos inimigos.
- [73] Voltar à paz, antes do pôr-do-sol, com aqueles com quem teve desavença.
- [74] E nunca desesperar da misericórdia de Deus.
- [75] Eis aí os instrumentos da arte espiritual:

[76] se forem postos em ação por nós, dia e noite, sem cessar, e devolvidos no dia do juízo, seremos recompensados pelo Senhor com aquele prêmio que Ele mesmo prometeu:

[77] "O que olhos não viram nem ouvidos ouviram preparou Deus para aqueles que o amam". [78] São, porém, os claustros do mosteiro e a estabilidade na comunidade a oficina onde executaremos diligentemente tudo isso.

CAPÍTULO 5 - Da obediência

[1] O primeiro grau da humildade é a obediência sem demora. [2] É peculiar àqueles que estimam nada haver mais caro que o Cristo; [3] por causa do santo serviço que professaram, por causa do medo do inferno ou por causa da glória da vida eterna, [4] desconhecem o que seja demorar na execução de alguma coisa logo que ordenada pelo superior, como sendo por Deus ordenada. [5] Deles diz o Senhor: "Logo ao ouvir-me, obedeceu-me". [6] E do mesmo modo diz aos doutores: "Quem vos ouve a mim ouve". [7] Pois são esses mesmos que, deixando imediatamente as coisas que lhes dizem respeito e abandonando a própria vontade, [8] desocupando logo as mãos e deixando inacabado o que faziam, seguem com seus atos, tendo os passos já dispostos para a obediência, a voz de quem ordena. [9] E, como que num só momento, ambas as coisas - a ordem recém-dada do mestre e a perfeita obediência do discípulo - são realizadas simultânea e rapidamente, na prontidão do temor de Deus. [10] Apodera-se deles o desejo de caminhar para a vida eterna; [11] por isso, lançam-se como que de assalto ao caminho estreito do qual diz o Senhor: "Estreito é o caminho que conduz à vida", [12] e assim, não tendo, como norma de vida a própria vontade, nem obedecendo aos próprios desejos e prazeres, mas caminhando sob o juízo e domínio de outro e vivendo em comunidade, desejam que um Abade lhes presida. [13] Imitam, sem dúvida, aquela máxima do Senhor que diz: "Não vim fazer minha vontade, mas a d'Aquele que me enviou".

[14] Mas essa mesma obediência somente será digna da aceitação de Deus e doce aos homens, se o que é ordenado for executado sem tremor, sem delongas, não mornamente, não com murmuração, nem com resposta de quem não quer. [15] Porque a obediência prestada aos superiores é tributada a Deus. Ele próprio disse: "Quem vos ouve, a mim me ouve". [16] E convém que seja prestada de boa vontade pelos discípulos, porque "Deus ama aquele que dá com alegria". [17] Pois, se o discípulo obedecer de má vontade e se murmurar, mesmo que não com a boca, mas só no coração, [18] ainda que cumpra a ordem, não será mais o seu ato aceito por Deus que vê seu coração a murmurar; [19] e por tal ação não consegue graça alguma, e, ainda mais, incorre no castigo dos murmuradores se não se emendar pela satisfação.

CAPÍTULO 6 - Do silêncio

[1] Façamos o que diz o profeta: "Eu disse, guardarei os meus caminhos para que não peque pela língua: pus uma guarda à minha boca: emudeci, humilhei-me e calei as coisas boas". [2] Aqui mostra o Profeta que, se, às vezes, se devem calar mesmo as boas conversas, por causa do silêncio, quanto mais não deverão ser suprimidas as más palavras, por causa do castigo do pecado? [3] Por isso, ainda que se trate de conversas boas, santas e próprias a edificar, raramente seja concedida aos discípulos perfeitos licença de falar, por causa da gravidade do silêncio, [4] pois está escrito: "Falando muito

não foges ao pecado", [5] e em outro lugar: "a morte e a vida estão em poder da língua". [6] Com efeito, falar e ensinar compete ao mestre; ao discípulo convém calar e ouvir. [7] Por isso, se é preciso pedir alguma coisa ao superior, que se peça com toda a humildade e submissão da reverência. [8] Já quanto às brincadeiras, palavras ociosas e que provocam riso, condenamo-las em todos os lugares a uma eterna clausura, para tais palavras não permitimos ao discípulo abrir a boca.

CAPÍTULO 7 - Da humildade

[1] Irmãos, a Escritura divina nos clama dizendo: "Todo aquele que se exalta será humilhado e todo aquele que se humilha será exaltado". [2] Indica-nos com isso que toda elevação é um gênero da soberba, [3] da qual o Profeta mostra precaver-se quando diz: "Senhor, o meu coração não se exaltou, nem foram altivos meus olhos; não andei nas grandezas, nem em maravilhas acima de mim. [4] Mas, que seria de mim se não me tivesse feito humilde, se tivesse exaltado minha alma? Como aquele que é desmamado de sua mãe, assim retribuirias a minha alma.

[5] Se, portanto, irmãos, queremos atingir o cume da suma humildade e se queremos chegar rapidamente àquela exaltação celeste para a qual se sobe pela humildade da vida presente, [6] deve ser erguida, pela ascensão de nossos atos, aquela escada que apareceu em sonho a Jacó, na qual lhe eram mostrados anjos que subiam e desciam. [7] Essa descida e subida, sem dúvida, outra coisa não significa, para nós, senão que pela exaltação se desce e pela humildade se sobe. [8] Essa escada ereta é a nossa vida no mundo, a qual é elevada ao céu pelo Senhor, se nosso coração se humilha. [9] Quanto aos lados da escada, dizemos que são o nosso corpo e alma, e nesses lados a vocação divina inseriu, para serem galgados, os diversos graus da humildade e da disciplina.

[10] Assim, o primeiro grau da humildade consiste em que, pondo sempre o monge diante dos olhos o temor de Deus, evite, absolutamente, qualquer esquecimento, [11] e esteja, ao contrário, sempre lembrado de tudo o que Deus ordenou, revolve sempre, no espírito, não só que o inferno queima, por causa de seus pecados, os que desprezam a Deus, mas também que a vida eterna está preparada para os que temem a Deus; [12] e, defendendo-se a todo tempo dos pecados e vícios, isto é, dos pecados do pensamento, da língua, das mãos, dos pés e da vontade própria, como também dos desejos da carne, [13] considere-se o homem visto do céu, a todo momento, por Deus, e suas ações vistas em toda parte pelo olhar da divindade e anunciadas a todo instante pelos anjos. [14] Mostra-nos isso o Profeta quando afirma estar Deus sempre presente aos nossos pensamentos: "Deus que perscruta os corações e os rins". [15] E também: "Deus conhece os pensamentos dos homens". [16] E ainda: "De longe percebestes os meus pensamentos" [17] e "o pensamento do homem vos será confessado". [18] Portanto, para que esteja vigilante quanto aos seus pensamentos maus, diga sempre, em seu coração, o irmão empenhado em seu próprio bem: "se me preservar da minha iniquidade, serei, então, imaculado diante d'Ele".

[19] Assim, é-nos proibido fazer a própria vontade, visto que nos diz a Escritura: "Afastate das tuas próprias vontades". [20] E, também, porque rogamos a Deus na oração que se faça em nós a sua vontade.

[21] Aprendemos, pois, com razão, a não fazer a própria vontade, enquanto nos acautelamos com aquilo que diz a Escritura: "Há caminhos considerados retos pelos homens cujo fim mergulha até o fundo do inferno", [22] e enquanto, também, nos

apavoramos com o que foi dito dos negligentes: "Corromperam-se e tornaram-se abomináveis nos seus prazeres". [23] Por isso, quando nos achamos diante dos desejos da carne, creiamos que Deus está sempre presente junto a nós, pois disse o Profeta ao Senhor: "Diante de vós está todo o meu desejo".

[24] Devemos, portanto, acautelar-nos contra o mau desejo, porque a morte foi colocada junto à porta do prazer. [25] Sobre isso a Escritura preceitua dizendo: "Não andes atrás de tuas concupiscências". [26] Logo, se os olhos do Senhor "observam os bons e os maus", [27] e "o Senhor sempre olha do céu os filhos dos homens para ver se há algum inteligente ou que procura a Deus"[28] e se, pelos anjos que nos foram designados, todas as coisas que fazemos são, cotidianamente, dia e noite, anunciadas ao Senhor, [29] devemos ter cuidado, irmãos, a toda hora, como diz o Profeta no salmo, para que não aconteça que Deus nos veja no momento em que caímos no mal, tornando-nos inúteis, [30] e para que, vindo a poupar-nos nessa ocasião porque é Bom e espera sempre que nos tornemos melhores, não venha a dizer-nos no futuro: "Fizeste isto e calei-me".

[31] O segundo grau da humildade consiste em que, não amando a própria vontade, não se deleite o monge em realizar os seus desejos, [32] mas imite nas ações aquela palavra do Senhor: "Não vim fazer a minha vontade, mas a d'Aquele que me enviou". [33] Do mesmo modo, diz a Escritura: "O prazer traz consigo a pena e a necessidade gera a coroa".

[34] O terceiro grau da humildade consiste em que, por amor de Deus, se submeta o monge, com inteira obediência ao superior, imitando o Senhor, de quem disse o Apóstolo: "Fez-se obediente até a morte".

[35] O quarto grau da humildade consiste em que, no exercício dessa mesma obediência abraça o monge a paciência, de ânimo sereno, nas coisas duras e adversas, ainda mesmo que se lhe tenham dirigido injúrias, [36] e, suportando tudo, não se entregue nem se vá embora, pois diz a Escritura: "Aquele que perseverar até o fim será salvo". [37] E também: "Que se revigore o teu coração e suporta o Senhor". [38] E a fim de mostrar que o que é fiel deve suportar todas as coisas, mesmo as adversas, pelo Senhor, dizem a Escritura, na pessoa dos que sofrem: "Por vós, somos entregues todos os dias à morte; somos considerados como ovelhas a serem sacrificadas". [39] Seguros na esperança da retribuição divina, prosseguem alegres dizendo: "Mas superamos tudo por causa daquele que nos amou". [40] Também, em outro lugar, diz a Escritura: "Ó Deus, provastes-nos, experimentastes-nos no fogo, como no fogo é provada a prata: induzistes-nos a cair no laço, impusestes tribulações sobre os nossos ombros". [41] E para mostrar que devemos estar submetidos a um superior, continua: "Impusestes homens sobre nossas cabeças". [42] Cumprindo, além disso, com paciência o preceito do Senhor nas adversidades e injúrias, se lhes batem numa face, oferecem a outra; a quem lhes toma a túnica cedem também o manto; obrigados a uma milha, andam duas; [43] suportam, como Paulo Apóstolo, os falsos irmãos e abençoam aqueles que os amaldiçoam.

[44] O quinto grau da humildade consiste em não esconder o monge ao seu Abade todos os maus pensamentos que lhe vêm ao coração, ou o que de mal tenha cometido ocultamente, mas em lho revelar humildemente, [45] exortando-nos a este respeito a Escritura quando diz: "Revela ao Senhor o teu caminho e espera nele". [46] E quando diz ainda: "Confessai ao Senhor porque ele é bom, porque sua misericórdia é eterna". [47] Do mesmo modo o Profeta: "Dei a conhecer a Vós a minha falta e não escondi as

minhas injustiças. [48] Disse: acusar-me-ei de minhas injustiças diante do Senhor, e perdoastes a maldade de meu coração".

[49] O sexto grau da humildade consiste em que esteja o monge contente com o que há de mais vil e com a situação mais extrema e, em tudo que lhe seja ordenado fazer, se considere mau e indigno operário, [50] dizendo-se a si mesmo com o Profeta: "Fui reduzido a nada e não o sabia; tornei-me como um animal diante de Vós, porém estou sempre convosco".

[51] O sétimo grau da humildade consiste em que o monge se diga inferior e mais vil que todos, não só com a boca, mas que também o creia no íntimo pulsar do coração, [52] humilhando-se e dizendo com o Profeta: "Eu, porém, sou um verme e não um homem, a vergonha dos homens e a abjeção do povo: [53] exaltei-me, mas, depois fui humilhado e confundido". [54] E ainda: "É bom para mim que me tenhais humilhado, para que aprenda os vossos mandamentos".

[55] O oitavo grau da humildade consiste em que só faça o monge o que lhe exortam a Regra comum do mosteiro e os exemplos de seus maiores.

[56] O nono grau da humildade consiste em que o monge negue o falar a sua língua, entregando-se ao silêncio; nada diga, até que seja interrogado, [57] pois mostra a Escritura que "no muito falar não se foge ao pecado" [58] e que "o homem que fala muito não se encaminhará bem sobre a terra".

[59] O décimo grau da humildade consiste em que não seja o monge fácil e pronto ao riso, porque está escrito: "O estulto eleva sua voz quando ri".

[60] O undécimo grau da humildade consiste em, quando falar, fazê-lo o monge suavemente e sem riso, humildemente e com gravidade, com poucas e razoáveis palavras e não em alta voz, [61] conforme o que está escrito: "O sábio manifesta-se com poucas palavras".

[62] O duodécimo grau da humildade consiste em que não só no coração tenha o monge a humildade, mas a deixe transparecer sempre, no próprio corpo, aos que o vêem, [63] isto é, que no ofício divino, no oratório, no mosteiro, na horta, quando em caminho, no campo ou onde quer que esteja, sentado, andando ou em pé, tenha sempre a cabeça inclinada, os olhos fixos no chão, [64] considerando-se a cada momento culpado de seus pecados, tenha-se já como presente diante do tremendo júízo de Deus, [65] dizendo-se a si mesmo, no coração, aquilo que aquele publicano do Evangelho disse, com os olhos pregados no chão: "Senhor, não sou digno, eu pecador, de levantar os olhos aos céus".

[66] E ainda, com o Profeta: "Estou completamente curvado e humilhado".

[67] Tendo, por conseguinte, subido todos esses degraus da humildade, o monge atingirá logo, aquela caridade de Deus, que, quando perfeita, afasta o temor; [68] por meio dela tudo o que observava antes não sem medo começará a realizar sem nenhum labor, como que naturalmente, pelo costume, [69] não mais por temor do inferno, mas por amor de Cristo, pelo próprio costume bom e pela deleitação das virtudes.

[70] Eis o que, no seu operário, já purificado dos vícios e pecados, se dignará o Senhor manifestar por meio do Espírito Santo.

CAPÍTULO 8 - Dos Ofícios Divinos durante a noite

[1] Em tempo de inverno, isto é, de primeiro de novembro até a Páscoa, em consideração ao que é razoável, devem os monges levantar-se à oitava hora da noite

[2] de modo que durmam um pouco mais da metade da noite e se levantem tendo já feita a digestão. [3] O tempo que resta depois das Vigílias seja empregado na

preparação de algum trecho do saltério ou das lições, por parte dos irmãos que disto necessitarem. [4] Da Páscoa, porém, até o referido dia primeiro de novembro, seja regulada a hora de tal maneira que as Matinas que devem ser celebradas quando começa a clarear, venham em seguida ao ofício das Vigílias, depois de brevíssimo intervalo, durante o qual os irmãos saem para as necessidades naturais.

CAPÍTULO 9 - Quantos salmos devem ser ditos nas Horas noturnas

[1] No tempo de inverno acima citado, diga-se em primeiro lugar o versículo, repetido três vezes: "Senhor, abrirei os meus lábios e minha boca anunciará vosso louvor", [2] ao qual deve ser acrescentado o salmo terceiro e o "Glória". [3] Depois desse, o salmo nonagésimo quarto, com antífona, ou então cantado. [4] Segue-se o Ambrosiano e depois seis salmos com antífonas. [5] Recitados esses e dito o versículo, o Abade dê a bênção; depois, achando-se todos sentados nos bancos sejam lidas pelos irmãos, um de cada vez, três lições do livro que está sobre a estante. Entre elas cantem-se três responsórios. [6] Dois destes responsórios são ditos sem "Glória", porém, depois da terceira lição, quem está cantando diga o "Glória". [7] Quando esse começar, levantem-se logo todos de seus assentos em honra e reverência à Santíssima Trindade. [8] Leiam-se, nas Vigílias, os livros de autoria divina, tanto do Antigo como do Novo Testamento, e também as exposições que sobre eles fizeram os Padres católicos conhecidos e ortodoxos. [9] A essas três lições com seus responsórios, sigam-se os seis salmos restantes cantados com "Aleluia". [10] Vêm, em seguida, a lição do Apóstolo, que deve ser recitada de cor, o versículo e a súplica da litania, isto é, "Kyrie eleison", [11] e assim terminem as Vigílias noturnas.

CAPÍTULO 10 - Como será celebrado no verão o louvor divino

[1] De Páscoa até primeiro de novembro, mantenha-se, quanto à salmodia, a mesma medida acima determinada; [2] as lições do livro, porém, por causa da brevidade das noites, não são lidas; em lugar dessas três lições, seja recitada de memória uma do Antigo Testamento, seguida de responsório breve, [3] e cumpram-se todas as outras coisas como ficou dito acima, isto é: que nunca se digam nas Vigílias noturnas, menos de doze salmos além do terceiro e do nonagésimo quarto.

CAPÍTULO 11 - Como serão celebradas as Vigílias aos domingos

[1] Aos domingos, levante-se mais cedo para as Vigílias, [2] nas quais se mantenha a mesma medida já referida, isto é: modulados, conforme dispusemos acima, seis salmos e o versículo, e estando todos convenientemente e pela ordem assentados nos bancos, leiam-se no livro, como já mencionamos, quatro lições com seus responsórios; [3] só o quarto responsório é dito por quem está cantando o "Gloria", ao começo do qual se levantem todos com reverência. [4] A essas lições sigam-se, por ordem, outros seis salmos com antífonas, como os anteriores, e o versículo. [5] Terminados esses, voltam-se a ler outras quatro lições com seus responsórios, na mesma ordem que acima. [6] Em seguida, digam-se três cânticos dos Profetas que o Abade determinar, os quais sejam salmodiados com "Aleluia". [7] Dito também o versículo, sejam lidas com a bênção do Abade outras quatro lições do Novo Testamento, na mesma ordem que acima. [8] Depois do quarto responsório o abade entoia o hino "Te Deum laudamus". [9]

Uma vez terminado, leia o Abade o Evangelho, permanecendo todos de pé com reverência e temor. [10] Quando essa leitura terminar, respondam todos: "Amém"; e o abade prossegue logo com o hino "Te decet laus", e, dada a bênção, comecem as Matinas. [11] Essa disposição das Vigílias para o domingo deve ser mantida, como está, em todo tempo, tanto no verão quanto no inverno, [12] a não ser que, por acaso, e que tal não aconteça, os monges se levantem mais tarde e se tenha de abreviar algo das lições ou dos responsórios. [13] Haja, porém, todo o cuidado para que isso não venha a suceder; se, porém, acontecer, satisfaça dignamente a Deus no oratório, aquele por cuja culpa veio esse fato a verificar-se.

CAPÍTULO 12 - Como será realizada a solenidade das matinas

[1] Nas Matinas de domingo, [2] diga-se em primeiro lugar o salmo sexagésimo sexto, sem antífona, em tom direto. Diga-se, depois, o quinquagésimo, com "Aleluia". [3] Em seguida, o centésimo décimo sétimo e o sexagésimo segundo; [4] seguem-se então os "Benedicite", e os "Laudate", uma lição do Apocalipse de cor, o responsório, o ambrosiano, o versículo, o cântico do Evangelho, a litania, e está terminado.

CAPÍTULO 13 - Como serão realizadas as matinas em dia comum

[1] Nos dias comuns, porém, a solenidade das Matinas seja assim realizada, [2] a saber: recita-se o salmo sexagésimo sexto sem antífona, um tanto lentamente, como no domingo, de modo que todos cheguem para o quinquagésimo, o qual deve ser recitado com antífona. [3] Depois desse, recitem-se outros dois salmos, segundo o costume, isto é, [4] segunda-feira, o quinto e o trigésimo quinto; [5] terça-feira, o quadragésimo segundo e o quinquagésimo sexto; [6] quarta-feira, o sexagésimo terceiro e o sexagésimo quarto; [7] quinta-feira, o octogésimo sétimo e o octogésimo nono; [8] sexta-feira, o septuagésimo quinto e o nonagésimo primeiro; [9] sábado, o centésimo quadragésimo segundo e o cântico do Deuteronômio, que deve ser dividido em dois "Gloria". [10] Nos outros dias, diga-se um cântico dos Profetas, um para cada dia, como canta a Igreja Romana. [11] A esses seguem-se os "Laudate", depois uma lição do Apóstolo recitada de memória, o responsório, [12] Não termine, de forma alguma, o ofício da manhã ou da tarde sem que o superior diga, em último lugar, por inteiro e de modo que todos ouçam, a oração dominical, por causa dos espinhos de escândalos que costumam surgir, [13] de maneira que, interpelados os irmãos pela promessa da própria oração que estão rezando: "perdoai-nos assim como nós perdoamos", se preservem de tais vícios. [14] Nos demais ofícios diga-se a última parte dessa oração, de modo a ser respondido por todos: "Mas livrai-nos do mal".

CAPÍTULO 14 - Como serão celebradas as Vigílias nos natalícios dos Santos

[1] Nas festas dos Santos e em todas as solenidades, proceda-se do mesmo modo que indicamos para o domingo [2] exceto que, quanto aos salmos, antífonas e lições, sejam ditos os que pertencem à própria festa; mantenha-se, porém, a mesma disposição acima descrita.

CAPÍTULO 15 - Em quais épocas será dito o Aleluia

[1] Da Santa Páscoa até Pentecostes, diga-se sem interrupção o "Aleluia", tanto nos salmos como nos responsórios. [2] De Pentecostes até o início da Quaresma, diga-se todas as noites, mas somente com os seis últimos salmos dos noturnos. [3] Em todo domingo, fora da Quaresma, digam-se com "Aleluia" os Cânticos, as Matinas, Prima, Terça, Sexta e Noa; entretanto, as Vésperas sejam ditas com antífona. [4] Quanto aos responsórios, nunca são ditos com "Aleluia", a não ser de Páscoa até Pentecostes.

CAPÍTULO 16 - Como serão celebrados os ofícios durante o dia

[1] Diz o Profeta: "Louvei-vos sete vezes por dia". [2] Assim, também nós realizaremos esse sagrado número, se, por ocasião das Matinas, Prima, Terça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas, cumprirmos os deveres da nossa servidão; [3] porque foi destas Horas do dia que ele disse: "Louvei-vos sete vezes por dia". [4] Quanto às Vigílias noturnas, diz da mesma forma o mesmo profeta: "Levantava-me no meio da noite para louvar-vos". [5] Rendamos, portanto, nessas horas, louvores ao nosso Criador "sobre os juízos da sua justiça", isto é, nas Matinas, Prima, Terça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas; e à noite, levantemo-nos para louvá-Lo.

CAPÍTULO 17 - Quantos salmos deverão ser cantados nessas mesmas horas

[1] Já dispusemos a Ordem da Salmódia, dos Noturnos e das Matinas; vejamos agora a das Horas seguintes. [2] À Hora de Prima sejam ditos: três salmos separadamente, não sob um só "Gloria", [3] e o hino da mesma Hora, que virá depois do versículo " Ó Deus, vinde em meu auxílio" e antes que sejam começados os salmos. [4] Terminados os três salmos, recitem-se uma lição, o versículo, "Kyrie eleison", e façam-se as orações finais. [5] Terça, Sexta, e Noa sejam celebradas segundo a mesma ordem, isto é: versículo, hinos de cada uma das Horas, três salmos, lição e versículo, "Kyrie eleison" e as orações finais. [6] Se a comunidade for grande, sejam os salmos cantados com antífona; se for pequena, em tom direto. [7] A sinaxe vespertina consta de quatro salmos com antífonas; [8] depois dos quais deve ser recitada uma lição; em seguida o responsório, o ambrosiano, o versículo, o cântico do Evangelho, a litania, a oração dominical e as orações finais. [9] As Completas compreendem a recitação de três salmos, que devem ser ditos em tom direto, sem antífona; [10] Depois deles, o hino da mesma Hora, uma lição, o versículo, o "Kyrie eleison", a bênção e as orações finais.

CAPÍTULO 18 - Em que ordem os mesmos salmos devem ser ditos

[1] Diga-se o versículo: "Ó Deus, vinde em meu auxílio; apressai-vos, Senhor, em socorrer-me", o Glória, e depois o Hino de cada uma das Horas . [2] Em seguida, na

hora de Prima do domingo, devem ser ditas quatro divisões do salmo centésimo décimo oitavo; [3] nas demais

217 Horas, isto é, Terça, Sexta e Noa digam-se três divisões do referido salmo centésimo décimo oitavo. [4] Na Prima da Segunda feira, digam-se três salmos, a saber: o primeiro, o segundo e o sexto. [5] E assim em cada dia, até o domingo, digam-se na Prima, por ordem, três salmos até o décimo nono; de tal modo que sejam divididos em dois o salmo nono e o décimo sétimo. [6] E faça-se assim, para que sempre se comecem as Vigílias do domingo pelo vigésimo.

[7] Na Terça, Sexta e Noa da segunda-feira, digam-se as nove divisões que restam do salmo centésimo décimo oitavo, três em cada Hora. [8] Percorrido, portanto, o salmo centésimo décimo oitavo nos dois dias - domingo e segunda-feira, [9] já na Terça, Sexta e Noa da terça-feira, salmodiam-se três salmos de cada vez, do centésimo décimo nono até o centésimo vigésimo sétimo, isto é, nove salmos. [10] Repitam-se sempre esses salmos pelas mesmas Horas até o domingo, conservando-se de maneira uniforme e todos os dias a disposição dos hinos, bem assim como a das lições e versículos; [11] e, assim sendo, comece-se sempre no domingo com o centésimo décimo oitavo.

[12] As Vésperas sejam cantadas diariamente pela modulação de quatro salmos. [13] Esses salmos vão do centésimo nono até o centésimo quadragésimo sétimo, [14] excetuados alguns que dentre esses foram tirados para outras Horas, isto é, do centésimo décimo sétimo ao centésimo vigésimo sétimo, mais o centésimo trigésimo terceiro e o centésimo quadragésimo segundo; [15] todos os demais devem ser ditos nas Vésperas. [16] Como, porém, ficam faltando três salmos, devem ser divididos os mais longos dentre os supracitados, isto é, o centésimo trigésimo oitavo, o centésimo quadragésimo terceiro e o centésimo quadragésimo quarto. [17] O centésimo décimo sexto, por ser pequeno, seja unido ao centésimo décimo quinto. [18] Distribuída, pois, a ordem dos salmos vespertinos, quanto ao restante - isto é, a lição, o responsório, o hino, o versículo e o cântico - proceda-se como determinamos acima. [19] Nas Completas, repitam-se todos os dias os mesmos salmos: o quarto, o nonagésimo e o centésimo trigésimo terceiro.

[20] Disposta a ordem da salmodia diurna, distribuam-se igualmente todos os salmos que restam, pelas sete Vigílias da noite, [21] partindo-se, naturalmente, os que, dentre eles forem mais longos e estabelecendo-se doze para cada noite. [22] Advertimos de modo especial que, se porventura essa distribuição dos salmos não agradar a alguém, que ordene como achar melhor;

[23] mas, seja como for, atenda a que seja salmodiado cada semana, integralmente, o saltério de cento e cinquenta salmos e que se comece sempre, de novo, nas Vigílias do domingo, [24] porque os monges que, no decurso da semana, recitam menos do que o saltério com os cânticos costumeiros revelam ser por demais frouxo o serviço de sua devoção. [25] Pois lemos que os nossos santos Pais realizavam, corajosamente, em um só dia isso que oxalá nós indolentes, cumprimos no decorrer de toda uma semana.

CAPÍTULO 19 - Da maneira de salmodiar

[1] Cremos estar em toda parte a presença divina e que "os olho do Senhor vêem em todo lugar os bons e os maus". [2] Creiamos nisso principalmente e sem dúvida alguma, quando estamos presentes ao Ofício Divino. [3] Lembremo-nos, pois, sempre, do que

diz o Profeta: "Servi ao Senhor no temor". [4] E também: "Salmodiai sabiamente". [5] E ainda: "Cantar-vos-ei em face dos anjos". [6] Consideremos, pois, de que maneira cumpre estar na presença da Divindade e de seus anjos; [7] e tal seja a nossa presença na salmodia, que nossa mente concorde com nossa voz.

CAPÍTULO 20 - Da reverência na oração

[1] Se queremos sugerir alguma coisa aos homens poderosos, não ousamos fazê-lo a não ser com humildade e reverência; [2] quanto mais não se deverá empregar toda a humildade e pureza de devoção para suplicar ao Senhor Deus de todas as coisas? [3] E saibamos que seremos ouvidos, não com o muito falar, mas com a pureza do coração e a compunção das lágrimas. [4] Por isso, a oração deve ser breve e pura, a não ser que, por ventura, venha a prolongar-se por um afeto de inspiração da graça divina. [5] Em comunidade, porém, que a oração seja bastante abreviada e, dado o sinal pelo superior, levantem-se todos ao mesmo tempo.

CAPÍTULO 21 - Dos decanos do mosteiro

[1] Se a comunidade for numerosa, sejam escolhidos, dentre os seus membros, irmãos de bom testemunho e de vida monástica santa, e constituídos Decanos; [2] empreguem sua solícitude em tudo o que diz respeito às suas decanias, conforme os mandamentos de Deus e os preceitos do seu Abade. [3] Que os Decanos eleitos sejam tais que possa o Abade, com segurança, repartir com eles o seu ônus; [4] e não sejam escolhidos pela ordem na comunidade, mas segundo o mérito da vida e a doutrina da sabedoria. [5] Se algum dentre os Decanos, acaso inchado por qualquer soberba, for julgado merecedor de repreensão, seja repreendido uma, duas, até três vezes; se não quiser emendar-se seja destituído [6] e ponha-se em seu lugar outro que seja digno. [7] O mesmo determinamos a respeito do Prior.

CAPÍTULO 22 - Como devem dormir os monges

[1] Durma cada um em uma cama. [2] Tenham seus leitos de acordo com o modo de viver monástico e conforme o abade distribuir. [3] Se for possível, durmam todos num mesmo lugar; se, porém, o número não o permitir, durmam aos grupos de dez ou vinte, em companhia de monges mais velhos que sejam solícitos para com eles. [4] Esteja acesa nesse recinto uma candeia sem interrupção, até o amanhecer. [5] Durmam vestidos e cingidos com cintos ou cordas, mas de forma que não tenham, enquanto dormem, as facas a seu lado, a fim de que não venham elas a ferir, durante o sono, quem está dormindo; [6] e de modo que estejam os monges sempre prontos e, assim, dado o sinal, levantando-se sem demora, apressem-se mutuamente e antecipem-se no Ofício Divino, porém com toda gravidade e modéstia. [7] Que os irmãos mais jovens não tenham leitos juntos, mas intercalados com os dos mais velhos. [8] Levantando-se para o Ofício Divino chamem-se mutuamente, para que não tenham desculpas os sonolentos; façam-no, porém, com moderação.

CAPÍTULO 23 - Da excomunhão pelas faltas

[1] Se houver algum irmão teimoso ou desobediente, soberbo ou murmurador, ou em algum modo contrário à santa Regra, e desprezador dos preceitos dos seus superiores, [2] seja ele admoestado, conforme o preceito de nosso Senhor, a primeira e a segunda vez, em particular pelos seus superiores. [3] Se não se emendar, seja repreendido publicamente, diante de todos. [4] Se porém, nem assim se corrigir sofra a excomunhão, caso possa compreender o que seja essa pena. [5] Se, entretanto, está de ânimo endurecido, seja submetido a castigo corporal.

CAPÍTULO 24 - Qual deve ser o modo de proceder-se à excomunhão

[1] A medida tanto da excomunhão como da disciplina, deve regular-se segundo a espécie da falta, [2] e esta espécie das faltas está sob critério do julgamento do abade. [3] Se algum irmão incorrer em faltas mais leves, seja privado da participação à mesa. [4] Será este o proceder de quem está privado da mesa: não entoe salmo, nem antífona no oratório, nem recite lição até que tenha sido dada a devida satisfação. [5] Receba sozinho a sua refeição depois da refeição dos irmãos; [6] de modo que, por exemplo, se os irmãos vão tomar a refeição à hora sexta, aquele irmão o fará à hora nona; se os irmãos à nona, ele à hora de Vésperas, [7] até que tenha obtido o perdão por conveniente satisfação.

CAPÍTULO 25 - Das faltas mais graves

[1] Que seja suspenso da mesa e também do oratório o irmão culpado de faltas mais graves. [2] Que nenhum irmão se junte a ele em nenhuma espécie de relação, nem para lhe falar. [3] Esteja sozinho no trabalho que lhe for determinado, permanecendo no luto da penitência, ciente daquela terrível sentença do Apóstolo que diz: [4] "Este homem foi assim entregue à morte da carne para que seu espírito se salve no dia do Senhor". [5] Faça a sós a sua refeição na medida e na hora que o Abade julgar convenientes, [6] não seja abençoado por ninguém que por ele passe, nem também a comida que lhe é dada.

CAPÍTULO 26 - Dos que sem autorização se juntam aos excomungados

[1] Se algum irmão ousar juntar-se, de qualquer modo, ao irmão excomungado sem ordem do Abade, ou de falar com ele ou mandar-lhe um recado, [2] aplique-se-lhe o mesmo castigo de excomunhão.

CAPÍTULO 27 - Como deve o Abade ser solícito para com os excomungados

[1] Cuide o Abade com toda a solícitude dos irmãos que caírem em faltas, porque "não é para os sadios que o médico é necessário, mas para os que estão doentes". [2] Por isso, como sábio médico, deve usar de todos os meios, enviar "simpectas", isto é, irmãos mais velhos e sábios [3] que, em particular, consolem o irmão flutuante e o induzam a uma humilde satisfação, o consolem "para que não seja absorvido por demasiada tristeza", [4] mas, como diz ainda o Apóstolo, "confirme-se a caridade para com ele", e rezem todos por ele. [5] O Abade deve, pois, empregar extraordinária solícitude e deve

empenhar-se com toda sagacidade e indústria, para que não perca alguma das ovelhas a si confiadas. [6] Reconhecerá, pois, ter recebido a cura das almas enfermas, e não a tirania sobre as sãs; [7] tema a ameaça do profeta, através da qual Deus nos diz: "o que víséis gordo assumíeis e o que era fraco lançáveis fora". [8] Imita o pio exemplo do bom pastor que, deixando as noventa e nove ovelhas nos montes, saiu a procurar uma única ovelha que desgarrara, [9] de cuja fraqueza a tal ponto se compadeceu, que se dignou colocá-la em seus sagrados ombros e assim trazê-la de novo ao aprisco.

CAPÍTULO 28 - Daqueles que muitas vezes corrigidos não quiserem emendar-se

[1] Se algum irmão freqüentes vezes corrigido por qualquer culpa não se emendar, nem mesmo depois de excomungado, que incida sobre ele uma correção mais severa, isto é, use-se o castigo das varas. [2] Se nem assim se corrigir, ou se por acaso, o que não aconteça, exaltado pela soberba, quiser mesmo defender suas ações, faça então o Abade como sábio médico: [3] se aplicou as fomentações, os unguentos das exortações, os medicamentos das divinas Escrituras e enfim a cauterização da excomunhão e das pancadas de vara [4] e vir que nada obtém com sua indústria, aplique então o que é maior: a sua oração e a de todos os irmãos por ele, [5] para que o Senhor, que tudo pode, opere a salvação do irmão enfermo. [6] Se nem dessa maneira se curar, use já agora o Abade o ferro da amputação, como diz o Apóstolo: "Tirai o mal do meio de vós" e também: [7] "Se o infiel se vai, que se vá", [8] a fim de que uma ovelha enferma não contagie todo o rebanho.

CAPÍTULO 29 - Se devem ser novamente recebidos os irmãos que saem do mosteiro

[1] O irmão que sai do mosteiro por culpa própria, se quiser voltar, prometa, antes, uma completa emenda do vício que foi a causa de sua saída, [2] e então seja recebido no último lugar, para que assim se prove a sua humildade. [3] Se de novo sair, seja assim recebido até três vezes, já sabendo que depois lhe será negado todo caminho de volta.

CAPÍTULO 30 - De que maneira serão corrigidos os de menor idade

[1] Cada idade e cada inteligência deve ser tratada segundo medidas próprias. [2] Por isso, os meninos e adolescentes ou os que não podem compreender que espécie de pena é, na verdade, a excomunhão, [3] quando cometem alguma falta, sejam afligidos com muitos jejuns ou castigados com ásperas varas, para que se curem.

CAPÍTULO 31 - Como deve ser o Celeireiro do mosteiro

[1] Seja escolhido para Celeireiro do mosteiro, dentre os membros da comunidade, um irmão sábio, maduro de caráter, sóbrio, que não coma muito, não seja orgulhoso, nem turbulento, nem injuriador, nem tardo, nem pródigo, [2] mas temente a Deus; que seja como um pai para toda a comunidade. [3] Tome conta de tudo; [4] nada faça sem ordem do Abade. [5] Cumpra o que for ordenado. [6] Não entristeça seus irmãos. [7] Se algum irmão, por acaso, lhe pedir alguma coisa desarrazoadamente, não o entristeça desprezando-o, mas negue, razoavelmente, com humildade, ao que pede mal. [8] Guarde a sua alma, lembrando-se sempre daquela palavra do Apóstolo: "Quem tiver

administrado bem, terá adquirido para si um bom lugar". [9] Cuide com toda solicitude dos enfermos, das crianças, dos hóspedes e dos pobres, sabendo, sem dúvida alguma, que deverá prestar contas de todos esses, no dia do juízo. [10] Veja todos os objetos do mosteiro e demais utensílios como vasos sagrados do altar. [12] Nada negligencie. [12] Não se entregue à avareza, nem seja pródigo e esbanjador dos bens do mosteiro; mas faça tudo com medida e conforme a ordem do Abade.

[13] Tenha antes de tudo humildade e não possuindo a coisa com que atender a alguém, entregue-lhe como resposta uma boa palavra, [14] conforme o que está escrito: "A boa palavra está acima da melhor dádiva". [15] Mantenha sob seus cuidados tudo o que o Abade determinar, não presuma, porém, a respeito do que lhe tiver proibido. [16] Ofereça aos irmãos a parte estabelecida para cada um, sem arrogância ou demora, a fim de que não se escandalizem, lembrado da palavra divina sobre o que deve merecer "quem escandalizar um destes pequeninos". [17] Se a comunidade for numerosa, sejam-lhe dados auxiliares com a ajuda dos quais cumpra, com o espírito em paz, o ofício que lhe foi confiado. [18] Às horas convenientes seja dado o que deve ser dado e pedido o que deve ser pedido, [19] para que ninguém se perturbe nem se entristeça na casa de Deus.

CAPÍTULO 32 - Das ferramentas e objetos do mosteiro [1] Quanto aos utensílios do mosteiro em ferramentas ou vestuário, ou quaisquer outras coisas, procure o Abade irmãos de cuja vida e costumes esteja seguro [2] e, como julgar útil, consigne-lhes os respectivos objetos para tomar conta e recolher. [3] Mantenha o abade um inventário desses objetos, para que saiba o que dá e o que recebe, à medida que os irmãos se sucedem no desempenho do que lhes for incumbido. [4] Se algum deixar as coisas do mosteiro sujas ou as tratar negligentemente, seja repreendido; [5] se não se emendar, seja submetido à disciplina regular.

CAPÍTULO 33 - Se os monges devem possuir alguma coisa de próprio

[1] Especialmente este vício deve ser cortado do mosteiro pela raiz; [2] ninguém ouse dar ou receber alguma coisa sem ordem do Abade, [3] nem ter nada de próprio, nada absolutamente, nem livro, nem tabuinhas, nem estilete, absolutamente nada, [4] já que não lhes é lícito ter a seu arbítrio nem o próprio corpo nem a vontade; [5] porém, todas as coisas necessárias devem esperar do pai do mosteiro, e não seja lícito a ninguém possuir o que o Abade não tiver dado ou permitido. [6] Seja tudo comum a todos, como está escrito, nem diga nem tenha alguém a presunção de achar que alguma coisa lhe pertence. [7] Se for surpreendido alguém a deleitar-se com este péssimo vício, seja admoestado primeira e segunda vez, [8] se não se emendar, seja submetido à correção.

CAPÍTULO 34 - Se todos devem receber igualmente o necessário

[1] Como está escrito, repartia-se para cada um conforme lhe era necessário. [2] Não dizemos, com isso, que deva haver acepção de pessoas, o que não aconteça, mas sim consideração pelas fraquezas, [3] de forma que quem precisar de menos dê graças a Deus e não se entristeça por isso; [4] quem precisar de mais, humilhe-se em sua fraqueza e não se orgulhe por causa da misericórdia que obteve. [5] E, assim, todos os membros da comunidade estarão em paz. [6] Antes de tudo, que não surja o mal da

murmuração em qualquer palavra ou atitude, seja qual for a causa. [7] Se alguém for assim surpreendido, seja submetido a castigo mais severo.

CAPÍTULO 35 - Dos semanários da cozinha

[1] Que os irmãos se sirvam mutuamente e ninguém seja dispensado do ofício da cozinha, a não ser no caso de doença ou se se tratar de alguém ocupado em assunto de grande utilidade; [2] pois por esse meio se adquire maior recompensa e caridade. [3] Para os fracos, arranjam-se auxiliares, a fim de que não o façam com tristeza; [4] ainda conforme o estado da comunidade e a situação do lugar, que todos tenham auxiliares. [5] Se a comunidade for numerosa, seja o Celeireiro dispensado da cozinha, e também, como dissemos, os que estiverem ocupados em assuntos de maior utilidade. [6] Os demais sirvam-se mutuamente na caridade. [7] O que vai terminar sua semana faça, no sábado, a limpeza; [8] lavem as toalhas com que os irmãos enxugam as mãos e os pés; [9] ambos, tanto o que sai como o que entra, lavem os pés de todos. [10] Devolva aquele ao Celeireiro os objetos do seu ofício, limpos e perfeitos; [11] entregue-os outra vez o Celeireiro ao que entra, para que saiba o que dá e o que recebe.

[12] Os semanários recebam, uma hora antes da refeição, além da porção estabelecida, um pouco de pão e algo para beber, [13] a fim de que, na hora da refeição, sirvam a seus irmãos sem murmurar e sem grande cansaço; [14] no entanto, nos dias solenes, esperem até depois da Missa. [15] No domingo, logo que acabem as Matinas, os semanários que entram e os que saem prostrem-se no oratório, aos pés de todos, pedindo que orem por eles. [16] Aquele que termina a semana diga o seguinte versículo: "Bendito é o Senhor Deus que me ajudou e consolou". [17] Dito isso três vezes e recebida a bênção, sai; prossiga o que começa a semana, dizendo: "Ó Deus vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me". [18] Também isso seja repetido três vezes por todos e, recebida a bênção, entre no seu ofício.

CAPÍTULO 36 - Dos irmãos enfermos

[1] Antes de tudo e acima de tudo deve tratar-se dos enfermos de modo que se lhes sirva como verdadeiramente ao Cristo, [2] pois Ele disse: "Fui enfermo e visitastes-me" [3] e "Aquilo que fizestes a um destes pequeninos, a mim o fizestes". [4] Mas que os próprios enfermos considerem que são servidos em honra a Deus e não entristeçam com sua superfluidade aos irmãos que lhes servem. [5] No entanto, devem os doentes ser levados pacientemente, porque por meio deles se adquire recompensa mais copiosa. [6] Portanto, tenha o abade o máximo cuidado para que não sofram nenhuma negligência. [7] Haja uma cela destinada especialmente a estes irmãos enfermos, e um servo temente a Deus, diligente e solícito. [8] O uso dos banhos seja oferecido aos doentes sempre que convém; mas aos sãos, e sobretudo aos jovens, seja raramente concedido. [9] Também a alimentação de carnes seja concedida aos enfermos por demais fracos, para que se restabeleçam, mas logo que tiverem melhorado abstenham-se todos de carnes, como de costume. [10] Que tenha, pois, o Abade o máximo cuidado em que os enfermos não sejam negligenciados nem pelos Celeireiros nem pelos que lhes servem, pois sobre ele recai qualquer falta que tenha sido cometida pelos discípulos.

CAPÍTULO 37 - Dos velhos e das crianças

[1] Ainda que a própria natureza humana seja levada à misericórdia para com estas idades, velhos e crianças, no entanto que a autoridade da Regra olhe também por eles. [2] Considere-se sempre a fraqueza que lhes é própria, e não se mantenha para com eles o rigor da Regra no que diz respeito aos alimentos; [3] haja sim, em relação a eles, uma pia consideração e tenham antecipadas as horas regulares.

CAPÍTULO 38 - Do leitor semanário

[1] Às mesas dos irmãos não deve faltar a leitura; não deve ler aí quem quer que, por acaso, se apodere do livro, mas sim o que vai ler durante toda a semana, a começar do domingo. [2] Depois da Missa e da Comunhão, peça a todos que orem por ele para que Deus afaste dele o espírito de soberba. [3] No oratório, recitem todos, por três vezes, o seguinte versículo, iniciando-o o próprio leitor: "Abri, Senhor, os meus lábios, e minha boca anunciará vosso louvor"; [4] e tendo assim recebido a bênção, entre a ler. [5] Faça-se o máximo silêncio, de modo que não se ouça nenhum cochicho ou voz, a não ser a do que está lendo. [6] Quanto às coisas que são necessárias aos que estão comendo e bebendo, sirvam-se mutuamente os irmãos, de tal modo que ninguém precise pedir coisa alguma. [7] Se porém se precisar de qualquer coisa, seja antes pedida por algum som ou sinal do que, por palavra. [8] Nem ouse alguém fazer alguma pergunta sobre a leitura, ou outro assunto qualquer, para que se não dê ocasião, [9] a não ser que o superior, porventura, queira dizer, brevemente, alguma coisa, para edificação. [10] O leitor semanário, antes de começar a ler, recebe o "misto" por causa da Comunhão e para que não aconteça ser-lhe pesado suportar o jejum; [11] faça, porém, depois, a refeição com os semanários da cozinha e os serventes. [12] Não leiam nem cantem os irmãos segundo a ordem da comunidade, mas façam-no aqueles que edificam os ouvintes.

CAPÍTULO 39 - Da medida da comida

[1] Cremos que são suficientes para a refeição cotidiana, quer seja esta à sexta ou à nona hora, em todas as mesas, dois pratos de cozidos, por causa das fraquezas de muitos, [2] a fim de que aquele que não puder, por acaso, comer de um prato, coma do outro. [3] Portanto dois pratos de cozidos bastem a todos os irmãos; e se houver frutas ou legumes frescos, sejam acrescentados em terceiro lugar. [4] Seja suficiente uma libra de pão bem pesada, para o dia todo, quer haja uma só refeição, quer haja jantar e ceia. [5] Se houver ceia, seja guardada pelo Celeireiro a terça parte da libra e entregue aos que vão ceiar. [6] Mas, se por acaso tiverem feito um trabalho maior, estará ao critério e em poder do Abade acrescentar, se convier, alguma coisa, [7] afastados antes de mais nada excessos de comida, e de modo que nunca sobrevenha ao monge a indigestão, [8] porque nada é tão contrário a tudo o que é cristão como os excessos na comida, [9] conforme diz Nosso Senhor: "Cuidai que os vossos corações não se tornem pesados pela gula". [10] Aos meninos de pouca idade não se sirva a mesma quantidade, mas sim menos que aos maiores, guardada em tudo a sobriedade. [11] Abstenham-se todos completamente de carnes de quadrúpedes, exceto os doentes demasiadamente fracos.

CAPÍTULO 40 - Da medida da bebida

[1] Cada um recebe de Deus um dom particular, este de um modo, aquele de outro; [2] por isso, é com algum escrúpulo que estabelecemos nós a medida para a alimentação de outros; [3] no entanto, atendendo à necessidade dos fracos, achamos ser suficiente, para cada um, uma hêmina de vinho por dia. [4] Aqueles, porém, aos quais Deus dá a força de tolerar a abstinência, saibam que receberão recompensa especial. [5] Se a necessidade do lugar, o trabalho ou o rigor do verão exigir mais, fique ao arbítrio do superior, considerando em tudo que não sobrevenha saciedade ou embriaguez. [6] Ainda que leiamos não ser absolutamente próprio dos monges fazer uso do vinho, como em nossos tempos disso não se podem persuadir os monges, ao menos convenhamos em que não bebamos até a saciedade, mas parcamente, [7] porque "o vinho faz apostatar mesmo os sábios". [8] Onde, porém, a necessidade do lugar exigir que nem a referida medida se possa encontrar, mas muito menos ou absolutamente nada, bendigam a Deus os que ali vivem e não murmurem: [9] antes de tudo exortamo-los a que vivam sem murmurações. murmurem: [9] antes de tudo exortamo-los a que vivam sem murmurações.

CAPÍTULO 41 - A que horas convém fazer as refeições

[1] Da Santa Páscoa até Pentecostes, façam os irmãos a refeição à hora sexta e ceiem à tarde. [2] A partir de Pentecostes, entretanto, por todo o verão, se os monges não têm os trabalhos dos campos ou não os perturba o excesso do verão, jejuem quarta e sexta-feira até a hora nona; [3] nos demais dias jantem à hora sexta. [4] Se tiverem trabalho nos campos ou se o rigor do verão for excessivo, o jantar deve ser mantido à hora sexta: ao Abade caiba tomar a providência. [5] E, assim, que tempere e disponha tudo, de modo que as almas se salvem e que façam os irmãos, sem justa murmuração, o que têm de fazer. [6] De 14 de setembro até o início da Quaresma façam a refeição sempre à hora nona. [7] Durante a Quaresma, entretanto, até a Páscoa façam-na à hora de Vésperas. [8] Sejam essas celebradas de tal modo, que os irmãos não precisem, à refeição, da luz de uma lâmpada, mas que tudo esteja terminado com a luz do dia. [9] E mesmo em todas as épocas esteja tanto a hora da Ceia como a do jantar de tal modo disposta, que tudo se faça sob a luz do dia.

CAPÍTULO 42 - Que ninguém fale depois das Completas

[1] Os monges devem, em todo tempo, esforçar-se por guardar o silêncio, mas principalmente nas horas da noite. [2] Por isso, em qualquer época do ano, seja de jejum, seja a época em que há jantar; [3] se for época em que há jantar, logo que se levantarem da refeição, sentem-se todos juntos e leia um deles as Colações ou as "Vidas dos Pais", ou mesmo outra coisa que edifique os ouvintes; [4] não, porém, o Heptateuco ou o livro dos Reis, porque não seria útil, às inteligências fracas, ouvir essas partes da Escritura, nesta hora; sejam lidas, porém, em outras horas. [5] Se, entretanto, for dia de jejum, recitadas as Vésperas, depois de pequeno intervalo, dirijam-se logo para a leitura das Colações, conforme dissemos; [6] e, lidas quatro ou cinco folhas ou quanto a hora permitir, [7] reúnam-se todos os que vão chegando no decorrer da leitura, isto no caso de alguém ter ficado ocupado em ofício que lhe fora confiado. [8] Estando, pois, todos juntos, recitem as Completas; saindo das Completas, não haja mais licença

para ninguém falar o que quer que seja. [9] Se alguém for encontrado transgredindo esta regra do silêncio, seja submetido a severo castigo; [10] exceto se sobrevier alguma necessidade da parte dos hóspedes ou se, por acaso, o Abade ordenar alguma coisa a alguém. [11] Mas mesmo isso seja feito com suma gravidade e honestíssima moderação.

CAPÍTULO 43 - Dos que chegam tarde ao Ofício Divino ou à mesa

[1] Na hora do Ofício Divino, logo que for ouvido o sinal, deixando tudo que estiver nas mãos, corra-se com toda a pressa, [2] mas com gravidade, para que a escurtilidade não encontre incentivo. [3] Portanto nada se anteponha ao Ofício Divino. [4] Se alguém chegar às Vigílias noturnas depois do "Glória" do salmo nonagésimo quarto, que, por isso, queremos que seja dito de modo muito prolongado e vagarosamente, não fique no lugar de sua ordem no coro, [5] mas no último de todos ou em lugar à parte determinado pelo Abade para tais negligentes, a fim de que sejam vistos por ele e por todos; [6] até que, terminado o Ofício Divino, faça penitência por pública satisfação. [7] Se achamos que devem ficar no último lugar ou em lugar separado, é para que, vistos por todos, ao menos, pela própria vergonha, se emendem. [8] Pois se permanecessem fora do oratório, haveria talvez algum que ou se acomodaria novamente e dormiria, ou então se assentaria do lado de fora, ou se entregaria a conversas e daria ocasião ao maligno; [9] entrem, pois, no recinto para que nem tudo percam e daí por diante, se emendem. [10] Nas Horas diurnas, o que ainda não tiver chegado ao Ofício Divino depois do versículo e do "Glória" do primeiro salmo que se diz depois do referido versículo, fique no último lugar, conforme a lei que estabelecemos acima: [11] nem presuma associar-se ao coro dos que salmodiam, até que tenha feito satisfação, a não ser que o Abade, pelo seu perdão, dê licença, [12] mas, ainda assim, que o culpado satisfaça por essa falta.

[13] Quanto à mesa, quem não tiver chegado antes do versículo, de modo que todos digam o versículo e orem juntos e se sentem ao mesmo tempo à mesa - [14] quem não tiver chegado a tempo, por negligência ou culpa, seja castigado por este motivo até duas vezes; [15] se de novo não se emendar, não lhe seja permitida a participação à mesa comum, mas faça a refeição a sós, [16] separado do consórcio de todos, sendo-lhe tirada a porção de vinho, até que tenha feito satisfação, e se tenha emendado. [17] Seja tratado da mesma forma quem não estiver presente ao versículo que se diz depois da refeição. [18] E ninguém presuma servir-se de algum alimento ou bebida antes ou depois da hora estabelecida. [19] Mas quanto àquele que não quis aceitar alguma coisa que lhe tenha sido oferecida pelo superior, na hora em que desejar aquilo que antes recusou ou outra coisa qualquer, absolutamente nada receba, até conveniente emenda.

CAPÍTULO 44 - Como devem fazer satisfação os que tiverem sido excomungados

[1] Aquele que por culpas graves tiver sido excomungado do oratório e da mesa, na hora em que no oratório se termina o Ofício Divino, permaneça prostrado diante das portas do oratório, sem nada dizer, [2] com o rosto em terra, estendido e inclinado aos pés de todos os que saem do oratório. [3] E faça isso por tanto tempo, até julgar o Abade que já está feita a satisfação. [4] Quando vier a ordem do Abade, lance-se aos pés do mesmo Abade e depois aos de todos, para que rezem por ele. [5] E, então, se o Abade mandar, seja recebido no coro, no lugar de ordem que o Abade determinar; [6] mas de tal modo

que não presume entoar, no oratório, salmo ou lição ou o que quer que seja, sem que, de novo o Abade ordene. [7] E em todas as Horas, ao terminar o Ofício Divino, prostre-se por terra, no lugar onde estiver; [8] e assim dê satisfação até que, de novo, lhe ordene o Abade que cesse daí por diante essa satisfação. [9] Aqueles que, por culpas leves, são excomungados apenas da mesa, façam satisfação no oratório, até a ordem do Abade. [10] Façam-na até que o Abade os abençoe e diga: Basta.

CAPÍTULO 45 - Dos que erram no oratório

[1] Se alguém errar quando recitar um salmo, responsório, antífona ou lição, e se não se humilhar, ali mesmo, diante de todos por uma satisfação, sofra castigo maior, [2] de vez que não quis corrigir, pela humildade, a falta que cometeu por negligência. [3] As crianças por tal falta recebam pancadas.

CAPÍTULO 46 - Daqueles que cometem faltas em quaisquer outras coisas

[1] se alguém, ocupado em qualquer trabalho na cozinha, no celeiro, no cumprimento de uma ordem, na padaria, na horta, enquanto trabalha em algum ofício e em qualquer lugar que seja, cometer alguma falta, [2] quebrar ou perder qualquer coisa, ou exceder-se em qualquer lugar [3] e não vier imediatamente, diante do abade e da comunidade, espontaneamente, satisfazer e revelar o seu delito, [4] quando a culpa for conhecida por outro, seja submetido a maior castigo. [5] mas, se a causa de seu pecado estiver escondida na alma, manifeste-o somente ao abade ou aos conselheiros espirituais, [6] a alguém que saiba curar as próprias chagas e as dos outros e não as revela e conta em público.

CAPÍTULO 47 - Como deve ser dado o sinal para o Ofício Divino

[1] esteja ao cuidado do Abade o dever de anunciar a hora do Ofício Divino, de dia e de noite; ele próprio dê o sinal ou então encarregue desse cuidado a um irmão de tal modo solícito, que todas as coisas se realizem nas horas competentes. [2] entõem os salmos e antífonas, depois do Abade, na respectiva ordem, aqueles aos quais for ordenado. [3] não presume cantar ou ler, a não ser quem pode desempenhar esse ofício de modo que se edifiquem os ouvintes; [4] e seja feito com humildade, gravidade e tremor por quem o Abade tiver mandado.

CAPÍTULO 48 - Do trabalho manual cotidiano

[1] A ociosidade é inimiga da alma; por isso, em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e em outras horas com a leitura espiritual. [2] pela seguinte disposição, cremos poder ordenar os tempos dessas duas ocupações: [3] isto é, que da Páscoa até o dia 14 de setembro, saindo os irmãos pela manhã, trabalhem da primeira hora até cerca da quarta, naquilo que for necessário. [4] Da hora quarta até mais ou menos o princípio da hora sexta, entreguem-se à leitura. [5] Depois da sexta, levantando-se da mesa, repousem em seus leitos com todo o silêncio; se acaso alguém quiser ler, leia para si, de modo que não incomode a outro.

[6] Celebre-se a Não mais cedo, pelo fim da oitava hora, e de novo trabalhem no que for preciso fazer até a tarde. [7] se, porém, a necessidade do lugar ou a pobreza exigirem

que se ocupem, pessoalmente, em colher os produtos da terra, não se entristeçam por isso, [8] porque então são verdadeiros monges se vivem do trabalho de suas mãos, como também os nossos Pais e os Apóstolos. [9] tudo, porém, se faça comedidamente por causa dos fracos.

[10] de 14 de setembro até o início da Quaresma, entreguem-se à leitura até o fim da hora segunda, [11] no fim da qual se celebre a Terça; e até a hora nona trabalhem todos nos afazeres que lhes forem designados. [12] Dado o primeiro sinal da nona hora, deixem todos os seus respectivos trabalhos e preparem-se para quando tocar o sinal. [13] Depois da refeição, entreguem-se às suas leituras ou aos salmos. [14] nos dias da Quaresma, porém, da manhã até o fim da hora terceira, entreguem-se às suas leituras, e até o fim da décima hora trabalhem no que lhes for designado. [15] nesses dias de Quaresma, recebam todos respectivamente livros da biblioteca e leiam-nos pela ordem e por inteiro; [16] esses livros são distribuídos no início da Quaresma. [17] Antes de tudo, porém, designem-se um ou dois dos mais velhos, os quais circulem no mosteiro nas horas em que os irmãos se entregam à leitura [18] e verão se não há, por acaso, algum irmão tomado de acedia, que se entrega ao ócio ou às conversas, e não está aplicado à leitura e não somente é inútil a si próprio como também distrai os outros. [19] se um tal for encontrado, o que não aconteça, seja castigado primeira e segunda vez: [21] se não se emendar, seja submetido à correção regular de tal modo que os demais temam. [21] que um irmão não se junte a outro em horas inconvenientes. [22] também no domingo, entreguem-se todos à leitura, menos aqueles que foram designados para os diversos ofícios.

[23] se, entretanto, alguém for tão negligente ou relaxado, que não queira ou não possa meditar ou ler, determine-se-lhe um trabalho que possa fazer, para que não fique à toa. [24] aos irmãos enfermos ou delicados designe-se um trabalho ou ofício, de tal sorte que não fiquem ociosos nem sejam oprimidos ou afugentados pela violência do trabalho; [25] a fraqueza desses deve ser levada em consideração pelo Abade.

CAPÍTULO 49 - Da observância da Quaresma

[1] se bem que a vida do monge deva ser, em todo tempo, uma observância de Quaresma, [2] como, porém, esta força é de poucos, por isso aconselhamos os monges a guardarem, com toda a pureza, a sua vida nesses dias de Quaresma [3] e também a apagarem, nesses santos Dias, todas as negligências dos outros tempos. [4] E isso será feito dignamente, se nos preservamos de todos os vícios e nós entregamos à oração com lágrimas, à leitura, à compunção do coração e à abstinência. [5] Acrescentemos, portanto, nesses dias, alguma coisa ao encargo habitual da nossa servidão: orações especiais, abstinência de comida e bebida; [6] e assim ofereça cada um a Deus, de espontânea vontade, com a alegria do Espírito Santo, alguma coisa além da medida estabelecida para si; [7] isto é: subtraia ao seu corpo algo da comida, da bebida, do sono, da conversa, da escurrilidade, e, na alegria do desejo espiritual, espere a Santa Páscoa. [8] Entretanto, mesmo aquilo que cada um oferece, sugira-o ao seu Abade, e seja realizado com a oração e a vontade dele, [9] pois o que é feito sem a permissão do pai espiritual será reputado como presunção e vanglória e não como digno de recompensa. [10] Portanto, tudo deve ser feito com a vontade do Abade.

CAPÍTULO 50 - Dos irmãos que trabalham longe do oratório ou estão em viagem

[1] Os irmãos que se encontram em um trabalho tão distante que não podem acorrer na devida hora ao oratório, [2] e tendo o Abade ponderado que assim é, [3] celebrem o Ofício Divino ali mesmo onde trabalham, dobrando os joelhos, com temor divino. [4] Da mesma forma, os que são mandados em viagem não deixem passar as horas estabelecidas, mas celebrem-nas consigo mesmos, como podem e não negligenciem cumprir com o encargo de sua servidão.

CAPÍTULO 51 - Dos irmãos que partem para não muito longe

[1] Não presuma comer fora o irmão que é mandado a um afazer qualquer e que é esperado no mosteiro no mesmo dia, ainda que seja instantemente convidado por qualquer pessoa; [2] a não ser que, porventura, o Abade lhe tenha dado ordem para isso. [3] Se proceder de outra forma, seja excomungado.

CAPÍTULO 52 - Do oratório do mosteiro

[1] Que o oratório seja o que o nome indica, nem se faça ou se guarde ali coisa alguma que lhe seja alheio. [2] Terminado o Ofício Divino, saiam todos com sumo silêncio e tenha-se reverência para com Deus; [3] de modo que se acaso um irmão quiser rezar em particular, não seja impedido pela imoderação de outro. [4] Se também outro, porventura, quiser rezar em silêncio, entre simplesmente e ore, não com voz clamorosa, mas com lágrimas e pureza de coração. [5] Quem não procede desta maneira, não tenha, pois, permissão de, terminado o Ofício Divino, permanecer no oratório, como foi dito, para que outro não venha a ser perturbado.

CAPÍTULO 53 - Da recepção dos hóspedes

[1] Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como o Cristo, pois Ele próprio irá dizer: "Fui hóspede e me recebestes". [2] E se dispense a todos a devida honra, principalmente aos irmãos na fé e aos peregrinos. [3] Logo que um hóspede for anunciado, corra-lhe ao encontro o superior ou os irmãos, com toda a solicitude da caridade; [4] primeiro, rezem em comum e assim se associem na paz. [5] Não seja oferecido esse ósculo da paz sem que, antes, tenha havido a oração, por causa das ilusões diabólicas. [6] Nessa mesma saudação mostre-se toda a humildade. Em todos os hóspedes que chegam e que saem, adore-se, [7] com a cabeça inclinada ou com todo o corpo prostrado por terra, o Cristo que é recebido na pessoa deles.

[8] Recebidos os hóspedes, sejam conduzidos para a oração e depois sente-se com eles o superior ou quem esse ordenar. [9] Leia-se diante do hóspede a lei divina para que se edifique e depois disso apresente-se-lhe um tratamento cheio de humanidade. [10] Seja o jejum rompido pelo superior por causa dos hóspedes; a não ser que se trate de um dos dias principais de jejum, que não se possa violar; [11] mas os irmãos continuem a observar as normas de jejum. [12] Que o Abade sirva a água para as mãos dos hóspedes; [13] lave o Abade, bem assim como toda a comunidade, os pés de todos os hóspedes; [14] depois de lavá-los, digam o versículo: "Recebemos, Senhor, vossa misericórdia no meio de vosso templo". [15] Mostre-se principalmente um cuidado

solícito na recepção dos pobres e peregrinos, porque sobretudo na pessoa desses, Cristo é recebido; de resto o poder dos ricos, por si só, já exige que se lhes prestem honras.

[16] Seja a cozinha do Abade e dos hóspedes separada, de modo que os irmãos não sejam incomodados, com a chegada, em horas incertas, dos hóspedes, que nunca faltam no mosteiro. [17] Entrem todos os anos para o trabalho dessa cozinha dois irmãos que desempenhem bem esse ofício. [18] Sejam-lhes concedidos auxiliares quando precisarem, para que sirvam sem murmuração; e do mesmo modo, quando têm menos ocupação, deixem esse ofício, para trabalhar no que lhes for ordenado. [19] E não só em relação a esses, mas em todos os ofícios do mosteiro, seja este o critério: se precisarem de auxiliares, [20] sejam-lhes concedidos; por outro lado, quando estão livres, obedeçam ao que lhes for ordenado. [21] Do mesmo modo, cuide do recinto reservado aos hóspedes um irmão cuja alma seja possuída pelo temor de Deus: [22] haja ali leitos suficientemente arrumados e seja a casa de Deus sabiamente administrada por monges sábios. [23] De modo algum se associe ou converse com os hóspedes quem não tiver recebido permissão: [24] se encontrar ou vir algum deles, saúde-o humildemente, como dissemos, e, pedida a bênção, afaste-se, dizendo não lhe ser permitido conversar com os hóspedes.

CAPÍTULO 54 - Se o monge deve receber cartas ou qualquer outra coisa

[1] Não seja permitido de modo algum o monge receber ou enviar a seus pais ou a qualquer pessoa ou um ao outro cartas, eulógias, ou quaisquer pequenos presentes, sem permissão do abade. [2] E também, se alguma coisa lhe for enviada pelos seus pais, não presuma recebê-la sem que seja mostrada ao Abade. [3] Se ordenar que a receba, esteja ainda no poder do Abade ordenar a quem a coisa deve ser dada: [4] e não se entristeça o irmão a quem, porventura, a coisa fora enviada, a fim de não dar ocasião ao diabo. [5] Quem presumir proceder de outra maneira, seja submetido à disciplina regular.

CAPÍTULO 55 - Do vestuário e do calçado dos irmãos

[1] Sejam dadas vestes aos irmãos de acordo com as condições e temperatura dos lugares em que habitam [2] porque, nas regiões frias, tem-se necessidade de mais, e nas quentes, de menos. [3] Cabe ao Abade a consideração disso. [4] Cremos, porém, que, para os lugares de temperatura mediana, aos monges são suficientes uma cogula e uma túnica para cada um: [5] a cogula felpuda no inverno, fina ou mais usada no verão, [6] e um escapulário para o trabalho; para os pés: meias e calçado. [7] Não se preocupem os monges com a cor e qualidade de todas essas coisas, mas sejam as que se puderem encontrar no lugar onde moram e as que puderem ser adquiridas mais barato.

[8] Providencie o Abade a respeito da medida, para que estas vestes não fiquem curtas para quem as usa, mas de boa medida. [9] Os que recebem novas entreguem sempre, ao mesmo tempo, as velhas, que devem ser recolocadas na rouparia, para os pobres. [10] Basta ao monge possuir duas túnicas e duas cogulas, para a noite e para poder lavá-las; [11] o que houver a mais é supérfluo e deve ser cortado. [12] E devolvam também os calçados e tudo o que está velho, quando recebem os novos. [13] Os que são mandados em viagem recebam calças, da rouparia, e devolvam-nas lavadas, ao

mesmo lugar, quando voltarem. [14] Suas cogulas e túnicas sejam um pouco melhores que as de costume; recebam-nas da rouparia e, voltando, restituam-nas.

[15] Como peças que guarnecem o leito, bastam uma esteira, uma colcha, um cobertor e um travesseiro. [16] Esses leitos devem ser freqüentemente revistados pelo Abade para que não haja ali coisas particulares. [17] E aquele com quem for encontrada alguma coisa que não recebeu do Abade, seja submetido a pesadíssimo castigo. [18] E para que este vício da propriedade seja amputado pela raiz, seja dado pelo Abade tudo o que é necessário, [19] isto é: cogula, túnica, meias, calçado, cinto, faca, estilete, agulha, lenço, tabuinhas, para que se tire a todos a desculpa de necessidade. [20] No entanto, considere sempre o Abade aquela sentença dos Atos dos Apóstolos que diz: "Era dado a cada um conforme precisava". [21] Assim, pois, considere o Abade as fraquezas dos que precisam e não a má vontade dos invejosos. [22] Mas, em todas as suas decisões, pense na retribuição de Deus.

CAPÍTULO 56 - Da mesa do Abade

[1] Tenha sempre o Abade a sua mesa com os hóspedes e peregrinos. [1] Toda vez, porém, que não há hóspedes, esteja em seu poder chamar dentre os irmãos os que quiser; [3] mas um ou dois dos mais velhos devem sempre ser deixados com os irmãos, por causa da disciplina.

CAPÍTULO 57 - Dos artistas do mosteiro

[1] Se há artistas no mosteiro, que executem suas artes com toda a humildade, se o Abade o permitir. [2] E se algum dentre eles se ensoberbece em vista do conhecimento que tem de sua arte, pois parece-lhe que com isso alguma vantagem traz ao mosteiro, [3] que seja esse tal afastado de sua arte e não volte a ela a não ser que, depois de se ter humilhado, o Abade, porventura, lhe ordene de novo. [4] Se, dentre os trabalhos dos artistas, alguma coisa deve ser vendida, cuidem aqueles por cujas mãos devem passar essas coisas de não ousar cometer alguma fraude. [5] Lembrem-se de Ananias e Safira, para que a mesma morte que esses mereceram no corpo não venham a sofrer na alma [6] aqueles e todos os que cometerem alguma fraude com os bens do mosteiro. [7] Quanto aos próprios preços, que não se insinue o mal da avareza, [8] mas venda-se sempre um pouco mais barato do que pode ser vendido pelos seculares, [9] para que em tudo seja Deus glorificado.

CAPÍTULO 58 - Da maneira de proceder à recepção dos irmãos

[1] Apresentando-se alguém para a vida monástica, não se lhe conceda fácil ingresso, [2] mas, como diz o Apóstolo: "Provai os espíritos, se são de Deus". [3] Portanto, se aquele que vem, perseverar batendo à porta e se depois de quatro ou cinco dias, sendo-lhe feitas injúrias e dificuldade para entrar, parece suportar pacientemente e persistir no seu pedido [4] conceda-se-lhe o ingresso, e permaneça alguns dias na cela dos hóspedes. [5] Fique, depois, na cela dos noviços, onde esses se exercitam, comem e dormem. [6] Seja designado para eles um dos mais velhos, que seja apto a obter o progresso das almas e que se dedique a eles com todo o interesse. [7] Que haja

solicitude em ver se procura verdadeiramente a Deus, se é solícito para com o Ofício Divino, a obediência e os opróbrios. [8] Sejam-lhe dadas a conhecer, previamente, todas as coisas duras e ásperas pelas quais se vai a Deus. [9] Se prometer a perseverança na sua estabilidade, depois de decorridos dois meses, leia-se-lhe por inteiro esta Regra, [10] e diga-se-lhe: Eis a lei sob a qual queres militar: se podes observá-la entra; mas se não podes, sai livremente. [11] Se ainda ficar, seja então conduzido à referida cela dos noviços e seja de novo provado, em toda paciência. [12] Passados seis meses, leia-se-lhe a Regra, a fim que saiba para o que ingressa. [13] Se ainda permanece, depois de quatro meses, releia-se-lhe novamente a mesma Regra. [14] E se, tendo deliberado consigo mesmo, prometer guardar todas as coisas e observar tudo quanto lhe for ordenado, seja então recebido na comunidade,[15] sabendo estar estabelecido, pela lei da Regra, que a partir daquele dia não lhe é mais lícito sair do mosteiro, [16] nem retirar o pescoço ao jugo da Regra, a qual lhe foi permitido recusar ou aceitar por tão demorada deliberação.

[17] No oratório, diante de todos, prometa o que vai ser recebido a sua estabilidade e conversação de seus costumes, e a obediência, [18] diante de Deus e de seus Santos, a fim de que, se alguma vez proceder de outro modo, saiba que será condenado por aquele de quem zomba. [19] Desta sua promessa faça uma petição no nome dos Santos cujas relíquias aí estão e do Abade presente. [20]Escreva tal petição com sua própria mão; ou então, se não souber escrever, escreva outro rogado por ele, e que o noviço faça um sinal e a coloque com sua própria mão sobre o altar. [21] Quando a tiver colocado, comece logo o seguinte versículo: "Suscipe me, Domine, secundum eloquium tuum et vivam, et non confundas me ab expectatione mea". [22] Responda toda a comunidade este versículo, por três vezes, acrescentando: "Gloria Patri". [23] Prosterne-se, então, o irmão noviço aos pés de cada um para que orem por ele; e já daquele dia em diante seja considerado na comunidade. [24] Se possui quaisquer bens, ou os distribua antes aos pobres, ou, por solene doação, os confira ao mosteiro, nada reservando para si de todas essas coisas: [25] pois sabe que, deste dia em diante, nem sobre o próprio corpo terá poder. [26] Portanto, seja logo no oratório despojado das roupas seculares com que está vestido, e seja vestido com as roupas do mosteiro. [27] As vestes que despiu sejam colocadas na rouparia, onde devem ser conservadas, [28] para que, se algum dia, por persuasão do demônio, consentir em sair do mosteiro - que isso não aconteça! - seja expulso, despido das roupas do mosteiro. [29] Não lhe seja entregue, porém, aquela sua petição que o Abade tirou de cima do altar, mas fique guardada no mosteiro.

CAPÍTULO 59 - Dos filhos dos nobres ou dos pobres que são oferecidos

[1] Se porventura, algum nobre oferece o seu filho a Deus no mosteiro, se o jovem é de menor idade façam os seus pais a petição de que falamos acima; [2] e envolvam na toalha do altar essa petição e a mão do menino junto com a oblação, e assim o ofereçam. [3] Prometam na presente petição, sob juramento, que nunca, por si, nem por pessoa interposta, lhe dão coisa alguma, em qualquer tempo, nem lhe proporcionam ocasião de possuir; [4] ou então, se não quiserem fazer isso e, como esmola, desejam oferecer ao mosteiro alguma coisa para a própria recompensa, [5] façam a doação das coisas que querem dar ao mosteiro, reservando o usufruto para si, se assim o

desejarem. [6] E dessa forma, todos os caminhos estarão impedidos, de modo que no menino nenhuma esperança permaneça, pela qual - que isso não aconteça - venha a ser enganado e possa perecer; eis o que aprendemos por experiência. [7] Da mesma forma procedam os mais pobres. [8] Aqueles porém, que absolutamente nada possuem, façam simplesmente a petição e ofereçam seu filho, com a sua oblação, diante de testemunhas.

CAPÍTULO 60 - Dos sacerdotes que, porventura, quiserem habitar no mosteiro

[1] Se alguém da ordem dos sacerdotes pedir para ser recebido no mosteiro, não lhe seja concedido logo; [2] mas, se persistir absolutamente nessa súplica, saiba que deverá observar toda a disciplina da Regra [3] e não se lhe relaxará nada, de modo que lhe seja dito, como está escrito: "Amigo, a que vieste?". [4] Seja-lhe concedido, entretanto, colocar-se depois do Abade, dar a bênção e celebrar Missa, mas se o Abade mandar. [5] Em caso contrário, não presuma fazer coisa alguma, sabendo que é súdito da disciplina regular; antes, dê a todos exemplos de maior humildade. [6] E se, por acaso, no mosteiro surgir questão de preenchimento de cargo ou outro qualquer assunto, [7] atente para o lugar da sua entrada no mosteiro e não para aquele que lhe foi concedido em reverência para com o sacerdócio. [8] Se algum da ordem dos clérigos, pelo mesmo desejo, quiser associar-se ao mosteiro, sejam colocados em lugar mediano, [9] mas desde que prometam, também eles, a observância da Regra e a própria estabilidade.

CAPÍTULO 61 - Dos monges peregrinos como devem ser recebidos

[1] Se chegar algum monge peregrino de longínquas províncias e quiser habitar no mosteiro como hóspede, [2] e mostra-se contente com o costume que encontrou neste lugar, e, porventura, não perturba o mosteiro com suas exigências supérfluas, [3] mas simplesmente está contente com o que encontra, seja recebido por quanto tempo quiser. [4] Se repreende ou faz ver alguma coisa razoavelmente e com a humildade da caridade, trate o Abade prudentemente desse caso, pois talvez por causa disto Deus o tenha enviado. [5] Mas, se depois quiser firmar a sua estabilidade, não se rejeite tal desejo, máxime porque se pôde conhecer sua vida durante o tempo da hospedagem. [6] Mas, se durante o tempo da hospedagem for julgado exigente em coisas supérfluas ou vicioso, não somente não deve ser associado ao corpo do mosteiro, [7] como também lhe seja dito honestamente que se vá embora para que também outros não se viciem com sua miséria. [8] Mas, se não for tal que mereça ser expulso, - não somente, se pedir para aderir à comunidade, seja ele recebido, [9] mas também seja persuadido a ficar, para que outros sejam instruídos pelo seu exemplo [10] e porque em todo lugar se serve a um só Senhor, milita-se sob um só Rei. [11] E se o Abade julgar que o merece, seja-lhe lícito estabelecê-lo em lugar um pouco mais alto. [12] Não só para um monge, mas também para os já referidos ordenados sacerdote e clérigos, pode o Abade estabelecer um lugar mais elevado que aquele em que ingressam, se achar ser digna de tal a vida deles. [13] Cuide, porém, o Abade que nunca receba, para ficar, monge de outro mosteiro conhecido, sem o consentimento do respectivo Abade ou carta de recomendação, [14] porque está escrito: "Aquilo que não queres que te seja feito, não o farás a outrem".

CAPÍTULO 62 - Dos sacerdotes do mosteiro

[1] Se o Abade quiser pedir que alguém seja ordenado presbítero ou diácono para si, escolha dentre os seus, quem seja digno de desempenhar o sacerdócio. [2] Acautele-se o que tiver sido ordenado contra o orgulho ou soberba [3] e não presuma fazer senão o que for mandado pelo Abade, sabendo que deverá submeter-se muito mais à disciplina regular. [4] E não se esqueça, por causa do sacerdócio, da obediência e da disciplina da Regra, mas progrida mais e mais para Deus.

[5] Atente sempre para o lugar em que entrou no mosteiro, [6] exceto no ofício do altar, mesmo que, pelo mérito de sua vida, o quiserem promover a escolha da comunidade e a vontade do Abade. [7] Saiba, no entanto, observar de sua parte a Regra constituída para os Decanos e Priores. [8] E se presumir proceder de outro modo, seja julgado não como sacerdote, mas como rebelde; [9] e se, admoestado muitas vezes, não se corrigir, chame-se também o bispo em testemunho. [10] Se nem assim se emendar, sendo claras as suas faltas, seja expulso do mosteiro, [11] mas isso no caso de ser tal a sua contumácia, que não queira submeter-se ou obedecer à Regra.

CAPÍTULO 63 - Da ordem na comunidade

[1] Conservem os monges no mosteiro a sua ordem, conforme o tempo que têm de vida monástica, o merecimento da vida e conforme o Abade constituir. [2] Que o Abade não perturbe o rebanho que lhe foi confiado, nem usando como que de livre poder, disponha alguma coisa injustamente: [3] mas lembre-se sempre de que deverá prestar contas a Deus de todos os seus juízos e obras. [4] Portanto, segundo a ordem que ele tiver estabelecido ou que tiverem os irmãos, apresentem-se estes para a Paz, para a comunhão, para entoar os salmos, para estar no coro. [5] Em qualquer lugar que seja, que a idade não distinga ou prejudique aquela ordem, [6] porque Samuel e Daniel, meninos, julgaram anciãos. [7] Portanto, exceto aqueles, que, como dissemos, com superior conselho, o Abade tiver posto à frente ou postergado por determinados motivos, todos os demais estejam segundo a ordem de ingresso, [8] de modo que, por exemplo, aquele que chegar ao mosteiro na segunda hora do dia, se reconhecerá mais moço do que o que chegar na primeira hora do dia, seja qual for a idade ou dignidade; [9] quanto aos meninos, seja a disciplina em tudo conservada por todos.

[10] Por isso, honrem os mais moços aos mais velhos que eles e os mais velhos amem aos irmãos mais moços: [11] No próprio modo de chamar pelo nome, a ninguém seja permitido chamar o outro pelo simples nome, [12] mas os mais velhos chamem aos mais moços pelo nome de irmãos e os mais moços chamem aos mais velhos de "nonos", o que significa reverência paterna. [13] O Abade, que se crê fazer as vezes do Cristo, seja chamado Senhor e Abade, não em virtude de sua própria atribuição, mas em honra e por amor a Cristo. [14] Que ele pense nisso e se mostre de tal forma que seja digno de tal honra. [15] Em qualquer lugar em que se encontrem os irmãos, peça o mais moço a bênção ao mais velho. [16] Passando um mais velho, levante-se o mais moço e ceda-lhe o lugar, e não presuma o mais moço se assentar junto, a não ser que o convide o seu irmão mais velho, [17] a fim de que se faça o que está escrito: "Antecipando-se mutuamente em honra". [18] Os meninos pequenos e adolescentes conservem com disciplina sua ordem no oratório e na mesa. [19] Fora ou em qualquer lugar, sejam guardados e tenham disciplina até que atinjam a idade da compreensão.

CAPÍTULO 64 - Da ordenação do Abade

[1] Na ordenação do Abade considere-se sempre a seguinte norma: seja constituído aquele que tiver sido eleito por toda a comunidade concorde no temor de Deus, ou, então, por uma parte, de conselho mais são, ainda que pequena. [2] Aquele que deve ser ordenado seja eleito pelo mérito da vida e pela doutrina da sabedoria, ainda que seja o último na ordem da comunidade. [3] E se toda a comunidade eleger, em conselho comum, o que não aconteça, uma pessoa conivente com seus vícios [4] e estes vícios chegarem de algum modo ao conhecimento do bispo da diocese a que pertence o lugar, ou se tornarem evidentes para os Abades ou cristãos vizinhos, [5] não permitam que prevaleça o consenso dos maus, mas constituam para a casa de Deus um dispensador digno, [6] sabendo que por isso receberão a boa recompensa, se o fizerem castamente e com zelo divino; mas se, pelo contrário negligenciam, cometerão pecado.

[7] Pense sempre o Abade ordenado no ônus que recebeu e a quem deverá prestar contas da sua administração, [8] e saiba convir-lhe mais servir que presidir. [9] Deve ser, pois, douto na lei divina para que saiba e tenha de onde tirar as coisas novas e antigas; deve ser casto, sóbrio, misericordioso [10] e faça prevalecer sempre a misericórdia sobre o julgamento, para que obtenha o mesmo para si. [11] Odeie os vícios, ame os irmãos. [12] Na própria correção proceda prudentemente e não com demasia, para que, enquanto quer raspar demais a ferrugem, não se quebre o vaso; [13] e suspeite sempre da própria fragilidade, e lembre-se que não deve esmagar o caniço já rachado. [14] Com isso não dizemos que permita que os vícios sejam nutridos, mas que os ampute prudentemente e com caridade, conforme vê que convém a cada um, como já dissemos; [15] e se esforce por ser mais amado que temido. [16] Não seja turbulento nem inquieto, não seja excessivo nem obstinado, nem ciumento, nem muito desconfiado, pois, nunca terá descanso; [18] seja prudente e refletido nas suas ordens, e quer seja de Deus, quer do século o trabalho que ordenar, faça-o com discernimento e equilíbrio, [18] lembrando-se da discrição do santo Jacó, quando diz: "Se fizer meus rebanhos trabalhar andando demais, morrerão todos num só dia". [19] Assumindo esse e outros testemunhos da discrição, mãe das virtudes, equilibre tudo de tal modo, que haja o que os fortes desejam e que os fracos não fujam; [20] precipuamente, conserve em tudo a presente Regra [21] para que, depois de ter bem administrado, ouça do Senhor o que disse ao bom servo que distribuiu o trigo a seus conservos no devido tempo: [22] "Na verdade vos digo - diz - estabelece-o sobre todos os seus bens".

CAPÍTULO 65 - Do Prior do mosteiro

[1] Muitas vezes acontece que, pela ordenação do Prior, se originam graves escândalos nos mosteiros; [2] quando existem alguns que, inchados por um maligno espírito de soberba e julgando-se segundos Abades, atribuindo a si mesmos um poder tirânico, nutrem escândalos e fazem dissensões nas comunidades [3] principalmente naqueles lugares em que, pelo mesmo sacerdote ou pelos mesmos Abades que ordenam o Abade, é também ordenado o Prior. [4] Facilmente se verifica o quanto isto é absurdo porque, desde o início da ordenação se lhe dá matéria para se orgulhar, [5] enquanto os seus pensamentos lhe sugerem que está livre do poder de seu Abade: [6] "porque és ordenado, também tu, pelos mesmos que o Abade". [7] Daí são suscitadas invejas, brigas, detrações, rivalidades, dissensões, desordens, [8] pois, enquanto o Abade e o Prior sentem de maneira diferente, necessariamente, sob esta dissensão, perigam suas

almas; [9] os que lhes estão subordinados, enquanto adulam as partes, caminham para a perdição. [10] O mal deste perigo recai, em primeiro lugar, sobre aqueles que se fizeram autores de tal desordem.

[11] Por isso achamos conveniente, para a defesa da paz e da caridade, que dependa do arbítrio do Abade a organização do seu mosteiro. [12] E, se for possível, seja organizado por meio dos Decanos, como estabelecemos acima, todo o serviço do mosteiro, conforme dispuser o Abade; [13] para que, sendo confiado a muitos um só não se ensoberbeça. [14] E se o lugar o exige ou a comunidade pedir razoavelmente e com humildade, e o Abade julgar conveniente, [15] ordene ele próprio, para si, o Prior, na pessoa de quem quer que, com o conselho dos irmãos tementes a Deus, tiver escolhido. [16] Execute, pois, o Prior, com reverência, aquilo de que for encarregado pelo Abade, nada fazendo contra a vontade ou disposição do Abade; [17] porque quanto mais elevado está acima dos outros, tanto mais solícitamente lhe cumpre observar os preceitos da Regra. [18] Se este Prior for achado com vícios ou se ensoberbecer, enganado pelo orgulho, ou se se tornar desprezador comprovado da Santa Regra, seja admoestado por palavras até a quarta vez; [19] se não se emendar, aplique-se-lhe a correção da disciplina regular. [20] E se nem assim se corrigir, seja então expulso da ordem de Prior e coloque-se, em seu lugar, outro que seja digno. [21] Se depois não permanecer quieto e obediente na comunidade, seja também expulso do mosteiro. [22] Pense, no entanto, o Abade que deve dar contas a Deus de todos os seus juízos, para que não aconteça que a chama da inveja e do ciúme queime a sua alma.

CAPÍTULO 66 - Dos porteiros do mosteiro

[1] Coloque-se à porta do mosteiro um ancião sábio que saiba receber e transmitir um recado e cuja maturidade não lhe permita vaguear. [2] O porteiro deverá ter a cela junto à porta para que os que chegam o encontrem sempre presente e dele recebam resposta. [3] Logo que alguém bater ou um pobre chamar, responda "Deo gratias" ou "Benedic" [4] e, com toda a mansidão do temor de Deus, responda com presteza e com o fervor da caridade. [5] Se o porteiro precisa de auxiliar, receba um irmão mais moço. [6] Seja, porém, o mosteiro, se possível, construído de tal modo que todas as coisas necessárias, isto é, água, moinho, horta e os diversos ofícios, se exerçam dentro do mosteiro, [7] para que não haja necessidade de os monges vaguearem fora, porque, de nenhum modo convém às suas almas. [8] Queremos que esta Regra seja frequentemente lida na comunidade para que nenhum irmão se escuse por ignorância.

CAPÍTULO 67 - Dos irmãos mandados em viagem

[1] Os irmãos que vão partir em viagem recomendem-se às orações de todos os irmãos e do Abade; [2] e sempre, na última oração do Ofício Divino, faça-se a comemoração de todos os ausentes. [3] Os irmãos que voltam de viagem, no mesmo dia em que chegam, em todas as Horas canônicas, quando termina o Ofício Divino, prostrados no chão do oratório, [4] peçam a todos a sua oração por causa dos excessos que, porventura, durante a viagem, se tenham nele insinuado, vendo ou ouvindo coisas más ou em conversas ociosas. [5] E ninguém presuma relatar a outrem qualquer das coisas que tiver visto ou ouvido fora do mosteiro, pois é grande a destruição. [6] E se alguém presumir fazê-lo, seja submetido ao castigo regular, [7] da mesma forma quem presumir

sair dos claustros do mosteiro ou ir a qualquer lugar, ou fazer qualquer coisa, por menor que seja, sem ordem do Abade.

CAPÍTULO 68 - Se são ordenadas a um irmão coisas impossíveis

[1] Se a algum irmão são acaso ordenadas coisas pesadas ou impossíveis, que receba a ordem de quem manda com toda a mansidão e obediência. [2] Se vê que o peso do ônus excede absolutamente a medida de suas forças, sugira paciente e oportunamente ao seu superior as causas de sua impossibilidade, [3] não se enchendo de soberba, nem resistindo ou contradizendo. [4] Se, depois de sua sugestão, a ordem do superior permanecer em sua determinação, saiba o súdito ser-lhe isso conveniente [5] e, confiando pela caridade, no auxílio de Deus, obedeça.

CAPÍTULO 69 - No mosteiro não presuma um defender o outro

[1] Deve-se tomar precaução para que no mosteiro não presuma um monge defender outro, seja por que motivo for, ou como que protegê-lo, [2] mesmo se ligados por qualquer laço de consangüinidade. [3] De modo algum seja isso presumido pelos monges, pois por este meio pode originar-se gravíssima ocasião de escândalos. [4] Se alguém tiver transgredido isso, seja mais severamente punido.

CAPÍTULO 70 - Não presuma alguém bater em outrem a próprio arbítrio

[1] Seja vedada no mosteiro toda ocasião de presunção, [2] e determinamos que a ninguém seja lícito excomungar ou bater em qualquer dos seus irmãos, a não ser aquele a quem foi dado o poder pelo Abade. [3] Que os transgressores sejam repreendidos diante de todos para que os demais tenham medo. [4] A diligência da disciplina e guarda das crianças até quinze anos de idade caiba a todos, [5]mas, também isso, com toda medida e inteligência. [6] Quem de qualquer modo o presume, sem ordem do Abade, contra os que já são mais velhos, ou bater sem discricção mesmo nas crianças, seja submetido à disciplina regular, [7] porque está escrito: "Não faças a outrem o que não queres que te façam".

CAPÍTULO 71 - Que sejam obedientes uns aos outros

[1] Não só ao Abade deve ser tributado por todos o bem da obediência, mas, da mesma forma, obedeçam também os irmãos uns aos outros, [2] sabendo que por este caminho da obediência irão a Deus. [3] Colocado, pois, antes de tudo o poder do Abade e dos superiores por ele constituídos, ao qual não permitimos que seja antepostos poderes particulares - [4] quanto ao mais, que todos os mais moços obedeçam aos respectivos irmãos mais velhos, com toda a caridade e solicitude. [5] Se se encontrar algum com espírito de contenção, que seja castigado. [6] Se algum irmão, por qualquer motivo, ainda que mínimo, for repreendido, de qualquer modo pelo Abade ou por qualquer superior seu, [7] ou se levemente sentir o ânimo de qualquer superior seu irado ou alterado contra si, ainda que pouco, [8] logo, sem demora, permaneça prostrado em terra, a seus pés, fazendo satisfação, até que pela bênção esteja sanada aquela comoção. [9] Se alguém não o quiser fazer, ou seja, submetido a castigo corporal ou, se for contumaz, seja expulso do mosteiro.

CAPÍTULO 72 - Do bom zelo que os monges devem ter

[1] Assim como há um zelo mau, de amargura, que separa de Deus e conduz ao inferno, [2] assim também há o zelo bom, que separa dos vícios e conduz a Deus e à vida eterna. [3] Exerçam, portanto, os monges este zelo com amor ferventíssimo [4] isto é, antecipem-se uns aos outros em honra. [5] Tolerem pacientissimamente suas fraquezas, quer do corpo quer do caráter; [6] rivalizem em prestar mútua obediência; [7] ninguém procure aquilo que julga útil para si, mas, principalmente, o que o é para o outro; [8] ponham em ação castamente a caridade fraterna; [9] temam a Deus com amor; [10] amem ao seu Abade com sincera e humilde caridade; [11] nada absolutamente anteponham a Cristo - [12] que nos conduza juntos para a vida eterna.

CAPÍTULO 73 - De que nem toda a observância da justiça se acha estabelecida nesta Regra

[1] Escrevemos esta Regra para demonstrar que os que a observamos nos mosteiros, temos alguma honestidade de costumes ou algum início de vida monástica. [2] Além disso, para aquele que se apressa para a perfeição da vida monástica, há as doutrinas dos Santos Padres, cuja observância conduz o homem ao cume da perfeição. [3] Que página, com efeito, ou que palavra de autoridade divina no Antigo e no Novo Testamento não é uma norma retíssima da vida humana? [4] Ou que livros dos Santos Padres Católicos ressoam outra coisa senão o que nos faça chegar, por caminho direto, ao nosso Criador? [5] E também as Colações dos Padres, as Instituições e suas Vidas, e também a Regra de nosso santo Pai Basílio, [6] que outra coisa são senão instrumentos das virtudes dos monges que vivem bem e são obedientes? [7] Mas para nós, relaxados, que vivemos mal e somos negligentes, são o rubor da confusão. [8] Tu, pois, quem quer que sejas, que te apressas para a pátria celeste, realiza com o auxílio de Cristo esta mínima Regra de iniciação aqui escrita [9] e, então, por fim, chegarás, com a proteção de Deus, aos maiores cumes da doutrina e das virtudes de que falamos acima. Amém.